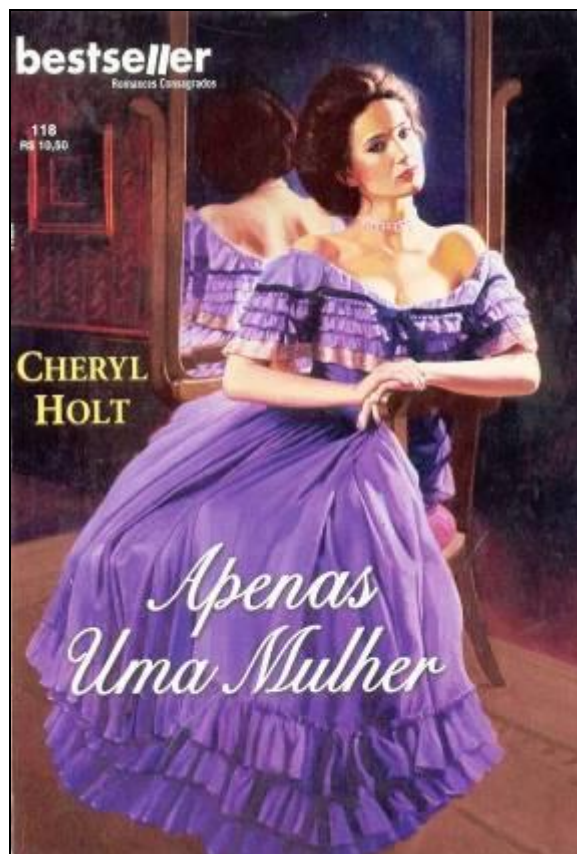


# *Apenas Uma Mulher*

## *Cheryl Holt*



**Inglaterra, 1812**

Jane Fitzsimmons nunca lamentou ter nascido mulher... até que o estaleiro da família, que ela administrava, foi cruelmente arrebatado de suas mãos pelo pai insensível. Para resgatar seu sonho, Jane teria de se casar. Somente então, com a permissão do marido, ela poderia reassumir a direção da empresa. O problema era que o único pretendente que fazia seu coração palpitar era um homem sem escrúpulos...

O irresistivelmente atraente Phillip Wessington procurava o dote de uma esposa, sem precisar se casar. Embora fosse cínico e desconfiado, ele não podia negar o desejo que Jane lhe despertava, nem a conveniência de um casamento arranjado. Mas um homem que sofrera por amor não se emendava com facilidade, nem mesmo sob a influência de uma mulher carinhosa e desejável. A menos que ele estivesse disposto a esquecer o passado e seguir a voz do coração...

**Disponibilização: Rosangela**  
**Digitalização: Joyce**  
**Revisão: Maria R.**

**Projeto**  
**PR**  
**Revisoras**



## Romances Históricos

Copyright © 1999 by Cheryl Holt

Originalmente publicado em 1999 pela Kensington Publishing Corp.

PUBLICADO SOB ACORDO COM KENSINGTON PUBLISHING CORP.

NY, NY-USA Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios.

Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Proibida a reprodução, total ou parcial, desta publicação, seja qual for o meio, eletrônico ou mecânico, sem a permissão expressa da Editora Nova Cultural Ltda.

### **TÍTULO ORIGINAL: The Way of the Heart**

#### EDITORA

Leonice Pomponio

#### ASSISTENTE EDITORIAL

Patrícia Chaves

#### EDIÇÃO/TEXTO

Tradução: Sulamita Pen

Revisão: Giacomo Leone

#### ARTE

Mônica Maldonado

#### ILUSTRAÇÃO

Thomas Schluck

#### COMERCIAL/MARKETING

Silvia Campos

#### PRODUÇÃO GRÁFICA

Sônia Sassi

#### PAGINAÇÃO

Dany Editora Ltda.

© 2008 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Paes Leme, 524 - 10s andar - CEP 05424-010

São Paulo - SP

[www.novacultural.com.br](http://www.novacultural.com.br)

Premedia, impressão e acabamento: RR Donnelley



## Capítulo I

### Portsmouth, Inglaterra, Fevereiro de 1812

Jane Fitzsimmons parou diante do espelho e prendeu uma pequena madeixa solta do cabelo trançado. Queria estar perfeitamente arrumada na hora em que Gregory, seu primo e cunhado, chegasse.

A ansiedade comum diante de um dia de trabalho diminuiu pelo sucesso do dia anterior. Finalmente ela encontrara um proprietário disposto a vender parte da floresta de madeira-de-lei a um preço razoável. Valera à pena esperar tanto tempo.

Seu pai e Gregory haviam negociado o acordo e receberiam o crédito pelo contrato. Por serem homens, contariam com os louros do negócio. Jane, sendo mulher, teria de ocultar sua própria atuação para não ofender a sensibilidade do vendedor.

Jane fora a primeira a entender que eles necessitavam de uma nova fonte de madeira e havia localizado a pequena floresta de fácil acesso e grande valor. Também se encarregara de tratar dos inúmeros detalhes, inclusive o transporte que traria a madeira até a empresa da família, de construção de navios mercantes. O pai e Gregory se limitaram a seguir suas instruções e a ultimar o compromisso.

Pela janela, Jane fitou o estaleiro onde havia navios em vários estágios de construção. Dois deles, quase prontos, estavam na água. Outros ainda se encontravam sobre andaimes gigantescos enquanto tomavam forma. Homens apressavam-se de um lado a outro, cuidando do trabalho. Como de costume, a azáfama era geral e estimulante.

Em tempos de perigo, o mundo precisava de navios, grandes e bem construídos. E os melhores eram os dos armadores Fitzsimmons. Dois séculos dedicados à construção dos melhores navios da Inglaterra haviam proporcionado a eles fama mundial em qualidade.

Jane fitou os papéis nos quais estivera trabalhando. Por causa da guerra que se espalhava pelo continente, as pessoas precisavam de muitas coisas além de navios. Seu plano era expandir os negócios da família usando os próprios navios para a importação e exportação de suprimentos dos quais a Inglaterra necessitava com urgência.

As possibilidades de lucros eram enormes. Talvez fosse destino de sua família enriquecer, enquanto outros tinham tão pouco. Porém uma coisa era certa: os Fitzsimmons haviam trabalhado duro e mereciam cada pêni ganho.

A porta de seu escritório foi aberta e o pai, Charles Fitzsimmons, entrou para desilusão de Jane. Ela esperava Gregory, com quem havia semanas não privava de alguns momentos de intimidade.

Charles tinha cinqüenta e seis anos, era robusto e saudável. De estatura baixa, possuía cabelos brancos, bigode e sobrancelhas espessas. A tez vermelha e de textura grossa era consequência da vida passada ao ar livre e no mar, acompanhando de perto o trabalho de construção e aperfeiçoamento das embarcações.

— Olá, filha. — Ele sorriu e sua energia impregnou a sala. — Pensei que todos tivessem saído para o almoço.

Jane disfarçou e escondeu os papéis debaixo do mata-borrão. Embora houvesse contado seus planos para Gregory e deixado o rapaz cheio de entusiasmo, não se encorajara a falar com o pai.

— Olá, papai. — Ela se aproximou de Charles. — Depois das ótimas novidades de ontem, perdi até a fome.

— Aconteceu tudo ao mesmo tempo, não foi?

Apesar de conhecer o pai, Jane esperou por um cumprimento que não viria. Charles era avesso a elogios.

— Foi maravilhoso.

Charles foi até a janela.

— Um belo cenário, não é, filha?

— É, sim, papai.

Jane acompanhou-o e os dois contemplaram o estaleiro em silêncio, como faziam com frequência nos dezenove anos de vida de Jane. Desde criança, ela se encantava com o trabalho do pai e o atormentava andando para todo lado. Depois de ficar viúvo, Charles tentara transformar Jane em uma boa dona de casa, sem obter resultados favoráveis. Ao contrário de Gertrude, a filha mais velha, que se ocupava dos afazeres domésticos, Jane sempre havia se mostrado rebelde e sua vida passara a girar ao redor dos negócios da família.

— Daqui, a visão é grandiosa — Charles afirmou.

— Não me canso de contemplar esses navios magníficos.

— Na verdade, eu também não.

Charles fitou a filha e mais uma vez admirou-se pela semelhança dela com a mãe. Não que houvesse amado a segunda mulher. Ele não se entregava a emoções tolas, mas

ela fora uma boa esposa. Jane era esguia e de estatura baixa. Os cabelos espessos eram castanho-avermelhados e brilhantes. Os lábios rubros eram carnudos e as sobrancelhas pareciam sempre arqueadas em interrogação.

Charles lamentou que todos os bônus da natureza tivessem se concentrado em apenas uma das filhas. Jane era bonita, inteligente e talentosa. Ele sacudiu a cabeça. Impossível saber o que o futuro reservava para ela. Jane não poderia continuar indefinidamente à frente da empresa. Mudanças teriam de ser feitas e com urgência.

— Papai — Jane arregalou os olhos verde-esmeralda —, o que está querendo me dizer?

— Nada, filha. Eu apenas me admirava pela semelhança com a sua finada mãe.

— Que bom. Sempre a considereei bonita.

— E era, filha.

As lembranças da esposa estavam distantes. Ela havia sido uma mulher gentil, sempre cordata e sensível. Sem ser ardente nos deveres matrimoniais, era, no entanto, complacente. Fora compreensiva em relação ao amor do marido pelo estaleiro e às longas horas que ali eram despendidas. Tinha assumido com determinação as responsabilidades de esposa e cuidado com dedicação de Gert, filha do primeiro casamento dele. Gert nunca fora uma menina fácil, mas a madrasta dera o melhor de si na tarefa de criá-la.

Charles suspirou. Tinham sido muitos anos de luta para gerar um herdeiro que levasse seu sobrenome. Fora casado durante dez anos com a primeira mulher e ela morrera ao dar à luz uma menina. Ficara casado durante oito com a segunda e eles tiveram outra menina. A filha mais velha não era simpática nem brilhante. A mais nova era bonita, inteligente e agradável. Mas, sendo mulher, não poderia sucedê-lo nos negócios da família.

Charles passara dos cinqüenta, estava cansado e não era tolo. Aproximava-se a hora de fazer uma transferência de poder que traria sofrimento para Jane.

Mas Jane era apenas uma mulher. Uma vez casada e com filhos para se preocupar, acabaria por perdoá-lo.

Charles se virou para sair e parou.

— Ah, lembrei-me por que vim até aqui. Esqueci os meus óculos de leitura.

Jane, que os tinha encontrado havia pouco, tirou-os da gaveta e os entregou ao pai.

Assim que a porta foi fechada, Jane voltou para diante do espelho. Detestava as roupas simples e sóbrias que usava. Charles achava um desperdício gastar dinheiro com

trajes mais modernos. Os vestidos de Jane tinham gola alta e mangas longas. Ela usava os cabelos presos em um coque de tranças, mas almejava trajar roupas esvoaçantes e cachos soltos.

Uma batida leve na porta deixou Jane alvoroçada. Beliscou as bochechas para dar-lhes colorido e inspirou fundo.

— Entre — disse com voz calma.

Gregory Fitzsimmons entrou e fechou a porta. Era um jovem muito atraente com cabelos loiros e usava um colete cor de safira que combinava com o tom dos olhos azuis.

— Minha querida Jane!

Ele se adiantou e estendeu as mãos. Avaliou a cintura fina, os quadris arredondados e o busto delicado. Tomou-a nos braços e inalou o perfume de lavanda que Jane sempre usava.

— Gregory, senti tanto a sua falta...

— Eu também, minha pequena.

Jane estremeceu, como sempre acontecia quando ele a tocava.

— Pensei que não viesse.

— Vim tão depressa quanto pude.

Gregory sabia que Jane não perguntaria aonde ele tinha ido. Raramente falavam sobre seu casamento com Gert, e Gregory jamais admitiria que vinha do leito matrimonial. Depois de estar fora da cidade por várias semanas, tivera de retomar as obrigações de gerar um herdeiro. Era uma necessidade imperiosa presentear Charles com um neto, mas Gert se mostrava tão infértil como fora sua mãe.

— Beije-me, Jane.

Ela ergueu a cabeça e sentiu o familiar formigamento que começava pelos pés. E quando Gregory a beijou levemente, Jane experimentou o intumescimento costumeiro dos seios e a estranha palpitação na junção entre as pernas. Ela ansiava por muito mais, embora nada lhe fosse permitido. Cada encontro deles a deixava mais insatisfeita. Gostaria de não ser uma virgem tímida, e sim uma mulher experiente que pudesse levar Gregory à loucura.

— Ah, Jane, eu te desejo tanto... — ele sussurrou, doente de paixão. — Diga que mudou de idéia e que a minha espera terminou.

Jane conversara inúmeras vezes com Elizabeth Carew e sabia o que Gregory esperava dela. Mas não se animava a entregar-lhe a virgindade, diante da descrição pouco



entusiasmada da amiga a respeito do que se passava entre homens e mulheres. Além do mais, duvidava de que o propósito almejado extinguiria o fogo que lhe percorria as veias.

— Eu te amo, Gregory.

— Eu também te amo, minha querida.

Jane escondeu o rosto no peito de Gregory. Detestava ter de desapontá-lo, mas não podia agir de outra forma. Ergueu a face, e outro beijo não se fez esperar. Embebida no amor impossível, Jane não percebeu que a porta foi aberta nem que o pai, atônito, parou na entrada.

Charles pigarreou e os dois jovens se afastaram, com olhares transbordantes de culpa. O semblante sombrio de Charles deixou-os acuados.

— Vim avisar Jane que jantaremos mais tarde hoje, pois terei muitos negócios a resolver. Ainda bem que decidi voltar.

— Senhor, se me permitir uma explicação... — Gregory fez uma tentativa para abrandar o sogro.

— Não permitirei coisa nenhuma! Prefiro falar com Jane a sós.

— Foi tudo minha culpa, senhor — Gregory apelou para o cavalheirismo. — Assumo total responsabilidade pelos meus atos.

— Nem poderia ser de outra forma, meu jovem. Jane mal acabou de sair da adolescência. Agora saia, por favor.

Jane abaixou a cabeça e ouviu a porta ser fechada. Em meio ao silêncio pesado que se seguiu, ela ergueu o rosto e encontrou o olhar implacável do pai.

— Perdoe-me, papai — sussurrou —, estou profundamente envergonhada.

— Eu esperava que estivesse, pois não me lembro de ter ficado tão desapontado com alguém em toda a minha vida.

As palavras foram cortantes como uma lâmina afiada e Jane tornou a mirar o solo.

— Perdoe-me, papai — repetiu.

— Há quanto tempo isso vem acontecendo?

Jane pensou em mentir, mas o pai arrancaria a verdade de Gregory.

— Desde o ano passado.

— Você ainda é virgem?

Oh, céus, o que ele estava perguntando!



— Sim, senhor.

— Estou bastante preocupado. Filha, escute bem e não pense em me desobedecer.

— Charles a fitou. — Vá para casa imediatamente e fique no seu quarto até a hora do jantar. Fui bem claro?

— Sim, papai.

— Venha fazer a refeição com a família e depois conversaremos sobre o assunto na biblioteca.

— Sim, papai.

Charles saiu e Jane ficou sozinha com seu coração partido.

Sentado à cabeceira da mesa, Charles terminou de comer, recostou-se no espaldar da cadeira e avaliou os que se encontravam na sala de jantar. Gert, a filha primogênita, sentava-se à sua direita, ao lado do marido, e Jane, à esquerda do pai. Duas irmãs de temperamentos opostos.

Gert era uma pessoa desagradável e infeliz com seu quinhão na vida. Desde criança, seu azedume contagiava a todos. Era uma pessoa tão frígida que dificilmente se poderia culpar Gregory pela sua atração por Jane.

Somente um tolo não se sentiria atraído por Jane. Era uma jovem que se tornava mais bonita com o passar do tempo e com o amadurecimento das formas femininas. Era adorável e graciosa. Bondosa e simpática. Encontrava alegria no trabalho e era uma daquelas pessoas privilegiadas que recebiam a vida com braços abertos, prontas para enfrentar os desafios no caminho.

Uma pena Jane não ter nascido homem!

Charles sacudiu a cabeça. Nada poderia reparar aquela injustiça, mas o lamento familiar nunca o abandonava. Por isso mesmo teria de impedir um mal maior.

Todos haviam cruzado os talheres ao término da refeição. O jantar fora maçante e silencioso. Charles fitou as filhas.

— Queiram desculpar-me, senhoras, Gregory e eu queremos tomar nosso vinho do Porto.

— Pois não, papai. — Gert levantou-se.

Jane imitou a irmã e passou pelos homens sem olhá-los.

— Jane — Charles falou antes de ela chegar à porta. — Preciso falar-lhe. Espere-me na biblioteca até eu terminar o vinho.

— Sim, papai — Jane murmurou.

Charles não permitiu a Gregory tomar a iniciativa de falar após a saída das irmãs.

— Tomei algumas providências em relação a Jane. Ela nos deixará em breve e quero apenas uma promessa de sua parte.

— Peça o que quiser, senhor.

— Não se encontrará com Jane a sós até o dia em que ela sair de Portsmouth. Não quero saber de despedidas de amantes. Estou sendo claro?

— Certamente, senhor.

— Ela disse que ainda é donzela. Isso é verdade?

— Sim, senhor. — Gregory corou diante de pergunta tão íntima.

— A inocência tem grande valor nos planos que preparei para Jane e não desejo estragar tudo por causa do seu comportamento inaceitável. Não precisamos de mais transtornos além dos que já nos causou.

Charles teve pena do genro, que o fitava com olhar compungido. Na verdade, passara a apreciar Gregory nos últimos tempos pelas idéias brilhantes a respeito da expansão dos negócios, visando importar e exportar. Havia ficado até admirado e surpreso com o brilhantismo de Gregory, a quem sempre considerara medíocre. Recostou-se na cadeira e sorriu.

— Como estão as tentativas de vocês de terem filhos? Alguma novidade?

— Nada, senhor, embora eu tenha me empenhado ao máximo.

— Pois continue assim. Quero um neto. — Charles levantou-se. — Está na hora de acabar com o suspense de Jane.

Gregory terminou o drinque sozinho.

Jane levantou-se quando o pai chegou. Embora Charles não fosse violento, ela temia as conseqüências de suas atitudes, mesmo que merecidas.

— Sente-se, filha.

Charles acomodou-se na poltrona atrás de sua escrivaninha e fez sinal para ela ocupar o assento em frente. Destrancou a gaveta superior e tirou os documentos recebidos de seu advogado. Pálida e com as mãos cruzadas no colo, Jane aguardava o veredicto com o qual nem sonhava.

— Eu poderia passar horas intermináveis falando sobre o aborrecimento que a situação me causou, em como fiquei desapontado com o seu comportamento e a vergonha

que isso me causou. Mas por ter certeza de que não ignora tais coisas e muito menos o sermão que eu deveria lhe fazer, deixo minhas palavras à sua imaginação.

— Está certo, papai, eu sei. — Embora fosse horrível ter sido apanhada em flagrante, seria muito pior e mais difícil conseguir encontrar-se com Gregory dali por diante. — E peço perdão de novo.

— Não gaste palavras à toa. — Charles abriu a pasta. — Decidi que está na hora de pensar no seu casamento.

Jane sufocou um grito.

— Papai, não pode estar falando sério!

— Nunca estive tão convicto de alguma coisa. Se a ansiedade levou-a ao interesse por um homem casado, nada melhor do que o matrimônio para descontraí-la.

Jane engoliu em seco. Tivera três propostas de cavalheiros locais. Dois da sua idade e um, mais velho, era conhecido de seu pai. Nas três ocasiões, Charles a havia consultado e aceitara sua recusa. Não desejava casar-se, ainda mais com um homem que a afastaria de seu lar... e de Gregory.

— Das outras vezes, o senhor me permitiu decidir.

— Naquela época, eu mesmo a achava jovem demais para casar-se. Agora está com dezenove anos e na hora certa de assumir as responsabilidades de uma esposa.

— Mas no momento não tenho nenhum pretendente. — Jane levou a mão ao peito na tentativa de conter as furiosas batidas do coração. Teria o pai escolhido um noivo sem ela saber? — A menos que o senhor tenha alguém em vista...

Do outro lado da mesa, Charles divisiu as emoções que atormentavam a filha. Medo, raiva e a certeza de ter sido traída. Mas não se arrependeu e considerou aquela a melhor solução. Espalhou os documentos diante de Jane para dar ao encontro caráter de negócios. Embora ela não fosse dada a histerias, sempre poderia haver uma primeira vez.

— A fortuna da nossa família permite um dote substancial. Além disso, não se pode negar que você é uma jovem bonita, encantadora e generosa. Um excelente partido para qualquer homem que tenha a sorte de se tornar seu marido. Eu lhe darei a oportunidade de decidir entre os cinco que escolhi previamente.

Inacreditável!

— Tenho de ler o que está escrito aí e resolver?

— Não. Partirá para Londres na sexta-feira. Os cinco cavalheiros nobres a aguardarão e, depois de conhecê-los, poderá fazer a escolha.

— E seu eu recusar?

— Eu mesmo terei de eleger o favorito.

Jane sentiu um frêmito na espinha. Como o pai podia fazer isso com ela?

— Posso saber como os encontrou?

— Meu advogado fez contato com um colega de Londres que preparou uma lista para mim.

— E por que eles se mostrariam interessados em casar-se comigo?

Charles nem precisou responder.

— Todos eles precisam de dinheiro, não é? — indagou Jane.

— Sim.

O pai estava disposto a entregá-la ao mais necessitado!

— Tem certeza de que poderá convencê-los a aceitar a filha de um comerciante? — Ela apontou os documentos. — Este é um barão e este outro, um conde. Será que eles estão prontos a sujar o sangue azul com o de uma plebéia?

— Ficaré surpresa, minha filha, com o poder de algumas libras. — Charles juntou as folhas, guardou-as na pasta e estendeu tudo para Jane, que se recusou a pegar.

— Quanto tempo terei para me decidir?

— Duas semanas e mais duas para o casamento.

— E se eu não conseguir?

— Serei obrigado a tomar a decisão. Terá de aceitar o que eu ordenar. Estou lhe oferecendo uma oportunidade de escolha.

Jane encolheu as lágrimas que teimavam em aflorar.

— E quanto à minha posição na companhia? Terei de abandoná-la também?

Charles não sentiu remorsos pela mentira que teria de dizer.

— Poderá reassumir seus afazeres em seis meses, se seu marido concordar, é claro. — Ele não tinha a menor intenção de deixá-la voltar aos negócios da família. — Tempo necessário para se acostumar com a nova situação familiar.

— Seis meses? — Jane ajoelhou-se aos pés do pai. — Por favor, papai, eu lhe imploro. Não faça isso comigo. O estaleiro é a minha vida. Eu sempre o ajudei e tenho muitos sonhos para melhorar o negócio. Justo agora...

— Jane, pare com isso. — Charles segurou-lhe a mão, levantou-se e a fez ficar em

pé. — Nada me fará voltar atrás. Se me desobedecer, terá de sair desta casa e do estaleiro. Agora vá para seu quarto e inicie os preparativos para a viagem. Pense bem no assunto e verá que é para o seu próprio bem.

Phillip Wessington, conde de Rosewood, virou de costas e protegeu os olhos da luz do sol. John Graves, seu criado, abriu totalmente as cortinas, sem se importar com o desconforto causado a seu senhor. Phillip gemeu e cobriu a cabeça.

— Nada disso, milorde. Está na hora de se levantar e encarar o dia.

— Vá embora.

— Não posso. Esta é a terceira vez que tento acordá-lo e não é possível esperar mais. Milorde tem um compromisso para daqui a pouco.

Phillip descobriu-se até a cintura e estreitou os olhos.

— Do que está falando?

— Do seu advogado, o dr. Thumberton.

Phillip gemeu. Aquele homem nunca era portador de boas notícias. Sua vinda significava problemas.

— Por que não me disse antes?

— Ontem eu o avisei por duas vezes. — Graves fitou a loira ao lado de Phillip que ressonava placidamente. — Creio que milorde pensava em outras coisas.

Graves não escondia a antipatia por lady Margaret Downs, e ela, por sua vez, adorava provocar o homem.

Phillip sentou-se na cama depressa demais, pôs as pernas para fora e suas têmporas começaram a latejar. Não deveria ter bebido tanto a noite passada. Caiu de costas e bateu a cabeça no estômago de Margaret, que acordou com uma imprecação nada elegante.

— Não ouse se mexer — ele pediu.

Sem o atender, ela foi para o lado. Phillip bateu a cabeça no colchão e gemeu.

Mesmo ao acordar, Margaret era uma beldade. Cabelos loiros, olhos azuis cintilantes e lábios polpudos. Ao ver que Graves estava perto, desnudou-se até a cintura, expondo o magnífico busto de mamilos grandes, eretos e rosados. Estirou os braços para cima e espreguiçou-se.

— Tenha pena de milorde, Graves. Ele esteve acordado a noite toda. — A ênfase fazia parte da provocação, e o olhar desgostoso do criado a fez rir. — Por que nos chamou

tão cedo?

— São quase três horas da tarde, madame. Se fosse da sua conta, eu diria que milorde tem um compromisso importante em minutos. Mas como não é, não falarei nada.

Margaret fez beicinho.

— Phillip, querido, não sei por que tenho de aturar tanta insolência de um criado.  
— Ela odiava Graves e sempre insistia para Phillip demiti-lo. — Ele não deveria falar dessa maneira com uma hóspede.

Phillip fechou os olhos e esfregou as têmporas. Graves era o único que se dispusera a continuar trabalhando sem receber salário e que tolerava a vida desregrada de seu senhor. Margaret não precisava saber nada disso, e a voz dela, em geral doce, naquela manhã pareceu áspera a Phillip.

— Margaret, por favor, não estou com disposição para raciocinar. — Phillip sentou-se aos poucos e esperou o ambiente parar de girar. — Graves, preciso de um banho.

— Está pronto, milorde, no quarto ao lado. Necessita de ajuda?

— Não. Dê-me apenas um minuto. — Ele levantou-se e andou devagar até a porta.

— E a... dama? — Era evidente que Graves não a considerava tal.

— Providencie um banho e comida para ela. — Phillip fitou a amante por sobre o ombro. — Não saia daqui. — Thumberton não deveria vê-la.

— Por quanto tempo? — Margaret choramingou.

— Até eu a chamar.

— Grosseiro e...

Ela desfiou um rosário de queixas sobre o caráter de Phillip, mas ele não ouviu. Graves fechou a porta intermediária e Phillip bendisse o silêncio ao entrar na banheira com água tépida.

Oito anos antes, Margaret, então com dezessete anos, tinha sido a princesa da temporada em que o pai a apresentara. Havia recebido várias propostas de casamento e escolhera um homem rico e mais velho que, ao morrer três anos depois, a transformara em uma jovem viúva com renda segura e boa situação na sociedade.

Margaret e Phillip tinham sido amantes no último ano, embora ele não tivesse condições de mantê-la. Uma boa parceira de cama que nos últimos tempos se tornara cansativa com exigências e acessos de raiva, chegando a mencionar que deveriam casar-se.

Aos trinta anos e sem herdeiro, era desejável que Phillip se casasse novamente.

Porém seu primeiro casamento, dez anos antes, havia sido desastroso e o desestimulara por completo. E mesmo quando pensava na possibilidade, não imaginava Margaret como mãe de seus filhos. Portanto a hipótese de unir-se à amante estava fora de cogitação.

E para que precisava de herdeiro se não havia herança para transmitir?, pensou, amargurado.

Graves o fez voltar ao presente, jogando um balde de água em sua cabeça.

— Quer que lhe faça a barba, milorde?

— Não dará tempo. Pretendo acabar o quanto antes com esse encontro desagradável. — Phillip olhou-se no espelho. A barba de dois dias deixava-o com aspecto horrível. — Acha que poderei assustar Thumberton?

— É possível, milorde.

Phillip vestiu-se com a ajuda de Graves, desceu a escada e foi até a biblioteca.

O dr. Dudley Thumberton, homem idoso, baixo e gordo, aguardava-o sentado numa poltrona e não reclamou pelo atraso. Desde a morte do pai de Phillip, havia dezoito meses, o respeitado advogado não apenas tomara conhecimento dos maus hábitos de seu cliente, como também os desaprovava.

Esmerando-se no tom de superioridade que o título de conde poderia conceder, Phillip cumprimentou o advogado sem o olhar, sentou-se, ou melhor, escondeu-se atrás da escrivaninha. Pequena proteção diante da severidade do olhar do escrupuloso profissional.

Thumberton avaliou-o da cabeça aos pés.

— Pelo amor de Deus, Phillip, não podia ao menos ter feito a barba?

O advogado trabalhara para seu pai e seu avô. Vira Phillip crescer e desperdiçar a vida em bebida e devassidão.

— Fui dormir tarde e supus que lhe agradaria mais terminar logo com isso do que ficar me esperando — alegou Phillip.

Thumberton consultou o relógio de bolso e arqueou uma sobrancelha. No corredor, ouviu-se a gargalhada de Margaret que passava em frente à porta.

— Francamente, Phillip, é preciso coabitar com essa rameira? Nada poderia ser mais ridículo!

Phillip estremeceu e só respirou aliviado, quando escutou a voz de Margaret se afastando. Na presença de Thumberton, sentia-se uma criança. Tinha vontade de demiti-lo, mas não possuía dinheiro para custear despesas de contrato com outro advogado.



Thumberton continuava a trabalhar por lealdade ao pai e ao avô de Phillip.

— O que o traz aqui, Thumberton? — Phillip fingiu uma calma que nem de longe sentia. — Na certa, péssimas novidades.

— De certo modo, sim. Mas também tenho uma proposta que suponho lhe agradará.

— Revele primeiro as más notícias.

— Bem, estão tentando apoderar-se de Rosewood.

A propriedade de seus ancestrais? A enormidade do desastre balançou a compostura de Phillip.

— O quê? Mas... mas... o senhor me disse que as terras estavam sobrecarregadas de dívidas e que o velho não se arriscaria a...

Thumberton deu de ombros.

— Fiz o melhor que pude, meu rapaz. Eu lhe avisei várias vezes que o débito era muito grande e que não poderíamos esperar complacência por parte dos credores. Há muita coisa em jogo e cada um pensa em agarrar o que puder.

A dor de cabeça de Phillip piorava.

— Por que não me disse antes que isso aconteceria?

— Phillip — O advogado inspirou fundo para se acalmar —, estamos negociando há meses. Mandeí várias cartas, e se tivesse lido ao menos uma delas, descobriria a seriedade da situação.

— Não recebi nenhuma carta!

Thumberton levantou-se, deu a volta na mesa e abriu uma gaveta. Dentro, mais de dez cartas ainda com o lacre. Não foi preciso dizer nada e Phillip teve a decência de corar. O advogado comoveu-se. Sempre gostara muito de Phillip e tivera esperança de que o garoto se transformaria num bom homem.

— Phillip, é necessário que se encarregue de resolver a situação.

Essa frase tinha sido repetida exaustivamente desde que Phillip assumira o título, mas ele não tinha o menor interesse em resolver o problema. A situação era tão grave e a dívida tão grande que nem lhe ocorria idéia por onde começar. Durante sua vida, todos haviam tomado conta de Phillip, e sua esperança era Thumberton fazer o mesmo.

— O senhor é tão capaz. Por que não resolve essa condição desastrosa?

Thumberton esfregou os olhos e estendeu as mãos.

— Estou cansado de discutir sobre isso e escutar sempre a mesma resposta. Faça alguma coisa, Phillip.

— Fazer o quê? Cunhar moedas?

— Não brinque. A situação é muito séria e terá de ser revertida. Vá para Rosewood, exija o reinício das plantações e o pagamento das cotas dos arrendatários. Mostre aos credores que está fazendo progressos e que pretende pagar as dívidas. Em vez de... desperdiçar as noites como seu pai, dê-lhes esperanças de que tudo se modificará. Não se pode viver como se o dinheiro não tivesse fim, e a responsabilidade, nenhum começo.

— Ser fazendeiro? — Phillip fez um gesto de pouco-caso. — Devo voltar a Rosewood e supervisionar as colheitas?

— Phillip, aquelas são algumas das terras mais férteis da Inglaterra. Durante séculos elas foram o alicerce da fortuna da sua família. É preciso fazer o negócio voltar aos eixos, ou o desastre será iminente.

— O senhor sempre diz isso.

— Eu sei. Por isso mesmo estou aqui para lhe fazer uma proposta incrível. As cobranças judiciais contra Rosewood e as outras propriedades poderão ser suspensas e os credores serão pagos. No final do mês, haverá dinheiro para reconstruir os negócios da família e a terra voltará a dar lucro.

— Será que herdei uma fada madrinha?

— De certa forma. Estou em contato com um rico comerciante de Portsmouth que deseja encontrar um bom marido para a filha.

— O senhor está dizendo para eu me casar de novo? — Phillip começou a rir e gargalhou até lágrimas deslizarem pelo canto dos olhos. — Ah, Thumberton, hoje ganhei meu dia.

O advogado não achou nenhuma graça.

— Trata-se dos armadores Fitzsimmons. A família é muito boa. Certamente ouviu falar deles.

Sem dúvida ouvira.

— E daí? Uma família tão respeitável e com tanto dinheiro ainda não encontrou um noivo para a filha? Por acaso ela é horrível, deformada ou idiota?

— Não sei por que o pai deseja casá-la. Mas o fato é que ele tem pressa. Em um mês, no máximo, a cerimônia deve realizar-se.

— Quanto o pai está oferecendo para se ver livre da filha? Thumberton deixou um

documento sobre a mesa e Phillip assobiou depois de ler.

— Ele deve estar mesmo impaciente e com vontade de mandar a filha passear.

— Com esse dote, não faltarão pretendentes.

— E como me tornarei o felizardo? Terei de entrar no leilão.

— Ela deverá se encontrar com cinco cavalheiros e escolher um deles. Não tenho dúvida de que, com os seus dotes de conquistador experimentado, você será o eleito.

Phillip aborreceu-se ao pensar que teria concorrentes. Por muitos anos, fora um dos solteirões mais cobiçados da Inglaterra e, pobreza à parte, ainda era. Encostou-se na cadeira e esfregou os olhos, certo de que seu mundo ruía.

— Em um mês, seus problemas serão resolvidos e os credores ficarão satisfeitos. Poderá casar-se e pensar na prole. Terá uma esposa adorável. — Thumberton estava convicto de que o casamento com uma boa mulher curaria muitos defeitos de Phillip.

— Então ela é adorável.

— O pai diz que é.

— Sangue azul, nem pensar, não é verdade?

— Não. Eles são armadores e comerciantes, mas, como eu disse, de uma família antiga e muito respeitável.

— Para onde foi a sua insistência para eu procurar um matrimônio decente? Para continuar a linhagem e todas aquelas tolices? Mudou de idéia, Thumberton?

— Não. Porém a situação está grave demais para nos preocuparmos com a condição social de sua esposa. O que nos interessa é o tamanho da bolsa que ela trará.

Phillip fitou o homem que sempre tentara agir como um pai. Filho único, Phillip tivera o respeito e as honras a ele devidas, mas pouca orientação. Tutores o abandonavam. Criados fugiam chorando pelos corredores. O pai viúvo vivia em festas e noitadas. Thumberton havia sido um dos únicos adultos que tentara orientar o menino praticamente abandonado. Mas dessa vez Phillip não seguiria seus conselhos.

— Não concordo e tenho um plano que poderá salvar-nos — ele declarou.

— Do que está falando? — perguntou o advogado.

— Recebi a oferta de um contrato matrimonial para Emily e estou pensando seriamente em aceitar. O cavalheiro pagará dez mil libras por sua mão. Essa soma manteria os bárbaros ao largo por um tempo e nós teríamos tempo para respirar.

Thumberton ficou sem fala, o que não acontecia com frequência. Emily, a

encantadora menina de cachos negros e belos olhos azuis. Era inconcebível que o conde pretendesse fazer isso com a própria filha. Depois de servir durante décadas às famílias mais influentes e ricas da Inglaterra, ele imaginava que nada mais o espantaria. Tentou controlar-se para não agarrar Phillip pelo pescoço.

— E quando serão trocados os votos de tão auspicioso enlace?

— No outono, quando ela completar doze anos.

— E quem será o feliz noivo, se me permite a pergunta?

— Frederick Morris. Ele sempre gostou da garota.

Thumberton engoliu em seco. Eram freqüentes os rumores do interesse anormal de Morris, quatro anos mais velho do que Phillip, por meninas. O enjôo no estômago foi imediato.

— Ele é pervertido e...

— Ele é meu vizinho e um amigo de longa data — Phillip interrompeu-o.

— Morris é um depravado! — Thumberton gritou. — Como pôde lhe passar pela cabeça agir com tanta covardia? Emily é uma criança e sua única filha! E, pelo visto, continuará sendo.

A afronta era tão grave que o advogado sentiu os olhos marejados e não se incomodou que o conde percebesse.

— Nós já falamos disso antes! — Phillip também gritou. — Ninguém me convencerá de que Emily é minha filha!

— E eu continuo a afirmar que ela é sua filha, concebida e nascida durante o casamento. Aos olhos de Deus e das leis, Emily é sua filha. O bem-estar dela é de sua inteira responsabilidade e... — A emoção impediu-o de continuar. Era uma perda de tempo e ele só queria sair dali.

— Tem razão. E sendo responsável por Emily, posso fazer o que achar mais conveniente. O casamento com Morris trará uma quantidade de dinheiro que ajudará a aliviar os meus problemas. — Era a primeira vez que Phillip tocava no assunto e as palavras tinham gosto amargo. Mas não deixaria Thumberton saber disso. Afinal, o outro era um empregado.

— Muito bem, milorde.

Ao escutar o modo como o advogado falava, Phillip entendeu que fora longe demais e procurou aliviar o teor da conversa.

— Eu lhe agradeço a tentativa de resolver minhas dificuldades, mas não posso

aceitar a sua sugestão. Por favor, envie desculpas à jovem Fitzsimmons e diga-lhe que sinto muito não poder conhecê-la. — Phillip juntou os papéis para devolvê-los, porém Thumberton não os quis aceitar.

O advogado fitou o cliente por alguns minutos e levantou-se.

— Sinto muito, milorde, mas terá de encontrar outra pessoa para notificá-la, ou então, faça-o sozinho.

— Estou lhe ordenando para fazer isso, Thumberton.

— A partir deste momento, não aceito mais suas ordens e considero terminada minha longa associação com a sua família.

— Ora essa, por acaso está se demitindo?

— Exatamente. Eu lhe mandarei seus arquivos amanhã cedo. Está tudo em ordem para que possa apresentá-los ao novo advogado.

— Não aceito isso. O senhor prestou serviços para meu pai e meu avô. Nunca me queixei do seu trabalho.

— Não me agrada mais exercer meu ofício visando aos seus interesses, milorde. Tenho uma renda que me permite viver com conforto e não preciso do mísero salário que nem sei quando receberei. — Thumberton virou-se para sair. Se adiantasse, ele se ajoelharia para interceder em favor de Emily.

— Eu não lhe dei permissão para sair — disse Phillip.

— Isso pouco importa.

Phillip correu para impedi-lo de ir embora e pensou em esbravejar, mas desistiu ao ver a frieza no olhar do homem idoso.

— Por favor, espere.

— Phillip... Wessington, seu pai foi um jogador, mulherengo e tinha muitos defeitos. Mas era um homem bondoso e sensível. Em toda a minha vida, nunca o vi fazer propositalmente outra pessoa sofrer. Eu, em particular, sempre tive grandes expectativas a seu respeito, Phillip. Apesar de todos os problemas causados, eu dizia a mim mesmo que um homem bom estava à espera para emergir. Esperei trinta anos e isso não aconteceu.

Thumberton enxugou as lágrimas com as costas da mão, empurrou Phillip e aproximou-se da porta.

— Diante da monstruosidade que pretende cometer contra Emily, eu lavo minhas mãos. — Ele limpou as palmas na calça e saiu.

Thumberton não podia estar falando sério, ainda mais diante de uma tolice. Phillip recuou e sentou-se atrás da escrivaninha. Era comum as famílias casarem suas filhas, e a atitude do advogado não se justificava.

Mesmo em Rosewood, a três dias de distância, Emily continuava a atormentá-lo. Anne, a mãe dela, fora uma beldade doce e gentil, mas também uma verdadeira prostituta. Phillip tinha se apaixonado por ela aos dezessete anos. Anne, três anos mais velha, demonstrara ser uma mulher calculista cujas maquinacões visavam conseguir o que desejava. Ele se casara por amor. Ela, por título e posição.

Pensando bem, Phillip nem mesmo tinha certeza se Anne havia se casado virgem. Sua inexperiência não lhe permitira notar nada. Na época em que o bebê tinha sido concebido, Phillip a surpreendera na cama com Richard Farrow, seu melhor amigo. Quantos outros teriam havido?

Depois de três anos de um casamento infeliz, Anne morrera de influenza e Phillip se vira livre das infidelidades e manipulações cruéis. Havia lhe restado uma filha para criar.

Foi até o balcão, procurou algo mais forte do que vinho para tomar e encontrou garrafas vazias. Chamou Graves.

— Onde está lady Margaret?

— Ela se cansou de esperar e pediu para dizer-lhe que o aguarda esta noite no local combinado.

Phillip sentou-se aliviado. Não estava disposto a satisfazer Margaret, que sempre insistia em longos intercursos sexuais ao acordar.

— Está bem, irei ao clube. Mande trazer a carruagem. Graves deu uma tossidela.

— Na verdade, milorde, houve um pequeno problema...

— O que foi?

— Enquanto milorde falava com o advogado, apareceram alguns homens, mostraram documentos e levaram a carruagem em pagamento por algumas dívidas.

Que situação!, Phillip sacudiu a cabeça e suspirou.

— Obrigado, Graves. Se precisar, tocarei a sineta.

O criado saiu sem fazer barulho, e Phillip largou-se de novo na poltrona. Pelo relógio da parede, concluiu que acordara havia uma hora. Recostou os cotovelos na mesa e descansou a cabeça entre as mãos. Se fosse dado a prantos, aquele seria o momento certo para chorar. Tinha seguido sempre o exemplo do pai, que privilegiava a vida dos ricos

aristocratas. Bebera, jogara e entregara-se a orgias com mulheres, sem pensar nas finanças da família.

Nunca lhe contaram que o pai jamais havia cuidado das propriedades nem dos negócios. E, quando morrera, nada mais restava.

Phillip ergueu a cabeça e viu as anotações deixadas por Thumberton. Uma esposa e um dote substancial. Ele analisou as possíveis conseqüências por todos os ângulos. Casamentos arranjados eram normais na sociedade em que vivia. Se aceitasse a proposta, não seria o primeiro a casar-se com uma desconhecida. Contudo não conhecia outro nobre que tivesse aceitado a união com alguém de categoria social inferior.

— Droga! — murmurou para si mesmo.

Bem, não seria uma tragédia travar conhecimento com a jovem e fazer uma boa avaliação. Ela certamente resolveria os problemas dele e, se viessem a sacramentar a união, também não teria de se preocupar com a esposa. Tocou novamente a sineta para chamar o criado.

— Graves, mande uma garrafa de conhaque francês para Thumberton.

— Pois não, senhor.

— E também um recado. Peça-lhe desculpas ou qualquer bobagem parecida. Diga-lhe que decidi ouvir seus conselhos e que reconsiderarei a resolução sobre Emily.

Graves arqueou uma sobrancelha, sem comentar se ouvira ou não os boatos.

— Pode dizer também que adorarei conhecer a srta. Fitzsimmons.

Parada na beira do despenhadeiro, Jane olhava o mar, indiferente ao vento frio que ondulava seu manto. Adorava aquele local. A três horas de sua casa, fizera um pequeno desvio do trajeto para Londres só para matar a saudade.

Atrás dela ficava um chalé, a única coisa no mundo que de fato lhe pertencia. Herdara-o de sua mãe, e pagava um modesto salário à sra. Higgins, uma viúva que cuidava do local. Tudo o mais, até as roupas que usava, pertenciam a seu pai, compradas com o dinheiro dele. O pagamento que recebia por trabalhar no estaleiro era ínfimo, dinheiro para os alfinetes, como se dizia, suficiente apenas para comprar quinquilharias.

Nunca se importara com isso, mas, diante da traição do pai, concluiu que deveria ter exigido remuneração compatível e economizado cada pên. Naquela altura, poderia fugir para a França ou Itália. Ou algo mais exótico, como a Jamaica ou as colônias. Qualquer lugar serviria, contanto que pudesse protegê-la das exigências do pai.

Jogou uma pedra para baixo e sacudiu a cabeça. Tarde demais para se lamentar. Teria de casar-se com um estranho e, se não fosse tão trágico, seria até engraçado pela ironia dos fatos.

Durante anos, nas preces noturnas, Jane agradecera a Deus o pai que lhe tinha sido concedido. Ficava feliz pela compreensão de Charles, que não a obrigava a cozinhar, bordar e a cuidar da casa. Imaginara que ele entendia a diferença da filha em relação às outras mulheres.

A verdade era outra, porém. Ele apenas a tolerava e deixara que ela se divertisse com os negócios da família. Mas quando Jane havia se tornado inconveniente, não titubeara em jogá-la nas mãos de outro homem. Era inacreditável que ele tivesse agido com tanta covardia.

Em seus sonhos de futuro, era comum ver a si mesma trabalhando ao lado do pai e, quando ele morresse, ocuparia seu lugar à frente dos negócios e à cabeceira da mesa de refeições. Casamento era a última coisa que poderia ocorrer-lhe.

Por sobre o ombro, viu Elizabeth, sua única amiga, acenando da porta do chalé. Baixinha e gorducha, cachos loiros e face rosa, parecia uma boneca. A gravidez trouxera cor a seu rosto e deixara seu olhar brilhante. Aos quatro meses de gestação, havia adorado a idéia de acompanhar Jane a Londres, onde poderia fazer compras para o bebê.

Jane chegou perto do chalé, segurou os dedos gelados da amiga e empurrou-a para dentro. As duas tiveram de fechar a porta, por causa do vento forte.

Elizabeth não gostara da idéia de parar no chalé, com pressa de chegar a Londres, mas ceder a vontade de Jane. Edward, seu marido, um primo distante que lhe tinha sido prometido em casamento quando ela nascera, era um homem pacato, bondoso e confiável. Jane admitiu que esperava coisa bem pior.

— Jane, por que ficou tanto tempo lá fora, nesse frio?

— Eu estava pensando na vida, Elizabeth.

— Já examinou os papéis que contêm as anotações a respeito dos candidatos, Jane?

— Pensei que poderíamos examiná-los juntas, depois de comermos.

— Ah, seria divertido. — Elizabeth levou-a até a pequena e aconchegante cozinha e serviu sopa quente para as duas.

— Será que entre eles haverá um cavalheiro deslumbrante?

— Francamente, Liz. — Jane revirou os olhos. — Isso não importa para mim.

— Um marido atraente pode fazer a esposa esquecer muitas de suas falhas.



— Não me importo com a aparência. Vou me casar por imposição de meu pai, caso contrário, não poderei retomar meu trabalho. Não pretendo envolver-me com meu marido. Não me importarei com a sua aparência, com o que ele faz ou para onde vai, contanto que me deixe em paz.

— Seu marido provavelmente queira opinar a respeito.

— Elizabeth deu uma risada e sentou-se à mesa com Jane.

— Além do mais, ninguém poderá ser tão atraente como Gregory — declarou Jane.

Elizabeth mordeu uma fatia crocante de pão e fitou a amiga. Pela amizade das duas, ficara sabendo da paixão de Jane por Gregory que se iniciara logo após o casamento dele com Gert. Jane tinha acabado de fazer treze anos e era uma adolescente com a cabeça repleta de idéias românticas. Gregory brincara com as emoções de Jane e, passo a passo, a envolvera numa sedução planejada.

Embora estivesse com quase vinte anos, Jane era muito inocente. Elizabeth culpava Gregory por todo aquele triste episódio e não entendia por que apenas Jane teria de pagar por isso.

— Sei que pensa amar Gregory e...

— Não penso, Liz. Eu o amo e ele me ama. E a minha ida para Londres foi a melhor coisa que poderia ter acontecido.

— Concordo que será melhor esquecer seu cunhado e começar vida nova com seu marido. Nada de bom poderia acontecer com Gregory no seu caminho.

Mesmo discordando do método rude do pai de Jane, no íntimo Elizabeth estava satisfeita por Gregory finalmente ficar afastado de sua amiga. Era um canalha e, mesmo expulsa de seu lar por causa dele, Jane não se dera conta de ser o cunhado o grande culpado.

— Nada disso, sua tola. — Jane mergulhou um pedaço de pão na sopa e refletiu que finalmente a solução para seu problema fora encontrada. — Gregory vinha fazendo muita pressão para nos tornarmos amantes. Como terei de entregar a virgindade a meu marido, quando eu voltar para casa, Gregory e eu poderemos ficar juntos.

Elizabeth por pouco não engasgou com a sopa e olhou ao redor para ver se a sra. Higgins não viera para a cozinha depois da escandalosa declaração.

— Está pensando em cometer adultério? — Elizabeth sussurrou.

— Não, meu casamento não será uma união verdadeira. Eu o tolerarei para satisfazer meu pai e poder voltar para casa. De qualquer modo, não terei nenhuma afeição

pelo homem com quem serei obrigada a me casar.

— Ah, Jane!

Elas terminaram de comer, foram para a sala e sentaram-se perto da lareira. Jane mexeu no maço de papéis que Charles lhe entregara.

— Vamos começar por este — ela sugeriu, alheia ao aborrecimento da amiga. — Phillip Wessington, conde de Rosewood.

— Jane — Elizabeth segurou-lhe a mão —, como sua amiga, sou obrigada a comentar esse seu plano.

— Que plano?

— Ora, o de cometer adultério.

— Não se trata de adultério, Liz.

— Será que ficou maluca?

— Pergunta isso porque me recuso a aceitar as ordens desumanas de meu pai? Gregory é o único homem que eu amei. Gertrude é terrível e abusa muito dele. Gregory não é compreendido e precisa muito de mim. Não posso abandoná-lo.

— Jane, quando você se casar, terá de ir para a cama com seu marido.

— Apenas na noite de núpcias, para consumir o casamento.

— Terá de morar com ele durante seis meses antes de voltar para casa, se seu marido a deixar voltar. Ele vai esperá-la na cama todas as noites e, talvez, ao acordar pela manhã. — Elizabeth chegou mais perto e cochichou: — Talvez até no meio do dia. E isso acabará por mudar seus pontos de vista. Eu a conheço, Jane, e sei que não poderá ter relações com seu marido e depois com outro homem.

— Não foi você que afirmou que ir para a cama com o marido é apenas um dever?

Elizabeth corou. Edward levava seus deveres matrimoniais a sério, mas não era um mestre no assunto. Homem devoto, acreditava nas instruções bíblicas da procriação e considerava a nudez um pecado. Eles nunca se haviam visto desnudos.

— Na maioria dos casos. Desde que me casei, tenho ouvido conversas. Algumas mulheres dizem que há homens que sabem satisfazer as esposas e que esperam satisfação em troca. E se seu marido for um desses?

Jane jogou uma porção de papéis no rosto da amiga.

— Acha mesmo que um desses homens que pretendem ser pagos para aceitar uma esposa pode ser um bom cumpridor de seus deveres maritais? Pense bem nisso, Liz.

— É, suponho que tem razão.

— Tenho certeza de que nenhum deles deseja casar-se. A noite de núpcias deverá encerrar suas expectativas.

— Não é tão simples assim. Há um fato muito importante a ser considerado. — Elizabeth acariciou o ventre abaulado. — E se você se deitar com Gregory e um bebê for gerado? Como explicará o fato a seu marido, com quem não terá relações? Alguns deles — Elizabeth apontou a folha de cima —, como esse conde de Rosewood, vão precisar de um herdeiro. Ser infiel a um marido desses poderá lhe custar a vida.

Jane bateu a ponta do indicador no lábio, sem demonstrar que estava confusa. Por que não havia soluções fáceis para a situação que a atormentava?

— Não pensei na hipótese de um filho. Se eu ficar grávida, meu pai não me permitirá voltar ao trabalho. Oh, céus, o que vou fazer?

Elizabeth aborreceu-se por ter feito Jane ficar ainda mais preocupada.

— Verá que tudo vai dar certo, Jane. — Forçou um sorriso. — Vamos ler mais sobre esse tal de conde.

Phillip estava sentado junto à pequena mesa do quarto de Margaret decorado em dourado, negro e vermelho. Embora ela afirmasse que a escolha havia sido pelo mais moderno, o aposento lembrava a Phillip o boudoir de Monique, sua prostituta favorita na casa de madame LeBlanc.

Margaret entrou e fez uma mesura. Phillip admirou-se pelos seios alvos não pularem para fora do decote profundo.

Ele beijou-lhe os lábios e o colo que esbanjavam perfume de rosas. Ela se sentou em frente e fez sinal para a criada servir o jantar íntimo. Margaret era uma mulher deslumbrante e combinava perfeitamente com Phillip, já que lhe agradava a vida dissoluta que ele levava. Bebia, jogava e era uma excelente parceira na cama. Uma pena Phillip não poder casar-se com ela.

Ele teria de contentar-se com as atenções de uma plebéia, filha de um comerciante e que, na certa, era horrível e burra. Pior ainda seria descobrir que se tratava de uma criatura envergonhada que não abria a boca. Homens de seu círculo social adoravam as belas pouco inteligentes, mas Phillip odiava as tolas sem personalidade que podiam passar horas sem dizer nada de interessante. Com certeza, Jane Fitzsimmons era tudo isso.

— Phillip, o que está acontecendo? — Margaret perguntou após terminarem o

primeiro prato. — Odeio quando não percebe a minha presença.

— Perdão, Margaret. O que foi que disse?

— Encontrei-me com Morris a noite passada. Meu querido, já decidiu sobre o contrato de casamento de Emily?

Margaret jamais admitiria que encorajara Morris a fazer o pedido, embora fosse evidente que ela seria a grande beneficiada. Nas poucas vezes em que havia se encontrado com Emily, a garota não escondera que a detestava. E uma vez casada com Phillip, Margaret não pretendia enfrentar problemas com a menina. Emily era muito bonita e em poucos anos se transformaria numa beldade. Margaret preferia morrer a acompanhar Emily por toda a Londres e ser testemunha da corte dos homens. O pior de tudo seria a quantidade de libras a ser gasta na apresentação da jovem à sociedade. Dinheiro que seria mais bem empregado em jóias e roupas para ela mesma. Emily teria de sair da vida deles.

— Ou, melhor dizendo — Margaret fitou Phillip com falsa inocência —, acha que ela deve se casar?

— Não sei. Era o que eu planejava fazer, mas ontem falei com Thumberton e ele acha...

Margaret fez um gesto de pouco-caso.

— Aquela víbora velha! Não sei por que ainda mantém essa gente empregada.

Porque ele trabalha sem receber e por sua lealdade a meu pai. Phillip teve de segurar a língua e deu de ombros.

— Thumberton sempre me dá bons conselhos.

Margaret sabia que Phillip era muito leal aos que trabalhavam para ele. Recusava-se a se livrar de qualquer um daqueles defuntos ambulantes que ela encontrava nas diferentes casas e que lhe traziam tantos problemas. Ela demitiria todos depois do casamento. Mostraria a Phillip como contratar empregados que não abriam a boca e guardavam as opiniões para si mesmos.

— Sei disso, querido. Mas os pais sempre sabem o que é melhor para os filhos.

As palavras de Thumberton haviam deixado um sentimento de culpa na alma de Phillip. Mesmo sem ter afeição pela garota, não desejava fazê-la sofrer intencionalmente.

— Decidi pensar mais um pouco sobre o caso. Haverá bastante tempo para resolver o assunto. — Ele tomou um gole de vinho para indicar que o assunto estava encerrado.

— Meu querido, vejo que está muito aéreo, e a noite não produzirá nenhuma conversa proveitosa. — Margaret deixou o guardanapo sobre a mesa. — Que tal irmos à

récita de poesia na quarta-feira à tarde?

Phillip pensara manter em segredo o encontro com Jane Fitzsimmons, mas tais fatos sempre vinham a público.

— Não poderei ir. Tenho um compromisso importante.

— Como é?

— Tenho um encontro com uma jovem.

— Phillip, eu já lhe disse mais de uma vez que, se decidir ter um encontro íntimo com outra mulher, será melhor manter segredo. Tenho um temperamento terrível e não respondo por mim quando estou com ciúme.

— Não é nada disso. Vou me encontrar com uma mulher de Portsmouth. O pai dela está aceitando propostas de casamento... e eu estou pensando em fazer uma.

Patife! Margaret estreitou os olhos. Ele não estava brincando e de nada adiantaria deixá-lo perceber o ódio que a invadia. Decidiu fingir uma reserva desinteressada.

— Casamento, Phillip? Ah, que gracinha! — A risada de Margaret tilintou. — Uma idéia sensacional! Como foi que isso lhe ocorreu?

— Thumberton conseguiu o encontro para mim.

— Nada de especial, pelo visto. — Margaret girou a taça de vinho e pensou nos próximos dias. — Quem é ela? Uma menina pronta para o début? Uma viúva? Alguém que eu conheço?

— É a filha de um comerciante. O pai pretende gastar uma quantia razoável para casá-la.

A informação acalmou Margaret. Se Phillip estava considerando a hipótese de casamento, o prêmio devia ser substancial. Se o pai da moça estava disposto a gastar uma fortuna para se livrar da filha, o que haveria de errado com ela?

As possibilidades eram infinitas. Margaret descobriria os defeitos da mulher e faria com que Phillip não os ignorasse. Não permitiria que ele se interessasse por aquela plebéia!

Jane admitiu que era uma maneira incorreta de agir, mas não havia alternativa. O encontro com os cinco candidatos se iniciaria no dia seguinte e ela teria de fazer a seleção a partir do comportamento formal que eles assumiriam após a apresentação. O local escolhido pelo advogado para o encontro era a casa que o pai alugara para a estadia de Jane em Londres. As conversas transcorreriam corteses e enfadonhas. E a partir de

atitudes reservadas, seria impossível descobrir alguma coisa mais concreta a respeito dos cavalheiros.

Jane queria saber mais detalhes. Por isso decidiu encontrá-los antes, no próprio ambiente deles, por mais impróprio que isso pudesse parecer.

A começar pelo conde de Rosewood, Phillip Wessington.

Ela bateu na porta e sentiu o coração disparar diante de tanta ousadia. Havia a possibilidade de o conde não estar em casa e também de ele espantar-se com a temeridade da visita sem ao menos estar acompanhada. Em último caso, o conde não mais se interessaria pela proposta.

Jane sempre fizera o que lhe agradava e marcava seus próprios compromissos. Era difícil mudar depois de dezenove anos. Queria encontrar o conde e, se ele se aborrecesse com a impertinência, nada lhe restaria a fazer. A reação de Phillip Wessington diante de uma atitude corajosa revelaria muito mais do seu caráter do que Jane poderia descobrir no dia seguinte, quando ele a visitasse oficialmente.

Inspirou fundo e bateu de novo. A residência do conde em Mayfair era uma construção imponente. As carruagens que por ali passavam faziam supor que a nobreza morava na região. Não se viam os vendedores ambulantes que abundavam nos quarteirões anteriores por onde ela passara.

Bateu de novo, pela última vez, pensou, e escutou passos que se aproximavam. A porta foi aberta por um homem de aspecto bondoso, de estatura baixa e bem trajado. Tinha cabelos brancos, embora aparentasse trinta e poucos anos, e o rosto escanhado. Jane não chegou a tirar o cartão de dentro da bolsa. O homem analisou o vestido simples e cinzento e os cabelos trançados para trás em coque. Sob o escrutínio dele, Jane sentiu-se despida.

Desejou ter-se arrumado com maior apuro e, supondo que o homem fecharia a porta na sua cara, estendeu a mão.

— Olá, meu nome é...

— John Graves, minha querida. Devo dizer-lhe que já havíamos desistido de esperá-la.

— O quê? — Jane perguntou, confusa.

O homem fez sinal para ela entrar, fechou a porta e conduziu-a pelo hall e por vários corredores, falando sem parar. Jane lutava para acompanhar-lhe o passo.

— ...os amigos do conde já se encontram aqui e a cozinheira está ficando louca.

Recuso-me a servi-los. Ah, até eu tenho meus limites! — Graves se deteve diante de uma porta e mandou que ela entrasse na frente. — Aqui estamos.

Entraram na cozinha. Uma mulher idosa e gorda arrumava petiscos em uma bandeja que se encontrava em cima de uma mesa comprida.

— Cozinheira — Graves disse —, a mocinha finalmente chegou. — Fitou Jane por sobre o ombro. — Qual é seu nome, querida?

— Jane, mas creio que houve um engano. Eu...

A cozinheira a olhou de alto a baixo e mais uma vez Jane teve a sensação de estar nua.

— Oh, céus, ela é muito bonita. Graves, esqueceu de avisar a agência?

— Não, eu disse a eles o que pretendíamos.

— Disse o quê? — Jane não conteve a curiosidade.

— Para não mandar meninas bonitas — a cozinheira respondeu. — Nós as perdemos antes de terminar o aprendizado e temos de começar tudo de novo. É sempre um contratempo.

— E por que as perdem? — Jane perguntou e a voz nem pareceu ser a dela.

A cozinheira revirou os olhos e voltou a atenção para o que estava fazendo. Graves adiantou-se e amarrou o avental na cintura de Jane.

— Não há tempo para trocar de roupa, e o vestido terá de servir por hora. O conde não vai notar nada, mas se lady Margaret disser alguma coisa. — Ele se deteve alguns segundos, enquanto a cozinheira tossia —, peça desculpas e desça. Depois de terminar de servir as travessas, teremos alguns minutos de sossego e eu poderei mostrar-lhe seu quarto. — Dito isso, saiu da cozinha.

Jane entendeu que era preciso desfazer o engano, pois certamente a confundiam com uma criada que eles esperavam. Mas Graves já havia desaparecido, e ela não teve oportunidade de deixar a bandeja de lado, pois o olhar da cozinheira não admitia recusa. Jane, então, achou melhor explicar tudo a Graves assim que o encontrasse.

— Cuidado, minha jovem — a cozinheira preveniu-a. — O conde gosta de moças bonitas. Procure não chamar sua atenção.

Oh, não!

— A senhora não está querendo dizer que... A mulher confirmou com um gesto de cabeça.

— Evite ficar sozinha com ele, se é que me entende.

— O conde costuma perseguir as criadas, é isso?

— Se elas concordarem...

— Oh, céus! — Jane enrubesceu. — Mas por que muitas...

— Ele é muito atraente e tem falas melífluas quando se trata de mulheres. Vá, Graves a espera. Mas não se esqueça de manter a cabeça sobre os ombros e nada acontecerá.

Jane saiu com a travessa nas mãos e a cabeça girando pelo que acabava de saber sobre seu marido em perspectiva. Onde é que fora se meter? Encontrou Graves, que a esperava ao pé da escada.

— Graves, eu preciso...

— A senhorita parece constrangida. A cozinheira lhe disse algo sobre o conde?

— Bem... sim... Ela revelou que ele gosta de mulheres e me avisou para ter cuidado.

— Ah, a cozinheira fala demais. — Graves deu uma risada. — Não a leve em conta. O conde nada fará contra a sua vontade.

— Um belo consolo — Jane ironizou com uma sobrancelha erguida.

Graves tornou a rir. Ele era um bom conhecedor da alma humana e gostara de Jane assim que a viu. Tratava-se de uma jovem que sabia comportar-se, e era do que precisavam naquela casa sem freios.

— Não pretendo inventar histórias, mas será preciso conhecer a verdade, se é que está procurando um trabalho fixo. Eu a aconselho a preocupar-se mais com o seu salário e menos com as atenções do conde.

Graves a ajudava a subir a escada.

— Mas...

Ele parou diante de uma porta fechada.

— É importante conhecer as artimanhas — sussurrou. — Permaneça invisível, sorria para o conde e fique fora do alcance de lady Margaret.

Jane abriu a boca para corrigir o mal-entendido, mas Graves escancarou a porta da sala de estar e, delicadamente, empurrou-a para dentro.

Jane espiou ao redor. Ninguém apontou um dedo para desmascará-la e muito menos a olharam. Com avental de criada e carregando uma bandeja, não foi notada.



Na sala, havia quatro homens e duas mulheres, todos vestidos de maneira informal. Uma delas, uma loira voluptuosa, era uma beldade. Usava um traje muito decotado e de tecido transparente. No busto, era possível perceber o contorno dos seios volumosos e os mamilos protuberantes. Sentada no colo de um dos homens, ria com vontade.

Jane sentiu-se envergonhada diante de estranhos tão pouco vestidos. Eles bebiam e tocavam uns nos outros. Em sua vida quase reclusa, nunca imaginara que pessoas poderiam conviver em meio a tal escândalo, o que a levou a desconfiar da integridade moral das duas mulheres.

Em que armadilha ela caíra?

Uma rápida olhada garantiu-lhe a identidade do conde. A cozinheira estava certa. Ele era muito atraente. Os cabelos negros e longos estavam presos na nuca por uma tira de couro, e alguns fios caíam na testa. Os olhos, também negros e luminosos, eram inteligentes, porém duros, como se houvessem presenciado muito sofrimento. A barba por fazer acentuava as maçãs altas do rosto e o nariz aristocrático.

Tinha ombros largos e, pela camisa branca aberta, via-se o peito piloso. A cintura e os quadris eram estreitos e, embora estivesse sentado, era impossível não notar o comprimento das pernas. Com uma perna cruzada sobre a outra, tinha a aparência de um cigano ou pirata. Apesar da aparente descontração, estava alerta e poderia dar um salto para agir de imediato.

Ele estava sentado longe dos outros em uma poltrona grande. As mangas enroladas para cima mostravam braços também cobertos de pêlos. Os dedos eram longos e elegantes. Girando um cálice com bebida, escutava sem muito interesse o que dizia a loira no colo de outro homem.

Jane atravessou a sala para deixar a bandeja onde Graves lhe recomendara. E quando passou pelo conde, sentiu que ele lhe segurava o pulso, detendo-a tempo suficiente para servir-se de fatias de laranja. De perto, o conde era infinitamente mais bonito que de longe. Através do tecido da manga, Jane sentiu o calor da mão dele.

Phillip fitou a criada desconhecida. Ultimamente, as poucas que apareciam não ficavam tempo necessário para ele gravar suas fisionomias. Ninguém queria trabalhar e não receber.

Aquela era muito bonita, apesar de magra para o seu gosto e muito severa no trajar e no penteado. Se ela ficasse, talvez pudesse surpreendê-la uma noite em trajes de dormir e com os cabelos soltos. Imaginou-a na cama, estendida debaixo dele, com as madeixas espalhadas no travesseiro. Passou a ponta do polegar na parte interna do pulso de Jane e sentiu-a estremecer. Grandes possibilidades lhe ocorreram.

— Está se saindo bem, não fique nervosa — Phillip sussurrou.

Incapaz de falar ou de se mover, ela sentiu a força da atração daquele homem. Mas quando ele piscou, o encanto foi quebrado.

Jane estava na casa havia dez minutos e o conde já mostrava as garras. Teria de sair dali com urgência. Virou-se e escutou a loira comentar sobre o encontro do conde com uma herdeira no dia seguinte. Curiosa para saber o que diriam, Jane recuou e fingiu uma tarefa perto das cortinas.

— Wessington, querido — A loira inclinou-se para frente e o busto por pouco não ficou descoberto —, por que não conta seu segredo para todos? A noite ficará mais interessante.

— Margaret, tenho certeza de que há coisas mais importantes para discutirmos.

— Imaginem só. — Ela observou a platéia atenta. — Wessington está pensando em se casar!

Um silêncio se seguiu até um dos homens dar risada.

— Pretende acorrentar-se, meu amigo? E quem será a felizarda? A filha de Farthington?

— Imagine se o pai dela deixaria a querida filha casar-se com esse patife? — outro comentou.

Todos riram.

— Não posso imaginá-lo interessado numa virgem — o terceiro comentou.

Mais risadas antes de Margaret continuar:

— É ainda mais divertido do que imaginá-lo entre as pernas de alguma nobre assustada. — Ela fez uma pausa para o efeito dramático. — Ele se decidiu pela filha de um comerciante.

Jane detestou o olhar malévolo da loira e tratou de servir o que trouxera, antes de atirar alguma coisa na direção dela.

— Filha de um comerciante? Wessington, eu não poderia imaginar que as suas finanças estivessem tão abaladas. Mesmo assim, há limites. Não podemos misturar nosso sangue com qualquer uma!

— Wessie — a outra mulher, também em trajes impróprios, inclinou-se para ver melhor o amigo —, por acaso a conhece?

— Ele não se importa com a aparência dela — Margaret respondeu pelo conde —,

mas sim com o tamanho da sua bolsa.

— Mesmo nessas uniões necessárias, é mais agradável que a mulher seja bonita — um dos homens considerou.

— Ou pelo menos que tenha um traseiro bem-feito — outro completou.

— Ou um belo par de anteparos frontais. — Um terceiro riu. — Um copo duplo de leite é ótimo!

Enrubescida, Jane notou que Margaret fazia um gesto de pouco-caso.

— Eu já fiz uma investigação por minha conta. Ela é magra e sem graça como um poste, com cabelos castanhos. Insípida, eu diria. — Fitou Phillip com maldade. — Dizem que o pai a entregará ao primeiro que se interessar, pois em casa não a suportam.

— Se a moça tem muito dinheiro e ninguém ainda se interessou por ela, seria melhor fazer uma averiguação criteriosa — a outra mulher comentou.

— Se fosse eu — Margaret acrescentou —, certamente requisitaria uma parteira para examiná-la. Não vai querer uma grávida, não é verdade, Wessington?

Jane parou na frente de Margaret, esperando que a resposta do conde suavizasse as palavras cruéis dos amigos.

— O dinheiro dela é igual ao dos outros, ou pelo menos foi o que me disseram — Phillip falou sem entusiasmo.

Se Jane estivesse perto do conde, teria derrubado a bandeja em cima dele. Mas como estava em frente de Margaret, fez o que lhe pareceu mais adequado. Os aperitivos deslizaram da bandeja e caíram dentro do decote e no colo da loira.

Margaret deu um grito e ficou em pé.

— Sua idiota! Traste inútil! Será que não sabe se comportar?

Com olhar faiscante, Margaret levantou a mão, mas Jane foi mais rápida. Pulou para trás antes que a outra a esbofeteasse.

— Pare com isso, Margaret! — O grito de comando do conde cessou os movimentos na sala. Ele se aproximou de Jane e segurou-lhe a mão. — Está tudo bem, minha querida? — O tom de voz foi abrandado.

Para evitar que ele visse as lágrimas em seus olhos, Jane fez uma mesura.

— Peço-lhe perdão com humildade, milorde.

Sem esperar resposta, ela virou-se e saiu correndo em direção à escada. As palavras de Margaret ecoavam em seus ouvidos.

— Francamente, Wessington, o nível dos seus criados deixa muito a desejar! Espero que essa garota horrível sofra um castigo e depois seja dispensada. Veja o que ela fez com o meu vestido...

Graves ficara escondido nas sombras do corredor, escutando as conversas procedentes da sala. Jane se deteve ao vê-lo, desamarrou o avental e entregou-o a ele.

— Foi um prazer conhecê-lo, sr. Graves. Agradeço por ter-me dado a oportunidade, mas não creio que eu tenha competência para esse tipo de trabalho.

Jane apressou-se até a porta, abriu-a, saiu e correu pela rua, sumindo antes de alguém pensar em detê-la.

## Capítulo II

Na tarde seguinte, sentada em um sofá duro, Jane aguardava Phillip Wessington, o primeiro candidato. Ela havia se levantado cedo e gasto horas no banho e na toalete. Elizabeth chegou a considerar a hipótese de Jane estar levando a sério o casamento, tanto o empenho em parecer bem-arrumada. Em parte, Elizabeth estava com a razão. Jane nunca se preocupara tanto com a própria aparência, mas por razões muito diversas das imaginadas pela amiga.

Era inacreditável que o patife tivesse coragem de planejar o casamento com uma vítima inocente, uma mulher como ela, que depois ficaria exposta àquela vida de devassidão e intemperança. Jane estremeceu ao imaginar qual teria sido seu destino se o primeiro encontro com o conde fosse naquela casa alugada. Poderia ser influenciada por um rosto atraente e um físico admirável, e ser levada a aceitar um enlace baseado numa conversa cordial, controlada e feita na presença de uma dama de companhia.

O fiasco da tarde anterior a deixara com um propósito definido para o encontro com o conde que aconteceria em seguida. Havia passado a noite tentando acalmar-se para enfrentá-lo de novo. Ao amanhecer, ocorrera-lhe a idéia de como se vingar.

Uma batida soou no pavimento inferior. A mulher contratada temporariamente para cozinhar e tomar conta da casa abriu a porta; ouviram-se vozes.

— Jane, é tão excitante! — Elizabeth apertou-lhe a mão. — Nunca a vi com aparência tão adorável.

A criada anunciou a presença de dois homens, a do conde e de seu advogado,

Thumberton, o responsável pelo sórdido episódio. Elizabeth pediu à mulher que os mandasse subir, e Jane mirou-se no espelho para certificar-se de que nada estava fora do lugar. Sorriu, tímida. Liz estava certa. Seu aspecto nunca estivera melhor.

Prendera os cabelos no alto da cabeça, de onde caíam mechas delicadas que emolduravam o rosto. O vestido, embora não fosse parecido com aqueles a que o conde estava acostumado a ver, era elegante apesar de conservador. A cintura alta valorizava a silhueta esbelta. O tecido verde ressaltava o brilho dos olhos e o tom avermelhado dos cabelos.

Thumberton foi o primeiro a entrar. O homem idoso de olhar terno captou de imediato a simpatia de Jane, e ela concluiu que ele apenas cumpria seu dever. Concedeu-lhe um sorriso de boas-vindas quando ele se curvou sobre sua mão.

Phillip entrou atrás de Thumberton. Graves passara horas orientando-o a respeito do encontro, o que deu ao conde a sensação de ser preparado para uma luta ou para o sacrifício.

A idéia de tornar a se casar era detestável. Cortejara Anne e a desposara jovem demais. Apaixonado, havia imaginado viver feliz para sempre e tivera seus sonhos pisoteados pelas sucessivas infidelidades. Que fatos ainda mais terríveis poderiam suceder com uma mulher que ele nem ao menos conhecia? Era inconcebível unir-se a uma estranha. Procurou afastar os pensamentos mórbidos que o atormentavam desde a concordância com aquele compromisso idiota e entrou na sala. Ninguém o forçaria a casar-se, admitiu com um trejeito. Também não havia promessa feita para ser cobrada. Nada devia a ela. Viera para ter uma idéia de quem se tratava, nada mais.

No entanto não tinha sido prevenido a favor da jovem que estava sentada no sofá. Ela apresentou a si mesma e à amiga. Era adorável e seus olhos verdes brilhavam como um gramado banhado pelo sol de verão. Tinha nariz ligeiramente arrebitado e viam-se covinhas nas faces rosadas. A figura esguia era elegante e, sob o decote discreto, poder-se-ia imaginar um busto pequeno, porém perfeito. Phillip não pôde deixar de pensar em como seria agradável envolver-se naquelas pernas certamente bem-feitas.

Haveria algo de errado com ela? O aspecto sem defeitos poderia ser conspurcado por uma voz irritante ou por um temperamento intolerável. Suas dúvidas foram afastadas ao ouvi-la conversar com Thumberton. Tinha voz suave e falava com ternura.

Em meio às divagações, percebeu que era apresentado e adiantou-se quando Jane Fitzsimmons estendeu a mão.

— É um prazer conhecê-lo, lorde Wessington.

— O prazer é todo meu, dama adorável.

Phillip fez uma medida e beijou-lhe as costas da mão. A pele era macia e tinha fragrância de lilases. Dedos finos, elegantes e unhas bem-feitas. Imaginou a sensação de ser arranhado por elas.

A tarde certamente seria mais interessante do que poderia supor.

Jane observou o conde curvar-se sobre sua mão. Nunca havia estado tão próxima de um homem, exceto de Gregory, e o perfume forte que o cunhado usava nunca fora de seu inteiro agrado. O conde Phillip Wessington tinha um perfume natural, masculino. Frescor de sabonete mesclado com tabaco, couro e outros aromas que ela não conhecia. Se Jane não soubesse que ele era um ser desprezível, teria cedido à tentação de passar os dedos nos cabelos negros e sedosos que ressaltavam o belo formato da cabeça do conde.

Pensamentos pouco edificantes para uma mulher que havia poucos dias, estava separada do homem amado.

O conde Phillip Wessington demorou-se mais do que o necessário sobre sua mão e Jane entendeu o sentido do flerte. Ele precisava muito do dinheiro dela e faria qualquer coisa por isso, mesmo deitar-se com quem detestava.

Phillip soltou-lhe a mão, ergueu a cabeça e franziu o cenho.

— O que houve, milorde? — ela indagou.

— Não pretendo ser atrevido, srta. Fitzsimmons, mas tenho a impressão de que a conheço de algum lugar. Será que não nos encontramos antes?

O coração de Jane disparou. Ele não deveria recordar-se da criada que o servira na véspera.

— Não, com certeza. — Ela sorriu quando os dois cavalheiros sentaram-se em frente. — Eu certamente teria me lembrado se o conhecesse.

— A senhorita vem a Londres com frequência?

— Vim apenas quatro vezes em toda a minha vida. A última vez foi há três anos.

— Talvez eu a tenha encontrado em Northampton, onde se localizam várias propriedades da minha família.

— Não conheço Northampton. Talvez meu rosto seja comum e facilmente confundido com outros.

— De maneira nenhuma. — O sorriso de Phillip derreteria o coração de qualquer mulher. — Nada em seu adorável rosto pode ser considerado comum.

Eles conversaram cortesmente como estranhos, sem esquecer o motivo da visita. Thumberton sentiu-se aliviado ao perceber que Phillip se comportava com a fidalguia que lhe fora ensinada na infância, mas que ele insistia em esquecer com assustadora regularidade. Suspirou para acalmar a aflição. Phillip parecia bem à vontade com a jovem herdeira que se mostrava inteligente e bem-educada. Seria uma boa esposa para ele e uma boa mãe para Emily.

Elizabeth observou Phillip com discrição. Era alto, moreno, muito atraente, charmoso e engraçado. Conversava com naturalidade sobre vários assuntos. Dotado de autoconfiança, sua presença dominava o ambiente. Versado em conquistas femininas, fitava Jane como se nada mais existisse no mundo. Ansiosa, imaginou que Phillip poderia sobressair na lista e, provavelmente, tornar-se marido de Jane.

Phillip era mestre no trato com as mulheres. Elas sempre caíam a seus pés, ansiosas para agradá-lo. Ele fazia com que se sentissem importantes, queridas, valorizadas e descontraídas. Decidido a fazer o mesmo jogo com Jane Fitzsimmons, ficava atento aos menores movimentos dela e gostava de tudo que via.

Phillip espantou-se com a aparência e o comportamento da srta. Fitzsimmons. Ela não demonstrava nenhuma animação quanto a um matrimônio acima de seu nível social. A maior parte das mulheres se mostrava encantada com a posição e personalidade dele. Jane não parecia importar-se com isso nem se escondia atrás de um leque para lançar olhares coquetes.

O mais surpreendente era ela trabalhar nos negócios da família havia vários anos e ter um posto de responsabilidade ao lado do pai. Jane admitiu o fato com orgulho, como se o desafiasse a ofender-se pelo fato de sua futura esposa ter um passado que poderia ser considerado escandaloso.

Phillip, ao contrário do que se poderia supor, preferia mulheres educadas e enérgicas às mocinhas mimadas da sociedade. Seria um grande benefício para ele casar-se com Jane Fitzsimmons.

Phillip odiava contabilidade, números e administração, assuntos que a jovem Fitzsimmons parecia dominar. Certamente não passava o dia bordando e preferia atividades mais úteis. Ele ficaria muito feliz se Jane se ocupasse com os problemas de Rosewood. Assim poderia continuar em Londres com os amigos, aproveitando a vida como sempre fizera.

Era evidente que teriam de encontrar-se ocasionalmente para gerar um herdeiro. Analisando a provável futura noiva, aquele, com certeza, seria um de seus menores problemas. Os olhos verdes, os lábios carnudos e os seios pequenos eram mais do que

convidativos.

Como Thumberton e Elizabeth, Phillip também estava ansioso.

Jane observou o conde com cautela e concluiu que ele não achava ofensiva a idéia de casar-se com ela. Não se lembrava de tudo o que seu pretendente dissera, mas podia afirmar com exatidão o momento em que Phillip Wessington decidira que a união com ela seria vantajosa. Sem se dar conta do que acontecia, o conde Phillip Wessington estava se enrolando nos fios do destino.

Jane experimentou ansiedade similar à dos demais.

As duas horas programadas para o encontro se esgotavam rapidamente. Thumberton consultou o relógio.

— Nosso tempo está quase no fim. Srta. Fitzsimmons, foi um grande prazer conhecê-la.

O advogado conversara anteriormente com Phillip a respeito de sua atitude caso a jovem o interessasse.

— Eu também adorei nosso encontro — Phillip interveio. — Se não tiver outros planos para esta noite, permita-me convidá-la para jantar. — Sorriu para Elizabeth. — Na companhia da sra. Carew e do dr. Thumberton. Entendo que é ousadia de minha parte fazer um convite desses em tão pouco tempo, mas Thumberton avisou-me que a senhorita tem prazo para tomar uma decisão.

Jane não poderia estar mais feliz pelo rumo dos acontecimentos.

— É verdade. Tenho pouco tempo para me decidir e gostaria de resolver logo o assunto.

Phillip tomou a resposta como positiva.

— Seria interessante conversarmos mais tarde a respeito dos seus planos... e dos meus. — Sorriu novamente para Elizabeth. — Tenho um camarote no teatro. Depois do jantar, talvez as damas pudessem honrar-me com a sua companhia.

— Ah, isso seria adorável! — Elizabeth entusiasmou-se. — Não seria divertido irmos ao teatro, Jane?

— Não sei, Elizabeth. Na verdade, lorde Wessington, tenho a impressão de que nós não combinamos.

Phillip endireitou-se na poltrona, surpreso pela audácia de ser recusado por uma jovem sem berço. Thumberton, por sua vez, mostrou-se atônito e derrotado.

— Perdão, srta. Fitzsimmons. — O advogado achou por bem falar antes que Phillip



dissesse alguma impropriedade à jovem —, mas creio que essas coisas devem ser decididas após alguma reflexão. Quem sabe não poderíamos voltar ao assunto amanhã?

— Não creio que haverá necessidade de pensar mais. — Jane levantou-se, foi até o aparador, serviu-se de vinho e olhou por sobre o ombro. — Tenho certeza de que milorde concorda que a filha de um comerciante não é a esposa que lhe convém. — Virou-se para usar as palavras de um dos convidados de Phillip da noite anterior. — Mesmo com as finanças abaladas, existem limites. Os aristocratas não devem misturar seu sangue com qualquer uma!

Phillip corou intensamente. Sabia que muitos pensavam daquela maneira. Mas depois de um casamento fracassado, ele mudara de opinião.

— Srta. Fitzsimmons, se eu acreditasse nisso, não teria vindo aqui hoje.

Phillip não entendera a indireta nem se lembrava do encontro da véspera.

— Entendo seu desapontamento por eu não me interessar por milorde como marido, ainda mais que só se importa com o tamanho da minha bolsa.

— Jane, onde estão suas boas maneiras? — Elizabeth interveio, mortificada com a atitude da amiga.

— Eu as deixei em casa. Além disso, estamos falando da minha vida e sou eu que terei de escolher! — Ela se voltou para Phillip, furiosa, e procurou imitar uma voz masculina: — Mesmo nessas uniões necessárias, é mais agradável que a mulher seja bonita, ou pelo menos que tenha um traseiro bem-feito, ou um belo par de anteparos frontais. Um copo duplo de leite é ótimo!

— Jane! — Elizabeth gritou.

Phillip não entendia como uma jovem tão agradável podia transformar-se em uma megera em segundos. Não imaginava o que teria feito para causar aquela mudança. As palavras não lhe eram desconhecidas. Onde as ouvira?

— Srta. Fitzsimmons, parece que a desagradei de alguma maneira, mas não posso atinar com o motivo. Nunca pretendi desrespeitá-la. Vim até aqui de mente e coração abertos, imaginando a possibilidade de um casamento arranjado, mas...

— Verdade, lorde Wessington? Considerou seriamente a hipótese de se casar comigo, mesmo com seus amigos espalhando a notícia de que estou grávida? — Jane jogou o cálice de vinho na lareira, onde ele se espatifou. — Agora saia daqui antes que eu jogue uma bandeja com acepipes na sua cabeça como fiz com a sua amante!

— A senhorita! — Phillip berrou e levantou-se.

— Jane, o que está fazendo? — Elizabeth perguntou com os olhos arregalados.

— Descobrimo o verdadeiro caráter desse patife — Jane respondeu, encarando Phillip. — E sinto-me feliz em dizer que salvei a mim mesma de uma vida de humilhação e sofrimento.

Phillip cruzou a sala com três largas passadas e parou diante de Jane, tremendo de ódio.

— A senhorita invadiu a minha casa...

— Não invadi! — ela gritou, com as mãos na cintura. — Fui convidada!

— ... sem ser anunciada nem ser bem-vinda, e ainda tem a audácia de irritar-se com o que viu e ouviu?

Thumberton segurou o braço de Phillip, mas ele se desvencilhou.

— Perdoe-me, Thumberton.

— Phillip, não acho...

— Thumberton, este não é um pedido, mas uma ordem! Saia daqui e leve a sra. Carew. Ficarei mais alguns instantes.

Jane gostou da oportunidade de permanecer a sós com o patife. Precisava desabafar mais algumas coisas.

— Isso mesmo, dr. Thumberton, dê-nos alguns instantes de privacidade.

Elizabeth, corada como uma beterraba, tossiu.

— Jane, não acho que seja apropriado ficar aqui sozinha com o conde.

— Não se preocupe com o mau humor dele, Liz. O conde não está acompanhado de nenhuma de suas rameiras, por isso não haverá ninguém para me atingir. Quando à minha virtude, sei que ele só persegue as criadas que lhe dão confiança.

— Mas que diabo! — Phillip berrou de novo.

— Por favor, não pragueje na minha presença!

— Falo da maneira que me agrada e quantas vezes eu quiser! — Phillip admirava-se com a energia de Jane, que não se abalava. — Thumberton, leve a sra. Carew daqui! — Ele repetiu, esperou a porta ser fechada e notou que Jane nem ao menos piscava. — A senhorita é a mulher mais audaciosa que já vi.

— E o senhor é o homem mais desprezível que já conheci!

— A senhorita invadiu a minha festa. — Phillip teve vontade de sacudi-la. —

Aqueles eram meus amigos. Por acaso sabe com quem está lidando?

— E o senhor sabe? Não sou uma das meninas idiotas do seu círculo de amizades, nem uma das prostitutas que o divertem no meio da tarde.

— Não ouse fazer pouco-caso das mulheres que freqüentam a minha casa!

— Ah, milorde tem razão. Deixarei isso para os seus criados. Eles as conhecem melhor do que eu. Diga-me, milorde e lady Margaret deram boas risadas depois de ela quase ter me atacado?

— Está enganada, srta. Fitzsimmons. Fiquei aborrecido com o caso. Na minha casa, os criados são bem tratados.

— Principalmente as que entram como donzelas e saem como mulheres.

— Onde a senhorita escutou o relato de fatos tão ultrajantes?

— Milorde pretende negar que adora seduzir jovens inocentes? — Jane se virou e mexeu nos objetos sobre o aparador. — Por favor, vá embora. Não suporto olhar para milorde.

Mais uma vez ela agia como se fosse uma lady e ele, um homem comum.

— A senhorita não vai me expulsar! — Phillip gritou, segurou-a pelo braço e virou-a de frente para ele. — Ainda não terminei de falar.

— Fale logo e me deixe em paz.

Phillip endireitou-se e fitou-a de cima. Jane nem mesmo piscou. Não demonstrou medo, vergonha, respeito ou deferência. Apenas uma falta de consideração total por tudo o que ele representava.

— Vim conversar com a senhorita na maior boa-fé, para descobrir se era possível transformar uma união arranjada em benéfica entre nós. Agora entendo que fui iludido por meu advogado.

— E de que forma milorde foi iludido? — Jane pestanejou, a própria imagem da inocência.

O sorriso doce e irônico irritou Phillip ainda mais.

— Ele me garantiu ter encontrado uma jovem terna, virtuosa e de boa família para um possível casamento. Nada mais longe da verdade! A senhorita é desagradável, grosseira e possui um temperamento descontrolado. Uma mulher sem nenhum bom senso que perambula por situações absurdas. Uma jovem pertencente a uma família de nível tão inferior que o pai lhe permitiu envolver-se nos negócios. Eu jamais aceitaria uma pessoa dessas, como esposa.

— É mesmo um escândalo que eu, uma frágil representante do sexo feminino, tenha facilidade para a matemática e o comércio — Jane disse com sarcasmo. — Mas os negócios da minha família estão cada vez mais prósperos. Milorde pode dizer o mesmo dos seus?

Phillip sabia que teria de sair dali ou acabaria por bater naquela jovem audaciosa. Era inconcebível que uma plebéia questionasse a vida dele, um nobre!

— A senhorita insultou a mim, meu título e minha família. Eu não me casaria com a senhorita nem que fosse a última mulher sobre a face da Terra.

Phillip virou-se para sair e escutou o grito.

— Nem eu o aceitaria nem que milorde fosse o último homem!

Ele saiu, bateu a porta e ouviu o cálice que se estilhaçava contra a madeira. Thumberton e Elizabeth esperavam no piso inferior, espantados. Phillip pegou o chapéu e a bengala que estavam com o advogado e foi até a porta.

— Vamos embora, Thumberton. Leve-me para fora desta casa de loucos.

Jane parou diante da janela, e contemplou o dia cinzento do lado de fora. Um homem corajoso e solitário enfrentava o frio na rua. O quinto e último pretendente acabava de sair.

— Eles já foram? — ela sussurrou quando Elizabeth, que acompanhara o homem e o advogado, voltou.

— Sim, felizmente. — A amiga aproximou-se de Jane. — No que está pensando?

— Que seria melhor eu descer e trazer para cá o coitado que está na rua. Ele certamente seria melhor de que os imbecis que Thumberton mandou para mim. — As duas riram ao lembrar-se dos encontros dos dois últimos dias. Jane saiu da janela e largou-se no sofá. — Não acredito. Jamais encontrei pessoas tão desagradáveis.

— O sr. Wiley até que não é mau sujeito, mas a mãe dele! Imagine viver com aquela criatura dia e noite.

Jane teve vontade de pular pela janela e sumir. Aqueles dois dias tinham sido desastrosos. Jerome Wiley, que acabava de sair, era um pobre coitado. Com exceção de Phillip Wessington, nenhum deles tinha charme ou personalidade. Não sabiam conversar nem possuíam carisma. Phillip era inteligente e havia sido o único que se interessara sobre sua vida em Portsmouth.

— Jane, o que pensa fazer? — a voz de Elizabeth interrompeu-lhe os devaneios.

— Não sei. Creio que papai não tinha idéia dos homens que Thumberton selecionou. Imagine o que ele diria se eu levasse um desses tontos para Portsmouth!

— Creio que ele gostaria do conde de Rosewood.

— Nem fale sobre isso, Liz. — Jane suspirou. — Pensar nele torna tudo pior. Teremos de encontrar uma solução. — Pegou a pasta com as informações sobre os candidatos que se encontrava na mesa lateral e folheou as páginas. — Na verdade, gosto do dr. Thumberton e não posso imaginar que ele acredita que esses homens podem ser adequados. Seria terrível ficar casada com qualquer um deles.

— Tem razão.

— Talvez eu pudesse convencer o dr. Thumberton a falar com meu pai. Poderia explicar a ele os problemas com a escolha e conseguir uma prorrogação do prazo enquanto procuramos uma pessoa mais adequada.

— Querida, tentei falar com o dr. Thumberton ontem sobre isso. Ele me garantiu que as instruções de seu pai eram bem claras e que sob nenhuma hipótese aceitaria um prazo maior.

— Ah, Liz, o que farei?

— Bem, tenho uma idéia:

— Então fale logo.

— Afaste um pouco os maus pensamentos a respeito do conde Wessington.

— Por que eu deveria fazer isso?

— É um cavalheiro espetacular. Atraente, educado e com um físico de fazer inveja.

— Liz, pelo amor de Deus!

Jane corou, mas não revelou o motivo. Toda vez que pensava em Phillip, sentia um calor estranho. Até passara momentos desagradáveis imaginando o que ficava escondido nas roupas dele. Por algum motivo, não conseguia esquecer o conde Phillip Wessington.

— Jane, não adianta sentir-se envergonhada. Escute, isso é muito importante. O conde deve ser muito experiente no trato com as mulheres na cama. Além disso, ele oferece um título, propriedades e respeito. Imagine ser esposa de um membro do Parlamento!

— E daí? Como se aquele idiota fosse largar suas mulheres ou o jogo por tempo suficiente que lhe permitisse assistir a uma sessão.

— Jane, quer me escutar um pouco?

— Está bem, pode falar.

— Se compararmos Phillip Wessington como os outros, chegaremos a uma

conclusão. Os cinco eram cartas marcadas de um baralho.

— Está querendo dizer que o dr. Thumberton selecionou quatro idiotas para fazer o conde se sobressair?

Elizabeth andava de um lado para outro.

— Só pode ser isso, Liz! Ele fez o que pôde para deixar o conde Wessington como única escolha plausível.

— Parece lógico. Mas por que um advogado tão conhecido e respeitado se sujeitaria a um jogo desses?

— Se você não tivesse ido à casa de Wessington, nada saberia dele a não ser o que foi dito nesta sala. Nesse caso, haveria dúvida quanto à escolha?

— Não, nenhuma — Jane teve de admitir.

— Isso responde às nossas dúvidas. — Elizabeth sentou-se ao lado da amiga. — Por algum motivo o dr. Thumberton deseja que a escolha recaia sobre Wessington e por isso fez o que pôde.

— Mas ele não sabia que eu havia resolvido investigar por minha conta.

— Com certeza. Eu também gostei de Thumberton e acho que posso confiar no julgamento dele. Deve haver algum motivo para o advogado privilegiar o conde.

— Entendo. Ah, ele deve ser uma raposa velha. Elizabeth apertou a mão da amiga.

— Jane, sei que esse remédio será amargo demais para engolir, mas eu acho que deve procurar o dr. Thumberton amanhã cedo. Faça perguntas a respeito de lorde Wessington e descubra os motivos dessa lealdade e do empenho dele em ajudá-lo.

— Acha que o conde Phillip ainda se interessaria por mim? Que bobagem, Liz. Perdi minha última oportunidade.

— Nunca se sabe. Ele também deve estar desesperado, ou não teria permitido que o dr. Thumberton o trouxesse até aqui. Jane, eu sempre te amei como se fosse minha irmã. Não posso imaginá-la casada com um daqueles idiotas. Sei que o conde tem suas falhas, mas é possível que ele possua qualidades que possam redimi-lo. É preciso desvendar isso e também ver se o dr. Thumberton tem condições de desfazer a situação constrangedora. Se a nossa amizade tem algum significado, faça isso por mim, Jane.

Jane sabia que Liz estava certa, como de costume. A dificuldade seria pedir a Thumberton para conseguir um novo encontro com o conde Phillip.

— Está bem, Liz. Falarei com ele amanhã cedo.

Graves entrou no quarto e encontrou Phillip lutando com a gravata sem conseguir um laço decente. Eles tinham um relacionamento diverso da maioria dos cavalheiros com seus criados. A situação financeira de Phillip diminuiria o número de criados e sua inabilidade em contratar pessoal qualificado tornava Graves incumbido de várias tarefas: ao mesmo tempo, era criado de quarto, secretário e mordomo. Ele sofrera muito no último emprego, mas estava feliz em servir Phillip.

— Permita-me, milorde. — Graves desatou a gravata.

— Graças a Deus! Eu acabaria me estrangulando com esta porcaria.

Graves deu um nó e um laço em instantes,

— Sua aparência está ótima esta noite, milorde.

— O que está pretendendo? Se for aumento, a resposta é não.

— Uma pena que um homem não possa fazer um comentário inocente sobre a aparência de seu senhor sem despertar suspeitas.

— Nunca o vi fazer comentários inocentes a respeito de nada! Fale. O que deseja?

— Bem, eu me perguntava se milorde já se acalmou depois do infeliz... — Graves procurou as palavras certas para não irritar novamente lord Phillip —... incidente de ontem.

— Incidente? Aquilo foi um desastre! E esta manhã foi uma ruína. Por que não passar uma demão de cal em tudo isso?

— Como milorde parece ter-se acalmado, pensei que talvez pudéssemos discutir os próximos passos.

Phillip gostava daqueles momentos a sós com Graves. Desde o começo, o criado demonstrara que suas opiniões, em geral corretas, deveriam ser ditas mesmo para quem não as quisesse escutar. Graves era leal, esperto e sensato, qualidades que Phillip não atribuía a si mesmo. Por isso gostava de escutar as divagações do homem, que atingia o âmago das questões sem muito esforço.

— E o que deverei fazer?

— Bem, estávamos discutindo as possibilidades...

— Oh, não! De novo os conselhos dos criados. Sei que os boatos correm, mas nunca lhe disseram que os criados não devem fazer comentários?

— Milorde, quem o entende melhor do que a cozinheira ou os outros que o servem desde menino? Quer lhe agrade ou não, eles sabem o que é mais acertado.

— Poderia ao menos ter dito que a idéia era sua em vez do deixar-me saber que sou objeto de incansáveis debates. — Divertido, Phillip sacudiu a cabeça. — Diga, então, qual o a opinião de todos.

— Milorde deve exortar o dr. Thumberton a falar com a srta. Fitzsimmons em seu nome, pedir-lhe desculpas e marcar novo encontro.

Phillip não desejava encontrar-se mais com Jane depois de suportar tantos insultos e ofensas ao seu caráter, porém não podia negar que estivesse curioso a respeito dos comentários dos criados.

— E qual o propósito desse encontro?

— Bem, serviria para reiniciar a conversação sobre as possibilidades de seu casamento com a jovem. A cozinheira e eu gostamos muito dela.

Phillip ergueu uma sobrancelha.

— Já que a deixaram entrar sem verificar os documentos, seria uma redundância dizer isso.

— Milorde, ela é bonita e foi adorável e esperta. Além disso, sabe falar muito bem.

— Não esquecendo que é rica.

— Sem dúvida. Milorde pode melhorar muito a situação — Graves fitou o robe de seda vermelha sobre a cama de Phillip — e também piorar bastante.

Phillip ignorou a insinuação.

— Então, todos queriam me ver casado com a srta. Fitzsimmons, e depois do fiasco de ontem, resolveram dar-me conselhos?

— E por que não? Para começar, flores em quantidade. E também um ou outro mimo. Algo simples e elegante. Tenho certeza de que milorde saberá o que é apropriado.

— E os presentes serviriam...

— Para demonstrar o quanto milorde sente pelo infeliz mal-entendido.

Phillip saiu do quarto, foi para o corredor e desceu a escada, seguido por Graves.

— Há um problema com o seu plano.

— Do que se trata, milorde?

— Não sinto o menor remorso. Jane Fitzsimmons é maluca. Já fui casado com uma e não pretendo repetir o erro. A grande vantagem do que houve ontem foi eu descobrir a verdadeira personalidade dela antes de dar o passo decisivo.



Chegaram ao saguão, onde Graves entregou a Phillip o chapéu, as luvas e a bengala.

— Então não há nenhuma chance, milorde?

O acabrunhamento de Graves deixou Phillip penalizado.

— Sinto muito, Graves, mas não há. — Phillip abriu a porta e saiu. A noite estava muito fria e garoava.

— Sua capa, milorde — o criado antecipou-se ao pedido de Phillip, que sorriu.

Encontrar Graves havia sido a melhor coisa que lhe acontecera nos últimos anos!, Phillip disse a si mesmo.

— Não me espere, Graves. Voltarei tarde.

Graves chamara um coche de aluguel, que aguardava na porta. Phillip deu ao cocheiro as últimas moedas que encontrou no bolso, subiu e recostou-se no assento. Em algumas horas teria de se encontrar com Margaret. Embora ela tivesse passado a noite anterior na cama dele, o relacionamento havia sido arranhado após o incidente na sala de estar. E Margaret adorara descobrir que a criada e Jane Fitzsimmons eram a mesma pessoa.

Phillip não estava com disposição para encontrar Margaret e seus amigos. Mas, como aceitara o convite havia semanas, não tinha como não comparecer à festa sem despertar falatórios a respeito de sua situação financeira, de seu relacionamento com Margaret e coisas do gênero.

Para se animar, passaria algumas horas no clube. Beber e jogar levantaria seu ânimo combalido.

Phillip deixou a capa e demais pertences na chapelaria e passou pelos salões lotados rumo às mesas de jogos nos fundos. No trajeto, conhecidos o paravam para uma conversa ou para oferecer um drinque. Sentia-se uma verdadeira sanguessuga, mas não podia deixar de alegrar-se. A bebida oferecida não aumentaria sua conta já excessiva.

Vários jogos de azar estavam disponíveis naquela noite. Escolheu os dados e se dirigiu a uma cadeira vazia ao lado de um amigo que acenava.

Acenou para um dos empregados da casa e requisitou um recibo de crédito para jogar. Era o que fazia todas as noites havia mais de uma década. O homem não se aproximou de imediato e Phillip aborreceu-se com a demora. E antes de sair à procura do camarada, um outro apareceu a seu lado.

— Por gentileza, lorde Wessington, o sr. Stevens deseja falar-lhe.

Stevens era dono do estabelecimento herdado do pai e do avô. Embora ele sempre se mostrasse muito cortês, Phillip tinha a impressão de que Stevens pouco se importava com os outros. Um traço em comum entre os dois. Phillip também não se importava com a sociedade.

Phillip estivera várias vezes no escritório de Stevens e achou o convite natural.

— Wessington. — Stevens o recebeu e, em seguida, fitou o criado. — Feche a porta, não desejo ser interrompido.

O homem saiu em silêncio.

— O que há de novidade para mim? — indagou Phillip.

— Nada de especial — Stevens respondeu. Era um homem de seus trinta e poucos anos, loiro de olhos azuis e aspecto rude que as mulheres adoravam. — Apenas precisamos conversar antes que se sente à mesa de jogo. É importante.

Phillip alarmou-se. Naquela sala só haviam discutido a respeito de novas diversões para romper o aborrecimento deles e dos amigos.

— Sim?

— Wessington, de maneira diferente de outros clubes, tenho um limite de débito para os meus fregueses. Não quero ser responsável por atirar na rua a família de um homem.

— Eu o conheço e sempre o admirei por isso. Mas o que o fato tem a ver comigo?

— Milorde excedeu o seu limite.

A ofensa foi do tamanho da vergonha e apenas a educação impediu Phillip de esbravejar.

— Seja objetivo — ele pediu, altivo.

— Sinto muito, Wessington. Eu o conheço há muito tempo, mas não será mais possível suportar suas perdas.

— Está me mandando embora?

— Na verdade, milorde, não será mais bem-vindo para jogar, beber ou comer. Não o quero de volta nem como convidado de alguém.

Phillip fitou-o com olhar faiscante e levantou-se. O camarada nem se envergonhava pelo tratamento dispensado a um par do reino. A pobreza tornava todos iguais.

— Cão danado! Meu avô foi membro fundador deste clube, e meu pai, um dos primeiros freqüentadores!

— Sei disso, Wessington. E os dois sempre pagaram as contas em dia.

— Eu o verei arruinado por isso!

Phillip entendeu que não poderia ter dito frase pior. Sem dinheiro, perdera muito de seu poder, e Stevens dirigia um dos clubes mais exclusivos e bem freqüentados de Londres. Todos aspiravam a ser sócios do mesmo.

— Se fizer isso, Wessington, terá de explicar por que foi convidado a se retirar. Prometo que esta conversa será mantida em segredo. Se perguntarem o motivo da sua ausência, eu o pouparei do embaraço e direi que nada sei. — Stevens também se levantou e os dois se encararam. — Sei que não vai acreditar, mas estou fazendo isso para o seu bem. Volte quando puder pagar. Quando se reerguer, será sempre bem-vindo. Antes disso, não o deixarei entrar.

A imprecação de Phillip foi grunhida, e ele virou-se sem outros comentários.

O porteiro o aguardava com a capa e demais objetos. Sem demonstrar o ódio que sentia, Phillip permitiu que o homem o ajudasse a envergar o agasalho e agradeceu com um aceno de cabeça.

Saiu na noite gelada e desejou encontrar um conhecido que lhe oferecesse uma volta para casa gratuita. Não viu ninguém saindo e ele não se sentaria na escada para esperar como um mendigo.

A rua estava coalhada de carruagens que levavam as pessoas para os divertimentos noturnos.

Phillip Wessington, oitavo conde de Rosewood, sexto conde de Ravenwood, quinto barão de Abbeysford, não tinha uma moeda no bolso para alugar um veículo. Sozinho, envergonhado, com raiva e muito desalento, abaixou a aba do chapéu para esconder o rosto e iniciou um longo e fatigante regresso para casa.

Phillip não poderia afirmar que uma reviravolta no destino o havia feito chegar em frente à pequena casa ocupada por Jane Fitzsimmons. Depois de deixar o clube, ele andara sem rumo e em vez de virar na direção certa, continuara em frente. Mesmo se afirmasse estar vagueando pela noite nevoenta, seu inconsciente o tinha levado a um objetivo certo.

Até aquele momento, ele conseguira manter em segredo a extensão de sua falência. Mas, com o banimento do clube, não haveria como impedir a maré de boatos e especulações. Confiava em Stevens e era certo que o sujeito nada diria a ninguém. Mas os empregados se deliciariam com as novidades e as passariam adiante. Os comentários chegariam aos membros da sociedade, os quais ficariam sabendo da expulsão do conde de Rosewood do clube. Conhecedor da instabilidade emocional na nobreza, Phillip teve

certeza de que, em breve, seria impedido de freqüentar os lugares a que estava habituado.

A imagem de Jane passou por sua mente. Em pé na pequena sala da casa alugada, mãos na cintura, corada de ódio, arfante, respondendo às palavras e aos gritos com determinação e sem medo. Ele e os amigos a haviam ofendido. Envergonhou-se e sentiu pesar por haver sido flagrado em seus piores momentos e por ela ter sido tão maltratada.

Phillip hesitou com a mão na tranca do portão, quando a porta da frente foi aberta. Ele prosseguiu o caminho e escondeu-se nas sombras. Jane apareceu na entrada com uma lamparina na mão e despediu-se da sra. Elizabeth Carew e de mais duas pessoas que deviam estar saindo para se divertir. Ela esperou o coche se afastar, entrou e fechou a porta.

Phillip ficou parado por algum tempo, sem saber o que fazer. Jane encontrava-se sozinha, provavelmente sem uma dama de companhia. Uma boa oportunidade para falar-lhe com franqueza. Uma luz foi acesa no andar superior e Phillip teve a impressão de tratar-se da sala de estar onde estivera na véspera. Nem mesmo sabia se ela atenderia a um chamado tão tardio. Se atendesse e o visse, poderia se recusar a recebê-lo.

Sem pensar duas vezes, aproximou-se novamente do portão, abriu-o e foi até a entrada. Girou a maçaneta e a porta se abriu, pois não fora trancada após a partida dos amigos.

— Jovem tola e interiorana — Phillip sussurrou ao entrar no hall escuro.

Se nada mais acontecesse naquela noite, pelo menos teria a oportunidade de explicar a Jane alguns dos perigos que afligiam os moradores de uma grande cidade.

Ele se deteve por alguns instantes para acostumar a vista à penumbra. Não se ouvia nenhum barulho, nem mesmo de criados. Se houvesse algum, já devia estar recolhido. Por baixo da porta da sala de estar, via-se uma luz. Tirou o chapéu, as luvas, a capa e o casaco molhados, deixou-os sobre uma pequena mesa e subiu os degraus. Não havia fogo aceso na lareira e a casa estava fria.

Parou no alto da escada e procurou escutar sons. Não ouviu nenhum. Entreabriu a porta e espiou. Havia uma lamparina acesa, e o fogo da pequena lareira esquentava a sala. Jane estava na janela e observava a noite chuvosa.

Ela trocara de roupa. Em trajes de dormir, usava meias grossas de lã, sem sapatos. A faixa do penhoar amarrada valorizava a cintura fina. Os cabelos soltos alcançavam as suaves curvas dos quadris e refletiam a luz das chamas. De perfil, era possível ver a testa franzida e o modo como a srta. Fitzsimmons mordida o lábio inferior. Adorável e triste, foi a impressão que ocorreu a Phillip de imediato.

Sem desejar assustá-la, entrou para que ela o visse por inteiro ao se virar.

— Se tivesse um pêni no bolso, eu lhe daria por seus pensamentos. — Phillip ergueu as mãos para cima em um gesto de paz. — Mas como não tenho...

— Lorde Wessington.

— Olá, srta. Fitzsimmons.

— Olá.

Jane nem se surpreendeu ao vê-lo. Phillip ocupara-lhe os pensamentos de tal modo que lhe pareceu natural que ele tivesse vindo. Era possível que sua idéia fixa o houvesse atraído.

Sob a luz bruxuleante das chamas, o conde parecia ameaçador. Os cabelos úmidos pela chuva tinham sido alisados para trás com as mãos e algumas madeixas colavam-se na testa. O rosto barbeado acentuava os ângulos definidos do rosto. A camisa molhada e colada ao corpo ressaltava os ombros largos e o peito musculoso. Pelo colarinho aberto e nos braços expostos pelas mangas arregaçadas, viam-se os pêlos escuros. Jane sentiu os dedos formigarem com vontade de acariciá-los.

Seriam sedosos e macios? Ou ásperos como molas?

Ela afastou depressa tais pensamentos. Apesar de muito atraente, Phillip não passava de um patife arrogante.

— Posso me aproximar? — Ele apontou a lareira. — Está muito frio no hall.

Jane percebeu que Phillip a analisava com interesse idêntico ao dela. Aflita, puxou as lapelas do penhoar para cobrir cada centímetro da camisola.

— Milorde não deveria estar aqui. Não estou vestida adequadamente e isso é muito impróprio.

Phillip sorriu, entrou e fechou a porta.

— Não há ninguém para ver, e se a senhorita não disser nada, eu também não direi.

— A sra. Carew poderá voltar a qualquer momento.

— Imagino que sim. Eu me encontrava na rua e a vi sair.

Jane não estava acostumada que a vissem naqueles trajes. Nem mesmo diante do pai ela aparecia sem sapatos. E, agora, estava de camisola diante de um estranho!

— Na ausência de Elizabeth Carew, não posso permitir sua permanência aqui. Seria muito inconveniente.

— Estou encharcado até os ossos. Srta. Fitzsimmons, está pensando em atirar-me de

novo nas ruas molhadas sem a oportunidade de um pouco de aquecimento?

— Bem... creio que não. — Jane suspirou. — Não tenho nenhuma criada no momento, mas posso preparar um pouco de chá quente.

— Não, obrigado. Quero apenas ficar perto do fogo por alguns minutos.

— Milorde é quem sabe.

Phillip foi até a lareira e estendeu as mãos para absorver o calor. A silhueta que se desenhava na frente das chamas era de tirar o fôlego. Gregory também era bonito, mas não se comparava a Phillip Wessington.

— O que milorde estava fazendo na rua em uma noite como esta? Sua mãe nunca lhe disse que se pode morrer tomando tanta chuva?

Phillip olhou por sobre o ombro.

— Ela não teve oportunidade de me avisar. Morreu quando eu ainda era um bebê. E sua mãe diria isso?

— Talvez, se estivesse entre nós. Ela morreu quando eu era uma menina.

Eles se entreolharam diante da primeira informação pessoal que trocavam e as palavras tiveram um significado especial na casa escura e quieta. Jane foi até o aparador e mexeu nas garrafas.

— Eu não bebo. — Ela serviu um líquido ambarino em um cálice. — Mas acho que este é um conhaque francês.

Ao aceitar o cálice oferecido, Phillip roçou os dedos frios na mão quente de Jane. E ambos tiveram vontade de entrelaçar os dedos, ele para absorver o calor e ela para repartir o seu.

Phillip tomou o drinque de uma só vez e esperou ser servido de novo. Dessa vez ele apenas bebericou o conhaque.

— Obrigado, srta. Fitzsimmons. Isso ajudará a me esquentar.

Jane sentiu-se constrangida com o olhar intenso de Phillip e foi até a janela. Ele a seguiu, encostou uma das mãos na parede e espiou a rua.

— A senhorita estava pensativa quando entrei. O que a preocupava?

Ela hesitou, pensou em mentir, mas desistiu.

— Eu pensava em milorde.

— E qual o assunto?

— Estava imaginando o que lhe diria se pudesse convencer o dr. Thumberton a conseguir um novo encontro.

— E decidi o que seria adequado? Jane esfregou a ponta do pé no tapete.

— Bem, creio que deveria ser alguma coisa no sentido de lamentar o que eu lhe disse anteriormente. Sobre sua família, sua casa e seus amigos.

— A senhorita lamenta? Jane deu de ombros e sorriu.

— Não muito, mas eu deveria desculpar-me de qualquer forma.

Phillip achou graça.

— Estilo interessante o seu, srta. Fitzsimmons. E o que diria se Thumberton conseguisse o encontro?

— Eu estava me preparando para rastejar um pouco.

— Não creio que a senhorita desempenhasse bem o papel.

— Sou péssima, mas tudo se consegue com um pouco de prática.

— O orgulho é um bocado amargo para engolir, não é?

— Sim, e eu odeio fazer isso.

A risada de Phillip despertou emoções em Jane que não lhe agradaram.

— E o que milorde teria dito caso houvesse esse encontro?

— Bem, suponho que fosse alguma coisa no sentido de lamentar — Phillip usou as palavras dela — o que a senhorita teve de presenciar na minha casa e pela maneira rude como foi tratada.

— Milorde lamenta? — Jane repetiu a pergunta de Phillip.

— Sim. Eu sinto muito por isso. — Phillip fitou-a. — Eu gostaria que aceitasse minhas sinceras desculpas.

— Eu as aceito, milorde, e espero que aceite as minhas. Por entrar em sua casa sem ser convidada e pela maneira como me comportei depois.

— Desculpas aceitas. — Phillip terminou de tomar o conhaque e deixou o cálice no peitoril da janela. Encostou um ombro na parede e cruzou os braços na altura do peito. — A senhorita ainda não me disse por que resolveu ir à minha casa.

— Tenho de tomar uma decisão importante que vai alterar a minha vida em pouco tempo e não acreditei que pudesse fazê-lo por intermédio dos breves encontros agendados pelo dr. Thumberton. Por isso decidi fazer uma investigação por minha conta, o que me

pareceu uma boa idéia de início.

— Mas não depois.

— Acertou, lorde Wessington. Não fui à casa de mais ninguém.

— E como transcorreram as outras entrevistas? — Phillip desconfiou do fracasso de todas elas.

— Foram péssimas. Por isso terei outro encontro com o dr. Thumberton amanhã cedo. Minha amiga Elizabeth me convenceu de que ele é um homem confiável e, se é tão seu amigo, provavelmente não faltam qualidades a milorde. Pensei em perguntar ao dr. Thumberton quais seriam seus atributos positivos. — Jane inquietou-se com o olhar fixo e intenso e voltou o rosto para as chamas. — O que acha que ele responderia?

— Provavelmente alguma asneira semelhante a eu possuir um coração decente e padrões morais elevados. Porém diante da vida que tenho levado e das coisas que têm acontecido comigo, minhas melhores virtudes estão bem escondidas.

— E ele estaria certo?

Phillip pensou em mentir, mas considerou que o momento era para franqueza.

— Creio que não.

Espantada pela resposta, Jane tornou a fitá-lo e notou o olhar malicioso.

— Milorde não possui nenhum dom positivo que possa redimi-lo?

Phillip passou a mão nos cabelos molhados e sentou-se no peitoril da janela.

— Nenhum. — A admissão até seria engraçada se não fosse verdadeira.

— Milorde está sendo severo demais consigo mesmo. Não existem pessoas sem virtudes.

— No meu caso, existe, e acho que a senhorita desconfiou disso desde o começo. Eu sou um patife grosseiro. Bebo, jogo e passo as noites em farras. Nunca trabalhei um dia na minha vida. Sou filho único de uma família cheia de títulos e creio que nunca esperaram nada mais do que isso de mim. Acredite, essa é a minha maior qualidade. Aproveitar as vantagens de meus títulos nobiliárquicos. Jamais trabalhei nem me preocupei com isso.

— Digamos que milorde foi um pouco mimado.

— Talvez em excesso. — Phillip sorriu, sincero.

Jane não podia acreditar na veracidade daquelas palavras.

— E milorde sempre fez tudo à sua maneira?



— A vida toda.

— E só procurava divertir-se? — Jane não o olhou, mas desconfiou de que ele anuía.

Os dois fitaram as chamas, e Phillip riu com um brilho no olhar.

— Se eu tivesse um pouco mais de dinheiro, poderia divertir-me em grande escala. É terrível fazer qualquer coisa sem recursos.

— Por que milorde veio andando na chuva?

— Minha última carruagem foi confiscada pelos credores e, quando saí do clube, não tinha uma moeda no bolso para alugar um coche.

Jane sentiu-se comovida pelo estado de penúria a que Phillip chegara. Imaginou quais seriam as emoções de um cavalheiro notório e orgulhoso que perdera tudo. O mundo de Phillip devia estar tão em frangalhos como o dela.

— Tenho dinheiro na minha bolsa. Lembre-me e eu lhe darei um pouco antes de milorde sair!

— Eu ficaria muito envergonhado em aceitar.

— Não me importo em entregar-lhe algumas moedas. Não posso imaginá-lo caminhando sozinho nesta noite chuvosa.

— Sou digno de pena, não é? — Phillip suspirou.

— Não é nada disso. Sinto muito por seus problemas.

— Não se preocupe, sou responsável por eles. — Phillip segurou-lhe a mão.

O toque inesperado e íntimo fez Jane erguer o olhar e admitir que estavam próximos demais. E tornou a pensar na impropriedade da situação que, no entanto, lhe parecia natural. Sentados no peitoril, de mãos dadas, na frente da lareira, trocando confidências.

— Acho que temos alguma coisa em comum — Jane disse e estremeceu. — Eu também trouxe meus problemas à tona.

— Como assim?

— Vim a Londres para arranjar um marido.

— O casamento é um problema para a senhorita?

— Pelo menos essa idéia não estava nos meus planos — ela admitiu com franqueza.

— Por ora ou para sempre?

— Certamente não agora e talvez nem no futuro. Phillip se mexeu e Jane ficou imóvel. Qualquer movimento os deixaria ainda mais próximos.

— Posso chamá-la de Jane?

Ela sentiu arrepios pela maneira lenta e sensual como ele pronunciara seu nome. E mesmo consciente da inconveniência do uso de seu nome de batismo, consentiu.

— Creio que... pode.

— Jane, eu a considero muito bonita e simpática. Com certeza deve ter muitos pretendentes à sua volta. Por que ainda não se casou?

— Meu pai foi muito bondoso em permitir que eu tomasse algumas decisões e recusei o pedido de alguns cavalheiros.

— Por quê?

— Eu amo o que faço no estaleiro e tive receio de que um marido pudesse impedir-me de exercer meu trabalho.

Jane não achou necessário explicar que os jovens cortejadores sempre lhe pareceram tolos. Nenhum deles disparara seu coração nem lhe provocara calafrios na espinha. Desde a adolescência conservava a convicção de que teria de casar-se em melhores condições do que suas conhecidas haviam feito. Elizabeth era um exemplo típico com aquele marido enfadonho. Estremeceu ao pensar em existência tão deprimente que acabaria por enlouquecê-la. Bem melhor permanecer solteira.

— Se seu pai sempre foi tão compreensivo, por que essa pressa repentina em casá-la?

Jane decidiu revelar uma parte da verdade. Não seria preciso contar assuntos particulares da família, e falar de seu amor por Gregory seria sumamente desagradável nas atuais circunstâncias.

— Eu me entusiasmei por um cavalheiro que não foi do agrado de meu pai.

— Entendi.

Phillip imaginou quem seria o camarada. Um marinheiro? Um dos construtores navais?

— E não a incomodou aceitar as determinações dele sem reclamar?

— Tenho de acatar as ordens de meu pai. Ele me proibiu de reassumir meu posto no estaleiro até eu estar casada no mínimo por seis meses.

— E esse trabalho significa muito para você, não é?

— Sim. É toda a minha vida e eu não poderia casar-me com alguém que não entendesse isso.

Phillip deu um sorriso amarelo. Se o casamento se concretizasse, ele jamais a deixaria voltar para Portsmouth. As propriedades Wessington a manteriam bastante ocupada e ela acabaria por esquecer os negócios da família.

— Entendo como isso é importante para o seu coração. Seria uma maldade mantê-la afastada do que tanto gosta.

A mentira veio naturalmente e não deixou nenhum sentimento de culpa. Tudo se encaminhava para um desfecho bem melhor do que ele pudera esperar ou planejar.

Jane olhou as mãos unidas e sentiu Phillip traçar-lhe círculos na palma com o polegar. Era estranho que tal movimento em um lugar tão inócuo a fizesse estremecer. A intensa sensação impediu-a de concentrar-se no que ele dizia.

— O que foi que disse, milorde?

— Que talvez tenhamos mais coisas em comum do que imaginamos. E que deveríamos conversar sobre a necessidade que temos de nos casar.

Phillip precisava apenas descobrir mais uma coisa. A responsabilidade com seu título exigia um herdeiro e por isso teriam de ter relações ocasionais. Não precisava de um turbilhão sexual na cama. Isso ele tinha em demasia. Queria uma jovem que estivesse disposta a aprender e a participar daquela nova experiência. Para ter certeza, seria necessário fazer alguns testes.

Jane tentou desvencilhar-se, mas ele não a soltou.

— Creio que milorde não deveria fazer isso.

— E por quê?

Ela notou que Phillip possuía cílios longos e negros. Lindos.

— Não seria decente... e nós mal nos conhecemos. Jane deu um puxão, mas Phillip levou a mão dela aos lábios. Ela arregalou os olhos, surpresa, quando ele lhe beijou o meio da palma com lábios cálidos e suaves.

Dessa vez ela se desvencilhou, levantou-se e caminhou até a lareira. Um beijo quase inocente provocara um redemoinho em suas emoções e Jane não sabia como evitar aquela sensação curiosamente agradável.

Phillip não estava disposto a permitir que a tensão entre eles se rompesse. Precisava saber até que ponto Jane suportaria e qual seria a reação. Seguiu-a e parou atrás dela. Segurou-a levemente pelos ombros, aninhou o rosto nos cabelos soltos e inalou a

fragrância de lilases.

— Por que está fazendo isso comigo? — Jane perguntou com voz trêmula.

— Porque desejo tocá-la. Sei que é inocente, mas certamente não ignora que teremos de enfrentar intimidades quando estivermos casados.

— Eu sei disso.

— Eu queira experimentar a sensação de tocá-la e saber se isso lhe agrada.

Phillip beijou-lhe a orelha e encostou-se em Jane. Do peito às coxas, sentiu-lhe as costas e os quadris. No primeiro instante ela se retesou e, depois de hesitar alguns segundos, descontraíu-se, o que tornou o contato mais íntimo.

Phillip afastou-lhe os cabelos longos, expondo o pescoço e uma parte do ombro. Beijou-lhe a pele alva enquanto a abraçava pela cintura. Pressionou a virilha nos quadris de Jane, que não reagiu. Phillip imaginou se ela não entendia a manifestação de sua rigidez ou se aquilo não a perturbava.

— Case-se comigo, Jane.

— Oh, milorde, eu não sei — ela respondeu num gemido. Os lábios úmidos e os dentes que lhe mordiscavam a pele exacerbavam as emoções da recatada Jane. Ainda mais os braços que a enlaçavam, os ombros largos e o peito pressionados em suas costas, e o baixo-ventre encostado em seus quadris!

Phillip não se incomodava em deixá-la perceber que se encontrava estimulado. A idéia de que poderia excitar um homem como ele trazia uma nova onda de estremecimentos no ventre e na junção entre as pernas de Jane. Nos braços do conde, ela sentiu-se linda e desejável. A procura de novas sensações, Jane deitou a cabeça de lado, expondo mais pele para as carícias. Ergueu a mão e puxou o rosto de Phillip para mais perto.

— Case-se comigo — ele sussurrou e atendeu-lhe à sugestão muda.

Jane fechou os olhos para aproveitar integralmente a deliciosa agonia a que Phillip a submetia com a boca. E não o impediria de continuar por nada desse mundo, por mais que lhe parecesse indigno.

— O que milorde poderia dar-me pelo casamento que ainda não tenho? — A voz arfante nem parecia dela.

— Eu lhe darei o meu nome.

— Lorde Wessington, eu tenho um que é respeitado em todo o reino e através dos mares.

- Permitirei que compartilhe do meu título.
- Não preciso de nenhum.
- Das minhas propriedades.
- Tenho uma que é muito boa.
- E a minha paixão não lhe interessa?

Phillip virou-a e Jane não protestou. Ele beijou-lhe levemente as pálpebras, o arco das sobrancelhas, as faces e o queixo. Os lábios deixavam uma trilha de fogo por onde passavam e Jane esperou, ansiosa, o beijo de verdade que não vinha. Gemeu ao sentir a boca de Phillip embaixo do queixo e no pescoço.

Sem titubear, ela experimentou o sabor da face e da testa de Phillip. Ousada, passou os dedos pelos cabelos escuros e sedosos e adorou senti-los ainda úmidos da chuva. Tocou os ombros largos e sentiu a musculatura movimentar-se ao enlaçá-la. Encontrava-se totalmente envolta pelos braços, pernas e coxas de Phillip, que lhe acariciava as costas de cima a baixo.

Ele beijou-lhe o canto da boca em um convite. Ergueu os cabelos longos e aninhou a cabeça de Jane na mão.

- Vou beijá-la — Phillip sussurrou com voz sedutora.
- Sim, faça isso — ela murmurou sob os lábios dele.

Era o que Phillip esperava ouvir. Testou e aprovou a suavidade de Jane, e sua excitação alcançou níveis elevados. Para sua surpresa, o momento lhe agradava muito mais do que o previsível. A beleza de Jane era natural, sem os artifícios das mulheres experientes a que estava acostumado, o que tornava inigualável o prazer do beijo.

Mulheres experientes como Margaret proporcionavam diversões interessantes, mas a inocência fora havia muito perdida junto com o poder de maravilhar-se com tudo, e atitudes simples pareciam sempre ter um motivo escuso. A surpresa de Jane era genuína; a alegria, honesta; e o deleite, inebriante.

Ao ser beijada, um gemido surdo de satisfação escapou da garganta de Jane, que tremia nos braços de Phillip. Ele tinha certeza de que havia uma grande dose de paixão escondida e pronta para ser liberta. Para sua própria surpresa, desejou ser o responsável pela liberação daquelas emoções.

Jane hesitou a princípio, sem estar certa do que Phillip pretendia ao passar-lhe a ponta da língua nos dentes. Mas assim que sentiu o toque em sua própria língua, entendeu

O prazer que ele lhe oferecia e se deliciou com a dança do reconhecimento. E quando ficou na ponta dos pés para abraçar-lhe o pescoço, ouviu o gemido de prazer de Phillip, que a apertou mais entre os braços.

O penhoar se abriu e o tecido fino da camisola não foi impedimento para Phillip sentir atração pelo corpo delicado.

Busto pequeno, perfeito, e mamilos eretos estavam pressionados em seu peito. As pernas longas e bem torneadas, entrelaçadas com as dele, os músculos flexíveis das coxas, o montículo feminino apertado contra a masculinidade rígida. O sabor e o perfume do corpo de Jane eram extraordinários. Phillip Wessington, o experiente galanteador, não sabia como conseguiria parar.

Naquele ano Jane tivera várias oportunidades de abraçar e beijar Gregory. Mas nada se comparava ao que sentia no lado de Phillip, praticamente um estranho. Ele movia a língua dentro de sua boca no mesmo ritmo em que mexia os quadris. Não se mostrava envergonhado pela excitação impossível de ser contida e friccionava-se em Jane com energia.

Phillip comprimia a ereção entre as coxas de Jane, e ela sentiu uma contração angustiante na junção e o fogo espalhar-se pelo busto e abdômen. Enquanto ele prosseguia naquele jogo enlouquecedor com a boca e os quadris, acariciava-lhe as costas o tempo todo com as mãos espalmadas. Trouxe-a ainda mais de encontro a ele, segurou-lhe as nádegas e apertou-as, deixando pouco à imaginação.

Jane, ao consentir ser beijada, imaginou algo parecido com os abraços castos de Gregory que começavam e tinham fim sem problemas. Com Phillip, as intensas sensações não previam nenhum final. Ao contrário, pediam continuidade.

Jane sentiu falta de ar e afastou-se dele, arfando.

— Milorde, por favor, espere um pouco.

Phillip recuou, consciente apenas da presença de Jane. Os lábios dela estavam inchados e úmidos, e os olhos, arregalados.

— Case-se comigo, Jane. — Dessa vez foi uma ordem e Phillip beijou-lhe a veia pulsante do pescoço.

— Lorde Wessington. — Ela suspirou e procurou afastar a cabeça, o que facilitou o acesso para Phillip.

— Diga o meu nome.

— Wessington.

— O nome de batismo. Quero ouvi-lo dos seus lábios.

— Não posso... — Jane sacudiu a cabeça, o Phillip tornou a beijá-la.

E o beijo intensificou-se. Ela nem percebeu como foi parar de costas no sofá com Phillip estendido a seu lado. Ele cobriu-lhe a feminilidade com a coxa poderosa fez uma compressão ritmada com o joelho que, por instinto, Jane acompanhou com os quadris. Phillip desatou as fitas que prendiam o corpete da camisola. E o alarme soou para Jane quando sentiu as palmas dele entre seus seios.

Tentou segurar-lhe os pulsos, mas Phillip já massageava um mamilo entre os dedos. O prazer foi extraordinário e Jane sentiu um calor úmido entre as pernas. Procurou soltar-se e afastou seus lábios dos dele.

— Por favor, milorde, temos de parar com isso.

— Não, agora não posso.

— Por favor — ela implorou.

— Preciso do seu calor e da sua formosura, Jane.

Ouvir um homem como Phillip afirmar que precisava dela era quase um desastre. Embora Jane protestasse, seu corpo traidor se arqueava, expondo o busto, que pedia carícias e aceitava o que Phillip oferecia.

Ele não conseguia raciocinar. Queria apenas faltar sua sede, esconder-se dentro de Jane e nunca mais sair dali. Beijou-lhe mais uma vez o pescoço alvo e depois o vale entre os seios, que deixou umedecidos.

— Milorde está me assustando.

— Não tema — Phillip murmurou. — Eu nunca a faria sofrer.

Em parte, Jane desejava que ele continuasse o que estava fazendo. Teve vontade de pedir-lhe para alcançar os mamilos sob o tecido da camisola e beijá-los. Talvez assim desaparecesse a agonia que a atormentava, dizia-lhe o instinto. Mas a mente teimava em gritar que era preciso parar.

Jane tornou a mexer-se, procurando evitar que Phillip a beijasse de maneira tão íntima.

— Por favor, lorde Wessington...

Phillip demorou alguns momentos para absorver o que ela dizia. Ardendo de desejo, queria possuir Jane ali mesmo no sofá. A necessidade de envolver-se em seu frescor, espontaneidade e inocência, era avassaladora. Algo extraordinário e maravilhoso parecia acenar com energia. Se a segurasse, saberia do que se tratava. Mas Jane lutava para

soltar-se, e o bom senso prevaleceu.

Embora desejasse irromper dentro dela para aliviar a própria angústia, Phillip teve de conter-se. Jane fitava-o com inquietação e medo. Mais devagar do que deveria, ele retirou a mão de sob a camisola e aproveitou para acariciar cada seio. Jane fechou imediatamente a abertura do corpete.

Phillip considerou-a adorável com os lábios inchados, o busto que arfava sob o tecido fino e os cabelos desgrenhados.

— Meu Deus, quanta beleza, Jane...

— O que milorde não deve estar pensando de mim! — ela falou com tremor na voz.  
— Sinto muito.

— Eu não. — Phillip continuou abraçado com Jane, acariciando-lhe as costas.

— É sempre assim quando... quando milorde...

— Raramente é assim. O que aconteceu foi muito especial e me fez pensar que combinaremos muito bem.

Phillip deslizou do sofá para o chão, ajoelhou-se ao lado de Jane, ajudou-a a sentar-se e segurou as mãos dela entre as suas.

— Não posso prometer-lhe amor e devoção imorredouros, pois não nos conhecemos o suficiente para que sentimentos poderosos tenham brotado entre nós. Mas posso fazer uma promessa de honrá-la e respeitá-la. Serei um bom marido e espero, com o tempo, que amizade, confiança e respeito abençoem o nosso relacionamento. — Phillip não acreditava que tais coisas pudessem ser conseguidas em um enlace, mas a necessidade permitiu que as mentiras rolassem soltas. — Jane Fitzsimmons, poderia conceder-me a grande honra de aceitar ser minha esposa?

Qual mulher no mundo permaneceria impassível diante daquele homem maravilhoso ajoelhado e propondo matrimônio?

— Sim... creio que sim.

— Ótimo. — Phillip beijou-lhe a testa. — Nós nos reuniremos com Thumberton pela manhã para assinar os documentos. A cerimônia será realizada antes do final do mês. Está bem assim?

A mente de Jane girava em um turbilhão que a impedia de raciocinar.

— É... acho que sim.

Phillip levantou-se e ajudou-a a ficar em pé.



— Será melhor eu ir embora antes de a sua amiga voltar.

Jane levou um susto. No calor da paixão dos últimos minutos, ela se esquecera completamente de Elizabeth. Felizmente a amiga não retornara cedo. Com a sanidade voltando aos poucos, Jane procurou agir como a jovem educada que era.

— Lorde Wessington, o senhor precisa de algumas moedas para voltar?

— Talvez. — Phillip sorriu quando Jane pegou a bolsa, tirou o que havia dentro e entregou-lhe o dinheiro. — Devo admitir que um grande peso foi tirado das minhas costas e que eu preferia andar um pouco, apesar do frio.

Jane acompanhou-o até a porta da frente. Longe da lareira e do corpo quente de Phillip, ela sentiu o frio do recinto térreo. No hall, ajudou-o a vestir o casaco, a capa e as luvas. Quando ele pôs o chapéu, Jane sentiu o olhar fixo e não ergueu os olhos. Não entendia por que sentia o coração tão pesado num momento que deveria trazer-lhe grande alegria.

Phillip notou-lhe o semblante compungido e o olhar assustado. De maneira incomum, experimentou um aperto no coração e grande vontade de confortá-la. Levantou-lhe o queixo com um dedo e forçou-a a encará-lo.

— Para uma jovem que acabou de concordar em casar-se, não me parece muito satisfeita.

— Creio que estou feliz o suficiente. Feliz?

Phillip teve vontade de rir. As mulheres da Inglaterra dariam qualquer coisa para estar no lugar de Jane. Durante mais de uma década, hordas de mães atiravam suas filhas solteiras a seus pés, almejando por um título de condessa. Qualquer mulher, a começar por Margaret, sonhava com aquela possibilidade. E Jane certamente preferia arrancar um dente.

— Por que essa fisionomia tão triste? — ele quis saber.

— Sempre imaginei que me casaria por amor.

Phillip se encantava pela honestidade com que ela expressava os sentimentos.

— Jane — ele apertou-lhe a mão —, o amor é uma emoção transitória que se extingue com o tempo. Acredite em mim. Para que um casamento perdure, uma pessoa necessita contar com características mais fortes e confiáveis.

— Milorde não está preocupado por ter de se submeter a um arranjo formal como esse?

Phillip deu de ombros.

— No meu círculo social, casamentos resultam de acordos, e nunca por amor.

— Isso me parece muito errado.

— Mas é como as coisas são.

Jane estremeceu e Phillip abraçou-a.

— Volte para a sua lareira.

— É o que farei.

— Até amanhã. — Ele beijou-a levemente nos lábios. — E, pelo amor de Deus, tranque a porta depois da minha saída. Nunca se sabe quem pode vaguear pelas ruas londrinas.

— Tem razão.

Jane trancou a porta e subiu devagar a escada rumo à sala de estar. O coração e os pés pesavam como chumbo. A sala pareceu muito vazia sem a presença de Phillip. Largou-se no sofá onde havia pouco tinha se entregado a arroubos de paixão.

— O que eu acabei de fazer?

Jogara na sorte e escolhera o marido. O que aconteceria com ela?

### Capítulo III

Margaret dançava na pista do salão de baile e, sem perder o ritmo, perscrutava a multidão à procura de Phillip. Se estivesse presente, teria facilmente divisado pelos ombros largos e pela altura. Todas as mulheres viravam a cabeça para vê-lo e, por sua reputação de conquistador, elas ansiavam secretamente entrar nas festas de braço com ele. Mesmo as mais jovens arriscavam espiadas às escondidas das mães.

Phillip, acostumado à idolatria, nem notava a comoção que causava.

— Podem morder os dedos, tolinhas, pois ele é meu — ela murmurou ao olhar para a porta.

Como sempre, Phillip estava atrasado, o que a irritava. O anfitrião da noite tinha se esmerado em divertimentos no andar superior e mesmo Margaret sendo uma das poucas mulheres ali admitidas, precisava da companhia de Phillip.

Frederick Morris caminhava em sua direção. Era baixo e gordo, tinha cabelos

castanhos, frios olhos azuis e rosto escanhado, e era mais velho do que Phillip, embora gostasse de se trajar como juvenzinho.

Ele era bem recebido na sociedade, apesar dos boatos que corriam sobre sua perversão sexual. Ninguém se incomodava com os falatórios desairosos.

Era destino das mulheres submeter-se aos desejos dos homens. A própria Margaret fora dada em casamento por seu pai a um velho asqueroso, porém rico, que a deixava enojada quando encostava nela. Na adolescência, acreditara em amor e felicidade para sempre, mas o pai tinha se encarregado de desiludi-la ao anunciar quem escolhera para genro. Na noite de núpcias, a realidade da vida foi lhe apresentada. O amor não existia. Cada um tinha de cuidar de si mesmo ou morreria.

O mais importante consistia em descobrir a fraqueza do homem e aprender a usá-la em benefício próprio. Era o que Margaret sempre fizera. Morris era fascinado por meninas e, ao conhecer Emily Wessington, sentira violenta atração e pagaria uma fortuna por ela. Phillip precisava de dinheiro. Margaret queria Emily longe e Phillip feliz, por isso a união de Morris e Emily seria perfeita. Todos ficariam satisfeitos, menos Emily. Mas a quem importaria o sofrimento de uma criança?

— Lady Margaret — Frederick Morris saudou-a com um beija-mão. — Que prazer em vê-la. Está maravilhosa esta noite.

— Obrigada, senhor. — Ela sabia que era uma das mais bonitas do salão. — Bondade sua.

Depois de alguns minutos de conversa banal, Morris mudou de assunto.

— Wessington virá aqui esta noite?

— Já deveria ter chegado, senhor.

— Eu não o vejo há semanas. O que ele decidiu?

— Ainda está considerando a sua oferta.

— O que significa isso?

— Que ainda está considerando a sua oferta — Margaret repetiu.

— Na última vez que conversamos, milady disse que já o havia convencido.

— Quase, sr. Morris. Não totalmente. — Ele era uma pessoa muito desagradável para negociar, mas nem sempre se podia escolher bons parceiros. — Dê-me mais algum tempo.

— Quanto mais? Da primeira vez foi me pedido um prazo de seis meses. — A voz de Morris tornava-se aguda pela irritação, pois sonhava com Emily havia anos.

— Wessington está com problemas para chegar a uma decisão.

— Estou cansado de esperar e quero uma resposta.

— Tenho visto o contrato de casamento em cima da mesa de Wessington. Acho que ele precisa de um estímulo extra. Talvez um aumento na oferta.

— Já concordamos com dez mil.

— Que tal doze e meio? Seria conveniente para o senhor?

— Pode ser, mas se ele recusar, não darei uma libra a mais.

— Creio que a quantia o fará decidir-se. Os problemas financeiros de Wessington devem ser piores do que imaginamos. Um dinheiro a mais pode ajudá-lo a resolver o dilema.

— Espero que a senhora esteja certa. Estou cansado de incertezas.

— Tenha paciência, meu querido sr. Morris... Naquele momento o porteiro anunciou a chegada de Phillip. Ele parecia bem-humorado, o que agradou a Margaret sobremaneira, já que, animado, era um excelente companheiro na cama.

— Veja, lá está Wessington. Falarei com ele e lhe mandarei um recado amanhã.

Frederick afastou-se e Margaret observou a lenta aproximação de Phillip, que parava para conversar com seus numerosos conhecidos.

— Chegou atrasado — Margaret disse-lhe.

— Eu sei. Tive um compromisso de última hora que não pude adiar.

Ela estranhou a reposta, pois Phillip nunca se preocupara com desculpas.

— Ah, aqui está muito maçante. Eu o esperava para subirmos.

— Deveria ter ido sem mim.

Margaret mordeu a língua. Apesar do tempo que estavam juntos, Phillip teimava em agir como se não houvesse compromisso entre ambos.

— Vamos subir?

— E por que não?

Eles caminharam até os fundos da mansão, onde um criado montava guarda. O homem anuiu com um gesto de cabeça, afastou-se e deixou-os passar.

Um seleto número de convidados tinha acesso ao lado mais deprimente da celebração. Muitas pessoas ficariam scandalizadas com o que se passava sobre suas cabeças. Afinal, tratava-se de um baile respeitável freqüentado por donzelas casadoiras.

Os acontecimentos não chegavam ao conhecimento de muitos, em especial das mulheres mais sensíveis, que nem mesmo queriam escutar tais rumores.

Umás vinte pessoas se encontravam presentes na penumbra dos quartos, a maioria homens e algumas mulheres. Havia camas disponíveis para quem quisesse ou delas precisasse. Ópio chinês ficava à disposição dos que apreciavam a letargia e os sonhos provocados pela droga. No meio do quarto principal, havia um palco provido com uma cama grande. Ali, uma prostituta se ocupava com cavalheiros conhecidos. Outros poderiam ter sua vez mais tarde, sozinhos ou em grupos.

Margaret adorava observar relações sexuais depois de experimentar o ópio, e por isso foi para um dos cantos. Ultimamente, ela usava o cachimbo por mais tempo e com maior freqüência. Margaret se deliciava com as sensações causadas pela droga.

Phillip adiantou-se e impediu-a de começar.

— O que houve, Wessington?

— Preciso lhe falar em particular. — Enquanto ela ainda estivesse em condições de escutar.

— Ótima idéia. Também desejo lhe falar.

Margaret voltou para o corredor, seguida por Phillip, e eles entraram num quarto vazio. O conde trancou a porta, deitou-se na cama, afrouxando a gravata e o colarinho.

— Fale primeiro, Margaret.

— Antes da sua chegada, estive conversando com Frederick Morris.

— O que ele queria?

— Saber a respeito do contrato de casamento com Emily.

— Ainda não me decidi.

— Foi o que eu disse a ele. Morris me pediu para avisá-lo que está disposto a aumentar a oferta.

— Para quanto?

— Doze mil e quinhentas.

— Ele está mesmo ansioso.

— Bem, Emily é adorável.

Na verdade, Phillip nunca prestara muita atenção na menina. Mesmo assim, ainda

não decidira e Morris teria de esperar. No momento, seria desnecessário tomar uma decisão precipitada.

— Não vou decidir nada agora.

— Entendi. — Margaret deitou-se na cama ao lado de Phillip e descansou a mão no peito dele. — Santo Deus, Wessington, está ensopado!

— Estive caminhando.

— Não brinque!

— Estou falando sério. Eu precisava esfriar a cabeça. Tenho boas notícias e quero que você saiba em primeiro lugar, antes que as informações se espalhem.

— Fale logo, Wessington. Do que se trata?

— Decidi casar-me.

Phillip fez a revelação sem hesitar, como se estivessem falando a respeito do tempo, e não do futuro de Margaret. Ela sentou-se e encarou-o.

— O que foi que disse?

— Vou me casar. Fiz uma proposta que foi aceita.

— Agora não pode estar falando sério.

— Pois estou. Nós nos casaremos em duas semanas. Assinaremos os papéis amanhã cedo.

Margaret engoliu em seco. Enquanto ela aguardava com impaciência a chegada de Phillip, ele estava pedindo outra mulher em casamento! Teve vontade de matá-lo, de chorar e de rir ao mesmo tempo diante do absurdo da situação.

— E quanto a nós?

— Como assim?

— Sempre achei que poderíamos...

— Casar? Francamente, Margaret, algumas vezes a sua lógica me atordoa.

Ela corou. Jamais o deixaria perceber o quanto o canalha a ferira.

— Nós combinamos muito bem.

— Para um relacionamento informal, sim. Eu sempre lhe disse que jamais nos casaríamos. — Phillip percebeu a agitação da amante. — Por favor, não banque a histérica comigo.

— Como se valesse a pena desperdiçar os nervos com lorde Wessington. —

Margaret foi até a lareira e inspirou fundo para se recompor. — Quem é a felizarda?

— A herdeira da qual lhe falei. Margaret se virou e deu uma gargalhada.

— Definitivamente, milorde está brincando comigo! Aquela que estava bancando a criada na sua casa?

— Ela mesma.

— Aquela menina sem graça? Ao primeiro grito, ela se esconderá!

— Eu duvido. E gostaria que você guardasse para si as opiniões a respeito da minha noiva.

— Muito bem, mas não posso acreditar que esteja considerando o caso com sobriedade.

— Pois saiba que estou e já tomei minha decisão.

— Ela espera um marido de verdade!

— E é o que pretendo ser. Faremos uma cerimônia de casamento.

— Não é disso que estou falando, imbecil. Ela espera que o marido brinque de casinha. Que a acompanhe a todos os lugares, que jante em casa e que esteja presente ao café da manhã. Ela imagina que o marido passará o Natal em volta da lareira com a família e que será o pai de seus filhos. — Margaret esfregou os olhos e riu com maldade. — Até posso imaginar a cena. Phillip Wessington, o adorado pelas mulheres, sacudindo um pirralho em cada perna enquanto um terceiro se agarra em seu casaco.

— Não será nada disso.

— Não? O que o faz ter tanta certeza? — Margaret foi até a mesa lateral e serviu-se de conhaque. — Ela contará com o seu amor, Wessington, além de fidelidade e lealdade. Milorde não tem a menor idéia do que é isso.

— Não tenho intenção de ser fiel.

— A expectativa começará na noite de núpcias, quando fizer amor com sua esposa pela primeira vez. Phillip, ela é uma jovem plebéia para quem o leito matrimonial é de suma importância. Milorde a acariciará para descontraí-la, e ela imaginará que está vivendo um grande caso de amor.

— Está dando importância demais ao fato, Margaret.

— Estou? Quando foi a última vez em que se deitou com uma virgem? Ela se apaixonou, não é verdade?

— Como todas.

— Claro, é como elas são. Não entendem a realidade.

— Está dizendo que devo casar-me, mas não consumir o enlace porque minha esposa não compreenderá minhas intenções?

— Não é nada disso. Estou tentando ajudá-lo a entender que a idéia é ridícula. Se precisa de dinheiro, é só me pedir, Phillip. Eu lhe darei sem pestanejar e o salvarei desse problema, além de evitar que a garota fique de coração partido.

— Admiro a sua generosidade — ele falou com excesso de sarcasmo.

Margaret só agia com bondade quando queria algo em troca. Além do mais, a herança do marido era ínfima em comparação ao que Phillip precisava para saldar suas dívidas.

Margaret inspirou fundo. Entendia que seria inútil prosseguir na argumentação. Phillip era teimoso e, quando tomava uma decisão, não media as conseqüências. Seria preciso buscar caminhos alternativos.

— Wessington, se pretende prosseguir com essa idéia absurda, o que será de nós?

— Como assim?

— O que acontecerá conosco se pretende mesmo se casar?

— Não acontecerá nada.

Margaret sufocou um grito.

— Nós nunca mais nos veremos?

— Que bobagem, Margaret. Continuaremos a nos encontrar normalmente.

Phillip estendeu a mão, chamando a amante para a cama. Pensou nas mudanças e em como o dinheiro de Jane salvaria sua vida. Tudo se resolveria da melhor maneira possível.

— Eu me casarei, mas nada mudará entre nós.

Jane imaginara que o dia seguinte, após aceitar a proposta de casamento de um nobre atraente e poderoso como Phillip, seria muito mais romântico ou exótico.

Nada mais errôneo. Sozinha em seu novo quarto, olhava pela janela a inclinação dos jardins que terminavam no rio Tamisa. Poucas cores, muito cinza e tristeza. Num dia de verão, a vista provavelmente seria espetacular. Agora, nada se via além do fog.

Chegara à casa de Phillip, nos arredores de Londres, havia uma hora, depois de receber instruções de Thumberton, que a avisara ser aquele o desejo do noivo. A



mensagem de Phillip dizia que Jane deveria hospedar-se na pequena propriedade dele a dez minutos da cidade. Ela esperava uma bela casa semelhante àquela onde fora criada e jamais teria imaginado a que divisara quando a nova carruagem subiu a alameda curva.

Para Jane, assemelhava-se a um palácio ligeiramente arredondado, com alas curvas como braços que aguardavam os recém-chegados. Na parte frontal dos três pavimentos, viam-se vinte e cinco conjuntos de janelas. Ela não saberia supor quantos quartos havia na residência.

O pátio central estava repleto de carroças de onde eram descarregados mobília e os mais diversos tipos de mercadorias. O local lembrava uma colméia fervilhante de atividade. Phillip na certa estava mudando a decoração dos ambientes.

A criadagem a recebera com cortesia e a levava até os aposentos a ela reservados. Jane havia se sentido constrangida e inútil, e procurara ficar fora do caminho de todos. Esperava que ao menos se lembrassem da sua presença para oferecer-lhe um jantar.

Logo pela manhã, tinha avisado Elizabeth sobre a aceitação do pedido de Phillip, liberando a amiga para voltar a Portsmouth. Elizabeth protestara, mas mostrara-se aliviada pela insistência de Jane e havia partido assim que a bagagem fora aprontada. Jane sentia falta da amiga e suspirou pela enésima vez.

— Agora não adianta lamentar, Jane — ela murmurou para si mesma.

Uma batida soou na porta. Jane abriu e deparou com Graves.

— Ora, ora, então é a minha copeira favorita — ele começou com um sorriso simpático.

— Ah, o senhor se recordou! Estou envergonhada!

— Como eu poderia esquecer a jovem que teve a coragem de provocar um ataque histérico em lady Margaret?

— Nunca mais me lembre disso. — Jane puxou-o para dentro do quarto. — E se contar para alguém, mandarei esquartejá-lo.

— Entendido.

Os dois se entreolharam e começaram a rir, e Graves fez uma mesura irônica.

— Se eu fosse corajoso, a cumprimentaria por ter conseguido laçar o conde Wessington.

— O mérito não é meu, Graves. Meu dinheiro falou muito mais alto do que o meu modo de pestanejar.

— Não faça pouco de si mesma, lady Jane. Nem todo o dinheiro do mundo seria

capaz de comovê-lo se não houvesse algo que o interessasse de verdade.

— É mesmo? Pensarei a respeito. Ah, por favor, esqueça o "lady". Sou apenas Jane. Quando ouço "lady", olho ao redor à procura de outra pessoa.

— Está bem Jane. Eu sou John.

— Olá, John. É bom ver um rosto amigo. O que está fazendo aqui?

— Na verdade — a ênfase na palavra a fez rir —, vim auxiliar nas próximas festividades, isto é, no casamento.

— Fico feliz com isso. Eu não tenho idéia do que acontecerá.

— Ficarei ao seu lado para orientá-la. O dr. Thumberton deve chegar logo com documentos e instruções. Imaginei que lhe agradaria refrescar-se um pouco e comer alguma coisa antes de ele chegar.

— Eu estava imaginando se alguém se lembraria que posso estar com fome. — Jane riu. — Tive visões de ser esquecida e ser encontrada, daqui dentro de alguns anos, como um esqueleto faminto.

— Este local é intimidador, não é?

— Para pessoas como eu, sem dúvida.

— Espere até conhecer Rosewood e as outras propriedades.

— Eu receava escutar algo parecido.

— Não se preocupe, logo se acostumará às novidades. Bem, vamos ao começo. Tomei a liberdade de contratar uma criada de quarto.

— Nunca tive uma. Eu ficaria envergonhada de...

— Lorde Wessington faz questão e não serei capaz de demovê-lo.

— Eu não saberia como agir com uma estranha.

— Sua criada saberá. Ela se chama Meg e é uma grande amiga minha. Trabalha com a nobreza há vários anos e será muito útil em dirimir dúvidas e apontar soluções. Meg é muito educada e penso que as duas se entenderão bem.

— Quando poderei conhecê-la?

— Agora, se lhe for conveniente.

— Perfeito.

Graves abriu a porta e Meg entrou. Bonita, rechonchuda, cabelos vermelhos e olhos azuis. Parecia irlandesa. Sorridente, fez uma mesura, e duas covinhas enfeitaram-lhe o

rosto. Pela maneira como Graves olhava para ela, Jane imaginou se a ligação entre eles não seria mais do que simples amizade.

— Estou encantada em conhecê-la, lady Jane.

— Não seja tão formal, Meg. Jane está ótimo.

— Está bem, Jane. Agora vamos aprontá-la para o encontro com o advogado. Tenho certeza de que mostrará àquelas raposas velhas lá embaixo com quem terão de lidar a partir deste momento! — Meg não esperou resposta nem protesto de Jane e empurrou Graves para fora.

Uma hora mais tarde, Jane desceu a escadaria para encontrar-se com Dudley Thumberton. Meg tinha refeito o penteado e dado um novo visual ao vestido puxando o decote para baixo e acrescentando uma echarpe. Jane, acostumada a vestir-se com discrição, achou-se escandalosa.

Thumberton esperava na biblioteca, sentado atrás da escrivaninha, examinando um arquivo.

— Olá, dr. Thumberton.

— Srta. Fitzsimmons. — Ele sorriu, simpático, e levantou-se.

— Por favor, prefiro que me chame de Jane. — Ela atravessou o recinto.

— Então, pode me chamar de Thumberton, como os demais. — Ele se adiantou para beijar-lhe a mão. — Está adorável hoje, Jane. Ficar noiva deixou-a com ótimo aspecto.

— Não acredito que essa seja a causa. Foi tudo tão rápido que ainda não tive tempo de absorver o que está acontecendo.

— Lorde Wessington é assim mesmo. Quando cisma com alguma coisa, não há nada que o impeça de consegui-la. — Ele puxou uma cadeira. — Sente-se, minha querida, para conversarmos.

— Ele age rápido, não é? Tanta atividade por aqui... Parece inacreditável. O conde não estará se excedendo financeiramente nos preparativos para o casamento?

— Bem... convenhamos... eu...

Jane divertiu-se com o embaraço do advogado. Ele, provavelmente, não estava acostumado a escutar perguntas de mulheres sobre questões financeiras ou negócios do marido. Ela estendeu a mão por cima da mesa e bateu com afeição na mão do advogado.

— Não se espante, Thumberton. Eu entendo muito mais de finanças que o próprio conde. Portanto pode acostumar-se às minhas perguntas.

— Creio que está certa. — Ele limpou a testa com um lenço. — Talvez seja melhor assim. Na verdade, Wessington nunca se interessou por situações econômicas.

— Eu diria que essa é a raiz dos problemas dele.

— Sou obrigado a concordar. — Thumberton olhou em volta, como se tivesse receio de Phillip estar escondido atrás das cortinas.

— Não se preocupe — disse Jane. — Talvez possamos estabelecer uma rotina de trabalho e usá-la para manter o conde Wessington no caminho certo.

— Como assim?

— Poderemos discutir abertamente sobre finanças e trabalhar em várias frentes para termos certeza de que nos manteremos com saldo credor.

Thumberton deu um suspiro de alívio. Jane era a concretização de suas esperanças. Teria de lembrar-se de rezar mais uma prece de agradecimento ao se deitar para dormir.

— Sua idéia é ótima. Como ficará encarregada da administração da propriedade, poderá visualizar a situação por inteiro. Poderá julgar com exatidão o quê e quando gastar.

— É o que eu penso. — Eles deram um aperto de mãos para selar o acordo. — Agora me diga, o conde Wessington não estará se endividando demais nos preparativos para o casamento? Porque se eu for a causa de todo esse gasto, diga-lhe que isso não é necessário.

— O conde tem grande responsabilidade com as propriedades que têm sido negligenciadas durante anos. Imagino que o seu gasto será grande para deixar tudo em ordem. Depois de casados, você começará a entender o dever de Wessington com as terras e as pessoas que dependem dele.

— Imagino que muitos dependem do conde Phillip e que ele tem deveres com as propriedades. Mas a minha questão é outra. Como Phillip vai pagar por tudo isso?

Thumberton abaixou a cabeça, envergonhado.

— Na verdade, o dinheiro já mudou de mãos.

— Mas eu ainda não assinei nada.

— Não foi necessário. Seu pai mandou um contrato assinado há meses.

— Há meses?

— Eu só precisava da assinatura do conde.

— Deixe-me ver o contrato. Thumberton hesitou. — Creio que nada me impede de

mostrar-lhe.

Jane demorou um certo tempo para ler as páginas, analisando palavras e termos jurídicos. Era uma grande tola! Imaginara que a atitude do pai tivesse sido motivada pelo caso com Gregory, mas agora entendia que ele planejava tudo havia muito tempo. A traição era pior de que ela supusera.

Thumberton fitou-a intensamente.

— Sinto muito. Pensei que soubesse a respeito do dinheiro.

— Pensei que o conde e eu teríamos de assinar juntos. O conde Wessington virá hoje?

— Não. Provavelmente não o verá até o dia do casamento. Agora que o dinheiro se encontra na conta dele, Wessington está muito ocupado.

— É mesmo? Tão ocupado que não poderá ver a noiva antes da cerimônia? Afinal, falei com ele apenas duas vezes na vida.

Thumberton, mais do que qualquer outro, não queria que Jane tivesse uma visão exata de Phillip antes do casamento. Mesmo com os contratos assinados e ser impossível um recuo, sempre haveria a possibilidade de impedir a cerimônia. Naquela altura, um olhar atento poderia estragar tudo.

— Não leve os fatos para o lado pessoal, Jane.

— E por que não? Estamos falando da minha vida! Quando será o casamento? Ou nem isso eu preciso saber? — O tom irado e acusatório traduzia um direito seu.

O matrimônio era dela, e não apenas de Phillip. Ele poderia tê-la consultado sobre alguns detalhes, mesmo que insignificantes, como, por exemplo, a data!

— Por favor, não se aborreça. Devido à pressa na realização da cerimônia, Phillip acredita que precisa adiantar-se nas resoluções. E a data foi marcada para daqui a duas semanas.

— Ele escolheu também o meu vestido? — Jane ironizou.

— Não, deixou o assunto a seu cargo.

— Quanta bondade!

— Phillip mandou chamar a modista que fará o traje. Ela virá amanhã e começará a fazer o vestido de noiva e o enxoval. É a costureira mais famosa de Londres, e Wessington deseja que a noiva se apresente na última moda.

— O melhor para a esposa dele!

— Exatamente.

— Entendo. — Jane sacudiu a cabeça, desanimada. — Há mais alguma coisa que preciso ficar sabendo antes de seguir às cegas até o patíbulo?

— Há um outro pormenor. Lamento ter de discutir isso com você, Jane, mas o assunto não pode ser evitado. — Thumberton pigarreou, ficou vermelho, tornou a pigarrear e folheou o contrato. — É... Wessington insiste para que você seja testada...

O advogado não conseguiu terminar a sentença. Na noite anterior, Phillip o tirara da cama e lhe entregara uma lista de tarefas que precisavam de atenção imediata. Thumberton havia tentado dissuadi-lo dessa em particular, mas Wessington ainda não conseguira livrar-se do passado.

Sentada na beira da poltrona, Jane indagou:

— Testada em quê?

O advogado fitou as próprias mãos, sem coragem de encará-la.

— Por causa da pressa envolvendo o casamento, o conde quer... — a voz de Thumberton sumiu — ... que você se submeta ao exame de uma parteira para certificar-se de que a ainda é virgem e que não está grávida.

— O quê? — Jane deu um pulo da poltrona.

— Por favor, não me peça para repetir isso. Não creio que eu conseguiria fazê-lo.

— Nunca fui tão insultada na minha vida! Isso é demais! — Ela começou a andar de um lado para outro, torcendo as mãos. — Pode dizer-lhe que jamais lhe obedecerei! Tive de ficar calada enquanto meu pai arruinava a minha vida e fui forçada a aceitar esse plano estúpido de casar-me com um estranho. Fiz tudo o que me foi pedido, mas não aceitarei que meu caráter seja conspurcado dessa maneira. Nem pelo conde Phillip Wessington, nem por mais ninguém! Fui bem clara?

— Sim, querida. Sente-se, por favor.

Jane parou e observou a fisionomia angustiada do homem idoso. Sentiu pena dele. O coitado era apenas um mensageiro, e ela voltou a sentar-se.

— Sei como é constrangedor escutar essa exigência do futuro marido. Permita-me dizer que Wessington se sente no direito de pedir isso. Para que você não pense o pior de nós, eu gostaria de revelar os motivos desse pedido. Mas tenho de pedir-lhe para não mencionar essa conversa para ele.

— Tem a minha palavra que nada direi a respeito.

— Wessington já foi casado.

Por algum motivo estranho, aquela informação incomodou Jane.

— Phillip era muito jovem, tinha apenas dezessete anos e se apaixonou por uma moça três anos mais velha. O pai dele e eu tentamos dissuadi-lo daquele envolvimento, mas Phillip não nos escutou.

— O que aconteceu com ela?

— Morreu de uma doença alguns anos depois.

— E o que isso tem a ver comigo?

— Digamos que não se tratava de uma esposa fiel. Por causa das atitudes dela durante o casamento, o conde desenvolveu uma desconfiança total das pessoas e essa característica nunca diminuiu.

— Como o senhor tem certeza de que tudo isso é verdade?

— Wessington encontrou evidências pessoalmente e, quando a esposa ficou grávida, Phillip jurou que o bebê não era dele.

— E a criança?

— Será sua enteada.

Jane sufocou um gemido. Quantas coisas mais teria de suportar num só dia?

— Qual é o nome dela?

— Emily, e no momento está com onze anos.

Thumberton tirou um medalhão do bolso e o abriu. Era uma miniatura muito pequena para dar uma idéia da aparência da garota. Mesmo assim, era possível perceber que os cabelos eram negros e os olhos, azuis.

— Onde Emily está?

— Em Rosewood.

— Ela virá para o casamento?

— Não. Wessington jamais pensaria em convidá-la.

— Por que não?

Thumberton não estava certo se teria de dizer a verdade, mas Emily era muito importante. Ela precisava de um protetor, e o advogado rezava para que Jane assumisse esse papel.

— Serei franco, Jane, e espero que não fique muito chocada com o que vou lhe contar.

— Está bem, pode falar, Thumberton.

— Wessington nunca pôde ser convencido de que Emily era sua filha. Como ela foi concebida e nasceu durante o casamento, ele é legalmente obrigado a assumir a paternidade e se responsabilizar pelas despesas. Mas jamais se sentiu na obrigação de fazer nada além disso.

— Quem cuida da menina?

— As pessoas de Rosewood fazem o melhor que podem. Preceptoras vêm e vão. No momento, Emily não tem tutor. Temo muito pelo futuro dela.

— Certamente o conde Phillip não permitirá que nada de mau aconteça a Emily.

Thumberton evitou uma resposta direta.

— Sei que não tenho o direito de pedir, mas não me conformo que Emily não tenha ninguém que se preocupe com os seus interesses. É uma criança encantadora. Sei que vai gostar dela. Você cuidará de Emily?

— Em primeiro lugar, diga-me uma coisa — Jane pediu, comovida com as emoções de Thumberton. — Fiquei muito surpresa com o nível dos candidatos que me foram apresentados. O senhor fez isso para que eu escolhesse o conde Phillip?

— Você é muito inteligente e descobriu o meu segredo. Depois do primeiro contato com seu pai, fiz uma pesquisa sobre a sua vida e no momento em que recebi o relatório, concluí que Wessington seria a escolha ideal. Fiz tudo isso por Emily e não me arrependo. Você tomará conta de Emily por mim?

— Pode ficar sossegado. Tem a minha palavra de que cuidarei da menina. — Jane se levantou, indicando o fim da conversa. — Quanto ao teste requisitado pelo conde, diga a ele que vá para o inferno! Tudo o que Phillip tiver de saber será na noite do nosso casamento. Nem um segundo antes!

Jane Fitzsimmons Wessington esperava no leito matrimonial, recostada em vários travesseiros e com as cobertas ligeiramente dobradas sobre os pés. A leve camisola branca, ou negligé, como Meg a chamara, mal cobria alguma coisa. As finas tiras de seda deixavam ombros e braços à vista. O corpete de renda dançava sobre o busto e era fechado na frente por uma fita rosa que Meg tinha prendido com folga para deixar visíveis generosas amostras de pele.

Jane pretendia cobrir-se, porém Meg não havia se rendido aos apelos. Afirmara que o conde Phillip Wessington era um homem mundano e experiente na arte de amar.



Por isso Jane deveria aprender desde o começo não só a ganhar o interesse dele, mas também mantê-lo. Seu coração pulsava e o corpo tremia pela antecipação do que aconteceria quando o marido atravessasse a porta do aposento contíguo que ocupava.

Meg a ajudara a tomar banho e a pentear-se. Os preparativos e os conselhos da criada fizeram Jane supor que a moça tinha bom conhecimento do que se passava entre homens e mulheres. Enquanto se empenhava em escovar os cabelos, passar talco, loções e perfumes, Meg não cessava de explicar o que um marido poderia pedir e o que ele esperava. As instruções eram muito mais numerosas do que Jane poderia ter suposto.

— Tudo o que eu fiz ou terei de fazer valerá a pena — ela sussurrou para si mesma.

O casamento era o certificado que ela usaria para regressar ao estaleiro em Portsmouth.

A porta foi aberta e Phillip entrou, alto, atraente, magnífico, vestido com trajes de noite. Era inacreditável que um homem tão maravilhoso fosse seu marido, pensou Jane.

O robe de veludo verde-escuro estava levemente amarrado na cintura e era evidente que Phillip nada usava por baixo. Com certeza, ele gostava de fazer amor sem roupas. Jane ficaria sabendo mais sobre o conde depois da primeira noite do que Elizabeth Carew sabia sobre o marido após dois anos. O pensamento era excitante, mas também a aterrorizava.

As lapelas do roupão afastadas permitiam que se vissem os pêlos escuros do peito de Phillip e, por estar solto da cintura para baixo, o tecido deixava Jane perceber a protuberância entre as pernas. Mesmo na obscuridade, ela entendeu que o marido estava excitado.

Phillip entrou e fechou a porta. No movimento, Jane notou a perna nua, musculosa e longa, coberta por pêlos escuros. Olhou os pés descalços e disse a si mesma ser a primeira vez que via os pés de um homem. Ao ser surpreendida fitando o que a fascinava, corou e abaixou os olhos.

Phillip se aprontara no próprio quarto e em pura agonia ao imaginar o que Jane estaria fazendo. Agora, ao vê-la, admitiu que era uma mulher adorável.

Os cabelos soltos chegavam à cintura e se espalhavam no leito. A pele clara brilhava à luz da vela, e as faces estavam coradas. Os ombros desnudos formavam um cenário perfeito para o busto pequeno e bem formado. Através da renda, era possível distinguir mamilos róseos e endurecidos. A cintura fina acentuava as curvas dos quadris que sumiam sob as cobertas.

Os olhos verdes lembravam um gramado em dia claro de verão. De olhar baixo,

envergonhada, Jane torcia o cetim do acolchoado e parecia trêmula. Phillip supôs que o tremor fosse em parte pelo frio do quarto e em parte pela excitação.

Ele gemeu, ansioso para possuí-la rapidamente, sem se importar com o sofrimento da esposa. Ao mesmo tempo, gostaria de fazer amor suavemente e demonstrar como as relações poderiam tornar-se eróticas e maravilhosas. Queria passar a noite amando Jane de todas as maneiras. Com rudeza e com carinho.

Não conhecia nenhum outro homem que houvesse conseguido esposa tão formosa em um casamento arranjado. Jane beirava a perfeição e qualquer um adoraria aquele momento. Entretanto as sombras do passado continuavam a atormentar Phillip e ele teve receio.

— Olá, Jane — o sussurro pareceu alto demais no silêncio do quarto.

— Olá, milorde. — Ela continuou de olhos baixos, com o coração disparado e os nervos à flor da pele.

Jane passara as duas últimas semanas dizendo a si mesma que teria de tolerar tudo por seu pai e por Gregory. E quando se avizinhava o momento de deitar-se com seu marido, começava a suspeitar que cometera um erro de avaliação e que não havia retorno possível.

Phillip era seu esposo diante de Deus e da lei. Por isso ele tinha o direito de exigir, e ela, o dever de participar. Embora houvesse convencido a si mesma que a curiosidade seria o motivo condutor de seu comportamento sob as cobertas, seu corpo parecia afirmar o oposto, ao entender o que era esperado dela.

Meg afirmara que o conde era um homem de grande experiência com as mulheres e que seria cuidadoso com a perda da virgindade de Jane. Esta queria tomar parte, e não temer o momento tão decantado pelas mulheres. Queria receber o marido com braços abertos, e não ficar sentada e tremendo como uma tola.

Compreendia que os prazeres, mesmo que escassos, estariam ao seu alcance, não apenas naquela noite, mas também nas subseqüentes, se levasse seu corpo a colaborar. O ar no quarto ficou denso de repente e Jane não conseguia respirar com facilidade. Ela teve de fazer um esforço para os pulmões funcionarem, mas seu arfar continuava.

Phillip a observava com atenção. Nas duas últimas semanas, ele mentalizara esse momento uma centena de vezes. O que diria, o que faria e como faria. As palavras de conforto e elogio que poderia proferir. Mesmo com variação de detalhes, o resultado era sempre o mesmo. Ele usaria de gentileza e ficaria profundamente satisfeito.

Porém em nenhum de seus cenários mentais Phillip havia se preparado para a

realidade que o aguardava. Ele, Phillip Wessington, o grande amante e conhecedor de mulheres, não planejava fazer amor com sua esposa.

Havia conhecido mulheres menos experientes e até virgens. Muitas jovens se acreditaram apaixonadas depois de uma ou duas relações amorosas. As mais novas não imaginavam o modo como os homens entendiam um relacionamento sexual. E, muitas vezes, deitar-se com um homem assumia uma importância fundamental para elas. As garotas acreditavam em amor, compromisso e final feliz.

Phillip não acreditava em nada daquilo, nem queria insuflar tais pensamentos em sua esposa. Pretendia consumir a união e continuar sua vida sem nenhuma das desordens que poderiam ser causadas pelo amor matrimonial.

Jane não tinha a experiência das mulheres da nobreza e jamais poderia entender o pequeno significado do ato sexual em si.

Se fizesse amor com Jane de maneira gentil e terna, ela acabaria envolvida pelo carinho. Era visível a tensão e o tremor com que aguardava a aproximação do marido.

Margaret tinha razão: Jane se apaixonaria por ele. A proximidade e a união se transformariam em algo de dimensões bem maiores e por isso mesmo inaceitável. Jane haveria de querer um marido de verdade e um pai para seus filhos. Phillip nem queria ouvir falar sobre o assunto.

Ou, pelo menos, era no que acreditava. Recusava-se a escutar a voz interior que lhe assoprava um grande receio dos sentimentos que poderia desenvolver por sua esposa se baixasse a guarda. Jane era linda, autêntica e parecia bondosa, características que ele nunca encontrara nas mulheres. Se não impedisse uma aproximação maior com ela, o gelo que protegia seu coração se derreteria. E o apavorava descobrir o que ali se escondera durante tanto tempo. Seria melhor não ficar sabendo...

Sem querer assustá-la, sentou-se na beira da cama e segurou-lhe as mãos geladas que amassavam sem parar a colcha. Jane ergueu o olhar, e Phillip quase gemeu. Nunca vira ninguém tão encantador.

— Perdoe-me — Jane sussurrou. — De repente, fiquei assustada.

— Não tenha medo, a dor não vai demorar muito.

— Verdade? — Meg lhe dissera que poderia durar a noite inteira e talvez o dia seguinte. — Quanto mais ou menos?

— Alguns minutos, e a dor cede logo.

Jane anuiu, curiosa. Meg e Phillip tinham opiniões controversas sobre o mesmo

assunto.

— Preciso tirar a camisola? — Ela começou a desamarrar as alças finas, mas Phillip a impediu.

— Não se preocupe. Está bem assim. — Ele segurou-lhe a mão e voltou a tira de seda para o ombro.

E de novo impediu a si mesmo de gemer quando tocou na pele suave. Teve de fazer um esforço para não beijar a veia que pulsava no pescoço alvo. Fechou os olhos e procurou dominar a onda de desejo. Ao abri-los, viu Jane que o fitava com o cenho franzido.

— Aconteceu alguma coisa? — ela perguntou.

— Não.

— Por que está me olhando? É por causa da camisola?

Phillip não encontrou resposta plausível e Jane fez uma interpretação errônea. Aflita, tentou erguer-se.

— Eu sabia que estava tudo errado. Perdoe-me, milorde. Permiti a Meg convencer-me que eu deveria usar isto, mesmo entendendo que era um tanto escandalosa para...

Phillip segurou-a pela cintura e a impediu de levantar-se.

— A camisola é bonita, perfeita. Mas nada que se compare à sua beleza, Jane.

Ela corou da cabeça aos pés. Se lhe dissessem, não acreditaria que as palavras de um homem pudessem criar uma agitação interior tão intensa.

— Como devo proceder? Detesto não saber o que fazer.

— Eu sei, não se preocupe.

— Está bem.

— Fique recostada nos travesseiros.

Jane obedeceu e os cabelos acobreados ressaltaram a pele clara e a renda branca. Os lábios ficaram mais rosados e os olhos, mais verdes. Sob a renda do corpete, delineavam-se os seios, e os pequenos mamilos rosados espiavam, eretos, através das pequenas aberturas do tecido.

Phillip continuou a análise. Passou pela cintura e desceu. Na junção das pernas, notou o monte-de-vênus avermelhado e mais escuro que os cabelos da cabeça. Ele teve de conter a vontade de inalar a essência feminina que por ali se exalava e puxou para baixo a coberta, expondo pernas longas e bem torneadas. Entendeu ter cometido um erro ao imaginar a sensação de ser por elas enlaçado enquanto se insinuava entre as coxas macias.

Olhe para os pés!

Deus do céu, eles eram tentadores. Esguios, com ossos delicados e graciosa curvatura. Jane, ou Meg, havia pintado as unhas em um tom de rosa que lembrava os mamilos. O contraste com o branco imaculado dos lençóis era extremamente sensual. Gostaria de começar pelos dedos dos pés, sugando-os um a um. Mas não foi o que fez.

Ergueu a mão, acariciou-lhe o rosto e sentiu as saliências e reentrâncias que formavam a bela fisionomia. Tirou a mão depressa ao sentir um beijo na palma. Passou os dedos pelo pescoço de Jane, no ponto que palpitava. Prosseguiu pelo busto em movimentos circulares até gravar o formato e o tamanho dos seios. Jane, em um instante de ousadia que não deveria acontecer, cobriu-lhe a mão com a dela e aumentou a tensão.

Phillip deslizou os dedos pela cintura fina, passou pelo umbigo e deteve-se no púbis, que friccionou com a palma; Jane mexeu os quadris em resposta.

Ela não usava de artifícios, e com boa orientação se tornaria uma companheira ardorosa. Resistir a Jane era uma tortura. Phillip retirou a mão.

Embora receosa pelo que a aguardava, ela sentia grande excitação. O olhar de Phillip era uma força tangível que originava calor e fogo onde se detinha, mesmo sem o toque das mãos.

Quando ele passou a mão em seu rosto, Jane inalou a fragrância masculina e teve a impressão de conhecê-la ou de havê-la procurado a vida toda. Gostaria que Phillip continuasse a segurar-lhe o rosto para que o aroma não a abandonasse. Não resistiu e beijou-lhe levemente a palma.

Ao sentir os afagos no busto, Jane mordeu o lábio inferior e pressionou a mão dele. Phillip se restringiu a apertar o mamilo endurecido e só. Uma injustiça.

Ele acariciou-lhe o ventre, e Jane teve de resistir à vontade de segurar-lhe a mão e trazê-la de volta às carícias eróticas nos seios. Ela chegou a pensar que nada mais agradável aconteceria, porém Phillip continuou o que parecia destinado a enlouquecê-la. Acariciou e fez pressão com a palma na junção de suas coxas, criando espasmos de prazer que percorreram o corpo de Jane.

A ânsia era dolorosa e o calor, cada vez mais poderoso. Sem saber como aplacar aquela agonia que fora iniciada nos seios e se transportara para entre suas pernas, ela flexionou os quadris de encontro à mão torturadora.

E Phillip se afastou outra vez, como se não quisesse tocá-la.

Onde estaria seu erro? Deveria manter-se imóvel? Jane sentia-se profundamente envergonhada por não saber o que fazer.

Phillip fitou-a e admitiu que os dois estavam aflitos. Para acalmá-la um pouco, beijou-a de leve no abdômen e no baixo-ventre. Depois roçou a face na renda do corpete e inalou a fragrância feminina. Ele escondeu o rosto entre os seios de Jane, que lhe acariciou a nuca e entrelaçou os dedos nos cabelos sedosos. O gesto íntimo e afetuoso pareceu usual, como se eles se amassem e aquilo fosse o ato mais natural do mundo.

Basta!

Phillip afastou-se com brusquidez desnecessária e sentou-se. Jane encolheu os joelhos. A fenda lateral da camisola revelou a perna desnuda. Ele teve de conter a custo a vontade de alisar a face interna da coxa até alcançar...

— O que eu fiz de errado, milorde?

— Nada, Jane, nada. Está tudo certo.

— Pelo seu olhar, vejo que está mentindo. Eu o avisei que não tinha idéia de como proceder, mas estou ansiosa para aprender. Basta que me ensine.

Phillip lembrou-se da noite, havia duas semanas, em que Jane se mostrara tão receptiva. E de novo ela agia como se o tivesse conhecido antes, e não como se fosse apenas uma noiva contratada. Jane tinha sensibilidade e procurava agradá-lo. O conde sentiu o peso da solidão daqueles anos todos em que não se preocupara com ninguém e ninguém se preocupara com ele.

Novamente, Phillip pressentiu uma modificação importante e possível. Algo novo e vital que poderia ser agarrado, se ele ousasse.

Como seria agir com naturalidade e sem barreiras? Permitir a Jane aproximar-se o suficiente e deixar florescer a amizade? Confiar na esposa e interessar-se por ela?

Não!

Já fora longe demais. Nem deveria ter pensado nisso. O mais sensato seria terminar logo com aquela situação constrangedora para ambos. Phillip observou a penteadeira e achou o que procurava.

— Vire-se de bruços, Jane.

— O quê?

— Vire-se de bruços — ele repetiu.

Jane hesitou, decidindo o que fazer. Phillip a ajudou e ela estendeu-se no colchão macio. Ele se levantou da cama e voltou em seguida. Jane se apoiou nos cotovelos e fitou-o por sobre o ombro. Os cabelos longos e desalinhados não lhe permitiram vê-lo, mas sentiu que Phillip se ajoelhava ao seu lado.

— O que está fazendo?

Ele afastou-lhe os cabelos e deu com os imensos olhos verdes que o encaravam com curiosidade.

— Peguei um pote de creme que facilitará o caminho para mim e lhe permitirá um conforto maior.

Phillip teve a impressão de que Jane aceitava os argumentos ou então se envergonhava de pedir maiores explicações. Ele soltou a faixa do robe e, com os dedos, tirou creme do pote. Devagar, para prolongar o momento, passou a pasta branca no membro ereto. Depois de tocar Jane e sentir-lhe o perfume, sua excitação atingia níveis insuportáveis. A pomada lembrava atos carnais proibidos e, por um momento, pareceu-lhe ter novamente catorze anos. Imaginou se ficaria envergonhado antes de possuir a esposa.

Suspirou e apoiou as mãos na parte traseira das coxas de Jane, que estremeceu.

— Shhh... está tudo bem. Vou levantar a barra da sua camisola.

Com um movimento vagaroso, Phillip ergueu o tecido, deixando as nádegas de Jane expostas. Eram dois globos perfeitos e claros como o restante do corpo, e ele resistiu ao impulso de beijá-los.

Imóvel, Jane mal respirava. Phillip sentiu remorso, mas não retrocedeu. Primeiro foi um joelho entre as pernas estiradas, depois o outro. Jane sentiu os pêlos grossos roçarem em sua pele macia e, em seguida, as mãos que lhe afastavam as coxas uma da outra.

Ela continuou sem reagir, rígida, enquanto Phillip passava os dedos entre as nádegas até chegar no ponto onde jamais alguém a tocara. Ele deslizou o dedo envolto em creme dentro da gruta quente, e Jane apertou as pernas, sem se incomodar com o gemido de frustração que ouviu. O toque era desagradável e impessoal e, dessa vez, ela pouco se incomodou de ter errado.

Phillip continuou a estranha invasão e fez movimentos com os dedos. Jane tentou se virar, mas ele a impediu com a mão livre.

— O que está fazendo?

— Eu a estou preparando para não machucá-la demais. Phillip fechou os olhos. Sentir Jane úmida e ansiosa para ser penetrada era um tormento. Nisso, ela tornou a apertar-lhe os dedos. Uma doce agonia era a única maneira de descrever o que ele sentia. Phillip retirou a mão e circundou o botão da feminilidade, que estava exposto e rijo à espera de atenção.

Abraçou Jane pela cintura e levantou-a o suficiente para colocar um travesseiro por baixo. Os quadris erguidos eram uma oferta instigante para o que ele desejasse fazer.

Jane arfava. Phillip tocara num ponto que ela nem sequer sabia existir. Fogo e gelo percorreram-lhe as veias. A dor quase a fez gritar, e ele logo tirou a mão.

Mais uma vez, por favor. De novo. Se tivesse coragem, Jane pediria. Em vez disso, ela continuou imóvel e permitiu que Phillip pusesse um travesseiro sob seu estômago. Ele segurou-lhe as nádegas e depois as coxas, forçando uma abertura. Jane sentiu o peso do corpo do marido pressionando o seu.

Phillip apoiou-se em um cotovelo, e o robe envolveu-os como um manto de veludo. Ele separou-lhe as coxas, e Jane sentiu a pressão da masculinidade onde havia pouco o marido usara os dedos. Phillip abaixou os quadris e a compressão aumentou.

— Não... Phillip. Desta maneira não. — Jane se contorceu, mas foi inútil. Espiou por sobre o ombro. — Eu quero vê-lo.

Por um instante Phillip pensou em atender ao pedido. Fazer amor como se devia. Beijar-lhe os lábios. Sugar-lhe os seios. Passar a língua e saborear as pétalas úmidas de sua feminilidade. Mas não podia fazer isso. Um beijo ou um toque de mão e ele estaria perdido.

— Confie em mim. Desta maneira será mais rápido e incomodará menos.

Jane continuou a fitá-lo com aqueles olhos verdes que pareciam desvendar-lhe a alma corrompida.

— Se quer assim... — Ela virou de novo o rosto para os travesseiros.

Phillip recomeçou a pressão, cada vez mais intensa e Jane retesou-se quando ele agarrou-lhe as coxas.

— Relaxe, Jane.

O que aquele infeliz esperava que ela fizesse?

— Não posso, sinto muito.

Phillip empurrou os quadris para a frente e se deteve diante da barreira.

— Inspire fundo. — Ele esperou Jane encher os pulmões de ar. — Solte devagar.

Phillip aproveitou o instante de relaxamento provocado pela soltura do ar e investiu de uma vez. Não acreditou que ela não tivesse gritado.

Phillip admirou-se com a própria tensão. Jane era apertada e lisa. De repente, as chamas na virilha ameaçaram queimá-lo e ele não pôde conter-se por mais tempo.



Phillip movia os quadris para frente e para trás, de início mais devagar e depois cada vez mais forte e rápido até o mundo se desfazer e o sol se dividir em milhares de estrelas brilhantes. Phillip Wessington, o poderoso conde de Rosewood, realizava-se no ventre de sua esposa, uma plebéia.

Jane, imóvel durante as investidas, sentiu o peso do corpo de Phillip largar-se sobre ela, pressionando-a de encontro ao colchão. A primeira impressão foi de ele ter morrido, mas, em seguida, ela percebeu, nas costelas, os batimentos cardíacos. Era possível que Phillip estivesse inconsciente ou adormecido. Pensou que morreria sufocada antes de o socorro chegar. O pior seria com o marido dentro dela.

Jane já pensava em gritar por Meg, quando foi surpreendida com um beijo na orelha. Com supremo esforço, conseguiu dar-lhe uma cotovelada.

— Saia de cima de mim, bastardo! Agora!

Phillip foi para o lado e procurou abraçá-la. Jane escapou para o canto mais afastado. Levou as pernas ao peito e abraçou-as. Balançando-se, permitiu que lágrimas silenciosas rolassem por seu rosto.

O silêncio foi opressivo. Por que ele não ia embora? Phillip se mexeu na cama e Jane temeu que pretendesse continuar a barbárie. Pensou em matá-lo ali mesmo, no leito matrimonial, se ele a tocasse. E se fosse enforcada, iria em paz. Tinha sido saqueada, dilacerada, maltratada. Jamais fora tratada de maneira tão rude.

Phillip tocou-lhe as costas e ela se afastou.

— Não ouse encostar em mim!

— Jane... — Ele observou-a enrodilhar-se como um recém-nascido.

Ela sacudia ligeiramente os ombros enquanto chorava. A decisão de relacionar-se com Jane sem envolver-se emocionalmente havia sido sensata. Mas, então, por que se sentia tão arrasado? Jamais tratara mulher alguma com tanta grosseria.

— Foi melhor assim.

— Melhor para quem? — Jane riu com amargura. — Sou uma grande tola. Tinha certeza de que milorde conhecia as maneiras corretas de amar e que as ensinaria para mim.

— Sei muito bem como amar uma mulher. No entanto será melhor não nos envolvermos um com o outro.

— Ah, sim, milorde. — A voz de Jane era puro sarcasmo. — Que Deus o livre de mostrar um pouco de bondade. Sou apenas sua esposa. Não é por acaso que fazem

questão que permanecemos virgens até a noite de núpcias. Que mulher aceitaria casar-se sabendo da horrível experiência que teria de enfrentar? — As lágrimas jorravam e Jane não queria que Phillip a visse chorando. — Deixe-me sozinha.

— Jane, precisamos conversar.

— Não tenho a menor vontade de falar nada. Se tiver um mínimo de decência, vá embora.

— Jane... — Phillip gostaria de encontrar uma explicação para o que fizera. Não encontrou nenhuma. A mente o apoiava, mas o coração o condenava. — Eu queria...

— Acabe com este tormento. Saia daqui.

Ele hesitou antes de deixar a cama.

— Quer que eu chame Meg?

— Não quero que ninguém me veja desta maneira.

Phillip amarrou o roupão na cintura e caminhou em direção ao seu quarto. Jane havia sido ferida no corpo e na alma, e por causa dele. Por seus atos e suas mãos. Não encontrou nenhuma palavra que pudesse explicar o que ocorrera.

— Boa noite. — Não recebendo resposta, Phillip passou pela porta e fechou-a suavemente.

Jane escutou o barulho da chave e caiu no chão. Procurou o urinol e vomitou. Sem forças, puxou a coberta por cima de si mesma, encolheu-se e adormeceu.

Meg dormia de bruços na cama macia, cansada das brincadeiras noturnas, quando ouviu a porta ser aberta e passos conhecidos. Um instante depois, sentiu um beijo na orelha e a mão que lhe apertava um seio sob a coberta.

— Levante-se, preguiçosa — Graves sussurrou.

— Mas... agora? Que horas são?

— Cinco. O conde Wessington não se encontra no quarto.

— Deve estar com a esposa.

— Pode ser, mas eu não gostaria de entrar lá. — Graves estava acostumado a ver o conde com outras mulheres e, nos últimos tempos, sempre o acordava com Margaret ainda na cama. — Sei que Wessington não se incomodaria que eu os visse juntos, mas Jane certamente se envergonharia.

— Tem razão. — Meg saiu da cama e Graves afastou-se. — Vou verificar. Se ele já

saiu, Jane vai querer um banho e talvez conversar. — Meg ergueu as sobrancelhas ao pensar que poderia ficar sabendo de algumas novidades picantes.

Vestiu-se rapidamente e esgueirou-se pelos corredores, refletindo que o conde certamente não deixaria a esposa sozinha depois de uma noite de prazer, a menos que Jane estivesse tão esgotada que adormecera.

Com muito cuidado, abriu a porta do quarto de Jane. Estava muito frio, pois o fogo havia se apagado. Levantou a vela e estranhou a cama vazia com os lençóis pouco amassados. Virou-se devagar. O casal não estava nas cadeiras nem sobre o tapete. Foi até a mesa lateral e acendeu a lâmparina.

Levou um susto. Jane se encontrava no chão, encolhida em um canto e mal coberta por uma manta.

— Jane... — Meg ajoelhou-se e segurou-lhe a mão fria.

— O quê? — Jane estremeceu, abriu os olhos e estreitou-os por causa da luz. — Ah, Meg, graças a Deus que veio.

— O que houve? — Meg não sabia o que pensar. — Vamos, querida. Pode ficar em pé?

— Creio que sim. Estou um pouco rija por causa da posição.

— Há quanto tempo está aí?

— A noite toda. Adormeci aqui.

— Sente-se, Jane. — Meg levou-a em direção ao leito.

— Não! Nunca mais quero subir nesta cama.

— Tudo bem. Então venha para a poltrona. — Meg ajudou-a a caminhar.

Jane mancava e estremeceu a cada passo. Meg sacudiu a cabeça, revoltada com a rudeza de Phillip. Muito estranho, pois Graves sempre lhe dizia que Wessington era bondoso com as amantes.

— Pedirei para alguém acender o fogo e preparar um banho.

— Por favor, Meg. — Jane segurou-lhe o braço. — Não quero que ninguém me veja desse jeito. Sabe muito bem como eles falam.

Meg sabia, mas precisava de ajuda.

— E Graves? Ele é muito discreto, posso garantir-lhe.

Jane hesitou antes de concordar.

— Mas somente ele.

Meg saiu, voltou em instantes e ela mesma acendeu o fogo. Enquanto Jane se aquecia, Meg tirou a roupa da cama.

Graves entrou após dispensar quem o auxiliara a carregar os objetos para o banho. Meg ajudou-o a trazer para dentro a bacia e a enchê-la com água quente. Depois de tudo pronto, foi até a poltrona de Jane e sorriu com doçura e também com preocupação.

— Eu mesma fui culpada, não fui? — Jane não parava de chorar. — Justo quem eu fui escolher...

Graves, de cenho franzido, fitou Meg, abaixou-se e apertou a mão de Jane dizendo:

— Eu não consigo entendê-lo. Juro que não.

Jane fitou Graves e Meg, agradecida aos dois maravilhosos amigos que encontrara em meio a um mar de inimigos.

— Isso foi o pior que poderia ter acontecido comigo. Bem diferente do que se poderia esperar de uma noite de núpcias.

Meg ajoelhou-se em frente a Jane e as duas se abraçaram, enquanto Graves continuava a segurar-lhe a mão, alisar-lhe os cabelos e a confortá-la. Os dois ficaram com Jane até ela se acalmar, envergonhada pelo desabafo.

— Creio que preciso tomar um banho.

— Tem razão. Vai se sentir bem melhor depois de lavar-se. — Meg ajudou-a a ficar em pé e fitou Graves, que já estava na porta. — Aonde vai?

— Tenho algumas coisas para fazer.

Meg desconfiou de que ele pretendia procurar Phillip Wessington e dar-lhe uma lição de moral. Temeu que isso fosse complicar a situação de Graves.

— Não ouse descer a escada!

— O que houve, Meg? — Jane virou a cabeça.

— Graves pensa em ir atrás de Wessington e vai acabar se metendo em encrenca.

Jane sentiu-se comovida. Não se lembrava de ninguém que houvesse se sacrificado por sua causa. Era tocante, mas também assustador.

— Graves, estou lhe ordenando para voltar ao seu quarto!

— Jane, tenho muitas tarefas a cumprir.

— Não quero vê-lo antes das nove.

— Seu marido precisa, e creio que sempre precisou, de umas boas palmadas no traseiro. — Graves fez uma pequena reverência. — Desculpem-me o linguajar.

— Tem razão, Graves. Mas não agora nem por seu intermédio. — Jane estendeu a mão, que ele segurou. — Não posso prescindir da sua presença nesta casa para me ajudar. Preciso das suas orientações. Não quero que dê a meu marido motivos para demiti-lo.

— Ela está certa, John Graves. — Meg aproximou-se. — Sabe disso.

— Prometa-me que não fará nada — Jane apertou-lhe a mão — e que voltará ao seu quarto quando sair daqui.

Graves permaneceu em silêncio, furioso com as duas.

— Prometa.

— Está bem. Não farei nada nem direi nada. Prometo.

— Obrigada, John. Meg, quero que vá com ele para termos certeza de que se manterá afastado de encencas.

— E o banho? Eu deveria ajudá-la.

— Na verdade, prefiro ficar sozinha. Tomarei banho e depois inspirarei um pouco da atmosfera matinal. Preciso clarear as idéias e decidir como enfrentar os dias vindouros.

— Se tem certeza...

Meg encontrava-se dividida entre os deveres e seu amado. Jane experimentou uma dor no peito ao imaginar como seria amar daquela maneira.

— Vá. — Jane sorriu. — Não se preocupe comigo. Tocarei a sineta quando precisar de alguma coisa. Aproveitem para ficar juntos.

Jane desejava tomar um banho relaxante de longa duração, mas nem queria pensar na hipótese de Phillip entrar ali enquanto ela estivesse nua e exigir seus direitos maritais. Se ele ousasse uma aproximação naquele dia, ela o mataria!

Depois de algum tempo dentro da água, Jane saiu da banheira, enxugou-se e vestiu uma roupa confortável, sem espartilho. Mais tranqüila, pensou em sair da residência e caminhar pelos campos. Talvez seguisse até o rio para ver o nascer do sol e refletir sobre o futuro.

Desceu a escada na ponta dos pés. Todos dormiam e certamente demorariam para acordar. Passou pelo saguão e não encontrou ninguém. Encaminhou-se para os fundos e entrou em um dos grandes salões de estar. Pela porta traseira, chegaria ao terraço e ao caminho dos jardins.

Deteve-se ao ouvir sussurros. Um homem e uma mulher entregavam-se a arroubos amorosos em um dos sofás. De costas para o estofado, Jane não podia ver de quem se tratava, o que era um benefício. Que espécie de amizades seu marido cultivava que as pessoas nem ao menos se preocupavam em praticar atos íntimos em quartos fechados? A mulher suspirou e o homem gemeu. Enrubescida, Jane virou-se para voltar ao saguão.

Mas a voz da mulher a impediu de dar o segundo passo.

— Ah, sim... aqui. Ah... como eu gosto disso! — Era lady Margaret.

O homem riu.

— Nunca vi mulher tão gulosa por prazer. Era Phillip, seu marido!

Jane ignorava que tivesse tendência para matar. Assassinatos eram raros e, sempre que ouvia falar deles, não conseguia imaginar como uma pessoa era capaz de cometer um ato tão treloucado.

Naquele instante, após ouvir seu marido sussurrar palavras de amor para outra mulher horas depois da noite de núpcias, Jane entendeu o que levava alguém a se tornar um assassino. Em silêncio e determinada, regressou ao hall.

Jane passava muitas horas sozinha no estaleiro e por isso o pai a ensinara a manejar armas de fogo. Ela sempre mantinha uma pistola na gaveta, embora nunca a tivesse usado. Entrou na biblioteca, onde vira uma coleção de armas dispostas em caixas, entre elas uma variedade de pistolas usadas pela cavalaria inglesa. Escolheu uma de cano mais longo que parecia mais assustadora e voltou para o salão dos fundos.

Andou sem fazer ruído e sem se aproximar do sofá. Entretidos demais no que faziam, eles não a ouviriam nem que jogasse algumas pedras. Escondeu a arma nas dobras da saia e deu mais alguns passos.

Lady Margaret estava estendida de costas e Phillip, sem camisa, por cima dela. Margaret usava apenas uma minúscula roupa de baixo vermelha, transparente e enfeitada de preto. O busto magnífico estava à mostra. Os mamilos eram grandes, escuros e rijos. Phillip manipulava um deles entre o polegar e o indicador.

Margaret arqueou as costas, elevando ainda mais os seios.

— Ah, Phillip, sempre sabe o que eu quero...

Jane teve a impressão de que o mundo passara a movimentar-se em marcha lenta quando viu seu marido encostar a boca no seio de Margaret. Foi então que sua raiva explodiu.

— Isso mesmo, Wessington! Pelo visto, milorde sabe mesmo o que ela quer. Pode

continuar...

Os amantes ficaram imóveis, sem entender de onde vinha aquela voz. Olharam para o lado ao mesmo tempo e viram Jane, parada junto ao sofá. Phillip ficou de joelhos. Margaret deu um grito e agarrou o corpete, tentando cobrir os seios.

— Jane... — Phillip, estupefato pela presença da esposa, falou com voz esganiçada.

— Isso mesmo, lorde Wessington. É Jane. Sua amada esposa. Quanta bondade em lembrar-se do meu nome. — Ela tremia de ódio. — Vejo que milorde sabe fazer amor com uma mulher. Cheguei a duvidar disso a noite passada.

— O que está fazendo aqui embaixo?

— Eu poderia lhe fazer a mesma pergunta, mas vejo a resposta com os meus próprios olhos.

Phillip levantou-se.

— Jane... posso explicar...

— Duvido que exista alguma explicação plausível para o caso.

Margaret enfiara um lenço comprido e transparente. Sentada e coberta a seu modo, havia recuperado a petulância.

— Jane, não exagere. — Ela parecia aborrecida com a interrupção, mas não deixou de sorrir com ironia. — Todos sabem que Phillip e eu somos bons amigos.

— A senhora não tem permissão para me chamar pelo nome de batismo! — O tom autoritário surpreendeu-os. Jane fitou o marido, que nada dizia, atoleimado. — O que ela quer dizer com bons amigos?

Margaret deu uma risadinha.

— Não banque a tola, condessa. Sabe muito bem do que estou falando.

Phillip conseguiu encontrar a voz de novo:

— Cale-se, Margaret! — O tom aristocrático voltou. — Deixe-nos a sós. Quero conversar com minha esposa.

— Não. — A negativa de Jane fez Phillip erguer uma sobrancelha e Margaret dar mais um risinho.

Jane surpreendeu-se com as próprias lágrimas que ameaçavam transbordar. Imaginara que as tivesse esgotado com Meg e Graves. Recusava-se a deixar uma só deslizar diante de pessoas tão desprezíveis. Havia sido ingênua em excesso.

Não lhe ocorrera que o marido pudesse estar com uma amante dentro da casa com

a esposa e que a outra fosse Margaret.

— Ela é sua amante? — Jane envergonhou-se de perguntar.

Phillip suspirou.

— Sim — ele admitiu em voz baixa.

A audácia, a impropriedade, a falta de respeito eram inacreditáveis.

— Milorde trouxe essa rameira para dentro da minha casa e convidou-a para permanecer aqui na cerimônia do nosso casamento? Como pôde fazer uma coisa dessas comigo?

— Na verdade, condessa, esta é a residência do conde — Margaret falou com tom de voz mais fino do que o normal. — Digamos que ele pode convidar quem quiser.

— Cale-se, Margaret! — Jane e Phillip gritaram em uníssono.

Jane tirou a arma debaixo da saia e os amantes sufocaram um grito.

— Eu tenho apenas uma bala e juro que não consigo decidir-me quem a merece mais.

— Francamente, condessa — Margaret fez um gesto de pouco-caso —, se pretende atirar em alguém toda vez que seu marido tiver uma amante, será melhor arranjar um estoque de balas e pólvora.

O comentário de Margaret foi a gota d'água. Jane virou-se e atirou à queima-roupa em Phillip, que teve o bom senso e a agilidade para abaixar-se no momento exato. A bala passou por onde ele estava havia segundos. Se não tivesse feito aquele movimento, o tiro acertaria em seu coração.

Por intermináveis instantes, ninguém se moveu, de tão atônitos pela ousadia de Jane.

Phillip, o primeiro a se recuperar, ficou em pé e estendeu a mão.

— Entregue-me essa coisa — ele ordenou.

Jane jogou a pistola para ele e, com um movimento ágil, agarrou o atizador de brasas e ameaçou-o.

Do saguão, ouviam-se vozes. Vários criados acotovelavam-se na entrada junto com convidados que pularam da cama ao escutar o tiro. O espetáculo de todos semi vestidos seria cômico se não fosse chocante. A platéia estava boquiaberta diante do que Phillip e Margaret haviam ousado fazer. Jane teve certeza de que na manhã seguinte os comentários escandalosos varreriam Londres.



A presença de outras pessoas afastou o temor de Jane pela reação do marido, e ela assumiu o comando da situação, olhando primeiro para Phillip.

— Mais tarde falarei com milorde em particular. — Sem esperar resposta, virou-se para Margaret e ameaçou-a com o atizador. — Quanto à senhora, vai sair da minha casa nos próximos quinze minutos. Se a vir aproximar-se de meu marido outra vez, eu a matarei onde a encontrar.

— Eu não irei embora, a menos que lorde Wessington me peça. — Margaret não queria ser humilhada diante da nobreza.

Naquele instante, Graves entrou na sala, sem sapatos e enfiando o camisão de dormir para dentro da calça.

— Mas o que está acontecendo... — Ele fitou os amantes sumariamente vestidos e a pistola no chão. Viu a fumaça da arma subindo no ar e olhou para Jane. — Oh, não!

— Graves, lady Margaret está saindo — Jane avisou-o, magnífica em sua fúria. — Venha comigo. — Todos se afastaram do caminho.

— Vejam quem me disse para eu me comportar — Graves murmurou quando ele, Meg e outros criados seguiram Jane até os aposentos de Margaret.

Jane entrou e abriu arcas e valises.

— Empacotem tudo. Quero as coisas dela na porta da rua em quinze minutos. Meg, por favor, providencie isso. Graves, traga um coche para levá-la a Londres imediatamente. Se for necessário, carregue-a para dentro do veículo. Avise-me no instante em que ela partir. Falaremos em vinte minutos.

— Sim, condessa.

Graves saiu e Jane seguiu-o. Ela voltou para o hall e novamente para o seu quarto, sem perceber os sorrisos e os aplausos silenciosos da criadagem. Jane se transformara na heroína deles.

## Capítulo IV

Jane olhava para fora da janela. Era final de tarde e havia horas carruagens deixavam a residência, levando convidados que na certa davam os festejos por terminados. Por sua vez, vários veículos e cavaleiros chegavam, paravam por alguns

momentos e iam embora. Ela nem se preocupou em saber o motivo. Muitas outras coisas ocupavam sua mente.

Tinha demorado uma hora para Margaret deixar a casa. Depois de sua partida, Jane ficara sentada, sozinha, pensando no que fazer. Atirar no marido havia sido um ato muito sério e certamente haveria consequências.

De qualquer forma, não poderia continuar em Londres, vivendo à sombra do círculo social de Phillip e envergonhada por ser reconhecida como a megera que atirara no marido pelo simples fato de o haver surpreendido fazendo amor com outra. Para a nobreza, casos extraconjugais eram comuns.

Se antes do casamento, Jane, em sua inocência, imaginara fazer o mesmo com Phillip, naquela altura, conhecendo a intimidade de um casal, considerava o ato impraticável. Com um esgar de desgosto, pensou nas vezes em que Gregory havia tentado levá-la para a cama sem importar-se com Gertrude. E pensar que ela quase consentira!

Elizabeth tinha tentado abrir-lhe os olhos e não conseguira, pois não podia explicar o que acontecia debaixo das cobertas entre um homem e sua esposa. Doía fundo saber que Phillip se entregava a momentos tão íntimos com outra mulher, e o sofrimento maior era saber que ele não se interessara em fazer o mesmo com ela. Seu descaso pela esposa como companheira era um golpe cruel. Sem dúvida, Phillip era um amante apaixonado, desde que não fosse com a própria mulher.

Soou uma batida na porta e Graves entrou em seguida. Jane continuou a fitar um cavaleiro que passava em frente a casa. E mais uma vez ela pensou de que maneira uma pessoa tão bondosa como Graves podia servir a um patife feito Phillip.

— Como foi que veio trabalhar para lorde Wessington? — quis saber Jane.

— De certa forma, ele me salvou.

— Como assim?

Graves atravessou o quarto, levando muitos envelopes.

— Tive uma série de problemas com o meu último empregador.

— O que houve?

— Ele voltou as atenções para a preceptora de seus filhos. Ela era jovem, solitária, uma doçura de pessoa. O sujeito a engravidou e depois a mandou embora. Ela não tinha para onde ir.

— E o que você fez?

— Digamos que tentei fazê-lo ver o erro de sua atitude.

— Deu-lhe uma surra?

— Até tirar sangue. Fui encarcerado em Newgate. Lorde Wessington ouviu falar, do que havia acontecido, subornou algumas pessoas e me trouxe para a sua casa.

— Vocês dois se conheciam antes?

— Não, e por isso às vezes me espanto com Wessington. Ele é capaz de atos humanitários e, em seguida, faz coisas horríveis, como se quisesse apagar o que fez de bom.

— E o que aconteceu com a jovem?

Graves hesitou, refletindo se deveria divulgar o segredo. Mas ele confiava em Jane.

— Ela é Meg.

— Meg? — Jane não ocultou o espanto.

— Nada do que houve foi culpa de Meg. Não pense mal dela.

— Isso jamais me ocorreria. Estou apenas surpresa. E o bebê?

— Nasceu morto.

— E como ela veio trabalhar para Wessington?

— Ele permitiu que eu a trouxesse para cá, onde Meg ficou até o parto. Depois do período de dieta, empregou-a.

— Não posso acreditar que o conde seja capaz de atitudes tão bondosas.

— Eu sei. É como se fossem duas pessoas diferentes. No íntimo, ele sabe como agir corretamente. O difícil é fazê-lo admitir. Por isso ainda não desisti. Se eu soubesse que não havia esperança, teria ido embora há tempos.

Jane suspirou. Graves não desistira, mas ela, sim. Sob seu ponto de vista, nada havia para ser salvo.

— Lorde Wessington já mandou chamar as autoridades?

— Não. Ele se trancou na sala de estar depois da... aventura matinal... e ainda não saiu.

— Acha que Phillip mandará avisá-las?

— Prefiro pensar que não.

Jane percebeu os envelopes na mão de Graves.

— O que é isso?

— Não vai acreditar.

— Por quê?

— São convites para você e chegaram durante o dia todo, desde que o primeiro grupo de convidados saiu pela manhã.

— Convites de que tipo?

— Para chás, leitura de poesias e musicais. Alguns são para eventos para os quais, lorde Wessington já havia sido convidado, e as mais nobres anfitriãs de Londres querem ter certeza de que a condessa o acompanhará.

Jane arregalou os olhos.

— E por que desejam conhecer-me? Graves deu de ombros.

— Por acaso já circulou em meio à nobreza?

Jane negou com um gesto de cabeça.

— Em geral, ela é constituída de pessoas desocupadas, cheias de dinheiro e com poucas preocupações. E se aborrecem por causa disso.

— Estarei sendo objeto de curiosidade?

— É bem provável. Por outro lado, lady Margaret não é muito benquista. Na certa, estão ansiosos para conhecer a mulher que deu a ela o castigo merecido.

Jane segurou a pilha de convites e olhou os primeiros.

— Prefiro qualquer coisa a passar as tardes fazendo essas coisas.

— Estou de pleno acordo. — Graves riu. — O que pretende fazer?

— Tenho um plano.

— Vou gostar dele?

— Duvido um pouco.

Jane levantou-se e foi até o guarda-roupa, que continha poucas peças do enxoval que ainda não fora terminado.

— Eu vou embora e precisarei da sua ajuda.

— E se seu marido não permitir que faça isso?

— Irei de qualquer maneira.

Phillip estava sentado na grande poltrona de canto. Desde que se trancara ali

dentro, apenas uma vez haviam batido na porta, quando uma das criadas se aventurara a perguntar-lhe se desejava jantar. Um categórico "não" fizera a mulher sair correndo. Os demais tiveram o bom senso de deixá-lo sozinho. No lado oposto da sala, havia um buraco no papel de parede, escurecido em volta: o local atingido pelo disparo da pistola.

Não estava certo se fora melhor furar a parede do que seu coração.

Era inútil tentar se convencer de que não havia similaridades entre a situação presente e a que enfrentara com Anne, sua primeira esposa. A única diferença era ele ter atirado no amante da mulher, deixando-o aleijado. Mesmo depois de tantos anos e fechando os olhos, podia ver a imagem dos dois. Ainda era capaz de sentir o ódio e a pistola na mão, e enxergar a fisionomia de Richard, que aceitava o destino de ser morto pelo melhor amigo.

Se Richard e Anne não o tivessem traído tão miseravelmente, ele seria um homem melhor? Mais bondoso? Mais confiante? Uma mudança no passado teria feito diferença ou ele continuaria sendo o que era? Um camarada desconfiado, solitário e egoísta?

*Milorde trouxe essa rameira para dentro da minha casa e convidou-a para permanecer aqui na cerimônia do nosso casamento? Como pôde fazer uma coisa dessas comigo?*

As palavras de Jane ecoavam em seus ouvidos. Estava profundamente envergonhado pelo que ela presenciara e pelo próprio comportamento. Nos últimos anos tinha feito muitas coisas horríveis e se surpreendia que ainda pudesse envergonhar-se.

Parecera-lhe natural convidar Margaret para assistir ao casamento. As bodas pareciam inconseqüentes e os votos, sem significado. Para ele, tudo não passava de uma comemoração do fim de sua pobreza. Queria que todos os amigos e conhecidos estivessem presentes. Margaret se enquadrava no rol.

Não pensara em nenhum encontro amoroso, mas depois de sair do quarto de Jane, havia permanecido durante muito tempo sozinho em seus aposentos, lembrando-se do rosto bonito e dos seios perfeitos. Ficara novamente excitado e nada acalmava aquela agonia. Tinha ido até a sala para se distrair. Margaret chegara em seguida, como se o espionasse. E quando ela se ofereceu, Phillip pensou apenas em aliviar a própria tensão, da mesma forma que teria aceito a oferta de uma vadia da rua.

Então sua esposa entrara na sala, e nada mais seria como antes.

Teria de falar com Jane. Muitas horas haviam se passado e, mais calmos, poderiam discutir e decidir sobre o futuro. Levantou-se e foi até o hall. Surpreendeu-se em não deparar com nenhum criado. Dirigiu-se ao quarto de Jane, abriu a porta sem bater e encontrou-a sozinha, arrumando seus pertences.

— Ah, John, vou precisar de...

Ela virou-se, pensando que fosse Graves, e ficou imóvel ao vê-lo.

Jane sabia que correria perigo se Phillip estivesse enraivecido. Ela desejava partir e não queria nem pensar na hipótese de que ele a impediria de fazê-lo.

— O que deseja, milorde?

Phillip olhou as arcas.

— O que está fazendo?

— Creio que parece óbvio, lorde Wessington.

— Pelo amor de Deus, Jane, não pode me chamar de Phillip?

Ela se recusou a aceitar o pedido à intimidade.

— Estou arrumando minhas coisas para partir.

— Sou seu marido. Quando iria dizer-me isso? Ou estava preparando uma surpresa?

— Eu pretendia descer neste momento para lhe falar.

— Ah, quanta bondade pensar em mim!

Jane notou o tom mordaz da voz de Phillip. Ele estava acostumado a dar ordens e a ser obedecido. Graves a avisara de que seria difícil convencê-lo a aceitar seu plano. Ela foi até a escrivaninha, pegou os convites e entregou-os para Phillip.

— O que é isso?

— Convites para mim que chegaram durante o dia todo. De repente, tornei-me alvo de curiosidade, e é o que menos desejo ser. Não sou uma mulher da sociedade e estou envergonhada. — Jane corou. — Não quero aparecer para ninguém. Eu não suportaria ver todos cochichando às minhas costas. E isso acontecerá se eu ficar aqui.

Phillip pensou em discutir, mas sabia que Jane estava certa.

— E para onde planeja ir? Seu pai não lhe deu permissão para voltar antes de seis meses.

— Eu estava pensando em ir para Rosewood.

— Não tenho intenção de sair de Londres no momento.

— Na verdade, milorde — Jane fitou o chão —, eu não pensava que fosse acompanhar-me.

— Está bem, eu não tenho mesmo vontade de ir para lá.

— Poderei conhecer sua filha e...

— Não tenho nenhuma filha — Phillip interrompeu-a.

— Ah, que tolíce a minha. — Jane não conteve o sarcasmo, mesmo sabendo que não deveria irritá-lo. — Eu havia esquecido. Emily é apenas mais uma das pessoas sem significado na vida de milorde. Que triste história, não é mesmo? — Ela não sabia o que fazer com as mãos e não queria olhar para Phillip. Foi até a cama e continuou a dobrar os vestidos. — Será que existe alguma coisa importante para o senhor?

— Não. Eu a avisei antes de nos casarmos, Jane, que não tenho boas qualidades. Sinto muito se pensou que estivesse brincando. Eu falava sério.

Ela fitou-o por sobre o ombro e viu um homem solitário que tentava passar-se por ativo e frio.

— Uma pena, pois a solidão deve ser terrível. Espero que encontre alguma coisa na sua vida que o faça feliz. — Chegou a desejar poder ajudá-lo. Fechou a tampa do último baú e fitou o marido.

— Se eu a deixasse ir... — Phillip procurou agir como se não tivesse resolvido o assunto. Em parte sentia-se aborrecido por Jane ir embora tão cedo. Por outro lado, ficava feliz de poder continuar com a vida a que estava acostumado — ...o que pretende fazer lá?

— Muitas coisas. Fiz alguns planos para expandir os negócios de meu pai. Eu me refiro a importação e exportação. Preciso finalizar os detalhes e isso ocupará boa parte do meu tempo.

Phillip imaginou se Jane pensava em empregar esse recurso para obter mais facilmente a permissão de voltar para casa.

— E esse plano é seu?

— Não fique tão surpreso, milorde. Acredite ou não, tenho grande dose de inteligência.

— Eu não pretendia ofendê-la.

— Pois ofendeu. Estou trabalhando no projeto há dois anos. Preciso de sossego para terminá-lo. Graves e Thumberton me disseram que há muita coisa para ser feita em Rosewood. Posso começar a resolver o mais urgente.

Eles ficaram em silêncio por algum tempo. Nenhum dos dois pensou na oportunidade de fazer as pazes.

— Sinto muito pelo que houve esta manhã — Phillip falou.

— Sente pelo que fez ou por ter sido flagrado? — Jane voltou para as arrumações.

Não suportou ver o ar sucumbido de Phillip. — Se quiser sentir remorso por alguma coisa, seria melhor pensar na noite de ontem. Por haver arruinado algo que eu imaginei e pelo qual esperei a vida toda.

— Pensei estar fazendo o correto.

— Não importa. Pelo menos agora sei que não desejo jamais repetir a experiência.

— Pareceu a Jane que Phillip dava um passo à frente, e a idéia de ser tocada por ele a repugnava. Endireitou as costas, e Phillip parou. — Não tenho dinheiro para a diligência — ela falou para a parede —, e pensei que talvez pudesse emprestar-me algumas libras. Eu as devolverei assim que for possível.

— Por que diligência? Irá com a minha carruagem.

— Não quero incomodar.

— Incômodo nenhum. Afinal, é minha esposa e irá com a minha carruagem.

— Eu gostaria que Meg e John Graves fossem comigo. Será preciso um assistente de confiança para o que terá de ser feito na propriedade.

— Não posso dispensar Graves.

Graves a avisara sobre isso. Como ela poderia separar Meg de John Graves? Bem, teriam de dar um jeito.

— Também precisarei de dinheiro para contratar pessoal e comprar o que for necessário.

— Por certo.

— Tentarei ser econômica.

— Jane, eu lhe confio a contabilidade de Rosewood.

— Bem, então...

— Sim?

Jane não acreditava que lágrimas lhe viessem aos olhos, pois partir era tudo o que desejava. Nunca mais gostaria de ver o marido, nem de conversar com ele. Então, por que se sentia tão triste? Talvez fosse o nervosismo que enfrentara nos últimos dois meses. Inspirou fundo para engolir o nó na garganta, pressionou a ponta do nariz com o polegar e o indicador para mandar as lágrimas de volta e virou-se para Phillip.

— Espero que tudo dê certo para milorde.

— Passarei em Rosewood no verão.

— Por favor, avise-nos com antecedência da sua visita, para que possamos aguardá-



lo.

— Eu o farei.

Phillip não acreditava na vontade que o assolava: ajoelhar-se aos pés de Jane e pedir-lhe perdão. Se ela fosse embora, não haveria oportunidade de reconciliação. Jamais a teria como amiga ou amante. Nunca trocariam confidências, contariam histórias, ririam ou brincariam juntos.

Era o que ele queria? Não. Ele queria Jane? Não.

Lorde Phillip Wessington, conde de Rosewood, estava com todo o dinheiro dela. Jane nem mesmo tinha algumas libras para viajar para o interior. O dinheiro dos Fitzsimmons era tudo do que ele precisava para ter a bela vida de volta. Mulheres lindas, jogo, bebida e devassidão. Mal podia acreditar no futuro que o aguardava.

Se tudo isso era verdadeiro, por que se sentia tão arrasado?

— Se precisar de alguma coisa, mande avisar-me.

— Jamais precisarei de nada seu. — E mesmo se eu precisasse, não pediria, pensou Jane.

Phillip sentiu-se constrangido por Jane achar que o marido não lhe serviria para nada. Tarde demais. Era o que ele desejara. E era o que teria.

— Está bem.

— Até logo, milorde.

— Phillip, por favor.

Jane sacudiu a cabeça e saiu do quarto.

Emily Wessington, usando um vestido que mais parecia calça, saiu correndo pela porta da frente da casa da família. A sra. Smythe, governanta de Rosewood desde que a menina nascera, viu-a assim que Emily chegou ao último degrau. Sabendo que a idosa senhora a mandaria para dentro justo no primeiro belo dia de primavera, a garota aumentou a velocidade. Pareceu-lhe intolerável a idéia de ficar trancada na sala de aula.

A sra. Smythe desesperava-se com a falta de orientação de Emily. Embora se esforçasse ao máximo, não lhe restava muito tempo para ocupar-se com a menina. Responsável pela administração da casa, ainda tinha de aquecer os quartos no inverno e cuidar da alimentação dos que haviam escolhido permanecer em Rosewood.

Emily rodopiou à luz do sol, sorrindo ao entender a rapidez com que a governanta

desistira de persegui-la. Pegou o chapéu de menino que escondera no bolso, enfiou-o na cabeça e meteu os cabelos para dentro da aba. No outono passado, havia visto uma trupe de artistas na feira e ficara fascinada com a possibilidade de fazer acrobacias com animais. Mas era difícil movimentar-se com os cabelos caindo sobre o rosto.

Quando terminou de esconder os cabelos, Richard apareceu na curva. Com uma perna de pau, ele mancava pelo caminho, levando o cavalo dela. No restrito mundo de Emily, Richard era um dos poucos adultos que pareciam ter envelhecido com o lento passar dos anos. Os cabelos haviam embranquecido e as rugas do rosto estavam muito acentuadas. Mesmo assim, ainda era um homem bonito.

O cavalo de Emily fora um dos últimos deixados na propriedade, embora seu avô tivesse sido dono de um dos mais renomados haras da Inglaterra.

— Ora veja, mocinha! Como conseguiu passar pela sra. Smythe nesses trajes?

— Saí correndo antes que ela pudesse me repreender.

Richard riu, feliz pela governanta não a ter aborrecido. Emily tivera muitos motivos de tristeza, desde o dia de seu nascimento, quando Wessington a havia abandonado e ido para Londres. Naquela ocasião, Richard jurara que se tornaria o melhor amigo de Emily, rejeitada no mundo em que vivia.

Era uma menina linda, mesmo com os cachos negros enfiados embaixo do chapéu. Olhos muito azuis se destacavam no rosto perfeito de faces rosadas e lábios vermelhos. Em alguns anos se tornaria uma destruidora de corações. Emily era bondosa, agradável e inteligente. Os homens se matariam para conquistá-la.

Era um mistério para Richard como Wessington não reconhecia a preciosidade que gerara. Um orgulho estúpido o impedia de admitir que ela era sua filha. Somente um cego não enxergaria a extraordinária semelhança dos traços de Emily com os de Phillip. Os olhos azuis eram a única herança da mãe.

— Então, o que faremos hoje, srta. Emily? Pular obstáculos ou cavalgar numa perna só?

— O senhor sabe que não posso fazer isso.

— Está bem. — Richard sorriu. — Que tal montar em pé?

Emily subiu no cavalo e Richard ajudou-a a equilibrar-se.

Soltou as rédeas, e o animal saiu devagar com passos miúdos, como se soubesse o valor de sua carga. O homem e a menina estavam tão entretidos no treino que não notaram a carruagem que subia a alameda. Emily concluiu a prática e desmontou com um

salto mortal, aterrissando ao lado de Richard.

O riso de uma mulher e as palmas chamaram a atenção dos dois. Visitas não eram freqüentes. Vez por outra aparecia um vizinho. Frederick Morris vinha de vez em quando com a desculpa de ver o que se passava com Emily e fazer um relatório para Wessington. Raramente apareciam outros.

Emily adiantou-se. A carruagem era nova e trazia o brasão da família na porta. A menina sentiu o coração disparado. O pai teria vindo sem avisar?

As visitas do pai eram uma faca de dois gumes que a deixavam ao mesmo tempo feliz e desolada. Contenta porque o amava muito e triste porque a cada vez ela perdia as esperanças de receber dele um pouco de carinho e atenção. Era o que sempre acontecia.

Emily não sabia por que o pai não gostava dela. Se alguém lhe dissesse os motivos, poderia emendar-se. E mesmo que lhe garantissem que o pai a amava, ela sabia que era mentira. Não tinha idéia de porquê ele a odiava. Muitas vezes ela se perguntava se o conde teria preferido ter um menino.

A porta da carruagem foi aberta e uma mulher saiu sem esperar ajuda. Tinha cabelos castanho-avermelhados e usava um vestido cinza simples com colarinho e punhos brancos. A primeira reação de Emily foi de pavor. Será que o pai resolvera mandar outra governanta?

— Que bela acrobacia! — A mulher entusiasmou-se. — Nunca vi nada igual.

— Em que posso ajudá-la? — a garota perguntou.

— Estou aqui para conhecer Emily Wessington e a sra. Smythe, a governanta.

— Sou Emily Wessington. — Ela ergueu o queixo, esperando algum comentário sobre sua maneira de se vestir.

— Eu nem deveria ter perguntado. A semelhança com seu pai é extraordinária.

— A senhora é minha nova governanta?

— Oh, não!

— Quem é a senhora?

— Jane Wessington.

Emily franziu o cenho.

— Não tenho parentes com esse nome.

— Na certa lorde Wessington não mandou nenhum comunicado.

Jane esperara que pelo menos soubessem de sua existência. Em dúvida sobre qual

atitude tomar, virou-se para o homem aleijado de cabelos brancos que, de início, lhe parecera mais velho. Ele devia ter a mesma idade de Phillip, apesar das rugas do rosto.

— E o senhor, quem é?

Emily tinha consciência de que jamais deveria dizer a seu pai, ou a quem o conhecesse, que Richard morava na propriedade. Se o conde soubesse, na certa o mandaria embora. A presença de Richard era um dos segredos que todos guardavam, e Emily também não sabia por que o pai o odiava. Ela não suportaria perder o amigo nem imaginar que ele poderia sofrer.

Emily postou-se na frente de Richard.

— Ele não é ninguém, isto é, ninguém que possa interessá-la. O sr. Richard Farrow... estava olhando o meu cavalo. Pensava em comprá-lo, pois o animal é um dos últimos que foram deixados. Mas ele já ia embora. — Emily fitou Richard com olhar cúmplice e esperou que o amigo não discutisse.

Jane não entendeu o que havia de errado. Por algum motivo, Emily mentia e era óbvio que pretendia esconder a identidade do homem de cabelos brancos.

— Talvez nos encontremos mais tarde — disse Jane.

— É, talvez. — Richard examinou-a dos pés à cabeça. — A senhora é a nova tutora de Emily?

— Não. Bem, é difícil de explicar... e estou faminta por causa da viagem. Se eu puder comer alguma coisa e tomar um pouco de chá, será mais fácil falar.

— Explique agora. — O pedido de Richard foi feito de maneira cortês, porém decidida.

Pareceu a Jane que ele não a deixaria entrar até que soubesse de tudo.

— Sou lady Jane Wessington e estou casada com o conde Phillip Wessington.

O silêncio foi quase ensurdecedor, como se até os grilos e pássaros houvessem se assustado com a notícia. E pelo olhar do homem e da menina, Jane supôs que desconfiassem da afirmativa.

— Não acredito. — Surpresa, precaução, ódio e perplexidade se mesclaram na fisionomia de Emily.

— Mas é verdade. Sinto ter-lhe dado a notícia dessa maneira.

— Meu pai nunca me disse nada.

— Ele ficou de mandar uma mensagem.

— Por favor, não nos interprete mal — Richard interveio. — Não recebemos nenhum aviso e estamos surpresos.

— Compreendo. Na verdade, tudo aconteceu depressa demais e eu mesma às vezes não acredito.

— Bem, se a senhora se casou com papai, então é minha... — Emily não conseguiu pronunciar a detestável palavra.

— É, sou sua madrasta. Creia que para mim também soa de maneira estranha.

— Mas a senhora é tão comum! — A garota indicou com a mão a maneira despretensiosa de Jane vestir-se e de arrumar os cabelos.

— Emily! — Richard a repreendeu. — Tenha modos! Peça desculpas imediatamente.

— Não se incomode, está tudo bem. — Jane não se ofendeu. — Sei que estou horrível, mas é mais fácil viajar desta maneira. Se me permitirem lavar-me e descansar um pouco, responderei a todas as perguntas.

— Claro, lady Wessington — Richard concordou. — Vamos entrar. A sra. Smythe a acompanhará. — Ele fitou Emily que, pálida, mal respirava. — Por que não vai correndo na frente e avisa a sra. Smythe que temos uma convidada? — Ofereceu o braço a Jane. — Perdão, quero dizer, uma nova pessoa na família.

Emily continuou olhando para Jane e não se moveu. Esta intuiu que a menina se roia de inveja ou de raiva, e não apresentava nenhum traço de boa vontade.

— Pode ir, Emily. Entrarei em seguida e conversaremos por quanto tempo quiser.

— Não quero conversar com a senhora! Jamais! — A garota correu e desapareceu dentro da casa.

Jane fitou Richard e suspirou.

— Acho que não me saí muito bem, não é verdade?

— Perdoe Emily, por favor. Não sei se lhe disseram, mas o relacionamento dela com o pai é muito difícil. Deve estar imaginando onde se enquadrará nesse enlace.

— Engraçado... eu pensei isso a meu respeito. Creio que nós duas temos muito em comum.

Os primeiros dias de Jane na casa foram de adaptação. Aprendeu os nomes e memorizou a fisionomia dos poucos empregados que haviam permanecido em Rosewood. Inteirou-se das tarefas que tornavam possível o funcionamento de uma grande propriedade. Emily permaneceu uma incógnita. A menina se manteve a distância. Não a acompanhava nas refeições nem entrava nos recintos onde Jane estivesse presente. Esta

não se incomodou. Entendia que a menina precisava de tempo e que se aproximaria no momento certo.

No começo da segunda semana, a vida de Jane havia se transformado em uma rotina. Meg e Graves tinham chegado. Graves deixara Wessington quando o conde se recusara a permitir que ele viesse para Rosewood. Os dois vinham trabalhando ao lado da sra. Smythe para deixar a residência em ordem, e Jane encontrou tempo para examinar os livros contábeis da propriedade. Para sua surpresa, estavam em dia, feitos com precisão e bem cuidados.

Depois de passar grande parte do dia analisando números, Jane concluiu que a propriedade assemelhava-se a um monstro marinho que engolia o que encontrasse pelo caminho. Eram gastas grandes quantidades de dinheiro, mas pouco retornava. Não era para admirar que Phillip estivesse naquela penúria financeira.

Jane conhecia o valor de seu dote. Mesmo substancial, em poucos anos voltariam à bancarrota em que se encontravam se nada fosse feito para mudar o rumo dos negócios. Não imaginava qual a atitude a ser tomada e duvidava que Phillip soubesse. Mas alguém deveria saber.

A sra. Smythe passou pelo hall, espiou para dentro da biblioteca e perguntou se Jane precisava de alguma coisa.

— Obrigada, estou bem. Estive analisando os livros de contabilidade e eles estão muito bem-feitos. Quem se encarregou de fazê-los nos últimos anos?

— O sr. Richard, lady Jane — a governanta falou sem pensar.

Ah, o misterioso Richard Farrow.

— E onde ele se encontra no momento?

— Deve estar na estrebaria com Emily.

— Poderia mandar avisá-lo de que desejo falar com ele?

A sra. Smythe mordeu o lábio inferior, imaginando o que deveria fazer. As ordens de milady teriam de ser cumpridas.

— Pois não, milady.

— Não fique preocupada, sra. Smythe. Desejo apenas conversar com o sr. Richard.

Depois de algum tempo, ele apareceu na porta e observou Jane debruçada sobre as brochuras. Ela finalmente percebeu a presença de Richard, que se empertigou.

— Perdoe-me por não me anunciar, milady. Apenas fiquei surpreso em vê-la interessada com o que se passa na propriedade.

— Pelos números, eu diria que está mais do que na hora de alguém se interessar.

— Tentamos fazer o melhor possível.

— Não pretendi criticar ninguém. Por favor, sente-se. — Jane indicou a cadeira em frente, sabendo que Richard Farrow estava mais acostumado a usar a que ela agora ocupava. — A contabilidade é precisa e posso dizer que o senhor gastou muito esforço em uma causa perdida. O esforço foi seu, não foi?

Richard permaneceu em silêncio.

— Diga-me: qual é o grande segredo? O senhor trabalha aqui e não trabalha. Mora aqui e não mora. Cuida da parte financeira e não cuida.

Richard sorriu.

— Eu lhe direi a verdade, milady, mas peço apenas uma coisa. Se decidir contar a seu marido, prometa não mencionar que Emily sabe a meu respeito.

— Sabe o quê?

— Que estou aqui.

— E por que não deveria estar?

— Porque Wessington se aborreceria muito. — Richard se mexeu na cadeira.

— A amizade entre os dois terminou?

— Lady Jane, seu marido me odeia. Se ele me encontrar aqui, me fará correr sob a mira de uma pistola.

— Nem por isso o senhor foi embora. Continua cuidando das terras, dos animais e de Emily.

Richard deu de ombros.

— Minha família trabalha em Rosewood há séculos. Este é o meu lar, o único lugar onde vivi. Eu amo Rosewood, e Wessington passou a odiar a herdade. Se eu não cuidasse de tudo durante esse tempo todo, quem o faria?

— Meu marido não imagina quem tem feito isso?

— Creio que ele não se preocupa com tais coisas. Vem aqui alguns dias por ano, geralmente no verão, quando está de passagem para outro local. Se algo de importância acontece, eu mando avisar o dr. Thumberton, que se encarrega de passar a notícia para Wessington, que toma as decisões. O conde nunca perguntou a procedência das informações e deve supor que Thumberton mantém um encarregado aqui.

— Inacreditável! — Jane esfregou os olhos.

— Sinto muito, milady. Não pretendia aborrecê-la.

— Não aborreceu. Eu me surpreendo com a insensatez de meu marido em abandonar uma herdade tão grande. Por quanto tempo ele acha que a situação pode continuar dessa maneira?

— Não sei o que o conde acha, mas acredito que muitas mudanças são necessárias.

— Eu concordo e espero que o senhor esteja pronto para retomar o trabalho. Preciso de um bom mestre para que eu possa detectar a raiz dos problemas.

— Milady não dirá a seu marido que estou aqui?

— Sr. Farrow — Jane ergueu uma sobrancelha —, eu cheguei a uma conclusão. O que ele não souber não o afetará.

Richard sorriu, concordando.

— Lady Jane, terei imenso prazer em tê-la como aluna. Vou começar afirmando que estamos pisando numa das terras mais férteis da Inglaterra.

Phillip não conseguia enfiar as mangas do paletó. O alfaiate as deixara um pouco apertadas, segundo a moda, e o novo criado nunca aparecia quando se precisava dele.

Praguejando contra Graves, deu um puxão na gravata, o que desmanchou o nó que havia feito, e novas imprecações se seguiram. Graves trabalhara para ele apenas três anos e assim mesmo havia se tornado imprescindível. Ah, o ingrato! Fugira quando a situação tinha melhorado. Phillip tentara descobrir pistas de Graves de todas as maneiras. Tudo inútil. O homem sumira.

Durante o tempo em que estiveram juntos, Phillip nunca havia perguntado a respeito da família ou do passado de Graves. Por isso não tinha idéia de onde procurá-lo.

— Espero que esteja pedindo esmolas, ingrato infeliz! — Phillip murmurou no caminho para a escada.

No degrau inferior, constatou, irado, que ninguém estava por perto.

Precisava trazer Jane de volta para Londres e assim acabar com aquele absurdo. Ela contrataria as pessoas certas e administraria o trabalho da criadagem. Esposas serviam para isso! Qual o sentido do casamento se elas se recusassem a cumprir as obrigações? Jane nem ficara tempo suficiente para receber as arcas com os vestidos novos que haviam sido encomendados. O enxoval ocupava vários armários da casa, uma recordação silenciosa e triste dos erros que Phillip cometera na vida.

Desfiou um rosário de pragas contra Jane por ela tê-lo abandonado. Foi até o



pequeno guarda-roupa que ficava no hall, onde pegou a capa e o chapéu. Quando chegou perto da porta, o criado apareceu.

— Posso ajudá-lo, milorde?

— Vá dormir um pouco!

Irritado, Phillip saiu. A carruagem não se encontrava na porta, como deveria. Após alguns minutos, ouviu-se barulho de rodas e cascos de cavalos. O novo cocheiro trouxe o veículo até a entrada.

Com as tentativas de Phillip de recuperar o antigo esplendor da casa, houvera uma afluência de novos empregados e os problemas se multiplicaram. Não havia pessoal qualificado disponível. Os bons eram retidos por seus empregadores e dificilmente dispensados. Phillip tivera de contentar-se com refugos e sua casa estava lotada de desconhecidos que não se incomodavam com ele e que, por sua vez, também lhes era indiferente.

Nada disso teria acontecido se Jane não tivesse ido embora. Tornou a amaldiçoá-la. Não se conformava. Ele mal a conhecia como esposa, e Jane, mesmo ausente, o atormentava dia e noite. A temporada londrina estava terminando e as pessoas começariam a voltar para as propriedades rurais em duas semanas. Phillip pensou em ir direto para Rosewood e ordenar o retorno de Jane a Londres, mesmo sem saber o que faria caso ela voltasse.

Passara a noite anterior em seus aposentos frios, silenciosos e tristes, refletindo sobre sua miserável vida. A conclusão não poderia ser mais desanimadora. Entendera que havia se transformado num sujeito desprezível que fora abandonado até pela esposa. E isso passou a incomodá-lo, por algum motivo. Talvez fosse a influência dos votos matrimoniais proferidos diante de Deus que o haviam abalado.

— Você sabe onde é a residência dos Milton? — Phillip perguntou ao cocheiro.

— Sei, milorde. — O homem tocou na aba do chapéu. Phillip entrou na carruagem e recostou-se no assento de couro. Depois de algum tempo e inúmeras voltas pelas ruas de Londres, Phillip teve certeza de que o imbecil não tinha a menor idéia para onde ia. Demoraram três vezes mais do que o necessário para chegar ao destino.

Naquela noite realizavam-se muitos bailes, cada um mais grandioso que o outro, como se todos tentassem aproveitar os últimos momentos da permanência na capital. Phillip resolvera ir ao baile dos Milton por ser um local onde as possibilidades de encontrar Margaret eram ínfimas.

Desde aquela trágica manhã, ele evitava Margaret Downs como se ela fosse uma

praga. Era impossível esquecer como Jane fora humilhada e como sofrera. Ele havia mandado uma mensagem para Margaret explicando que teriam de separar-se por um tempo até que os boatos e o escândalo se acalmassem, embora nunca mais pretendesse encontrá-la. E isso descontrolara sua vida íntima, representando um grande desconforto para um homem acostumado a procurar a satisfação a qualquer momento. As circunstâncias pioravam seu estado e Phillip considerou a hipótese de procurar uma prostituta em um dos bordéis mais elegantes da cidade.

Para deixar evidente que não tinha intenção de apegar-se a compromissos, era visto com várias mulheres, mas nunca mais de três vezes com cada uma. Aquela noite seria a da condessa russa.

Entrou no salão de baile, encostou-se na parede e procurou-a, mas não a encontrou. Em dado momento, reparou em uma mulher de cabelos castanho-avermelhados do outro lado do recinto. De lado, pareceu tratar-se do Jane, mas quando ela se virou, Phillip viu que a outra apenas se parecia com sua esposa. A moça, mais gorda de que Jane e sem atrativos, tinha um olhar de enfado, como se tudo a aborrecesse.

Ela usava um traje simples, fora de moda e modesto demais para a ocasião. O homem de cabelos brancos que estava à sua direita usava um casaco que somente um capitão de navio envergaria. O jovem a sua esquerda era o mais bem trajado dos três e Phillip teve uma sensação estranha ao observar o grupo.

Ele aproximou-se de lady Carrington, velha amiga e que fora sua amante antes de ela casar-se de novo. A dama sabia da vida de todos, mas também guardava segredo quando necessário.

— Está vendo aqueles três desconhecidos? — Phillip apontou com o queixo.

— Sim, claro. Estão chamando a atenção de todos.

— Quem são eles?

— Milorde não sabe? — Lady Carrington riu com gosto e pegou uma taça de champanhe de um serviçal que passava. — Tome, vai precisar disto quando souber. E procure não demonstrar nenhuma reação, pois na certa estará sendo observado.

— Do que está falando?

— Aqueles são seus novos parentes por parte de sua esposa.

Phillip precisou de todo o autocontrole para não cuspir a bebida que estava em sua boca. Ficou pálido, engoliu o espumante e tomou outro gole.

— Está brincando!

— De jeito nenhum, meu querido. O mais velho é Charles Fitzsimmons, que veio acompanhado da outra filha e do genro. Ouvi dizer que são donos de uma riqueza incalculável.

— É, eu sei. — Phillip torceu os lábios. — O que eles estão fazendo aqui?

— Fitzsimmons se encontra em Londres para anunciar os mais recentes negócios da família. Vieram para encontros com banqueiros e industriais.

— Do que se trata?

— Segundo me disseram, o genro é brilhante e teve a idéia de criar um ramo de importação e exportação, usando navios próprios. É uma grande novidade e está destinada a aumentar ainda mais a fortuna deles.

Phillip franziu a testa.

— Mas... essa era a idéia de Jane.

— De quem?

— Nada, nada.

Ele ergueu a taça e fitou o sogro e os cunhados de viés, sabendo que teria de se apresentar. Os que conheciam sua ligação com os Fitzsimmons deviam estar rodeando a carniça como abutres, esperando o desenlace. Relutante, atravessou o salão.

A etiqueta social recomendava pedir à anfitriã ou a alguém que conhecesse os Fitzsimmons para apresentá-lo. Mas era impossível revelar a lady Milton que jamais encontrara os parentes, sem despertar uma onda de boatos incontroláveis. Por isso, Phillip continuou a caminhar a passos largos. Parou diante de Charles, como se já se conhecessem, e fez uma mesura cortês.

— Senhor, perdoe-me o atrevimento, mas eu não pude conter a ansiedade de conhecê-lo. Sou Phillip Wessington.

— Wessington?

Charles fitou-o por alguns segundos, perplexo, sem relacionar o nome à pessoa. Era incrível que o homem houvesse entregado a filha, junto com dezenas de milhares de libras, e não se lembrasse do destinatário!

— O marido de Jane — Phillip respondeu, ácido.

— Ah, sim, Wessington. — O homem estendeu a mão com vivacidade, enquanto perscrutava os presentes com certo nervosismo.

— Prazer em conhecê-lo, senhor.

— O mesmo digo eu, meu rapaz. — Charles tossiu. — Jane está com milorde?

— Não, ela se encontra em uma das minhas propriedades rurais.

— Ah, sim. Uma pena não a encontrarmos — Charles afirmou, sem nenhuma tristeza e bastante aliviado. — Quero apresentar-lhe Gertrude, minha outra filha.

— Senhora. — Phillip curvou-se sobre a mão da cunhada. Gertrude fez uma cortesia, sem perder o ar desgostoso.

— Este é seu cunhado, Gregory — Charles continuou. Gregory empalideceu.

— Milorde é o marido de Jane?

— Foi o que o sacerdote disse ao final da cerimônia — Phillip alegou com sarcasmo.

— Não quis ofendê-lo, milorde. Estou apenas surpreso. Ouvimos dizer que ela havia se casado com um conde, mas...

Gregory não encontrou palavras para explicar o espanto diante daquele nobre atraente e viril. Ele imaginava o marido de Jane como um camarada antiquado, careca e obeso. Pigarreou e soltou um pouco a gravata que, de repente, passou a apertar-lhe o pescoço.

— Jane é como uma bela jóia. Espero que milorde entenda o valor que tem nas mãos.

— Eu lhe asseguro que entendo — Phillip falou e notou que Gertrude fitava o marido com malícia.

Olhar para eles despertou em Phillip uma compaixão relativa a Jane. Como ela conseguira permanecer vibrante e imaculada, convivendo com aquela gente que lhe pareceu asquerosa? E mesmo sem a menor vontade de ser educado, sentiu-se obrigado a fazer uma gentileza.

— Eu gostaria de convidá-los para jantar comigo.

— Sinto muito, lorde Wessington — Charles recusou —, estamos de partida para Portsmouth amanhã.

— Uma pena não podermos aprimorar nosso conhecimento. — Phillip suspirou, aliviado. Ficara livre de uma noite pavorosa.

— De qualquer maneira, eu gostaria de conversar com milorde em particular — disse Charles. — Conhece algum lugar desta casa onde possamos ficar em paz?

— Sim. — Phillip apontou o vestíbulo. — A biblioteca é por ali.

O olhar de Charles preveniu Gregory e Gertrudes que não pretendia ser seguido.

Phillip precedeu o sogro, entrou na biblioteca e serviu dois cálices de conhaque.

— Em geral não costumo beber — Charles declarou, aceitando o que lhe era oferecido. — Embota a mente, sabe como é? Mas creio que vou precisar desta dose.

Quanto mais Charles falava, mais Phillip se alegrava de não ter de conviver com ele. O homem idoso não lhe inspirava confiança. Phillip rodou o cálice, tomou um gole e notou que o pai de Jane não parecia encontrar-se à vontade. Suava e tinha as bochechas vermelhas.

— Está se sentindo bem?

— Tivemos um dia muito agitado. — Charles puxou o colarinho. — Deve ser a excitação de saber que o plano de Gregory foi posto em ação, e também o cansaço por ausentar-me de casa. Jamais gostei de viajar.

— Entendo.

— Como está Jane?

— Bem — Phillip mentiu. Não poderia dizer ao sogro que não falava com ela havia três meses.

— O casamento transcorreu sem transtornos?

— Sim.

— E o dinheiro? A transferência foi satisfatória?

— Sem dúvida.

Charles tirou um lenço do bolso e enxugou a testa, demonstrando grande desconforto.

— Tenho uma confissão a lhe fazer, lorde Wessington.

— Pois não, senhor. Pode falar.

— Quando exigi que Jane se casasse, tive de forçá-la a abandonar os negócios da família.

— Isso foi necessário?

— Jane sempre foi muito capaz e interessada nos negócios. Sou obrigado a admitir que, com o passar do tempo, passei a depender dela. Mas estou envelhecendo e os anos do meu comando estão se esgotando. Eu não podia deixá-la continuar a administrar os negócios, mesmo sendo de maneira velada. Sei que a pretensão de Jane seria ocupar meu lugar quando eu me afastasse do estaleiro.

Phillip espantava-se com a vontade de proteger Jane daquele asno pomposo.

— Por que ela não poderia fazê-lo? — Ele sabia a resposta, mas desejava irritar o sogro.

— Ora, porque é mulher! — Charles fitou-o como se Phillip fosse um retardado.

— Ah, entendo.

— Não tenho filhos, por isso venho burilando Gregory há anos para tomar conta de tudo quando eu me aposentar. Já tive minhas dúvidas sobre a capacidade dele, mas esse seu novo plano de expansão acabou com as minhas desconfianças.

— Tem certeza de que acertou?

— O plano de Gregory é brilhante.

— Que bom. Jane gostará de saber disso.

— O que ela pensa não me interessa. — Charles deu de ombros. — Na verdade, eu lhe contei tudo isso porque preciso de uma promessa sua.

— A respeito?

— Quando ordenei a minha filha para casar-se, também prometi a ela que poderia voltar ao trabalho em seis meses. Jane lhe contou?

— Sim.

— Calculei que seis meses seria tempo suficiente para ela engravidar e envolver-se com as obrigações da maternidade. Milorde está providenciando isso, não está?

Phillip corou com a audácia do sogro.

— Não estou entendendo os seus objetivos, senhor.

— Muito bem. Estou contando com a certeza de que milorde não a deixará voltar.

— Quanto a isso, o senhor pode ficar sossegado. Não tenho essa intenção. — Ele faria qualquer coisa para Jane não ter de suportar novamente aquelas pessoas.

— Ótimo. Eu não a quero de volta. Sinto muito importuná-lo com esse problema, mas ela é muito teimosa e acostumada a fazer o que deseja. Talvez seja culpa minha, pois sempre a mimei demais. — Charles tomou um gole de conhaque e engasgou.

Sua palidez se acentuou e Phillip ficou alarmado.

— Tem certeza de que está bem?

— Preciso sentar-me um pouco. — Charles não deu dois passos. Levou a mão à garganta e caiu no solo.

— Fitzsimmons! O que houve?

Phillip saiu correndo à procura de ajuda.

Jane recostou-se na poltrona e espreguiçou os braços, feliz por estar trabalhando.

Quando se casara, não podia imaginar que acabaria sendo tão necessária em Rosewood. Tanto os que moravam o trabalhavam na herdade quanto os camponeses das aldeias vizinhas que dependiam da solvência de Rosewood para sobreviver bendiziam a administração e o atendimento de Jane. E para a própria surpresa, ela descobriu que precisava de todos. O apoio, o interesse e o respeito das pessoas eram tocantes e irresistíveis.

Com a orientação segura de Richard, as lacunas começavam a desaparecer. Em cinco anos saíam do vermelho, e em dez a herdade voltaria a ser uma das mais produtivas da Inglaterra.

A satisfação era inesperada e gratificante. Os aldeões voltavam ao trabalho e, em pouco tempo, Jane provera ganhos para muitos, ajudando-os a alimentar as famílias. Era prazeroso sentir a recompensa pelo esforço que ela fazia em benefício de todos.

Quando trabalhava com seu pai, ninguém lhe agradecia. Por ser mulher, ficava afastada dos construtores de navios. Seu maior contato era com os guarda-livros e funcionários dos escritórios. Eles eram homens corteses e prestativos, mas nenhum jamais a olhara com gratidão pelo salário que recebiam.

Quanto ao pai... Durante anos, Jane havia imaginado que ele apreciava sua ajuda e competência. Mas agora, rememorando os fatos, compreendia que Charles nunca se orgulhara dela.

Jane sempre considerara o estaleiro Fitzsimmons sua vida e seu futuro. Um direito hereditário que, pela primeira vez, não lhe acenava com alegria. Com certo pesar, olhou no calendário e observou que a possível volta a Portsmouth se daria em dois meses. Retornaria para casa, para os abusos e exigências de seu pai. Teria de suportar as palavras acidas e cruéis de Gertrude. Encontraria Gregory, que mais uma vez a pressionaria para cometer um erro, dessa vez impraticável.

O mais sensato seria permanecer em Rosewood, embora soubesse que ali também não era seu lugar. E jamais seria considerando-se as atitudes de Emily. A menina se mostrava agressiva, distante e fria. Jane não a pressionara. Era preciso tempo para a garota absorver a idéia do casamento do pai, embora até aquele momento o comportamento de Emily não tivesse sofrido a menor mudança.

Precisava conversar com a menina, ou não conseguiria dar um passo adiante.

No instante em que Jane fechou o caderno de contabilidade, Meg entrou na

biblioteca. O ar do campo fizera bem à moça, que estava bronzeada, saudável e feliz. Jane sorriu.

— Que bom, Meg. Como adivinhou que eu precisava lhe falar?

A outra começou a arrumar o grande buque de flores que trouxera.

— Eu mesma as cortei. Gosta delas?

— São as minhas favoritas.

— Em que posso servi-la, Jane?

— Graves me contou que o seu trabalho anterior foi como preceptora.

Meg ficou imóvel e suspirou.

— É verdade.

— Gostava do seu trabalho?

— Bastante. Por que está me perguntando isso?

— Por acaso lhe interessaria assumir o cargo de preceptora de Emily? Ela precisa muito de orientação, e acho que a sua experiência seria valiosa.

— Ah, Jane. — Meg corou. — Fico muito lisonjeada pelo bom julgamento que faz a meu respeito.

— E por que eu não faria?

— Bem, talvez eu não seja a pessoa indicada para orientar uma jovem.

— Bobagem, Meg. Sua colaboração seria inestimável.

— Tenho de confessar algo e...

Jane segurou a mão de Meg, que se aproximara da escrivaninha.

— Não há nada para confessar. Sei o que houve e nada mudou minha opinião a seu respeito.

— E verdade, Jane? Sempre soube?

— Graves me contou há algum tempo.

— Bandido!

— Não fique zangada. Ele quis protegê-la.

— E não lhe importa o que aconteceu comigo?

— Nem um pouco.



— Eu me sinto tão indigna... Tem certeza do que está me pedindo?

— Nunca estive tão certa de alguma coisa. Emily foi entregue aos meus cuidados e creio que eu não poderia encontrar melhor colaboradora na tarefa.

— Obrigada, Jane. — Os olhos de Meg brilhavam pelas lágrimas de emoção. — Muito obrigada.

— Isso quer dizer que aceita?

— Sim e com prazer. Mas creio que teremos muito trabalho.

— Tem toda a razão, Meg.

Elas conversaram durante algum tempo sobre o que fazer com Emily, como acalmar seus receios e arredondar as arestas sem reprimir a energia e os encantos naturais da garota. E concluíram que a tarefa chegava a ser desanimadora.

Após a saída de Meg, Jane entreteve-se com outro projeto, até o mordomo bater na porta, procurando por Emily.

— O sr. Morris veio visitá-la — ele anunciou.

— Quem é o sr. Morris?

O mordomo pigarreou e desviou o olhar.

— Um vizinho, milady, e amigo de seu marido. Ele costuma vir aqui para conversar com lady Emily e assegurar-se de que tudo está correndo bem na ausência do pai.

— Por favor, faça-o entrar na sala da frente e oferecera-lhe algo para beber.

— Já fiz isso, milady.

— Obrigada. Avise-o que descerei logo para encontrar-me com ele.

O mordomo saiu e Jane fechou os livros. Levantou-se e, quando deu a volta na escrivaninha, viu as pontas de duas botas empoeiradas por baixo da cortina.

Emily!

Há quanto tempo ela estaria escondida, escutando? Na certa, ouvira toda a conversa com Meg.

Jane fechou a porta, fingindo ter saído, e ficou imóvel. Depois de um minuto, Emily empurrou a cortina e saiu, silenciosa. Foi até a secretária e vasculhou nos papéis de Jane.

— Bisbilhotar é terrivelmente descortês. A menina deu um pulo.

— Lady Jane! Eu não sabia que ainda estava aqui.

— É óbvio. — Jane cruzou os braços e bateu com a ponta do sapato no chão. —

Bem, o que tem para me dizer?

Emily puxou a saia do vestido marrom e horrível. As mangas eram muito curtas e a barra, alta demais. Na certa, a roupa datava de alguns anos.

— Eu me perdi.

— Tente outra coisa.

— Eu estava procurando algo.

— De novo.

Jane fez vários movimentos circulares com a mão para indicar maior rapidez nas mentiras.

Depois de mais três inúteis tentativas, Emily ergueu as mãos.

— Desisto. Eu estava xeretando! Está feliz agora?

— Na verdade, estou e muito. Sempre achei que deveríamos ser sinceras uma com a outra.

— Por quê?

— Assim eu ficaria inteirada das suas idéias e dos seus sentimentos.

— E por que isso a incomoda?

— Por você ter-se tornado minha filha, quer isso lhe agrade ou não, seria interessante eu conhecê-la melhor.

— Por que se casou com meu pai? — Emily perguntou de repente.

Mentir não seria um bom começo.

— Meu pai decidiu que havia chegado o momento de eu me casar e exigiu que encontrasse um marido. Para apressar o assunto, ofereceu um grande dote.

— Então papai se casou pelo seu dinheiro?

— Exatamente. — Jane engoliu o nó na garganta e suspirou.

Emily surpreendeu-se ao ver-lhe o sofrimento no olhar marejado. Ela imaginara que seu pai fora vítima de uma armadilha de Jane. Afinal, ele era muito atraente e vivia acompanhado de beldades. Jane lhe parecera tão comum que a verdade jamais tinha lhe ocorrido.

— A senhora não queria se casar com meu pai?

— Não. Sinto que a verdade possa incomodá-la, mas é só o que posso afirmar.

— E o que ele pensa a seu respeito?

— Eu diria que seu pai dá pouca importância ao assunto. Deixei Londres no dia seguinte ao casamento e depois disso não soube mais dele. Posso afirmar que o conde ficou feliz por receber o meu dinheiro e ainda mais feliz por se ver livre de mim. — As lágrimas deslizavam sem controle por ter de admitir tais fatos, mas seria melhor esclarecer tudo de início.

— Mas... isso é... horrível! — Emily sentiu uma inesperada onda de compaixão. Mais do que ninguém, sabia o que era ficar de fora da vida do pai.

— Eu não diria que é horrível. Foi um casamento combinado e eu poderia estar em pior situação.

— Se ele não a ama, o que será de nós?

Ao ver as lágrimas de Emily, Jane refletiu que seria difícil sair de Rosewood e abandonar aquela menina linda e solitária.

— Eu esperava que nós duas pudéssemos viver juntas como amigas e companheiras.

— Quer ser minha amiga? Apesar da maneira como a tenho tratado? — indagou Emily.

— Sei que não foi nada pessoal. Era preciso um período de adaptação para as novidades que eu trouxe de maneira inesperada.

— Sinto muito pelo modo como venho agindo.

— Eu sei, querida. — Jane sorriu e estendeu a mão. — Amigas?

— Nunca tive uma lady como amiga e acredito que vou gostar muito. — Emily apertou a mão de Jane.

— Bem, agora vai me contar por que estava se escondendo aqui?

A garota hesitou, incerta se Jane entenderia.

— Eu estava me escondendo do sr. Morris.

— Aquele que vem visitá-la?

— Sim, mas eu não quero falar com ele.

— Não seria cortês se nós esnobássemos um amigo de seu pai.

— Dessa vez talvez a senhora pudesse ir sozinha.

— Por que não deseja vê-lo? Ele a ofendeu?

— Bem... é que... — Emily corou e abaixou a cabeça. — O sr. Morris gosta que eu me sente no colo dele, mas eu detesto. O sr. Morris insiste para que eu o beije em despedida, e na boca, porque papai disse a ele que nós vamos nos casar! Eu não tenho de me casar com ele, tenho?

— Casar? — Jane franziu o cenho. — Deve haver algum engano.

— Não, não. O sr. Morris disse que papai vai nos casar este ano no meu aniversário e que será ótimo. Eu acho que será pavoroso. Terei de ir embora com ele e eu não quero ir! Eu quero ficar aqui com a senhora, com Richard e a sra. Smythe. E com o meu cavalo. Estou pensando em arranjar um cachorro... e dos grandes.

A menina certamente entendera mal. Ela estava com apenas onze anos! Mesmo um patife como Phillip não faria uma coisa dessas. Ou faria? Jane sentiu um arrepio na espinha ao lembrar-se que era comum pais casarem filhas de doze anos.

— Emily, não será preciso encontrar-se com o sr. Morris. Nunca mais. Falarei com seu pai, pois tenho certeza de que houve um mal-entendido. Prometa que não irá se preocupar mais.

— Está bem. Mas isso vinha martelando muito na minha cabeça.

— Posso imaginar. Agora vá, querida.

— Obrigada, lady Jane. — Emily enlaçou-a com força pela cintura, e Jane retribuiu o abraço até a menina se afastar. — Meg vai ser minha preceptora de verdade?

— Se isso lhe agradar...

— Eu gostaria muito.

— Então vamos tentar e ver o que acontece, está bem? Por que não aproveita e vai à procura de Meg? Acho que precisaremos de alguns vestidos novos para a festa da colheita, em setembro. Meg poderá aconselhar os modelos e tecidos mais apropriados e quais as cores adequadas. Ela entende de moda e conhece os últimos lançamentos de Londres. Teremos de falar com a costureira da aldeia.

— A senhora também vai querer roupa nova?

— Nós duas encomendaremos várias.

Jane encontrou Morris na sala de estar tomando chá e, apesar de vestido como um jovem, aparentava ser bem mais velho do que Phillip. Arrepiou-se. Não era à toa que a menina se apavorara. Será que as visitas eram freqüentes? Phillip estaria a par dos acontecimentos?

Morris estreitou os olhos azuis ao ver Jane. Curiosamente, ela lembrou-se de sua

infância, quando um tio insistia para que se sentasse no colo dele.

Detestou Morris de imediato, antes mesmo de falar com ele. Se dependesse dela, Emily jamais ficaria na companhia daquele homem.

— Sr. Morris? Sou Jane Wessington.

— Prazer em conhecê-la, lady Wessington. Não esperava encontrá-la aqui, sendo que o conde ainda está em Londres.

Evidente que não!

Morris levantou-se e curvou-se sobre a mão de Jane. Ela teve de conter-se para não arrancar os dedos depressa demais. Quando ele a soltou, Jane esperou-o desviar o olhar e limpou a mão na saia.

— Disseram que o senhor está aqui para falar com lady Emily.

— É verdade. Sou amigo do conde Wessington e, a pedido dele, tenho vindo inteirar-me a respeito da saúde e do bem-estar de lady Emily. Gosto dela como se fosse minha filha.

Jane não pôde evitar o nojo que a acometia. Queria ver Morris bem longe dali e, independentemente das conseqüências, pretendia fazê-lo entender que ele não seria mais bem-vindo.

— Sinto muito, mas lady Emily está ocupada no momento, recebendo instruções de uma nova preceptora que contratei para ela.

Morris sabia que era mentira. Pela janela, vira Emily correr para o jardim minutos antes de lady Wessington entrar na sala. Seus olhos escureceram de ódio. Detestava a maioria das mulheres, ainda mais as que ostentavam ares superiores de autoridade.

— Talvez eu possa esperar. Tenho quase certeza de que Wessington vai querer um relatório quando eu voltar a Londres.

— Não se preocupe. A agenda de lady Emily está lotada e ela ficará ocupada até a noite.

— Ah, sei... — Morris levantou-se.

Jane tinha certeza de que ele entendera e que a mensagem oculta atingira o alvo. Era visível o esforço que Morris fazia para controlar sua ira.

— Obrigada por seu interesse — Jane disse com a voz mais doce que conseguiu fingir, mas suspeitou que a falta de sinceridade fosse visível.

— O que direi quando encontrar o conde?

— Não é preciso dizer nada. Eu mesma relatarei tudo o que ele tem de saber. Bom dia, senhor.

O mordomo, com perfeito senso de oportunidade, esperava na porta com o chapéu de Morris, que saiu sem dizer uma só palavra.

— Alguma coisa mais, milady? — o mordomo perguntou.

— Sim. Avise a criadagem que a entrada do sr. Morris nesta casa para visitar lady Emily está proibida em quaisquer circunstâncias. Para evitar situações desagradáveis, pode dizer-lhes que estão seguindo minhas ordens e que não ousariam contrariar-me.

— E quanto às instruções do conde?

— Não se preocupe, eu me entendo com ele. De qualquer forma, esse homem não deve mais aproximar-se de Emily.

Jane virou-se e voltou para dentro da residência. Imersa em seus pensamentos, não escutou o comentário do mordomo.

— Muito bom, lady Jane. Muito bom.

## Capítulo V

Phillip passou pela aldeia nas cercanias de Rosewood e não acreditou nas mudanças no comportamento das pessoas. Durante anos, mal era reconhecido e, quando muito, recebia um vago aceno de mão. Agora, homens e mulheres sorriam e paravam para cumprimentá-lo. As saudações eram contínuas e Phillip não se lembrava da última vez em que fora tão bem recebido.

Os vaticínios a respeito da saúde de Charles Fitzsimmons eram severos, e Gertrude, contrariando a opinião de todos, havia insistido em levar o pai de volta a Portsmouth. Depois da partida deles, Phillip se pusera a caminho para levar a notícia a Jane. Com certa dose de culpa na consciência, achou mais conveniente falar com ela pessoalmente. Procurou convencer-se de que cumpria apenas uma obrigação de marido, mas admitiu que a vontade de ver Jane e desculpar-se tinha sido a maior causa da sua decisão. Não imaginava de onde vinham tais sentimentos, mas o fato é que eles haviam se instalado em seu íntimo.

Sob um belo sol de verão, decidira viajar sozinho para Rosewood. Foi uma viagem tranqüila que lhe permitiu apreciar a esplêndida paisagem que ele não se lembrava de ter

percebido desde a meninice, quando brincava com Richard Farrow nos esconderijos secretos. Rompidas as barreiras que erguera em autopreservação, assumiu que sentia saudade daqueles tempos. Tinha sido uma época de inocência e brincadeiras ingênuas. Sentia falta de Richard, o único verdadeiro amigo que tivera.

Saiu da estrada principal e atravessou os portões da herdade. Amara aquele lugar na infância e, sob o olhar de Richard, Rosewood havia sido um imenso parque de recreação. Nos primeiros anos de juventude, passou a pensar naquelas terras como sua herança, um espaço imenso de grande beleza e prosperidade que ficaria a seus cuidados.

Porém as lembranças que o atormentaram mais tarde eram péssimas. Meses e anos solitários em que ansiava pela atenção de seu pai. A convivência com o autoritarismo dos tutores que o espancavam e repreendiam. E o grande amor pela pessoa errada que destroçara seu coração e sua vida.

A propriedade parecia renovada naquele dia de sol resplandecente. Diminuiu a marcha do cavalo para prolongar a alegria do trajeto até a mansão. Ouviu risos femininos e vozes masculinas nas proximidades. Curioso para saber a origem e os motivos dos folguedos, mudou a direção do cavalo e entrou na mata.

Deixou as árvores para trás e chegou à campina verdejante. Do outro lado, divisou um dos regatos que cortavam a propriedade e, em uma das margens, um piquenique em andamento. Ninguém notou sua aproximação e Phillip ficou abismado com o cenário diante de seus olhos.

Meg e Emily brincavam na água com os pés descalços. Jane, sentada sobre uma manta, mostrava-se mais adorável do que nunca em um leve vestido azul que revelava os ombros e a parte superior do busto. Usava um grande chapéu de palha que cobria o rosto e fazia sombra nos braços. De um lado, estava Graves, e de outro, Richard. Phillip conteve-se o quanto pôde até Richard rir de algum gracejo dito por Jane e ela dar uma palmada no joelho dele.

Arfando de ódio, Phillip viu tudo vermelho. Chegou a dar dois passos em direção à clareira, mas se deteve quando Graves se levantou e puxou Meg para perto de si.

— Agora que estamos todos juntos — Graves anunciou —, quero contar-lhes que Meg finalmente aceitou tornar-se minha esposa.

Depois de alguns instantes de surpresa, Jane e Emily pularam para abraçar o casal.

— Eu não lhe disse para insistir? — Jane alegrou-se, segurando as mãos de Graves.

— Fico feliz por ter seguido o seu conselho, Jane. Obrigado.

— Ele me venceu pelo cansaço — Meg alegou, risonha.

— Pensamos em realizar a cerimônia durante a festa da colheita e assim aproveitar as festividades.

— Esplêndido! — Jane concordou.

O cenário amistoso e familiar despertou uma fúria inaudita em Phillip. Sentiu-se traído por todos eles e principalmente por Jane. Ela deveria se sentir infeliz e solitária como ele e nunca irradiando felicidade em seu novo ambiente.

Esporeou o cavalo e passou por cima de cestos, mantas e comidas, aterrorizando a todos.

— Wessington!

— Milorde!

— Papai!

A surpresa de Jane não teve limites. Em sua imaginação, o encontro com o marido havia sido totalmente diferente. Vira a si mesma sentada na sala ao lado de Emily, as duas muito bem vestidas, a criadagem treinada e pronta para fazer da ocasião um acontecimento memorável. Phillip observaria a casa e os campos magníficos e poderia testemunhar os bons resultados alcançados.

Ao ver o conde completamente fora de si, Jane tentou amenizar a situação.

— Olá, senhor meu marido. Que surpresa agradável está nos proporcionado! Acabou de chegar?

— É o que parece!

— Então milorde ainda não esteve na casa. Ainda bem. Eu gostaria de estar presente no seu regresso e mostrar o que foi feito. — Notou o aspecto empoeirado de Phillip. — Milorde deve estar cansado e com sede. Por favor, acomode-se. Conhece todos, não é mesmo? — Jane apontou o grupo, parecendo não perceber a tensão que pairava no ar.

— Suba no meu cavalo, Jane! Estamos partindo!

— Nós acabamos de chegar. Por favor, descanse um pouco e eu o levarei até a casa.

— Agora, Jane!

O sorriso dela desapareceu. Qualquer que fosse o motivo de sua raiva, Phillip não deveria ser tão rude.

— Não vou.

— Não pretendo discutir esse assunto com a senhora. Venha cá!



Jane levou as mãos à cintura, igualmente irada.

— De maneira nenhuma!

— O que disse?

— Que não irei! Não tenho notícias suas há quatro meses e de repente, milorde aparece insultando a mim e aos meus amigos. Pois eu lhe digo que não...

Ela não chegou a terminar a frase. Sem saber como, viu-se no colo de Phillip e presa pela cintura. O chapéu de palha caiu de sua cabeça e aterrissou no solo.

— Graves e Meg, estão dispensados! — Phillip ordenou.

— Não estão! — Jane gritou, esperneando.

— Pare com isso! — vociferou o conde para ela e fitou Richard com ódio. — Saia da minha propriedade! Se eu o encontrar em um raio de cem metros próximo de minha mulher, atiro na sua outra perna!

Phillip virou o cavalo e incitou-o a um galope. Ao chegar à residência, entregou as rédeas a um palafrenero que veio correndo, apeou Jane e depois pulou no chão.

— Para dentro! Agora!

— Não farei nada enquanto estiver gritando desse jeito. O que está acontecendo com milorde?

— Comigo? — Phillip não sabia com certeza o motivo de sua ira. Talvez fosse por haver encontrado Richard e Graves ao lado de Jane. E, no momento, teve a impressão de ser um maluco gritando com ela.

— Isso mesmo! — Jane falava tão alto quanto o marido. — O que houve com milorde?

Phillip não respondeu. Agarrou-a e jogou-a em cima do ombro. Atônito, um criado abriu a porta e o conde passou com Jane batendo em suas costas e gritando impropérios. O mordomo ouviu a confusão e veio ver o que se passava. Phillip fitou-o com raiva, desafiando-o a abrir a boca.

— Eu e minha esposa não queremos ser perturbados. Ele subiu os degraus de dois em dois, percorreu os corredores a passos largos até a suíte principal. Entrou e jogou Jane em cima da cama. Ela conseguiu equilibrar-se e não cair no chão. Phillip trancou a porta com violência. Jane ajoelhou-se na cama.

— Ficou louco, lorde Wessington?

— O que estava fazendo, lady Wessington?

— Deus do céu, um piquenique, é óbvio!

— E o que fazia com aqueles homens?

— São meus amigos e trabalham para mim.

— Não admitirei isso!

— E por quê? Não posso ter amigos? O que está pensando? Que eu viria para o campo e me trancaria num armário para nunca mais sair?

— Sabe muito bem que não é a isso que me refiro.

— Então o que está insinuando? Resolvemos aproveitar o belo dia de verão depois de trabalhar duro. Era o que deveria ter notado, se não tivesse chegado como um animal enlouquecido.

— Não me provoque...

— Eu, provocar? — Jane riu. — Ora, milorde, olhe para si mesmo.

— Não ouse rir de mim!

— Por quê? Vai me chicotear? Trancar-me no meu quarto? Deixar-me sem jantar?

Jane foi até a porta, evitando passar perto de Phillip por precaução.

— Aonde pensa que vai?

— Milorde deveria aprender algumas coisas a meu respeito. Não gosto de ameaças nem de ordens e não me sinto bem fazendo o mesmo. Estou saindo. Falaremos mais tarde, quando houver se acalmado.

— Vamos conversar agora.

— Sobre o piquenique inocente que eu fazia com os meus amigos?

— Nada é inocente quando se trata de Farrow. Não a quero perto dele.

Jane surpreendeu-se. Phillip estaria com ciúme?

— E quanto a Graves? Ele também é inaceitável?

— Paguei detetives particulares durante um mês para que o procurassem, e ele estava aqui brincando de casinha!

— Ele não brincava de casinha! Graves esteve trabalhando com afinco para mim.

— Eu não dei permissão a ele para vir ajudá-la.

— Foi o que Graves entendeu, por isso deixou o emprego.

— Se ele abandonou o trabalho comigo, o que está fazendo aqui?

— Trabalhando para mim.

— Não está mais.

— Lorde Wessington, sou perfeitamente capaz de selecionar minha criadagem. Não permitirei que o demita.

— Será que vim parar num asilo de dementes? — Phillip sacudiu a cabeça. — Será que não me escutou, Jane? Eu o dispensei!

— Escutei, sim, mas como os seus atos não fazem o menor sentido, não tenho intenção de dar-lhes atenção.

— Eu nunca deveria ter permitido que viesse para cá sozinha. A senhora precisa de pulso firme.

Jane aterrorizou-se ao pensar que Phillip passaria a supervisionar sua vida.

— Senhor. — Ela procurou acalmar-se. — Graves ama Meg acima de tudo e quer se casar com ela.

— Escutei essa tagarelice idiota.

— Então deve entender que ele não poderia tê-la deixado vir para cá sozinha.

— Graves é um idiota. Desistir de um emprego ao meu lado por causa de uma mulher?

— Pois eu acho maravilhoso que ele possa amar uma pessoa tão profundamente.

O olhar de Jane dizia tudo. Phillip se recusava a acreditar no amor alheio, já que não amava a si mesmo.

— Eu precisava de Graves — Phillip afirmou com petulância.

— Ora, milorde — Jane sorriu —, creio que ferimos seus sentimentos.

— O quê? — Phillip deu um grito diante da idéia ridícula.

— Nós ferimos seus sentimentos — ela repetiu —, e isso implica que eles existem. Bem, agora talvez possamos conversar. — Foi até a poltrona perto da janela, sentou-se e arrumou a saia. — Acalme-se e diga-me o que nós fizemos de tão pavoroso.

Era difícil manter a raiva quando Jane sorria com candura. Sem a olhar, Phillip andou de um lado para outro.

— O que Farrow está fazendo aqui? Veio atrás da senhora?

— O sr. Farrow sempre esteve aqui.

— Jane, não minta. Eu o mandei embora há anos. Como foi que ele voltou?

— Posso ter muitos defeitos, milorde, porém mentir não é um deles. Sinto muito, mas tenho de dizer que Richard Farrow sempre esteve aqui.

— Fazendo o quê?

— Cuidando da propriedade, enquanto o senhor estava em Londres jogando e andando atrás de mulheres. Por anos a fio Farrow deu o melhor de si e, se não fosse por ele, não sei o que teria sido de Rosewood.

— Quem mais sabe disso?

— Todos, inclusive o dr. Thumberton. A maioria dos comerciantes e fornecedores. O povo da aldeia e acho que até os vizinhos.

Phillip sentiu-se um idiota. Como todos deviam ter rido às suas costas! A vergonha aumentou sua raiva.

— Ele não vai ficar!

— Claro que vai. O sr. Farrow ama este lugar, o povo e a terra. — Jane procurou manter a calma. — Precisamos da sua orientação e assistência.

— Não o quero na propriedade!

— Se a presença do sr. Farrow o incomoda, darei um jeito para que ele não o encontre durante a sua permanência aqui. — Ela sorriu, maliciosa. — Por quanto tempo direi ao sr. Farrow para manter-se escondido? Um dia? Dois? Ou quem sabe milorde nos concederá uma semana do seu precioso tempo?

Phillip jamais confessaria que sua primeira intenção era ficar no máximo dois dias.

— Com tudo o que vem acontecendo, talvez eu não vá embora.

— Era só o que faltava — Jane murmurou.

— O que disse? — Phillip rugiu.

— Que seria ótimo se ficasse. Pare de andar de um lado para outro!

Phillip não lhe deu atenção. Jane se pôs na frente dele, mas a raiva era tanta que Phillip não a viu. Jane foi de encontro ao peito dele, desequilibrou-se e caiu de costas.

Phillip só percebeu o que acontecera ao ouvir o barulho da queda.

— O que houve Jane? Machucou-se?

— Não. — Ela resistiu à vontade de esfregar as nádegas doloridas.

— Deixe-me ajudá-la. — Ele estendeu a mão, mas Jane não aceitou.

— Vá embora.

— Eu a ajudarei — Phillip insistiu.

Jane arrastou-se pelo chão, e ele, exasperado, pôs as mãos na cintura.

— Por que tudo o que a envolve tem de acabar em disputa? — Sem esperar resposta, Phillip agarrou-a por um braço e a ergueu.

— Obrigada. — Ela desvencilhhou-se com raiva.

— Confesso que li alguns relatórios a seu respeito antes de nos casarmos e não me lembro de ter visto qualquer menção a esse seu temperamento rebelde.

— Mas que deslante! Pois fique sabendo que eu tenho um ótimo temperamento, desde que não me dirijam afrontas o tempo todo.

— Dirigir afrontas, eu? Então é minha culpa que se transforme numa megera sempre que está na minha presença?

— Milorde espera que eu suporte calada suas atitudes arrogantes e grosseiras?

— Pois então me diga quando eu a tratei mal desde que nos conhecemos! — Phillip entendeu a falha de seu argumento assim que acabou de falar.

Ele se portara de maneira imperdoável com Jane. Depois de passar a vida inteira agindo segundo a própria vontade, Phillip nem mesmo notava quando ofendia as pessoas. Jane apenas se recusava a suportar em silêncio ser tratada injustamente.

Ao perceber a consternação do marido, ela resolveu aproveitar a chance de escapar e foi até a porta.

— Estou cansada desta discussão e tenho muitas tarefas para terminar. Com sua licença...

— Eu não dou licença nenhuma.

— Então me perdoe, mas preciso voltar ao trabalho. O piquenique do almoço foi apenas uma pausa para um descanso.

— Ainda não terminamos de conversar.

— Eu já disse tudo o que tinha a dizer. Brigas não me agradam.

Phillip aborreceu-se por ela ter coisas mais importantes a fazer do que permanecer ao seu lado. Admitiu que se comportara como um selvagem desde sua chegada, mas que também saberia como modificar a opinião de Jane.

— Como queira. — Ele recostou-se na cadeira e procurou demonstrar descontração.

— Falaremos sobre outros assuntos. Como tem passado?

— Não acredito... — Jane sacudiu a cabeça e segurou o trinco. — Estou realmente

ocupada.

Phillip nem queria pensar na hipótese de passar as horas supervisionando a herdade.

— O que farei a tarde toda se não quer conversar comigo? Ela detectou a ansiedade oculta na pergunta e chegou a ter pena do marido.

— Pouco me importa. Beber, jogar ou qualquer outra coisa que tenha por hábito fazer à luz do dia. Seu jantar será servido às nove.

Depois da saída de Jane, Phillip lembrou-se de que nem ao menos mencionara o motivo de sua visita.

Faltando um minuto para as nove, depois de uma tarde longa e aborrecida, Phillip entrou na sala de estar, esperando encontrar Jane e talvez a filha aguardando por ele para serem conduzidas até a sala de jantar. Não viu ninguém e espiou a sala de refeições. Também vazia, exceto por quatro criados vestidos a caráter, impávidos e prontos para servi-lo.

A longa mesa, onde poderiam sentar-se confortavelmente trinta pessoas, refletia a iluminação do belo lustre. Na cabeceira, um local solitário ricamente arrumado. Phillip caminhou devagar até a ponta, com a impressão de que ia para a guilhotina. Um criado afastou a cadeira de espaldar alto.

— Vinho, senhor?

— Aceito.

O ruído do líquido sendo despejado na taça de cristal ecoou pelo salão.

Mesmo sem imaginar o que o aguardaria na chegada, aquela certamente não era a recepção esperada por Phillip. Era difícil comer naquela solidão em que o raspar dos talheres de prata na porcelana o fazia estremecer. Experimentou o peixe deliciosamente preparado e afastou o prato.

— Obrigado, estou satisfeito. Podem retirar-se. Os criados se entreolharam, preocupados.

— Algo não o satisfaz, milorde? — um deles teve coragem de perguntar.

— Não é isso. Estava tudo excelente, mas a viagem foi cansativa. Estou exausto.

— Deseja que mandemos uma travessa para o seu quarto, milorde? — outro criado indagou. — Mais tarde talvez se sinta melhor.

Phillip teve pena de recusar. — Está bem, obrigado.

Um dos criados retirou seu prato; outro, as taças; e o terceiro, os talheres. Os três saíram, mas permaneceu uma jovem criada. — Eu não vi minha esposa. Ela já comeu? Espero que não se encontre acamada.

— Milady comeu há algum tempo — informou a moça.

— Ela estava sozinha? — Phillip nem mesmo sabia o porquê da pergunta.

— Não, milorde. Havia várias pessoas presentes. Jantar de trabalho, como milady diz. Fizeram planos para amanhã.

— Planos?

— Sim, a respeito da safra, da colheita e de outras coisas mais.

— Gostaria de falar com ela. Sabe onde poderei encontrá-la?

— Creio que a esta hora deve ter-se recolhido, pois se levanta muito cedo e trabalha do amanhecer até a noite. Nunca vimos uma dama fazer isso. — A criada corou. — Se me permite dizer, estamos todos encantados com ela.

A garota se retirou e Phillip ficou sozinho. Serviu-se de vinho do Porto e imaginou a noite que o aguardava. Sem alternativas, caminhou pelo saguão e entrou na biblioteca. Havia livros e papéis espalhados por toda a parte. Sentou-se atrás da escrivaninha e examinou as numerosas folhas escritas. Sem nada para fazer, pegou um caderno de notas e começou a ler. O título era *Plano de Cinco Anos*.

Duas horas mais tarde, por volta da meia-noite, Jane entrou na biblioteca e espantou-se ao ver Phillip entretido na leitura de um de seus diários. À luz de uma lamparina, ele fazia anotações. O coração de Jane disparou. Estaria o conde criticando seus esforços? Fazendo mudanças? Ou cancelamentos? Teria sido inútil todo o seu trabalho?

Absorto no que lia, Phillip não notou a chegada de Jane, e ela admitiu que o marido nunca lhe parecera tão atraente, apesar da obscuridade da sala. Com o colarinho aberto e os cabelos desalinhados, parecia outro homem. Interessado no que lia, mostrava uma expressão suave. Diferente da aparência de aristocrata desagradável com que gostava de se apresentar. Parecia mais jovem, triste e solitário.

Embora o instinto maternal a impelisse para dizer alguma coisa, Jane continuou parada na porta, vestida de camisola e penhoar, o mesmo traje com que havia sido pedida em casamento em Londres. Não desejava ser vista daquela maneira para não encorajá-lo a exercer os direitos maritais.

Durante a discussão daquela tarde, não houvera tempo para se cogitar o assunto. A responsabilidade de Phillip de ter um herdeiro resultaria obrigatoriamente em relações

ocasionais e Jane não estava com vontade de provocar o destino. Recuou, decidida a sair sem ser percebida. Não houve tempo. Phillip ergueu a cabeça no instante exato em que ela pretendia virar-se.

Eles se entreolharam em silêncio até Phillip erguer o cálice e beber um gole de vinho.

— Olá, Jane.

— Olá, milorde.

— Phillip apenas, por favor.

— Prefiro não ser tão informal. Afinal, mal nos conhecemos, senhor.

Ele fez um gesto de pouco-caso.

— O que está fazendo pelos corredores a esta hora?

— Eu não conseguia dormir e pensei em vir trabalhar um pouco.

— Pelo que me disseram, é só o que tem feito.

— Há muito trabalho a ser realizado. — Jane teve de conter a curiosidade de perguntar o que Phillip anotara. Mas depois das horas horríveis que passara naquela tarde, não suportaria as críticas. — Espero que o seu jantar tenha sido bem servido.

— Foi excelente, embora solitário. Eu aguardava a sua companhia.

— Peço-lhe desculpas, senhor. Depois do que aconteceu à tarde, achei que não desejaria ver-me.

Phillip gostava da franqueza de Jane.

— Quero cumprimentá-la pelo excelente desempenho que teve na casa e com os criados. O que vi agradou-me bastante.

— Obrigada, senhor. — Jane odiou sentir que corava. — Fico feliz que tenha apreciado o meu esforço.

— Gostei muito.

O diálogo foi canhestro. Phillip parecia querer dizer algo mais, talvez se desculpar. Mas Jane, apreensiva, resolveu retirar-se.

— Está bem. Sinto havê-lo interrompido e desejo-lhe uma boa noite.

Phillip teve a impressão de que ela usava a mesma roupa da ocasião em que haviam firmado o compromisso, quando ele ficara tão encantado e fora difícil conter-se para não a possuir. Jane se lembraria disso? Ela se virou e Phillip teve de usar uma



desculpa para impedi-la de deixá-lo.

— Estive pesquisando seu projeto de lucro para o quarto e quinto anos e não sei como chegou a esses números.

Jane se deteve, surpreendida. Richard e ela haviam discutido inúmeras vezes sobre o assunto até chegar a uma conclusão. O que teria parecido errado a Phillip?

— Penso que o senhor não entende nada a respeito de números.

— Eu não disse que não entendi. Apenas não tenho paciência com os livros de contabilidade que tanto lhe agradam.

Jane considerou o comentário uma crítica.

— Não tenho de desculpar-me do meu interesse.

— Nem há necessidade. Desde o começo achei que nossas diferentes preocupações fariam de nós uma boa dupla. — Phillip ergueu o cálice em um brinde. — Depois de analisar os projetos, concluí que eu estava certo e confesso-me impressionado com os resultados. Eu jamais teria pensado em começar pelas coisas mais simples para chegar às mais complexas. Teria feito o oposto. Estou verdadeiramente agradecido e intrigado com todo o processo.

Jane corou de novo. Phillip demonstrava sinceridade e apreciação pelo esforço que ela fizera, o que, sem dúvida, era a única boa notícia que recebia havia um bom tempo.

— Tenho de admitir que agi premida pela necessidade. Meu dote não vai durar para sempre. Depois de chegar a Rosewood e examinar a contabilidade, entendi que seria necessário agir com presteza. Por isso tomei a iniciativa de fazer o que me pareceu correto.

— Uma atitude muito perspicaz.

— Tive de tomar algumas liberdades, mas não achei que milorde fosse se incomodar com o que estava acontecendo aqui. Segundo me informaram, Rosewood não costumava merecer sua atenção.

— Isso não é verdade. Rosewood faz parte da minha herança e sou responsável pela herdade. Tenho apenas algumas dúvidas. Seria difícil conceder-me alguns minutos para um melhor entendimento? — Phillip pegou uma cadeira e deixou-a perto da sua.

Vestida como estava, Jane entendeu que deveria recusar. Haveria tempo suficiente pela manhã para discutir sobre dinheiro e projetos. Contudo, no pouco tempo em que conhecia o marido, ele raramente se mostrara tão amável. E era o que Jane desejava. Conversar com Phillip sem ter de brigar.

— Concordo, se isso lhe agrada.

Jane sentou-se na cadeira próxima à de Phillip. Teve de usar sua força de vontade para não lhe acariciar o rosto e concentrou-se na pilha de volumes e papéis que estavam sobre a mesa.

Phillip sorriu pelo constrangimento de Jane e calculou quanto tempo ela demoraria em esquecer a pavorosa noite de núpcias. Teriam de encontrar um denominador comum que lhes permitisse viver e trabalhar sem as emoções que pareciam explodir toda vez que estavam juntos.

— Fiz uma lista de perguntas. Vamos a elas?

— Seria um bom começo.

Nas horas seguintes, Phillip fez indagações a que Jane respondeu abrindo brochuras ou anotações, apontando balanço de contas, débitos e colunas de crédito. A tensão da chegada pareceu dissipar-se. A biblioteca silenciosa, em parte na penumbra, e o interesse comum pela tarefa criaram uma atmosfera de intimidade que agradou aos dois.

Gradualmente, o interesse de Phillip se deslocou para além do intelecto. A maneira segura e tranqüila de Jane responder às suas perguntas atraiu sua atenção de outras formas.

Aos poucos, ele mais a observava do que escutava. Distraída, Jane tomou um gole de vinho da taça do marido. Depois ele bebeu do local exato onde ela encostara os lábios. Passado mais algum tempo, Phillip pôs o braço no encosto da cadeira de Jane.

Para ela, foram horas inacreditavelmente prazerosas. Contrariando suas idéias preconcebidas, ele era brilhante e interessado. Foi capaz de apontar falhas no processo sem ofendê-la. Mudou a direção de algumas idéias com sugestões sutis que trouxeram nova luz às intenções originais. Phillip era engraçado e loquaz. E, na verdade, muito terno. Por alguns instantes, Jane desejou o que poderia ter existido entre eles se o início não tivesse sido tão áspero.

De repente, o silêncio aumentou e Phillip aproximou-se. Jane olhou de soslaio e notou que ele a fitava intensamente.

— O que houve? — ela perguntou diante do brilho nos olhos escuros.

Phillip não respondeu. Venceu os poucos centímetros que os separava e beijou-a levemente nos lábios. O breve contato foi suficiente para Jane sentir-lhe o calor e a doçura, antes de pular para trás como se atingida por um choque e levar os dedos aos lábios.

Phillip sorriu e Jane notou uma covinha na face que ainda não percebera. Os cabelos caídos na testa e a barba por lazer, davam-lhe um aspecto devasso que não deixava de ser encantador.

— Por que fez isso?

— Não pude evitar.

Phillip não esperou mais. Inclinou-se de novo para frente e descansou as mãos nos braços da cadeira. Beijou Jane e instigou-a a descerrar os lábios, fazendo com que suas línguas se encontrassem.

Jane não se dava conta do que acontecia. Em um momento, eles trocavam idéias sobre agricultura, e no seguinte, Phillip a beijava. Deveria ter recusado a sugestão ao primeiro contato, mas como de costume na presença do marido, seu corpo recebia bem o que sua mente não tolerava. Ele era um homem atraente e viril, acostumado a conseguir o que desejava das mulheres e Jane era muito inexperiente para saber como recusar. E após a noite de núpcias, parecia estranho que seu corpo ainda reagisse de maneira favorável aos avanços de Phillip.

O roçar insistente da língua de Phillip causou-lhe um calor estranho no abdômen e ela admirou-se por ansiar pela continuidade das carícias, já que não tinha a intenção de repetir a dolorosa experiência que tivera.

Phillip aprofundou o beijo e Jane entrou em pânico. Ele pretendia exercer os direitos maritais na biblioteca? O que aconteceria se ela recusasse? Phillip a obrigaria a aceitar sua vontade? Afinal, como marido, possuía tal direito.

Jane pressionou a palma da mão no peito de Phillip e afastou o rosto.

— Por favor, Wessington, não faça isso — suplicou.

Phillip fitou os luminosos olhos verdes e leu neles o receio de sua esposa.

Jane aproveitou o instante de perplexidade, apoiou os pés no chão e empurrou a cadeira para trás, saindo do círculo dos braços de Phillip. Levantou-se e fechou as lapelas do penhoar.

— Por favor, não quero isso de milorde.

Ainda espantado por sua esposa o temer, Phillip estendeu a mão, súplice.

— Não tenha medo de mim, Jane. Eu jamais a faria sofrer.

— Isso é mentira. Milorde já me causou padecimento e não permitirei que isso se repita.

Ela saiu correndo da biblioteca antes de Phillip poder impedi-la.

Ele escutou os pés descalços se afastarem e serviu-se de mais vinho, que tomou de um só gole.

Phillip a beijara apaixonadamente e seria capaz de possuí-la ali mesmo, sobre a mesa. Por quê?

Seria fácil convencer-se de que o fato havia sido produto da ocasião. Mas se apenas o desejo estivesse em jogo, poderia ter ido para a cama com as garotas das tavernas durante a viagem. No íntimo, sabia que se contivera para vir ao encontro de Jane e deitar-se com ela. A abstinência tornaria o relacionamento mais prazeroso.

Sabendo que a noite de núpcias havia sido um desastre, Phillip estava convencido de que teria de fazer Jane mudar de idéia. Pensando nisso, foi até o quarto ocupado pela esposa, um dos menores usados por hóspedes do outro lado da residência.

Sorrateiro, virou a maçaneta e entrou. Jane encontrava-se deitada, e o aposento, na semi-escuridão. O cheiro de vela apagada ainda estava no ar. Na ponta dos pés, aproximou-se do leito, esperou a vista acostumar-se à penumbra e, sobre o acolchoado, pôs a mão no ombro de Jane.

Ela atribuiu à imaginação ter ouvido alguém entrar no quarto até sentir a mão em seu ombro. Phillip estava ao lado da cama. O coração de Jane disparou de pavor.

— O que milorde está fazendo aqui? — ela sussurrou.

— Quero fazer amor, Jane — Phillip respondeu no mesmo tom. — Estou louco de desejo.

— Nunca mais pretendo... fazer aquilo.

A coberta escorregou até a cintura, e, através do tecido fino da camisola, Phillip enxergou os mamilos e a veia que pulsava na base do pescoço de Jane. Incapaz de resistir, traçou o contorno de um dos seios e, ao mesmo tempo, encostou o rosto no da esposa.

— Não tenha medo.

— Não faça isso. — O terror de Jane aumentou quando Phillip segurou as cobertas.

— Sou seu marido, Jane. — Ele não escondeu a impaciência. — Tudo vai dar certo. Juro que serei gentil.

— Milorde não entende. — Ela empurrou-o. — Emily está aqui comigo.

— O quê? — Phillip deu um pulo para trás e percebeu a figura plácida da filha ao lado de Jane.

— Emily já é bastante crescida. O que está fazendo aqui?

— Ela estava muito angustiada hoje.

— Por quê?

— Por sua causa.

— Eu não lhe fiz nada.

— Exatamente. Emily está arrasada. Milorde esteve aqui o dia inteiro e não lhe dispensou a menor atenção.

Phillip não se deixaria comover pelos sentimentos da menina. Se sucumbisse à bondade em relação a Emily, deixaria de pensar nela com indiferença. E isso não poderia acontecer.

— Acorde-a e mande-a voltar para o próprio quarto.

— De jeito nenhum.

— Então eu mesmo o farei.

Phillip rodeou a cama e Jane deu um pulo, impedindo-o de acordar a garota.

— Se a acordar, irá assustá-la ainda mais. Não acredito que possa ser tão rude com uma criança dormindo sob o seu teto. Mesmo que seja alguém que despreze tanto como sua filha.

— Eu não a desprezo.

Jane fitou-o com raiva e imaginou o que ele faria em seguida. Phillip, por sua vez, sentiu o desejo sumir diante da ira da esposa e da perspectiva de acordar Emily.

Ele desejava ter com Jane um relacionamento terno, sem nenhum tipo de disputa. Mas era muito tarde e estava exausto.

— Volte para a sua cama, milorde. Aqui, o senhor não é bem-vindo.

Phillip fitou-a sem emoção aparente. Não se lembrava de ter sido dispensado por uma mulher. Com o orgulho ferido, jurou que Jane não o venceria.

— Conversaremos amanhã cedo. Hoje farei a sua vontade, mas isso não acontecerá mais. Esteja preparada.

Phillip saiu do quarto e Jane largou-se na cama.

Emily irrompeu no quarto de Jane, gritando de alegria.

— Jane! Jane! Nem imagina o que aconteceu!

Jane havia se levantado havia horas, cavalgara pelos campos e inspecionara os jardins. Tinha dormido muito pouco depois do encontro noturno com Phillip. Exausta, teve de disfarçar um bocejo.

— O que foi, querida?

— Sei que não vai acreditar!

— Acalme-se, Emily. Se continuar pulando desse jeito, não conseguirá me contar as novidades.

— Papai quer falar comigo! Às onze horas na sala pequena.

Aliviada com a decisão de Phillip, Jane levantou-se e abraçou a menina.

— Eu não lhe disse que ele esteve muito ocupado ontem? Vamos, depressa! Escolheremos o seu vestido mais bonito.

— Que tal o rosa? — Emily perguntou, enquanto percorriam os corredores rumo ao quarto dela.

— Eu pensei no azul, que destaca a cor dos seus olhos. Com o auxílio de duas criadas, Jane ajudou Emily a se preparar para o encontro com o pai.

Às onze horas, Jane seguiu-a até a sala designada e cruzou os dedos quando a menina lá entrou, rezando para que Phillip notasse a diferença. Os cabelos ondulados emolduravam o rosto bonito. O vestido novo e as anáguas farfalhavam enquanto ela andava. A postura e o encanto naturais de Emily eram inacreditáveis para tão pouca idade.

Confiante, a garota encaminhou-se até Phillip e fez uma mesura.

— Olá, papai. Seja bem-vindo ao lar.

— Olá, Emily. Eu agradeço a sua pontualidade. — Phillip fez sinal para ela se sentar e indicou a outra pessoa presente. — O sr. Morris veio visitá-la. — Ao ver Jane, apontou outra cadeira e olhou para Morris. — Conhece lady Wessington, minha esposa?

— Sim, já tive o prazer. — Morris fitou Jane com ar triunfante de vencedor. Ficou em pé e curvou-se sobre a mão de Jane e depois sobre a de Emily.

Jane não desviou o olhar dele, atenta ao que faria com a menina. Os quatro foram para o solário, tomaram chá e comeram os deliciosos bolinhos preparados pela cozinheira. Os dois homens comentaram vários acontecimentos londrinos, sem esquecer conhecidos comuns. Vez por outra, Morris dirigia perguntas a Emily, que respondia com polidez e sem ocultar o aborrecimento.

Passada uma hora, o conde dispensou-as. Durante aquele tempo todo, ele não conversara com a filha e nem fizera comentários sobre o belo traje que a menina vestia.

— Sinto muito, Emily — Jane comentou, furiosa, quando chegaram à escada. — Sei que esperava bem mais do que isso.

A garota deu vazão às lágrimas que conseguira segurar até aquele momento.

— Papai me odeia — ela chorava baixinho. — Sempre me odiou. Fui uma tola em pensar o contrário. — Subiu os degraus de dois em dois. — Não adianta fingir mais... — Emily desapareceu na curva do corredor.

Jane suspirou e imaginou quantos transtornos mais ocorreriam devido à presença de Phillip. Depois da partida de Morris, o conde foi até a biblioteca e Jane seguiu-o.

Phillip percebeu o olhar sombrio e deduziu que a esposa, como ele mesmo, não gostava de Morris. O homem era intragável, porém um vizinho rico e respeitado que não poderia ser dispensado quando vinha visitá-los. Suspirou, decidido a não discutir com Jane.

— Não me lembro de ter visto Emily tão bonita. Creio que ela lhe deve muito a esse respeito.

— Ela esperava tanto por um comentário parecido... — Jane sacudiu a cabeça e refletiu se algum dia entenderia o marido.

Ela olhou para a escrivainha e notou alguns papéis que não lhe pertenciam. E as poucas palavras que leu no cabeçalho deixaram-na perturbada.

— Então é verdade? Milorde planeja casá-la com aquele homem? — Jane folheou as páginas. — Emily me revelou a sua decisão, mas eu estava certa de que ela havia se enganado. — Inspirou fundo e sentou-se na poltrona, sem soltar os papéis.

— Emily lhe contou?

— Sim.

— Estranho. Nunca falei com ninguém sobre isso, exceto com Thumberton. Como ela soube?

— Morris lhe disse há algum tempo, o que a deixou aterrorizada.

Phillip franziu o cenho.

— Bem, na verdade, ainda não decidi. Ele me fez uma proposta e eu lhe disse que pensaria no caso.

— E por que Morris veio aqui hoje? Tentar convencê-lo?

— Talvez, mas ele também queria visitar Emily. Disse que lady Jane não lhe permitiu a entrada.

— É evidente que eu não poderia permitir tal impropriedade.

Phillip apontou o contrato na mão de Jane.

— O que eu poderia fazer?

— Recusar. Emily é muito jovem.

— E se ela nunca mais for pedida em casamento? — Na verdade, Phillip jamais pensara muito nisso, como também não percebeu a tolice que dizia.

Jane riu, sem acreditar na cegueira do marido.

— Será que nunca olhou para Emily? Ela é lindíssima. Aposto que daqui a alguns anos terá de expulsar os pretendentes a tapa! — Ela resolveu prosseguir sem se incomodar com a ousadia. — Sei que milorde tem grande dose de animosidade contra Emily, em consequência do que aconteceu com a mãe dela.

— O que está dizendo? — Phillip levantou-se da cadeira, irritado. — Quem lhe falou desses assuntos particulares?

— Calma, por favor. O que aconteceu com milorde, Anne e Richard é sobejamente conhecido. Seria difícil não ter ouvido falar no assunto.

— Meu relacionamento com Anne não é da sua conta.

— Está enganado, milorde. As traições dela mudaram seu caráter. — Jane ergueu a mão para silenciar um protesto que se iniciava. — Por causa de Anne, milorde perdeu a confiança nas pessoas e não gosta de ninguém. Ela continua a sombrear seu relacionamento comigo e com Emily.

— Está muito enganada!

— Estou? — O olhar penetrante de Jane atingiu o coração do marido. Ela se levantou, deu a volta na escrivaninha, segurou uma das mãos dele e ajoelhou-se. — Por favor, não queira punir Emily só porque odeia Anne. Se achar que é um peso excessivo, entregue-a aos meus cuidados. Eu a amo como se fosse minha filha e imploro para que não cometa tamanha barbaridade com ela. Se quiser me conceder este único favor, juro que nunca mais pedirei nada, enquanto eu viver.

Phillip comoveu-se com a devoção de Jane à menina e imaginou como reagiria se fosse alvo de tanta afeição. Se não tomasse cuidado, acabaria com ciúme do afeto de Jane para com sua filha.

Suspirou. Como resistir a um apelo tão apaixonado?

— Eu recusarei o pedido de Frederick Morris.

— Jure, por favor.

— Eu juro.



— Obrigada.

Com a mão livre, Phillip ajudou-a a ficar em pé.

— Vamos, levante-se. Preciso lhe falar sobre outro assunto, o que me trouxe até aqui.

— E do que se trata?

— Tenho notícias da sua família.

— O que houve com eles?

— Seu pai teve um ataque de apoplexia.

Jane arregalou os olhos e deu um gemido silencioso.

— Papai ainda está vivo?

— Estava, da última vez em que o vi.

— Oh, Deus!

— Pretendia dizer-lhe ontem, mas o momento apropriado não apareceu. Foi por isso que eu vim de Londres.

— E o estado dele? Não adiantaria mentir.

— É grave. Os médicos não deram esperanças.

Jane foi até a janela, torcendo as mãos. Era inacreditável. Charles Fitzsimmons era um homem saudável e nunca ficara doente. A idéia de um ataque era inconcebível.

— Como soube disso? Por acaso o viu?

— Sim. Seu pai estava em Londres com Gertrude e Gregory.

— O que eles faziam lá?

— Discutindo negócios. Eu os encontrei em um evento social. — Phillip não pretendia contar o verdadeiro motivo a não ser que fosse estritamente necessário. — Eu estava com seu pai quando ele caiu. Nós conversávamos em particular.

— Ele... perguntou sobre mim?

Phillip não teve coragem de partir o coração de Jane.

— Claro, interessou-se muito. Queria saber como estavam as coisas e se eu a tratava bem.

— E o que lhe disse?

— Que eu era o melhor dos maridos. — Ele tentou fazê-la rir.

— Ah! — Jane virou o rosto para esconder as lágrimas. — Tenho de ir para casa.

Phillip foi até a janela, sentou-se no peitoril e pôs uma das mãos na cintura de Jane.

— Não creio que seja uma boa idéia ir para lá no momento.

— Por quê? Trata-se de meu pai e o meu lugar é ao lado dele.

— Por acaso tem se comunicado com a sua família desde o nosso casamento?

— Não. Quando saí de casa, meu pai me disse para não voltar antes de seis meses, e eu respeitei os desejos dele.

— Não pode imaginar o que eles estavam fazendo em Londres?

— Não disse que estavam a negócios?

— Isso mesmo. Eles se reuniram com banqueiros e anunciaram um novo ramo de empreendimentos da família. Importação e exportação. — Phillip preparou-se para uma resposta brusca diante da notícia.

— Eu nunca falei com meu pai a respeito dessa idéia. — Jane arregalou os olhos.

— Quem mais sabia disso?

— Gregory. — Ela sentiu-se culpada pelo simples fato de pronunciar aquele nome na presença do marido.

— Seu cunhado não poderia ter comentado o fato com seu pai?

— Claro que não. Ele sabia que eu ainda estava em fase de planejamento. — Jane percebeu o olhar inquiridor de Phillip. — Está querendo insinuar que Gregory roubou a minha idéia?

— Seu pai afirmou que a idéia foi de Gregory.

Jane franziu a testa com uma súbita dor de cabeça.

— Não pode ser. Milorde deve ter entendido mal.

Phillip não quis aumentar-lhe o tormento, mas, pelo que lhe parecia, nenhum dos Fitzsimmons tratava Jane com benevolência ou honradez.

— Talvez. — Ele puxou-a para mais perto e Jane encostou-se na coxa do marido.

Transtornada, não se importou por Phillip abraçá-la nem por acabar sentada no colo dele. Encostou o rosto no peito do marido e aceitou o conforto oferecido.

— Papai ainda está em Londres?

— Não. Sua irmã insistiu em levá-lo para Portsmouth.

— Mas que absurdo!

— Os médicos aconselharam o contrário, mas ela foi irredutível. Eu achei que não deveria impedi-la.

— Então ele foi para casa.

— Foi. O que pode ter agravado seu estado. Seu pai estava muito mal, Jane.

— Por favor, me ajude. Preciso ir a Portsmouth.

— Talvez não seja aconselhável.

— Ele sempre foi um bom pai para mim. — Jane percebeu o olhar descrente de Phillip. — Ele foi! Nós apenas nos desentendemos a respeito do casamento. Jamais me perdoaria se papai morresse antes de eu poder fazer as pazes com ele.

— Está bem. — Phillip suspirou. — Se é o que deseja, daremos um jeito.

— Não quero causar-lhe transtornos. Preciso apenas de algumas orientações e resolverei tudo sozinha.

— Não permitirei que viaje desacompanhada para tão longe. — Era mais do que isso: desejava ir com Jane e protegê-la das maldades da família. Admirou-se daquele sentimento novo e forte que o obrigava a não abandonar a esposa. — Creio que devemos ir o mais depressa possível.

— É bem sério, não é?

— Sinto dizer-lhe que deve se preparar para o pior.

— Obrigada pela franqueza. Isso torna as coisas mais simples.

Os dois sorriram.

— Eu penso da mesma forma. Jane. Se formos de carruagem, demoraremos muito para chegar. O que acha de irmos a cavalo?

— Quero chegar lá com a maior rapidez.

— Está resolvido. — Phillip deixou-a em pé. — Sairemos logo cedo pela manhã. Temos muito para fazer.

Richard notou a tristeza de Jane, que deixava a biblioteca. Imaginou quais as maldades que Phillip poderia ter cometido contra ela. Os problemas entre o conde e ele eram muito sérios, talvez intransponíveis, mas não estava disposto a ficar calado vendo seu velho amigo maltratar Jane. A raiva o fez claudicar mais depressa até a biblioteca. Abriu a porta e entrou sem bater. Havia mais de dez anos não falava com Phillip. Este bebia vinho e olhava os jardins pela janela. O vinco de preocupação na testa e as pequenas

rugos ao redor dos lábios eram marcas da passagem do tempo. Parecia muito solitário.

— O que fez contra lady Jane? — Richard perguntou em voz baixa.

Phillip surpreendeu-se com a familiaridade da voz, apesar de não a ouvir havia tanto tempo. Imóvel, voltou à infância, o único período de felicidade de sua vida e que o passara na companhia de Richard. Mas depois do que havia acontecido com Anne, nem isso o deixava satisfeito. Bloqueara os pensamentos a respeito de Richard e não encontrava sinais de alegria nas recordações.

— Ah, finalmente resolveu aparecer... — Phillip virou a cadeira. — O que está fazendo aqui, Farrow? Eu lhe ordenei para ir embora.

— Eu nunca saí daqui.

— Foi o que me disseram. Como teve a audácia de ficar em Rosewood depois da minha proibição?

Richard não gostaria de destruir mais uma ilusão de Phillip, mas estava na hora de ele conhecer a verdade.

— Seu pai me pediu para ficar.

A custo, Phillip engoliu o gole de vinho. Seu pai o traía! Nem mesmo o pai se importava com ele.

— Isso é mentira! Meu pai sabia como eu odiava você.

— Acredite se quiser. — Richard deu de ombros. — Logo depois da sua ida para Londres, meu pai morreu. O conde teve vários administradores em pouco tempo, mas nenhum obteve resultados satisfatórios. Seu pai entendeu que ninguém conhecia a propriedade como eu. Ofereceu-me o emprego e eu aceitei.

— Por acaso não tem vergonha de ficar aqui e infiltrar-se entre as afeições da minha família? E ainda vir se apresentar diante de mim?

Richard sabia que era preciso dissipar a raiva de Phillip, mas não pôde evitar o que o trouxera até ali.

— Vi Jane no saguão e ela parecia muito triste. Eu gostaria de saber o que aconteceu.

— É interessante, Farrow, ver como minhas esposas o interessam!

— Eu me preocupo com Jane e Emily, e não gostaria de vê-las sofrer por sua causa.

— Devo dizer que é um homem muito corajoso diante da morte. Guarde seus conselhos para si mesmo.

— Seria capaz de matar-me?

— Sem hesitação.

— Se não me matou naquela época, por que eu deveria temer que o faria agora?

Os dois se lembraram que Phillip apontara a pistola para o peito de Richard. Incapaz de atirar, mas sem abandonar a idéia de vingança, tinha abaixado a arma e atirado na perna dele. Desde então, Richard nunca mais se sentira um homem completo. Aleijado, nunca havia pensado em se casar e encontrar a alegria de uma família.

— Eu preferia a morte, à vida a que fui condenado.

— Já pensou na minha vida depois disso?

A pergunta emocionada surpreendeu os dois. Embora todos conhecessem a mudança de Phillip após o incidente, ele nunca admitira a irreparável angústia provocada por seu amigo.

— Eu nunca lhe disse o quanto me arrependi do erro cometido — declarou Richard.

— Uma declaração lamentável, indesejável e excessivamente tardia.

— Phillip, eu era um garoto e não podia imaginar o tamanho do estrago que estava cometendo.

— Nós... éramos... amigos. — Phillip levantou-se da cadeira com o olhar brilhante de ódio. Tomou o restante do vinho e bateu o cálice na mesa. O pé de cristal se quebrou e a peça caiu de lado.

Inúmeras questões haviam atormentado a mente de Phillip durante os anos, mas o orgulho o impediu de obter as respostas necessárias para seu alívio.

— Vá embora, Farrow. — Ele dispensou-o com um gesto. — Jamais encontrei um crápula com tanto sangue-frio. Não suporto vê-lo na minha frente.

Richard sempre tivera esperança de reconciliar-se com Phillip. Milhares de vezes antecipara a cena, o que diria e o que ouviria. E no momento exato, não encontrava as palavras para traduzir o remorso que sentia e, assim, talvez abrir uma brecha no coração empedernido do conde.

— Façamos as pazes, Phillip. Ela não valia o nosso pesar.

Era no que Phillip também acreditava, mas não admitiria isso para Richard.

— Ela era minha esposa e somente eu tenho o direito de julgá-la.

— Tem razão. — Richard resolveu fazer uma última tentativa antes de sair: — Senti muito a sua falta, Phillip. Senti a falta do amigo.

Phillip também sentira a ausência de Richard. Lembrou-se de quando mergulhavam no rio nos dias quentes de verão, ou de quando se escondiam no celeiro para contar histórias de pirataria, um destino que os fascinava. Contendo a enorme vontade de abraçar Richard, tossiu levemente.

— Minha esposa me contou a respeito do bom trabalho que você tem realizado na herdade.

Richard inclinou a cabeça, aceitando o cumprimento.

— Não tem sido fácil, Phillip.

— Tenho de agradecer-lhe por isso.

Richard deu um suspiro de alívio. Conversavam como dois estranhos, mas conversavam.

— Não há de quê.

— O pai de Jane está doente. Nós partiremos amanhã cedo para ir visitá-lo em Portsmouth.

— Quanto tempo ficarão fora?

— Eu não saberia lhe dizer. Nem mesmo sei se ele ainda está vivo. — Demonstrando uma calma que não sentia, Phillip voltou a sentar-se. — Cuide de tudo na nossa ausência. — Entendeu que a ordem mais parecia um pedido.

— Não se preocupe. Lady Jane iniciou vários projetos, e não deixarei que nenhum se perca.

— Muito bem. — Phillip apanhou uma pasta, indicando que a conversa terminara. — Mande chamar Graves.

Richard fechou a porta sem fazer ruído. Phillip ficou sentado, imóvel, escutando a perna de pau bater no chão e se afastar. Com o rosto em fogo, gostaria de um pano úmido para se refrescar. Habituara-se a manejar as atitudes e a aparência inerentes à sua posição. Mas naquele momento fora muito difícil conservar o costume.

Pouco tempo depois, Graves teve a audácia de entrar de cabeça erguida e sem demonstrar arrependimento. Phillip fitou-o, procurando uma brecha para repreendê-lo, mas Graves encarou-o sem temor e de cabeça erguida.

— O que tem a dizer a seu favor, seu patife? — Phillip quebrou o silêncio.

— Milorde ficará para o casamento?

— Eu deveria demiti-lo sem referências.

— Mas não fará isso, milorde. — Graves sorriu e deu de ombros. — Sei que está contente com a minha presença em Rosewood.

— Se me dissesse o quanto queria vir, eu mesmo o teria mandado para cá.

— Eu comentei o fato com milorde por seis vezes, mas não recebi a sua atenção.

Phillip indicou uma cadeira para o criado e sentou-se.

— O amor é uma emoção efêmera, John. Espero que saiba o que está fazendo.

— Deve ser horrível pensar dessa maneira. — Graves notou o cálice quebrado, pegou outro e serviu mais vinho para Phillip. — Espero que passe bastante tempo ao lado de sua esposa e seja atingido pela flecha de Cupido. Isso seria bom para acabar com esse azedume.

— Não preciso de lições sobre amor e casamento. E muito menos de pessoas da sua espécie! — Phillip pegou o cálice oferecido por Graves e tomou um gole generoso.

— Que pena. Pois eu adoro as tardes deliciosas que passo ao lado de minha noiva. — Graves piscou. — E milorde está se dando bem com lady Jane?

— Sem vergonha — Phillip murmurou.

— O que é isso, milorde? — Graves riu. — Não estou entendendo.

— Ah! Embora eu o considere um sujeito exasperante, estou contente com a sua presença. Jane e eu vamos para Portsmouth.

— Por quanto tempo?

— Não sei. O pai dela teve um ataque de apoplexia. Iremos visitar um moribundo, se é que o encontraremos vivo.

— Então é mesmo grave.

— Muito.

— Em que poderei ajudar?

— Cuidar de tudo enquanto Jane estiver fora.

— Certamente. Farei tudo o que me pedir.

— Estou contando com isso.

— Acha que voltará para a colheita?

— Por que a pergunta?

— Talvez eu devesse adiar o casamento. Meg gostaria que lady Jane fosse a sua dama de honra. — Graves deu um sorriso torto. — E eu esperava que milorde fosse meu

padrinho.

— Eu?

— Sim, a menos que não deseje rebaixar-se.

Era a primeira vez que Phillip recebia semelhante solicitação. Sentiu-se lisonjeado, um pouco envergonhado e teve de tossir antes de responder.

— Será uma grande honra. Pode adiar o casamento até a nossa volta.

— Por favor, não vá — Emily pediu, foi até a janela do quarto de Jane e olhou para fora.

Jane fechava o ferrolho da valise que ficaria amarrada na sela.

Phillip mandara a bagagem principal em uma carruagem pequena, leve e rápida. Mas como só a receberiam em Portsmouth, Jane havia empacotado o essencial para a viagem.

— Já conversamos sobre isso, Emily, e eu lhe expliquei por que tenho de ir.

— E se lhe acontecer alguma coisa?

— Nada acontecerá. Estarei com seu pai e ele tomará conta de mim.

— Eu não poderia ir junto?

— Suas aulas não podem ser abandonadas e não sei por quanto tempo ficaremos fora. Será melhor que fique em Rosewood.

Emily virou-se e fitou Jane. Amava-a muito e nem queria se recordar de sua vida antes da chegada da madrastra. Era doloroso e assustador imaginar que a perderia depois de tão pouco tempo de felicidade. Gostaria de perguntar o que seria dela mesma, mas não estava acostumada a dar precedência às próprias necessidades.

— E quanto ao seu trabalho?

— Richard cuidará da fazenda; e John, da casa. E Meg ficará à sua disposição. — Jane terminou de fechar a valise e olhou para Emily. A menina parecia perdida. Era de cortar o coração. Jane sentou-se na cama e bateu no colchão a seu lado. Emily hesitou. Jane estendeu a mão até a garota dar alguns passos e sentar-se junto dela.

— O que a está afligindo?

— A sua partida. E se o sr. Morris aparecer?

— Ele não poderá entrar.



— E se eu me machucar ou ficar doente? Quem cuidará de mim?

— Meg fará tudo o que for preciso, minha querida. Ela é muito competente.

— E se a senhora não voltar? — Emily fixou em Jane um olhar perturbador.

— Tolinha. O que a faz pensar numa coisa dessas? — Jane abraçou a menina pelos ombros, sabendo a resposta. Emily temia voltar ao tempo em que fora uma criança solitária. — Prometo que voltarei.

— Jure — Emily pediu com o rosto encostado no peito de Jane.

— Eu juro. E se a minha estada tiver de ser prolongada, prometo que mandarei buscá-la.

— Eu ficaria com a senhora em Portsmouth?

— Isso lhe agradaria?

— Ah, muito!

— Tenho certeza de que seria uma verdadeira aventura. Lá, se enxerga o mar e a cidade. Poderíamos navegar em um dos navios construídos por meu pai. Ficaríamos no meu quarto como duas grandes amigas.

Emily nunca ultrapassara os limites da aldeia próxima.

— Seria maravilhoso, Jane!

— Está se sentindo melhor?

— Um pouco.

— Então vamos. Seu pai está esperando por mim lá embaixo.

Resignada, Emily suspirou. As duas se levantaram e desceram de mãos dadas. Richard, Graves e Meg, ao lado de mais alguns criados mais categorizados, aguardavam no saguão. Despediram-se de Jane com abraços rápidos e desejaram melhoras ao enfermo.

Phillip, vestido com roupa informal e calçando botas, virou-se quando Emily e Jane apareceram na porta. E pela primeira vez reparou em como a filha era bonita. O vestido rosa dava colorido às faces, o céu azul se refletia nos olhos e os cachos negros balançavam quando Emily movia a cabeça.

Jane estava maravilhosa. O traje de montaria de veludo verde ajustava-se à silhueta esguia e realçava o olhar verde-esmeralda. O sol lançava reflexos dourados nos cabelos sob o chapéu amarrado com uma fita verde.

Ambas formavam um lindo quadro e ocorreu a Phillip que ele era um homem feliz. As duas se aproximaram e um cavaleiro veio ajudar.

— Está pronta? — Phillip fez a pergunta óbvia, pegou a valise e entregou-a ao rapaz, que tratou de amarrá-la na sela de Jane.

— Sim.

— Então vamos. — Phillip ofereceu-lhe a mão, mas Jane se voltou para Emily.

— Sentirei a sua falta. — Ela estendeu os braços, e a menina se jogou neles.

— Não esqueça a sua promessa — Emily sussurrou.

— Não esquecerei. — Jane sorriu e beijou-a na testa. — Tentarei escrever diariamente para deixá-la a par dos acontecimentos.

— Eu também. — Elas se abraçaram de novo e Emily começou a chorar.

Jane se comoveu.

— Bem, agora chega, ou seu pai pensará que somos um par de regadores.

— Sinto muito... não... posso... parar — Emily soluçou. — Sentirei... muitas saudades suas.

— Eu te amo, Emily.

— Eu também te amo, Jane.

Elas se abraçaram com força mais uma vez e Phillip sentiu um nó na garganta. A emoção entre as duas era tão visível que parecia palpável. Phillip gostaria de poder tocar nessa densidade sentimental, respirar a atmosfera e guardar um pouco para si. Imaginou como seria se esposa e filha o incluíssem no círculo mágico delas. O pensamento lhe trouxe um aperto no coração.

Jane afastou-se primeiro.

— Emily, agora precisamos ir. Despeça-se de seu pai.

— Até logo, papai. — O rostinho bonito estava lavado em lágrimas. — Tenha uma boa viagem.

Emily foi cortês como uma estranha. E não pela primeira vez, Phillip refletiu no que fora perdido durante aqueles anos. Alguma coisa gloriosa havia deslizado por entre seus dedos e ele não tinha idéia se poderia ser recuperada.

— Até logo, Emily.

Para surpresa dos presentes, a garota correu e abraçou-o pela cintura. Phillip sentiu o rosto da filha em seu peito e a energia vibrante que parecia inundá-lo. Era a primeira vez que Emily o tocava. Abraçou-a pelos ombros com força.

Beijá-la no alto da cabeça foi tão espontâneo como irresistível.

— Sentirei a sua falta, minha filha.

Phillip admirou-se de ter pronunciado aquelas palavras, mas compreendeu que o terrível peso em suas costas começava a se dissipar.

— Eu também ficarei com saudade, papai. — Emily ficou na ponta dos pés e beijou-o no rosto. Em seguida, virou-se e correu para dentro da casa.

Phillip passou os dedos na face, atônito pela felicidade que o abraço da filha lhe trouxera. Jane também ficou na ponta dos pés e beijou-lhe a outra face.

— Isso foi maravilhoso — ela sussurrou.

Aquele fora um ótimo começo. Incapaz de responder por causa do nó que se formara na garganta, Phillip ajudou Jane a montar e depois subiu em seu cavalo.

## Capítulo VI

Phillip parou a montaria na frente da estalagem onde costumava hospedar-se ocasionalmente. Desmontou e entregou as rédeas a um cavaleiro, enquanto o cavalo de Jane perambulava pelo pátio.

— Achei que nunca chegaríamos. — Jane deu um suspiro de alívio.

— Cansada? — Phillip sorriu e ergueu a mão.

— Mais do que eu poderia imaginar.

— Deixe-me ajudá-la.

As pernas de Jane não obedeceram ao comando para se mover. Ela se mexeu na sela, tão dolorida como se tivesse levado uma surra.

— Creio que fiquei enrijecida.

— Não é de se surpreender. — Phillip segurou-a pela cintura. — Pode apoiar-se nos meus ombros?

— Vamos ver se os meus braços ainda podem ajudar. — Jane conseguiu segurar-se no pescoço do marido.

— Encoste-se em mim. — Phillip ergueu-a do cavalo. — Pode soltar o corpo. — Ele a segurou mais tempo do que necessário para deixá-la no chão. Foi delicioso experimentar

o corpo esguio deslizar pelo seu, o busto passar por seu peito e as coxas, pelas dele.

Jane sentiu os pés tocarem o chão e admitiu que a proximidade com o marido dava-lhe uma sensação de bem-estar. O dia que haviam passado juntos tinha sido agradável e engraçado, e Jane quase se rendera aos encantos de Phillip.

Ainda assim, não estava preparada para a dificuldade do trajeto e, agora, sentia-se exausta ao extremo. Deu um passo adiante e cambaleou. Imediatamente, Phillip amparou-a pela cintura, adorando a oportunidade de apertá-la de novo.

— Apóie-se em mim, eu a levarei.

— As pernas não desejam seguir minhas ordens.

— Isso acontece depois de uma viagem longa. Descanse um pouco até elas se familiarizarem outra vez com o solo.

Aos poucos, Jane largou o peso sobre as pernas até conseguir ficar em pé sozinha.

— Está melhor? — ele indagou.

— Muito.

— Desconfio que pretendia enganar-me nas duas vezes em que me garantiu que poderíamos continuar a viagem. — Phillip ergueu uma sobrancelha.

— Pode ser. Eu não queria dar a impressão de ser uma lamurienta.

Ele bateu o dedo na ponta do nariz de Jane.

— Posso imaginar várias coisas a seu respeito, menos que é uma pessoa dada a queixas. Da próxima vez em que estiver cansada, faça o favor de me dizer.

Caminharam até a hospedaria. Jane ia devagar e Phillip, atento a qualquer vacilação, apoiava-a pelas costas. O estalajadeiro reconheceu Phillip e, sem demora, eles foram levados aos aposentos contíguos que lhes foram destinados. Phillip pediu uma criada para Jane, além de banhos e jantar.

Jane sentou-se na cama, enquanto ele dava instruções sem desviar a atenção da esposa. Os criados foram embora e Phillip parou na frente de Jane, que não se mexeu. Ele ergueu-lhe o queixo e notou que ela não estava muito atenta.

— Mande trazer um banho, e isso a ajudará a descontraír os músculos.

— Será ótimo.

— Penso que sim. Tomarei o meu no quarto ao lado e voltarei para jantarmos. É tempo suficiente?

— Sem dúvida.

Phillip virou-se e Jane chamou-o.

— Wessington?

Ele olhou-a por sobre o ombro.

— O que é, dorminhoca?

— Muito obrigada por hoje.

— Não há de quê. — Phillip sorriu e deixou o quarto. A criada entrou discretamente e ajeitou o que trouxera.

Imóvel na cama, Jane permitiu que a mulher a despisse e banhasse, entregando-se aos cuidados de uma pessoa agradável e eficiente. Teria sido impossível fazer tudo sozinha. Braços e pernas estavam fora de controle. O pescoço e os músculos das costas pareciam um emaranhado de nós. As nádegas estavam cheias de hematomas de tanto bater na sela o dia inteiro.

Phillip entrou no quarto uma hora mais tarde, depois de tomar banho. Também muito cansado, encontrou Jane adormecida dentro da banheira, com a cabeça de lado e o rosto apoiado na beira. Tinha os lábios entreabertos e ressonava. Os cabelos escovados estavam caídos para fora e chegavam ao chão.

Ele aproximou-se. O nível da água alcançava a parte de baixo do busto, deixando visíveis as auréolas. Na água com sabão, era possível enxergar a silhueta esbelta, a cintura fina, os quadris e o monte-de-vênus. Os joelhos estavam para cima e abertos de modo deslegante. A visão de Jane nua, molhada e escorregadia deixou-o excitado como havia muito não ficava. Porém seu aspecto vulnerável, a exaustão e a beleza natural despertaram em Phillip outro tipo de emoção e desejo: de acarinhar, cuidar e proteger.

Queria muito entrar naquela banheira junto com Jane, mas ficou surpreso ao entender que se contentaria também em segurá-la enquanto ela dormia.

— Entre — Phillip disse ao escutar uma batida na porta. A criada apareceu, trazendo a bandeja com o jantar. Deixou tudo na mesa e sorriu para ele com olhar eloqüente.

— Tentei acordá-la há poucos minutos, milorde, mas não consegui.

— Ela teve um dia cansativo.

— A água está esfriando e de nada adiantará para os músculos doloridos.

— Tem razão. Ajude-me e eu a levarei para a cama.

— Pois não, milorde. — A criada afastou as cobertas e pegou uma toalha.

Phillip enrolou as mangas para cima e enfiou os braços na água. Segurou Jane por baixo dos joelhos e pelas costas. Tirou-a da banheira pingando água pelo quarto, enquanto a criada a enxugava. Jane não reagiu a não ser para se aconchegar no peito de Phillip.

Ele a deitou sob as cobertas, cobriu-a até o pescoço, e a criada foi embora. Dormindo, Jane parecia mais jovem e confiável. Phillip beijou-lhe os lábios e, em seguida, sentou-se à mesa para comer. Meia hora depois a criada retornou. O conde estava com o prato vazio, velando a esposa.

— Posso levar a bandeja, milorde?

— Sim. Mas, por favor, deixe o queijo e o pão. Se ela acordar durante a noite, com certeza terá fome.

A mulher fez o que lhe foi pedido e saiu. Phillip continuou a observar Jane, pensando no destino, que fizera essa criatura gloriosa cruzar seu caminho.

Mesmo sabendo que deveria voltar ao seu quarto, levantou-se e tirou as roupas devagar. Sua excitação aumentava à medida que as peças eram jogadas no chão. Despido, apagou as velas dos castiçais e as lamparinas. Parou ao lado da cama e observou, sob os raios de luar, o discreto arfar de Jane. Um dos seios escapara do confinamento e o mamilo parecia olhá-lo, provocador, prometendo prazeres ocultos.

Phillip gemeu, afastou as cobertas e sentou-se. A cama estava aquecida com o calor do corpo de Jane, e ele foi envolvido com a fragrância da pele limpa, dos cabelos e de humores femininos. Jane estava de costas, e Phillip estendeu-se a seu lado, tocando-lhe o corpo por inteiro. Empurrou-a para ficar de lado, entrelaçou as pernas nas dela e pressionou a virilha nas nádegas macias. O desejo tornou-se insuportável.

Passou um braço sob o pescoço de Jane e, com o outro, abraçou-a pela cintura e sentiu a base do seio. Inconsciente, Jane encaixou-se melhor, como se procurasse calor e energia. Phillip fechou os olhos e evitou gemer alto. Beijou-lhe o ombro e pressionou-se de encontro a ela. Seria uma longa noite.

O primeiro pensamento de Jane foi estar em meio a um sonho maravilhoso. Dera à luz um lindo bebê com o rosto de Phillip e os olhos azuis de Emily. A criança mamava gulosamente, aliviando-lhe a dor nos seios. Arqueou as costas e gemeu de prazer. Ah, era o que mais desejava.

Franziu o cenho, confusa. O prazer físico do sonho era muito intenso e ela não queria que acabasse. Só mais um pouco...

Poucos minutos antes, ao acordar, Phillip descobrira que Jane o havia aceitado na cama. Virada de frente para ele, abraçava-o pela cintura e mantinha um perna entrelaçada

na sua. A respiração suave fazia cócegas no pescoço de Phillip. Os mamilos brincavam com os pêlos de seu peito. O corpo delicado encostava-se no dele e o monte-de-vênus apoiava-se em sua virilha.

Phillip estava excitado ao extremo.

A julgar pela luz que entrava pela veneziana, ainda teriam umas duas horas antes de a criada aparecer com o desjejum. Certo de que não suportaria mais um dia sem desabafar sua paixão, aquela pareceu a Phillip uma excelente oportunidade para exhibir a arte de amar à sua esposa, como deveria ter feito na noite de núpcias.

Recriminou-se mais uma vez. Se houvesse se comportado decentemente na ocasião, teria Jane a seu lado esse tempo todo.

Não havia tempo a perder.

Phillip deitou-a de costas. Umedeceu e beliscou levemente os mamilos até endurecê-los. Depois lambeu e sugou-os alternadamente. Mordiscou-os e beijou-os, brincando e provocando...

Jane gemeu e arqueou as costas. Seu corpo sabia do que gostava e queria mais. Feliz em satisfazê-la, Phillip beijou o vale entre os seios. Ao mesmo tempo, acariciou-lhe o abdômen, o ventre e chegou à cobertura de pêlos castanhos. A essência da excitação feminina já perolava os filamentos sedosos e umedeceu-lhe a mão.

Com um gemido, Phillip beijou novamente o vale entre os seios, enquanto a tocava com os dedos. O calor úmido provocava-lhe uma deliciosa agonia; e, como se pensasse em torturá-lo, Jane contraía a musculatura, prendendo os dedos do marido em seu interior. Phillip teve de usar toda a sua força de vontade para não possuí-la naquele instante, pois queria Jane acordada e participante no ato de amor. Era estranho admitir que seu desejo era independente da necessidade física.

A deliciosa aflição acabou por acordar Jane que, embora devesse, não se mostrou surpresa por vê-lo a seu lado. Seu corpo traidor estava feliz pela presença de Phillip.

Ele percebeu Jane acordar e sorriu-lhe. Mesmo supondo que o sorriso do marido já devia ter derretido dezenas de corações femininos, ela adorou ser o alvo daquela arma. O olhar de Phillip era de precaução, como se esperasse um grito ou um acesso de choro. Para surpresa de ambos, Jane apenas o fitou em silêncio.

— Bom dia — Phillip saudou-a antes de beijar-lhe a curva superior do busto, o pescoço, o queixo e o canto da boca.

— O que está fazendo na minha cama?

— Eu compreendi que fui um péssimo professor e quero me redimir.

Jane achava impossível resistir aos encantos de Phillip, mas assim mesmo tentou.

— Não quero nada disso.

— Verdade? Pois eu poderia jurar que o seu corpo estava me dizendo o contrário.

Phillip achou o protesto de Jane bastante débil, porém resolveu não facilitar. Cuidadoso, retirou a mão de entre as pernas da esposa, e ela moveu os quadris com uma sensação de perda. Ele a recompensou, acariciando-lhe os seios com os dedos umedecidos. Jane estremeceu com as sensações eróticas.

— Diga-me que não gosta disso, Jane. — Phillip roçou os lábios em um mamilo enrijecido, repetindo, em seguida, as carícias do outro lado. — Não era o que o seu corpo pedia havia tanto tempo? Não sonhou com isto à noite? Não sentiu seu busto intumescer com vontade de que eu o beijasse? — ele inquiria com um sussurro.

Ele prosseguiu com as carícias leves nos seios, e Jane pensou que não suportaria mais aquela tortura. Segurou-o pela nuca e puxou-o mais para perto.

Phillip sugava e acariciava com a língua, deliciando-se com a reação da esposa a cada gesto seu. Admitiu ter descoberto um tesouro, e não apenas a jóia a que o idiota do Gregory se referira.

Parecia a Jane estar sendo atingida por faíscas de um raio, cada vez em que era tocada por Phillip. Um intenso calor a invadia e o sangue queimava em suas veias.

Phillip deixou os seios, mas não deu tempo para ela se lamentar. Mordiscou-lhe o pescoço e a orelha até Jane voltar a se contorcer em agonia. Deixou uma trilha de beijos molhados e procurou-lhe a boca. Roçou os lábios nos dela, e a excitação crescia. Embora Jane não se desse conta, seu corpo se movia no mesmo ritmo do de Phillip. Quando o joelho dele deslizou entre suas coxas, Jane arqueou os quadris para recebê-lo. Os gemidos do marido eram acompanhados pelos dela. Phillip disse a si mesmo que desde a primeira vez em que a tocara havia sido invadido pelo desejo como se fosse um rapazinho excitado com a primeira garota. Admirava-se do poder de Jane sobre ele, um homem com grande experiência.

Sabendo que teria de exercer controle sobre si mesmo para aumentar o próprio prazer e prolongar o dela, encostou seus lábios nos da esposa.

— Beije-me, Jane, assim como fez em Londres.

Ela entreabriu a boca e adorou a pressão dos lábios e da língua de Phillip que se movia em ritmo firme e insistente. Jane o puxou para mais perto, sentindo as batidas fortes



do coração do marido e entendeu que ele estava tão fervente quanto ela.

Os pêlos do peito de Phillip roçavam nos mamilos intumescidos, e os das pernas, nas coxas de Jane. Ele pressionou-lhe a feminilidade com um joelho, brindando-a com uma nova onda de sensações que beirava o insuportável. Ela reconheceu que a única maneira de aliviar a ânsia era flexionar os quadris de encontro às coxas de Phillip. E a cada movimento, o ardor do marido aumentava. Ele se estendeu sobre Jane, que não o achou pesado. Ao contrário, foi uma nova e muito agradável sensação.

Phillip teve consciência de que não poderia controlar-se por muito tempo naquela posição. Afastou-se um pouco. Acariciou-lhe os seios, a cintura e o ventre até alcançar o monte-de-vênus. Sem hesitar, tornou a penetrá-lo com dois dedos, sentindo o calor úmido. Sem afastar os lábios da boca de Jane, moveu-os no mesmo ritmo da língua ávida.

Ela flexionou os quadris de encontro à mão de Phillip, sentindo uma crescente agonia entre as pernas. Jane não entendia o que estava acontecendo. Era como enveredar por um caminho misterioso rumo a um destino desconhecido. Ao sentir o corpo do marido novamente sobre o seu, teve receio. Mas não do membro possante que lhe pressionava o local úmido entre as coxas, exigindo ingresso. Era o medo de identificar do que se tratava, mas também de perder o que a aguardava.

— Não sei o que está acontecendo comigo.

— Isso é o prazer, querida — Phillip falou com voz tensa e irreconhecível. — Não lute contra ele.

— Mas eu não sei...

Phillip interrompeu-lhe o protesto passando o polegar sobre um botão rígido que se escondia em sua mais secreta intimidade. Jane ignorava totalmente a existência daquele ponto de onde se irradiavam chamas para o corpo todo.

Phillip ergueu-se sobre um cotovelo para observar a fisionomia da esposa transfigurada pelas emoções que a levavam a extremos. Jane estava pronta, implorando sem palavras para que ele lhe desvendasse aquele novo e maravilhoso mundo.

Ele insinuou-se aos poucos, contendo ao máximo a ânsia de embrenhar-se na umidade convidativa e cálida do corpo da esposa. E mais uma vez atçou a gema intumescida do sexo de Jane, que estremeceu.

— Diga o meu nome — Phillip pediu com voz rouca. Ao fitar o belo rosto do marido, ela notou as gotas de suor que brilhavam em sua testa. Com a respiração arfante, Jane experimentava o poder da intensa emoção que receava desvendar.

— Parece-me estranho — ela sussurrou.

— Diga o meu nome — ele repetiu, sem interromper as torturantes carícias.

Jane sentia uma espiral de fogo propagar-se, do ponto de contato com o dedo do marido, por seu ventre, busto e membros. Arqueou as costas, sem condições de lutar contra a violenta correnteza que ameaçava carregá-la.

— Phillip... — Ela franziu a testa. — O que está...

— Diga de novo... — Ele sorriu, auxiliando-a a escalar o pico do prazer.

— Phillip...

Com as carícias, ele alçou-a com destino a um vôo iluminado por uma chuva de estrelas, fogos de artifício e explosões incontidas que antecederam uma queda livre. Jane arqueava o corpo desejando sempre mais, procurando o que não lhe era concedido, implorando por misericórdia e, ao mesmo tempo, para que o momento nunca terminasse.

Phillip previu o grito de prazer segundos antes de acontecer. Ergueu Jane pelos quadris e penetrou-a profundamente. Ela se contorcia e lutava contra a abençoada aflição que a dominava. Ele desejava, sobretudo, que Jane não desperdiçasse nenhum momento de sua primeira experiência, e também partilhar da mesma.

Os espasmos cederam gradualmente, o corpo de Jane descontraíu-se e sua mente recomeçou a tomar conhecimento do que a rodeava. De coxas abertas, recebia Phillip que, deitado sobre ela, a preenchia totalmente. Jane calculou ter caído de uma grande altura e ter sido apanhada pelo marido.

— Engraçado, não houve sofrimento — ela sussurrou, surpresa.

— E nunca mais haverá. — Phillip sorriu e beijou-lhe os lábios.

— Tenho a impressão de algo incompleto.

— Tem razão.

Ele apertou-lhe as nádegas, moveu-se até o fundo do ventre de Jane e deliciou-se com o olhar arregalado de prazer. Recuou até a abertura do corpo da esposa e tornou a avançar.

— Acompanhe os meus movimentos, Jane.

Phillip avançava e recuava, e ela acompanhou-lhe o ritmo. Jane ergueu os quadris e enlaçou o marido com as pernas. Adorou ouvir os gemidos de prazer dele quando se dobrou para trás, deixando-o com livre acesso ao seu corpo. O prazer que Phillip lhe proporcionara havia sido fantástico, mas não satisfatório. Jane não se sentia completa. Ela precisava daquela pressão enérgica e dos impulsos cada vez mais fortes.

A tensão na virilha alcançava um nível alarmante, porém Phillip preferiu conter-se

mais uma vez. Desejava que Jane alcançasse o êxtase junto com ele. Suados, um deslizava no outro por dentro e por fora. A pressão aumentou até o barulho nos ouvidos parecer uma canção. Nada existia além de Jane deitada sob ele, maravilhosamente receptiva.

Seus corações palpitavam com violência e o prazer aumentava. Jane percebeu que os braços e pernas de Phillip flexionavam-se e o abdômen ficava rijo. Os músculos do pescoço estavam tensos como cordas: Ela sentiu uma estranha antecipação enquanto seu corpo respondia ao do marido.

Dessa vez Jane sabia o que a aguardava e, com incontida felicidade, entendeu que ambos alcançariam o ápice ao mesmo tempo. Não percorreria o trajeto sozinha.

Phillip percebeu que Jane se encontrava no limiar do momento crítico, assim como ele. Apoiou-se em um braço e usou o outro para erguer-lhe os quadris. Precisava senti-la ainda mais próxima, como se isso fosse possível. Ela teve a mesma ânsia e agarrou-o com força, não querendo que Phillip a abandonasse.

— Jane, venha comigo... — ele implorou, arfante.

— Sim. Eu irei... agora.

Ela curvou as costas até ficar quase sentada na cama. Phillip, com o corpo tenso, deu um grunhido de prazer. E Jane seguiu-o imediatamente ao sentir as sementes abençoadas que a inundavam. Abraçados, alcançaram o maravilhoso arrebatamento.

Mesmo na calmaria que se seguiu, não se largaram. Ele beijou-lhe a testa suavemente, e a pulsação de ambos aos poucos voltou ao ritmo normal. Jane jamais poderia supor uma sensação tão extraordinária.

— Eu te amo — ela murmurou com olhar marejado e cobriu a boca com a mão, arrependida do que dissera.

Phillip sorriu com ternura. Nunca ouvira nada mais doce.

— Perdão, eu não deveria ter-lhe dito isso — falou Jane.

Ele beijou-lhe o rosto, com receio de que as palavras dela não fossem verdadeiras.

— Não lamente o que aconteceu entre nós. Foi maravilhoso e tudo é permitido desde que nos faça felizes.

Jane acariciou-lhe o rosto.

— É sempre assim?

— Raramente, mas eu arrisco um palpite: conosco será e por muito tempo.

— E por quê?

— Suponho que algumas pessoas têm uma conexão física inexplicável. Ela existe, sem que saibamos as causas.

— E já sentiu isso antes? — Jane arriscou-se na pergunta.

— Não, nunca foi dessa maneira. — Phillip alegrou-se por não ter de mentir.

Uma batida suave na porta precedeu a entrada da criada autorizada por Phillip. A moça acendeu o fogo, deixou perto a água quente e arrumou as toalhas. Jane, nua sob o marido, escondeu no peito dele o rosto corado até a criada terminar as tarefas.

Phillip beijou-lhe o alto da cabeça.

— Não se envergonhe. Ela irá embora em instantes. — Fitou a criada por sobre o ombro. — Por favor, traga o desjejum, mas daqui a pouco.

A moça fitou-o com olhar compreensivo e saiu. Jane deu um suspiro de alívio, e Phillip riu da inocência da esposa. Ele estava acostumado com o entra-e-sai durante seus encontros amorosos e nunca se preocupara com isso.

— Minha querida, eu lhe garanto que você é uma mulher esplêndida. — Phillip sorriu e beijou-lhe a ponta da orelha.

— Nunca me senti tão envergonhada. O que ela não vai pensar de mim?

— Ora, que o marido felizardo está desfrutando um pouco de prazer, antes de um dia que promete ser árduo e longo. Na certa ficará com inveja.

O coração de Jane disparou diante do elogio. Apoiou-se num cotovelo e puxou o lençol para cobrir o busto desnudo.

— Eu sei. — Ela deu um breve sorriso.

Ansiosa por chegar, Jane adiantou o cavalo na subida, mas logo deteve o animal.

— Oh, não!

Phillip olhou a casa e notou a faixa preta na porta e cortinas da mesma cor nas janelas. A morte. Eles haviam chegado tarde.

Jane acordou do cochilo e, a julgar pelas sombras, já era final de tarde. O pequeno aposento, que sempre fora seu paraíso, pareceu-lhe muito diferente, melancólico. Por que uma família tão rica vivia daquela maneira tão simples?

A resposta era seu pai. Ele trabalhava duro e sua modéstia, não raras vezes, beirava a miséria. Por mais que os negócios prosperassem, Charles Fitzsimmons se pautava pela economia. Jane nunca tivera criadas, trajes bonitos, refeições maravilhosas e nenhuma das outras coisas que o dinheiro podia comprar. Seu pai levava uma vida simples e os demais

o haviam acompanhado.

Ele teria aproveitado a própria existência? Teria sido feliz? Jane não se lembrava de havê-lo visto gastar um pêni em compra supérflua. Nem mesmo em fitas de cabelo para as filhas ou guloseimas para agradá-las. Nenhum vestido novo para uma festa. Jane trabalhava e trabalhava.

O pai morrera havia três dias e fora enterrado na véspera da chegada de Jane e Phillip. Não tinha recobrado a consciência depois do ataque em Londres. Se ele houvesse se recuperado, teria pensado em divertir-se mais ou trabalhar um pouco menos?

Jane levantou-se e espiou o estaleiro pela janela. Phillip a deixara descansando e dissera que iria até o estaleiro. Jane sorriu ao refletir nos mistérios da vida. Quem poderia ter imaginado que se alegraria na companhia do marido?

Ele havia sido uma dádiva divina e a conduzira com orgulho para dentro do lar de sua infância, onde não fora desejada. Respondera à altura aos cumprimentos secos e rudes de Gert. Pedira um banho e recomendara repouso a ela. Havia agido como um marido amoroso e protetor. Se não o conhecesse o suficiente, Jane seria capaz de acreditar que era amada por Phillip.

Bem, com o marido no estaleiro, seria uma ótima oportunidade para falar com Gregory. Ele não se encontrava em casa para recebê-los, mas já devia ter chegado. Era preciso resolver alguns assuntos entre ambos.

Pensar no cunhado deixou-a com um gosto amargo na boca. As lembranças de Gregory não mais a alegravam. Talvez ela tivesse mudado. Passara a vê-lo não como um homem charmoso, mas sim como um indivíduo autoritário e egoísta. O romântico se transformara em ardiloso, e o rosto bonito, em comum. Jane ficou desgostosa e irritada, com Gregory e consigo mesma, ao pensar na tentativa de o cunhado enganar a esposa com a irmã dela.

Vestiu-se rapidamente sem chamar a criada que Phillip exigira de Gert. Desceu a escada sem fazer barulho. No fim do dia Gregory costumava ir para a biblioteca.

Jane entrou no recinto vazio. Foi até a escrivaninha e examinou os papéis ali espalhados. Por cima estavam as páginas que continham suas estimativas de custos iniciais para o negócio de importação. O planejamento era seu, mas a letra, de Gregory. Phillip estivera certo! Seu cunhado era um mentiroso, além de ladrão!

Passos conhecidos soaram no corredor. Jane disfarçou o aborrecimento e foi até a janela, procurando parecer calma. Gregory parou à porta e sorriu.

— Minha querida Jane, estou satisfeito em vê-la, mesmo imaginando o quanto está

arrasada. — Ele falou alto para que os curiosos o ouvissem. — Desejo expressar minhas mais profundas condolências. — Olhou ao redor, fechou a porta, aproximou-se de Jane e tomou-lhe as mãos. — Permita que eu a olhe — sussurrou. — Está cada dia mais adorável.

Ela mordeu o lábio para não rir. Durante muitos anos o imaginara um Adônis. Ele sempre fora tão baixo? Os cabelos loiros sempre tinham sido ralos? Sempre tivera aquela barriga, os olhos tão pálidos e a pele tão marcada?

— Olá, Gregory. — Jane afastou-se.

— Olá, querida. — Sem preâmbulos, ele tomou-a nos braços. — Ah, como estive perdido sem a sua presença! Nem posso acreditar que esteja aqui.

Jane teve de esforçar-se para não rir, apesar de estar pressionada de encontro a Gregory. E tratou logo de empurrá-lo.

— Creio que deveríamos conversar sobre...

— Sim, minha querida — ele a interrompeu —, mas antes... — Gregory abaixou a cabeça e beijou-a.

Jane viu o rosto do cunhado aproximar-se em câmara lenta. Sem desejar aquele beijo, não podia deixar de refletir como se sentiria depois de ter experimentado os beijos de Phillip.

Após ter sido levada ao paraíso pelo marido, era difícil chamar de beijo ao que Gregory fazia. Ele colava os lábios secos e ásperos nos dela, sem roçar ou provocá-la com a língua. Mesmo assim, tremia, entregue à paixão.

Com o olhar arregalado, Jane nada sentia, exceto que a insultavam. Gregory era extremamente audacioso. Não respeitava a esposa nem a ela, agora casada. Empurrou-o de novo e foi para trás de uma cadeira, que usou como escudo para proteger-se contra avanços futuros.

— Francamente, Gregory, não creio que isso seja apropriado. Por favor, não tente de novo, pois eu não lhe permitirei nenhuma insensatez.

Chocado, ele ficou parado, sem reação.

— Ficamos tanto tempo afastados... Cada dia sem a sua presença foi uma tortura para mim. E depois descobrir que Charles a fez casar com aquele...

— Aquele o quê? — Jane estava curiosa para escutá-lo.

— Aquele... nobre detestável!

— Se mal o conhece, como pode dizer isso?

— Seu marido é um grosseiro. Ordenou para que ficássemos na casa dele em Londres. Depois de hospedar-nos, na certa nos trataria como se não fôssemos dignos de partilhar sua mesa. Ele tem maneiras atrozes e é muito prepotente.

— Quando quer, Phillip sabe ser dominador, e essa é uma das coisas que mais aprecio nele.

— Jane, querida, vai me dizer que está gostando desse... aristocrata?

— Creio que sim. Quanto mais o tempo passa, mais me convenço de que Phillip Wessington é a melhor coisa que me aconteceu. — Surpresa com as próprias palavras, ela entendeu que não mentia.

Gregory estava transtornado. Acostumado a predominar, sempre fazia Jane sentir-se culpada e sem valor. Mas algo mudara, pois suas velhas táticas não mais funcionavam.

— Não entendo como pode ter-se afeiçoado a um homem com tal reputação. Toda a Londres sabe que ele era...

— Por falar em Londres — ela lhe interrompeu —, o que você e meu pai estavam fazendo lá?

Muito vermelho, Gregory foi para trás da mesa e começou a juntar papéis, como para esconder a verdade que Jane já sabia.

— Estávamos lá a negócios.

— Algo a ver com o estaleiro?

— Sim, sim. Negócios envolvendo o estaleiro.

Ela adorou vê-lo contrair-se diante de seu olhar condenatório e resolveu prolongar a tortura. Depois de várias explicações inaceitáveis por parte dele, Jane teve misericórdia.

— Você disse a meu marido ter-se encontrado com banqueiros para tratar do meu negócio de importação.

Gregory empalideceu.

— Não é o que está pensando.

— Não? Você não roubou minha idéia e a apresentou a meu pai como se fosse sua?

Ele passou a mão no cenho franzido.

— Não é nada disso, querida.

— Eu não sou idiota e também não sou sua querida. Você é um mentiroso e trapaceiro, falsário e ladrão! Não passa de um prevaricador oportunista que esquematizou, manipulou e enganou a esposa com a irmã mais nova dela! — Se estivesse

perto de Gregory, Jane o teria estapeado. — Será que deixei de mencionar alguma coisa?

— Eu fiz tudo isso por nós, sua idiota!

— Como o seu plano poderia me beneficiar, Gregory?

Ele não ousou mencionar as discussões secretas que tivera com Charles no último ano. Embora fosse ambicioso, conhecia as próprias limitações. Seu sogro ficara incapacitado durante algumas semanas e havia morrido havia três dias, mas os encargos já pesavam demais nos ombros de Gregory. Precisava da ajuda de Jane na administração do negócio. Teria de convencê-la a ficar em Portsmouth durante algum tempo.

— Jane — ele tornou a aproximar-se com as mãos estendidas —, minha querida, não podemos discutir depois do que sentimos um pelo outro durante tanto tempo.

— Nós ainda não começamos a discussão.

Ela virou-se, procurando o controle emocional. E quando sentiu a mão de Gregory nas costas, a porta foi aberta.

Gregory deu um pulo e Jane espiou por sobre o ombro. Phillip acabava de entrar. Apesar da expressão despreocupada, Jane percebeu que ele estava furioso.

— Lorde Wessington — a voz de Gregory saiu esganiçada —, que satisfação tornar a encontrá-lo.

— Eu estava procurando por minha esposa. E, pelo visto, o senhor se adiantou.

Phillip virou-se para Jane, que o encarou sem pestanejar. Gregory pigarreou.

— Não é o que está pensando, milorde. Eu estava apenas consolando minha cunhada.

— Verdade? Pareceu-me que beijava minha esposa.

— Phillip, eu posso explicar — Jane interveio.

— Atirei no último homem que fez exatamente o mesmo!

Gregory começou a tremer e engoliu em seco.

— Milorde, eu lhe asseguro, não fazia nada de mais. Eu procurava confortar lady Jane.

— Pois pode acreditar, Gregory, que sou perfeitamente capaz de consolar minha esposa. Jane, venha cá. — Phillip estendeu a mão.

Ela aproximou-se do marido. Ele a abraçou e acariciou-lhe as costas para demonstrar de quem era o direito de afagá-la. Jane escondeu o rosto no peito de Phillip.



— Perdoe-me, Phillip.

— Está tudo bem — ele sussurrou e sorriu para ela.

— Não está com raiva?

Phillip sacudiu a cabeça. Ao voltar do passeio, notara os dois pela janela. O coração quase cessara de bater ao ver Jane nos braços de outro. Mas, ao se aproximar, percebera que Jane empurrava Gregory. O retardado não percebia que era inoportuno.

Tinha observado a cena por alguns minutos e achara melhor salvar Gregory antes que Jane o matasse.

— Falaremos disso mais tarde, quando estivermos a sós, minha querida. — O tom sugeria o que Gregory estivesse disposto a imaginar. — Em uma suposição maluca, Gregory, posso dizer-lhe que Jane descobriu o que o senhor estava fazendo em Londres com o pai dela.

— Francamente, Wessington, não acho que seja uma hora apropriada para tratarmos de negócios. Charles acabou de ser enterrado.

Um criado apareceu na porta.

— Sr. Fitzsimmons — o homem dirigiu-se a Gregory —, o advogado está aqui. Devo mandá-lo entrar?

Gregory entrou em pânico. Atrás deles soaram passos e um homem corpulento entrou sem esperar convite. Ao ver Jane e Phillip, ficou tão nervoso quanto Gregory.

— Olá, Jane. — Fora advogado de Charles havia décadas e a conhecia desde criança. — Gregory me disse que não a esperava por estes dias. — Fitou Gregory com olhar interrogativo. — Acha que devemos adiar o encontro para uma ocasião mais adequada?

— Uma excelente idéia. — Gregory foi até a porta e começou a empurrar o advogado para fora.

O olhar imperioso de Phillip interrompeu a fuga.

— O que motivou sua vinda a esta casa em horário tão tardio, senhor? O que não poderia esperar até amanhã cedo?

O advogado fitou Gregory com olhar furioso e depois deu de ombros. Jane acabaria descobrindo, mais cedo ou mais tarde. Ele apenas não gostaria de estar presente quando isso acontecesse.

— Íamos ler o testamento de Charles.

— Gregory pretendia fazer isso antes da nossa chegada?

— Bem... — O homem engasgou, tossiu e fitou Gregory.

— Pretendíamos apenas acabar com essa tarefa penosa o mais depressa possível — Gregory desculpou-se. — Não seria necessário preocupar Jane inutilmente.

— Minha esposa foi mencionada no documento? — quis saber Phillip.

— Sim, sim... foi.

— Então entre, por favor. Nós não impediremos a leitura.

— ...eu, Charles Francis Xavier Fitzsimmons, em perfeitas condições físicas e mentais, pela presente, declaro minha última vontade no testamento a seguir... — O advogado ajustou os óculos, fitou Gregory de esguelha e continuou a ler os parágrafos introdutórios, que mencionavam vários empregados antigos que haviam sido beneficiados com doações em dinheiro.

Jane, ainda em choque pela morte do pai, não tivera oportunidade de preocupar-se com a herança e estremeceu quando o advogado fitou-a com olhar apreensivo. Phillip percebeu e segurou a mão da esposa para dar-lhe conforto.

— Para minha filha, Jane Fitzsimmons Wessington, deixo como legado a caixa de jóias de sua mãe, assim como o retrato da falecida que está pendurado no hall superior...

— Jane sorriu e Phillip apertou-lhe a mão. — O dote dado a seu marido, lorde Phillip Wessington, será considerado o restante da herança.

Jane não demonstrou ter alcançado as consequências do que fora lido, mas Phillip arqueou uma sobrancelha. Na verdade, ela havia sido deserdada. Não era um fato incomum para uma filha, porém muito injusto, considerando-se que o estaleiro fora a vida de Jane e que Gregory não era filho de Charles.

— Para meu genro Gregory Fitzsimmons — continuou a ler o advogado —, em reconhecimento pelo seu trabalho e dedicação aos negócios da família, deixo a parte principal de meus bens... — Da lista constavam a casa, que fora o lar de Jane, o estaleiro, várias propriedades e investimentos.

A explanação continuou por vários minutos. No parágrafo final, Charles recomendava para Gregory tomar conta de Gert e dirigir o estaleiro para os netos levarem com orgulho o nome da família.

Um pesado silêncio se seguiu após a leitura. Confusa, Jane sentou-se na beira da poltrona.

— Só isso?

— Sim, nada mais foi escrito. — O advogado fitou-a com simpatia.

— Mas ele deu a minha casa, o meu trabalho, a minha... vida... para Gregory!

— Seu pai achava que milady, depois de se casar, teria o suficiente para se manter.

— O advogado tentou desculpar Charles.

Jane levantou-se, agitada.

— Meu pai disse que se eu me casasse, poderia voltar para o estaleiro depois de seis meses. Eu fiz tudo o que ele me pediu. Esta é a minha casa, meu lar. — Ela apontou o ancoradouro. — Aqueles navios são meus! Passei a minha vida ajudando meu pai a construí-los.

O advogado daria tudo para não ter de enfrentar o constrangimento. Jamais gostara de Gregory e não confiava nele. Tinha discutido com Charles sobre o testamento, sugerira mudanças, mas não conseguira movê-lo.

— Ele julgava inestimáveis e substanciais as contribuições de Gregory.

As lembranças afloraram. Durante anos Jane sustentara o trabalho de Gregory, realizando as necessárias modificações, sem jamais contar para o pai que o mérito não era do rapaz. Naquela altura, a verdade era inequívoca: Gregory a fizera de tola.

— Então é isso! Você nem ao menos sabe fazer uma soma sem a minha ajuda! — disse Jane, dirigindo-se ao cunhado.

Gregory fez pose de homem insultado.

— Não era o que seu pai pensava.

— Não posso acreditar. — Ela sacudiu a cabeça, desanimada. — E pensar que durante esses anos todos eu lhe dei cobertura, menti por sua causa, assumi suas culpas e deixei...

— Jane não conseguiria falar sobre o namoro deles na frente do marido nem diante de qualquer pessoa. — Eu confiava em você.

— Eu não traí a sua confiança, Jane. Você será bem-vinda para continuar no estaleiro da maneira que seu marido permitir. — Gregory fitou Phillip com ar conciliador, esperando que ele permitisse à esposa fazer o que mais amava. Assim não haveria perigo do negócio afundar.

— Meu pai morreu pensando que a idéia da importação era sua, não é, Gregory?

— Bem, claro que era minha, mas eu mencionei várias vezes a sua preciosa ajuda.

— Tenho certeza disso, seu canalha! Eu só espero que você se afogue na maré de

dívidas que o assolará.

A idéia de falhar irritou-o profundamente.

— Eu não aceito insultos dentro da minha própria casa.

— Ora, com que rapidez se apossou de tudo. — Jane gostaria de gritar e arrancar os cabelos. — Não suporto isso mais nem um minuto, preciso sair daqui! — Virou-se para o marido: — Phillip, por favor, vamos.

— O mais depressa possível, minha querida.

Phillip levantou-se, estendeu a mão para o advogado, que não tinha culpa das trapalhadas, e passou diante de Gregory com imponência. Somente Deus fora testemunha das maquinações que o biltre levava a efeito durante aquele tempo todo. Para sorte de Gregory, havia pouca possibilidade de eles se encontrarem novamente no futuro.

Com a mão nas costas de Jane, Phillip levou-a para fora da biblioteca. Para impedi-la de falar com a irmã ou com Gregory novamente, informou a uma criada que partiriam imediatamente. Deu o nome de uma estalagem que lhe era familiar na cidade e pediu para que os pertences deles fossem enviados para lá. Acompanhou Jane até a estrebaria, onde ele mesmo encilhou os cavalos. Em seguida, deixaram a casa sem se despedir de ninguém.

Uma hora mais tarde, estavam acomodados num quarto da hospedaria. Phillip sentou-a na cama e serviu a Jane uma taça de vinho.

— Beba. Ajudará a acalmá-la.

Ela obedeceu. Tomou um gole e inspirou fundo.

— Em toda a minha vida, não me lembro de ter ficado tão furiosa. Exceto...

— Comigo?

— É. — Jane corou. Eles não haviam falado mais sobre a horrível noite de núpcias. E tinha sido melhor assim. — São águas passadas, Phillip. Será melhor esquecermos o que houve.

Ele achou a sugestão ótima. Não gostaria de lembrar-se de que havia agido como um patife. Em vez disso resolveu perguntar o que o afligia desde que vira Gregory tentando beijá-la.

— Alguma vez esteve apaixonada por Gregory?

Jane inspirou fundo, desgostosa, levantou-se e foi até a janela.

— Sempre me considereei uma pessoa inteligente. Nem posso acreditar que agi como uma idiota.

Phillip entendeu o que acontecera, pois também havia cometido o engano de apaixonar-se por Anne.

— O amor faz as pessoas agirem de modo esdrúxulo. Quanto tempo durou o romance?

— Muitos anos. Phillip deu risada.

— Não é um exagero para quem tem apenas vinte?

— Eu estava com treze quando Gregory se casou com Gert e se mudou para a nossa casa.

— Então ele passou a importunar uma criança.

Jane recordou-se de como ficara lisonjeada com as atenções do cunhado.

— Desde os primeiros dias. Acha que foi tudo planejado?

— Provavelmente.

— E meu pai? — Jane perguntou com voz sumida. Muito tempo haveria de se passar até ela absorver a série de traições cometidas por Charles.

— Por causa de Charles Fitzsimmons pensei em não deixá-la vir para Portsmouth. Em Londres, ele parecia feliz com a sua ausência e fazia questão de demonstrar grande afeição por Gregory. Foi por causa de seu cunhado que seu pai a mandou embora?

— Agora entendi que meu pai usou Gregory como desculpa. Ele nos surpreendeu durante um beijo. — Jane olhou Phillip por sobre o ombro. — Beijar foi só o que fizemos. Eu me casei virgem e totalmente inexperiente.

— Eu sei muito bem e sinto-me abençoado por minha boa sorte. — Phillip aproximou-se por trás e abraçou-a pela cintura. — Não terei a oportunidade de agradecer a Gregory ou a seu pai por enviá-la para mim.

Jane pensou o mesmo em relação a ele. Ocorreu-lhe que Phillip era um marido maravilhoso. Apoiara-a em todos os sentidos, tanto na viagem quanto na penosa situação que ela acabava de enfrentar. Gostaria de demonstrar para o marido o quanto gostava dele.

— Beije-me, Phillip.

Pelo olhar de Jane, Phillip entendeu o que ela pretendia, mas o primeiro impulso foi recusar, embora não desejasse negar-lhe nada enquanto vivesse.

— Não creio que seja uma boa idéia. Entendo que está aborrecida e cansada. Será melhor tomar um banho, e depois a levarei para a cama.

— Beije-me. Agora.

Jane não esperou a cooperação do marido. Deu meia-volta e encostou-se em Phillip. Pressionou os seios de encontro ao peito largo, e as coxas, nas dele. Agarrou-o pelas nádegas e encostou o monte-de-vênus na virilha de Phillip.

A excitação instantânea o fez entender que se tratava de uma causa perdida. Um banho seria relaxante, mas ele pensava em outros métodos na água. Jane beijou-lhe o pescoço e mordiscou-lhe o canto da boca.

— Criei um monstro. — Phillip sorriu, encantado.

— Não tenho culpa pelo fato de o senhor meu marido ter-me ensinado tantas coisas maravilhosas. E é disso que preciso agora. — Ela beijou-lhe os lábios. — Não quero saber de pensar, planejar ou preocupar-me.

Uma batida soou na porta e Phillip autorizou a entrada. Uma criada anunciou que o banho pedido já estava pronto. Dois homens corpulentos entraram com uma banheira e depois com jarros de água. A moça preparou um biombo e arrumou as toalhas. Antes de ela se retirar, Phillip ordenou que não fossem incomodados até a manhã seguinte.

— Pretende lavar os cabelos? — ele perguntou após a saída de todos.

— Não. Bastará escová-los.

— Eu gostaria de fazer isso.

Jane nem pensou em recusar o pedido. Phillip conduziu-a até a banqueta da penteadeira. Antes de ela sentar-se, Phillip desabotoou-lhe o corpete do vestido, que deslizou até o chão. A renda e a seda da camisa pouco escondiam. O ar frio nos ombros e colo, assim como os toques do marido, deixaram-na arrepiada e invadida por uma inacreditável excitação.

Phillip desamarrou a fita e puxou os grampos que prendiam os cabelos. A trança pesada deslizou pelas costas, e ele desmanchou-a com os dedos.

— Adoro os seus cabelos — ele sussurrou inclinando-se. A respiração de Phillip criou sensações eróticas em Jane.

O busto passou a formigar, e o esconderijo feminino entre as pernas, a palpitar. Ela não imaginava que um ato tão corriqueiro pudesse representar tanta intimidade.

Phillip afirmou para si mesmo que se apressara para evitar que a água do banho esfriasse. Ledo engano. O procedimento simples de escovar os cabelos de Jane era tão agradável que o assustava. Os sentimentos que ameaçavam emergir de seu coração eram surpreendentes. Nunca sentira nada parecido por mulher nenhuma. Procurando terreno

mais seguro, largou a escova e começou a desabotoar a camisa.

Jane virou-se no assento para admirar o belo físico do marido e disse a si mesma que jamais se cansaria de admirá-lo.

— O que está fazendo?

— Pensei que poderíamos tomar banho juntos. Jane arregalou os olhos pelas invenções de Phillip.

— Que idéia mais depravada, senhor meu marido.

Phillip segurou a mão dela sobre o membro endurecido.

— Pois eu acho que seria uma delícia.

— Mas como caberemos juntos na banheira?

— Daremos um jeito.

— Eu desejo banhá-lo. — Poucos dias antes, Jane teria preferido morrer antes de sugerir tal coisa, porém Phillip conseguira afastar um grande número de suas inibições.

— E eu adorarei se o fizer.

Ele terminou de tirar as roupas e parou diante de Jane. Um verdadeiro deus do Olimpo. Ela acariciou a masculinidade pujante e deixou a ponta resvalar no mamilo endurecido sob a seda do camisão. O gemido de prazer de Phillip fez Jane sorrir.

— Querida, acho melhor parar com isso ou acabaremos não tomando banho.

— Devo tirar a camisa? — Jane segurou a barra da peça.

— Não. Gosto de ver seus seios lutando contra o tecido. — Phillip passou a mão nos contornos e se deteve no mamilo túrgido.

Ele entrou primeiro na água e Jane ajoelhou-se ao lado da tina. Sem saber como agir, ela pegou um pano, molhou-o e esfregou-lhe o peito. Insatisfeita, resolveu usar as mãos nos pêlos escuros, na barriga, nas coxas e nos joelhos.

Phillip estava com as coxas abertas e encostadas nos lados da cuba e Jane passou a mão por dentro da perna direita, onde encontrou uma estranha marca de nascença: o número oito deitado.

— O que é isso?

— É a marca de nascença dos primogênitos na minha família, passada de geração em geração.

— É o sinal do infinito.

— Isso quer dizer que a desejarei por toda a eternidade.

Antes de conhecer Phillip, Jane não imaginava que homens e mulheres dissessem certas coisas uns aos outros.

— Milorde é terrível — ela caçoou e sorriu.

— Digamos que sou insaciável. — Phillip puxou-a para perto dele e beijou-a intensamente. Aproveitou para molhar a camisa de Jane e sugar-lhe os seios através do tecido molhado. — Quem poderia imaginar que gemas tão preciosas se escondessem sob aquele excesso de roupa?

Ela não sabia o que dizer e preferiu responder fisicamente. Aproveitou o banho como desculpa e explorou cada recanto que tanto amava. Mesmo sabendo do que Phillip gostava, envergonhava-se da própria audácia. Deteve-se na pele macia da parte interna das coxas, resvalou a mão para cima e acariciou com suavidade as partes íntimas.

— Pretende matar-me, Jane? — ele perguntou, rouco e com o olhar cerrado.

— Gosta disso, não é?

— Muito.

— Eu me tornei uma libertina por sua culpa, Phillip Wessington.

— Pois nada me satisfaz mais do que lhe mostrar o caminho.

Jane deu risada e abaixou-se para procurar o sabão que deixara cair. A água molhou ainda mais o corpete e delineou cada traço e curva.

— Levante os joelhos — ela pediu.

Phillip apoiou os punhos nas bordas da tina e obedeceu. Jane ensaboou-lhe a parte interna das coxas, as nádegas e o vão entre elas, e se deteve nas partes masculinas. O fato de acariciar as porções mais sensíveis de Phillip e por isso ter controle sobre o marido deixava-a no mesmo estado de excitação em que ele se encontrava.

— Agora chega. — Ele segurou-lhe as mãos e puxou-a para dentro da banheira. — Venha cá.

Jane ficou de joelhos, de costas para ele, e estremeceu quando Phillip lhe tirou pela cabeça o camisão encharcado. Ensaboou-a da mesma maneira como ela fizera com ele. Os dois ficaram escorregadios e quentes.

— Agarre-se na beira — Phillip pediu.

Jane sentiu-o atrás de si e temeu que se repetisse o desastre da noite de núpcias. Mas dessa vez foi diferente. Apesar de Phillip não esperar pela realização dela, Jane não se



sentiu humilhada nem imaginou que era maltratada.

Apenas uma coisa a incomodava. Phillip chegara ao fim, e ela ardia de desejo. O coração palpitava, os seios tumefatos pareciam estourar e a angústia feminina ameaçava gritar por socorro.

Nisso Phillip recuou e virou-a. Sem saber o que a aguardava, Jane fitou-o, fascinada. Ele a ergueu pelos quadris e beijou-lhe o ventre. Fez uma trilha de beijos descendentes até alcançar-lhe o centro mais sensível.

— Phillip! — Apesar do prazer provocado pelos movimentos rápidos da língua, Jane tentou soltar-se.

— Entre nós tudo é permitido, lembra-se, meu amor? Feche os olhos e permita que eu a leve ao ápice do prazer.

Mais uma vez Jane obedeceu e alcançou o êxtase de maneira totalmente diferente, mas igualmente espetacular.

Como sempre, Phillip segurou-a enquanto ela despencava no espaço e no tempo até ter certeza da volta. Ele beijou-lhe os lábios, e Jane sentiu o sabor do próprio sexo.

— Eu te amo — ela sussurrou pela segunda vez.

Phillip permaneceu em silêncio, com o coração inchado de contentamento.

Mais tarde, Phillip acordou, assustado. Jane não estava na cama. Olhou para o lado e viu-a enrolada na camisa dele, sentada numa poltrona, olhando o fogo que sê extinguiu. Sentou-se na cama e jogou as pernas para o lado. Jane percebeu o movimento.

— Eu não pretendia acordá-lo. Perdoe-me.

Phillip julgou que a expressão da esposa era de infelicidade e solidão.

— O que houve?

— Eu estava pensando.

— Sobre o que, amor?

— No que farei daqui por diante. Não tenho um lar nem família nem emprego. Sinto-me perdida. — Jane voltou a fitar o fogo. — É horrível chegar aos vinte anos e, de repente, entender que nada lhe pertence e que ninguém no mundo se preocupa com a sua pessoa.

O desânimo na voz de Jane trouxe de volta uma dor desagradável no peito de Phillip. Ele se levantou, aproximou-se dela e acariciou-lhe os cabelos.

— Eu me preocupo com você.

— Verdade?

— Emily também. Além de Emily, Richard, John e Meg. — Phillip escorregou na cadeira por baixo de Jane, e ela acabou sentada em seu colo de pernas abertas, com o rosto apoiado no ombro dele. — Uma nova vida substituirá a que acabou de perder aqui.

Jane deu de ombros, confusa e infeliz.

— Não tenho mais nenhum lugar que eu possa chamar de meu.

— Jane, seu lugar é ao meu lado, e a minha casa é a sua. — O pensamento seguinte assustou-o, mas ele decidiu falar sem medir as consequências. — Será muito difícil pensar em mim e em Emily como a sua família?

Jane afastou-se e fitou-o com amor. Ela conhecia muitas coisas a respeito do marido que talvez nem ele soubesse. Para Phillip, era difícil confiar nos outros e preocupar-se com o próximo. E ainda mais difícil era amar, simplesmente porque ninguém lhe ensinara como se podia amar uma pessoa. Chegar a fazer aquele pedido singelo representava um marco fundamental na existência de Phillip. Um passo rumo a uma vida melhor, a um círculo de amigos sinceros e à esperança. A crença de que a dependência mútua era um bem valioso. Se ele estava disposto a oferecer tudo isso, ela também o estaria.

Jane abraçou-o com força.

— Eu adoraria considerar os dois minha família — murmurou —, se isso lhe agradar.

Phillip fez um trejeito, como se a decisão fosse indiferente, embora o significado fosse da maior importância. Durante muitos anos, se convencera de que não precisava amar ou ser amado. Nos últimos tempos, no entanto, passara a considerar uma posição oposta. Desde que havia conhecido Jane, descobrira um vazio interior muito grande. Um local estéril e vago deixado por aqueles que deveriam ter-se preocupado com ele. Como seria preencher o vazio? Teria coragem suficiente para descobrir?

Phillip beijou-lhe a testa suavemente.

— Jane, eu lhe peço para formarmos um lar. É o que mais desejo no mundo.

Como resposta, ela tornou a apertá-lo nos braços, como se nunca mais pretendesse deixá-lo, o que aliviou de imediato, e pela primeira vez, a pressão no peito de Phillip.

Jane estava sentada com Emily no mesmo local onde, três meses antes, Phillip fizera um escândalo por havê-la encontrado com os amigos fazendo um piquenique. Não se lembrava de dias em outubro tão bonitos e quentes. Se alguém lhe dissesse que o

calendário estava errado e que ela se encontrava em pleno verão, teria acreditado.

As mudanças tinham sido incríveis naqueles noventa dias. Phillip parecia outro homem. Embora ainda tivesse momentos em que o temperamento difícil transbordava, demonstrava ter encontrado a sensibilidade havia muito perdida. Para satisfação de Jane, ele ignorara os convites de outono que recebia diariamente para as mais variadas festas e caçadas. Passava o tempo familiarizando-se com os problemas da propriedade e convivendo com os empregados domésticos, aldeãos e rendeiros que vinham servindo os Wessington havia gerações.

Com boa vontade, foi padrinho de John Graves no casamento com Meg. Com entusiasmo e humor ajudou a carregar os sacos de sementes e presidiu as festividades antes e depois da colheita. Tentativas desajeitadas, mas bem-intencionadas, de aproximação resultaram num bom relacionamento com Emily e até com Richard. Na tarde anterior, Jane vira, pela janela da biblioteca, Phillip e Richard conversando perto da estrebaria. E, para seu espanto, Phillip sorria.

Ela admitiu que não poderia ter sonhado com um marido melhor. Durante o dia, mostrava-se cortês, terno e preocupado. E à noite, continuava o apaixonado de sempre e seu desejo aumentava com o passar dos dias. Se não o conhecesse tão bem, pensaria que Phillip estava apaixonado por ela. Todavia, considerando o passado dele, imaginava se alguma vez o amor o contagiaria. Jane refletiu que seu amor bastaria para os dois.

Na verdade, três meses haviam feito muita diferença.

A voz de Emily afastou-a dos devaneios.

— O que foi que disse, querida?

— Que está muito quente e que poderíamos nadar.

— E se alguém nos vir, Emily?

— Não há ninguém por perto. Por favor, Jane, vamos. Jane não nadava desde os tempos de adolescência. Olhou em volta e deu razão a Emily. Estavam sozinhas e, se alguém aparecesse, não as veria. Um bosque servia de escudo.

— Por que não? — Jane sorriu para a menina. Emily bateu palmas, entusiasmada.

Uma ajudou a outra a desamarrar fitas e abrir colchetes. Ficaram de camisa e calçola. Uma das anáguas de Emily prendeu-se no salto da bota e Jane ajoelhou-se para auxiliar a garota a desenganchar o obstáculo. Enquanto puxava o tecido, viu as pernas de Emily. No lado interno da direita havia a mesma marca que vira na perna de Phillip.

Jane tocou no oito deitado quase com receio de que o sinal desaparecesse.

Espantada, sacudiu a cabeça. Como fora possível que ninguém houvesse olhado a menina de perto? Ou todos pensariam, como Phillip, que a marca aparecia apenas nos primogênitos masculinos? E durante tantos anos pai e filha haviam sofrido porque ele se convencera de que a filha não era sua.

A importância da descoberta era desconcertante. Ainda de joelhos, Jane ergueu a cabeça.

— Seu pai já viu esta marca?

— Ora, Jane, que pergunta! Como se eu ousasse mostrar minhas pernas para papai!

— Emily deu risada. — Ah, que tolice!

— É verdade.

Emily não tinha idéia da leviandade de sua mãe nem dos problemas havidos entre seus pais e muito menos da importância daquela marca de nascença. Jane não pretendia alertar a menina para assuntos tão tristes. Levantou-se e puxou a mão de Emily.

— A última que chegar é uma boba!

As duas correram, rindo. Entraram no rio aos gritos por causa da água gelada que ensopava a roupa íntima delas.

Phillip cavalgava devagar, deliciando-se com o tempo quente fora de época. Vinha da aldeia e observava os campos e as cabanas no trajeto para a sua herdade. O inverno seria longo, e os dias agradáveis daquele outono eram bem-vindos.

Quanto tempo perdido naqueles anos todos em que se convencera de odiar Rosewood. Chegou perto da alameda que conduzia à residência e inspirou fundo. O cheiro da grama fresca que amarelava era delicioso. As folhas das árvores em cores outonais despencavam sobre seus ombros. Pegou uma delas e girou-a pelo caule.

Aprendera ultimamente que a felicidade era tangível.

Não se lembrava de ter sido feliz antes e estava disposto a impedir que aquela dádiva lhe escapasse pelos dedos.

Graves se revelara um bom e fiel amigo. Aos poucos, a ligação afetiva com Emily se concretizava. E a amizade com Richard retornava aos níveis anteriores, coisa que jamais lhe ocorreria. Usando como desculpa a administração de Rosewood, procurava a companhia de Richard com muita frequência. A camaradagem com o amigo fora arranhada, mas não morrera.

E tudo por obra de Jane. Ela havia entrado em sua vida e era o centro de seu novo universo recheado de risos, amizade e amor. Aos poucos ele aprendia que não era preciso

temer a confiança e a devoção. Às vezes esfregava a mão no peito e imaginava se a dor que sentia não era o degelo de seu coração.

Percebeu um cavaleiro que se aproximava. Antes de fazer a curva, o homem acenou e disse vários "olá" em voz alta.

— Wessington — Morris saudou Phillip ao aproximar-se.

— Morris. — Phillip anuiu com um gesto de cabeça. — Há tempos que não nos vemos. — Felizmente.

— Estive em Sussex na festa de Roberta. Pensei que o encontraria por lá.

— Negócios importantes prenderam-me em Rosewood. Não pude me afastar.

— Todos estranharam a sua ausência.

Phillip sacudiu a cabeça ao refletir nas mudanças ocorridas em sua vida. No passado, as festas de Roberta eram as suas favoritas. Naquela altura, o convite não o atraía nem um pouco.

Risos e sons de batidas na água foram ouvidos do outro lado do bosque, no local onde Phillip interrompera o piquenique de Jane no verão e demonstrara o intolerante que era. Um asno ciumento, inseguro e pomposo. Ele bem merecera que Jane nunca mais falasse com ele. Reconheceu a voz de Emily e admitiu que durante o verão se mantivera afastado de Rosewood para não ceder à tentação de entender-se com a menina.

Morris passou rapidamente pelas árvores e Phillip seguiu-o de perto. Consternado, entendeu que uma das vozes era de Jane. As duas brincavam na água, sem imaginar que eram observadas. As roupas íntimas estavam coladas ao corpo. Apesar da distância, os homens podiam ver muito bem o que se passava e distinguir perfeitamente as silhuetas sob o tecido molhado.

As duas assemelhavam-se a espíritos da floresta em uma tarde de folgedos. Phillip, que conhecia de cor cada curva e reentrância do corpo de Jane, achou que os seios estavam um pouco maiores, e o ventre, ligeiramente abaulado. Sentiu a pulsação acelerada pela idéia que o acometeu. Quem poderia imaginar que isso o deixaria tão entusiasmado?

— Meu Deus, ela é linda! — disse para si mesmo. Morris olhava a cena, mas prestava atenção à outra atriz.

Emily parecia um menino, delgada e sem seios. A excitação o incomodava.

— Sim, ela é. Mal posso esperar...

Phillip virou a cabeça ao notar a paixão envolvendo as palavras de Morris. Preparou-se para um comentário ácido, porém notou que o camarada, excitado, estava de

olhar fixo em Emily.

Com muita raiva, Phillip virou o cavalo na direção da alameda.

— Vamos sair daqui.

— O quê? — Morris estava completamente distraído pela visão de Emily.

— Eu disse para sairmos daqui! — Ao ver que o outro não arredava pé, irritou-se ainda mais. — O senhor está contemplando a nudez de minha mulher e de minha filha.

O desejo de Frederick Morris por Emily assumia níveis insuportáveis. Havia um mês ele visitara seu bordel favorito em Londres, mas as jovens prostitutas não o satisfizeram completamente. Mesmo a morena que ele fantasiava ser Emily. Sempre que podia, recorria às meninas pobres das ruas que faziam qualquer coisa por comida e abrigo. Mas nada afastava a imagem de Emily que o torturava dia e noite.

Gostaria de entrar no regato e brincar com ela. Seria uma desculpa para tocá-la nos locais secretos, escondido pela água. A deliciosa agonia foi interrompida pela voz de Phillip.

— Minhas desculpas, milorde — disse Morris. — Não pretendia ser grosseiro.

— Claro que não. — Phillip não evitou o sarcasmo. De volta à estrada e longe das duas, encarou Morris. — Estou para dizer-lhe há algum tempo que decidi não casar Emily. Ela é muito nova.

Morris não podia acreditar no que estava escutando. Depois de tantos anos de espera!

— Ela está com quase doze anos! — Ele odiou o tom de lamento que não conseguiu disfarçar.

— E por isso mesmo muito jovem para se casar.

— Quando, então? — A irritação ameaçava explodir. Fora trapaceado e bancara o tolo!

— Ah, talvez com dezoito ou dezenove anos. Depois de uma ou duas temporadas em Londres.

— Não posso esperar tanto tempo!

— Eu nem pensava em pedir-lhe isso. — Phillip hesitou antes de continuar: — Mesmo se o senhor estivesse interessado daqui a alguns anos, eu jamais concordaria.

Manchas vermelhas e irregulares apareceram nas faces de Morris.

— Milorde acendeu minhas esperanças. Tive paciência durante muito tempo e

agora o senhor arruinou tudo.

— Tenho certeza de que encontrará alguém interessado no seu dinheiro.

— Aumentarei minha oferta.

Phillip negou com gesto pausado de cabeça. Com o passar do tempo, convenceu-se que sua visão de mundo nos últimos anos fora escurecida por uma névoa que apenas recentemente começava a dissipar-se.

— Vá embora, Morris, e não pense em voltar. Nunca mais quero ver a sua cara por aqui.

Morris escutou a risada de Jane, a causadora de sua tragédia. Antes da chegada de Jane Fitzsimmons Wessington, tudo transcorria dentro dos parâmetros da normalidade. Margaret havia entregado o contrato nas mãos de Phillip. A posse de Emily dependia apenas de uma assinatura, e Jane arruinara tudo.

— A senhora ainda vai se arrepender — ele murmurou, virando o cavalo com um gesto furioso em direção à estrada principal. — E como!

Jane havia notado a presença dos dois homens quando Phillip virara o cavalo e praticamente arrastara Morris por entre as árvores. Seu coração deu um salto ao ver o odioso vizinho conversando com Phillip. O primeiro pensamento que lhe ocorreu era se o marido realmente havia mudado suas idéias.

Emily também percebera a confusão e tinha se assustado.

— Meu aniversário será daqui a três semanas — disse a menina num fio de voz.

Jane não podia acreditar que Phillip consentisse em fazer a garota sofrer. Ultimamente, ele parecia bastante afeiçoado à filha.

— Seu pai não permitirá isso, Emily.

— A senhora não pode ter certeza — a garota comentou com uma sabedoria que ultrapassava sua idade. — Ele está diferente nas últimas semanas, mas isso não quer dizer que tenha mudado.

— Mudou, sim, Emily. Phillip nos ama à maneira dele.

— Pode ser que sim... ou que não. Talvez papai esteja passando o tempo até encontrar uma coisa mais interessante para fazer.

— Quem lhe disse isso? — Jane não conseguiu parecer segura. Não raras vezes tais pensamentos lhe ocorriam durante as noites, nas horas em que perdia o sono.

— Eu escuto o que os outros dizem e todos pensam da mesma forma. Eles não

falam na sua frente para não magoá-la.

Jane apertou as mãos da menina.

— Ele não fará nada que possa ferir nossos sentimentos. Eu juro.

Emily desvencilhou-se e foi para o local mais fundo, seguida por Jane. Com a água pelas coxas, ouviram o tropel de um cavalo. Phillip chegou até as mantas estendidas e desmontou. As roupas de ambas estavam empilhadas ao lado. Em silêncio, elas o observaram aproximar-se.

— Este é um momento de natação particular ou poderei acompanhá-las?

Sem esperar resposta, tirou as botas e entrou na água. Teria dado boas risadas diante do olhar desconfiado das duas se Emily não estivesse tremendo de medo e Jane, de raiva.

— O que Morris queria? — Jane perguntou.

— Saber se eu permitiria que Emily se casasse com ele.

As duas recuaram. No passado, ele permaneceria alheio a explosões emocionais. Naquela altura, o evidente desgosto de esposa e filha o incomodou e feriu seus brios. Não queria que o olhassem daquela maneira.

— Bem, eu o mandei embora. Disse a ele que não aprovava suas pretensões em relação a Emily e não queria mais vê-lo por aqui. Nunca mais.

— Verdade? — Jane foi a primeira a se recuperar.

— Claro que sim, sua tolinha.

— Ah, Phillip... muito obrigada! Esta é a melhor coisa que poderia ter feito por mim. — Jane tentou correr ao encontro do marido, mas foi impedida pela força da correnteza.

Phillip encontrou-a no meio do caminho e estreitou-a nos braços. Por cima da cabeça da esposa, viu Emily parada no mesmo lugar, ainda trêmula. Estendeu a mão, mas a garota não se moveu.

— O senhor realmente o mandou embora, papai?

— Sim, e para sempre. Ele nunca mais a aborrecerá. Emily não precisou de outro convite. Pulando na água, jogou-se no colo do pai. Abraçou-o pelos ombros e, com as pernas, pela cintura. Beijou-lhe o rosto sem parar, chorando.

— Obrigada, papai! Obrigada... obrigada...

Phillip perdeu o equilíbrio pelo peso de Emily e Jane que o abraçavam e



empurravam. Caiu no riacho frio. Na água, diminuiu o peso dos corpos e Phillip acabou por bater nas pernas de Emily. O movimento ergueu a parte inferior da calçola e Jane passou os dedos na marca, chamando a atenção do marido com o olhar.

Ele espantou-se ao ver o signo do infinito por dentro do joelho de Emily e sua mente transformou-se num redemoinho.

— Há quanto tempo sabe disso? — Phillip perguntou num fio de voz.

— Eu vi há poucos minutos.

Emily era sua filha! Como fora idiota em dar ouvidos às palavras enraivecidas de Anne, que afirmava ser a menina filha de outro. E por isso nunca se aproximara de Emily. Havia perdido a infância da própria filha por causa da traição de Anne.

Phillip apertou Emily de encontro ao peito.

— Sinto muito, minha linda menina, sinto muito. Emily percebeu a mudança fundamental, mas não tinha idéia do que ocorria.

— Está tudo bem, papai. — Ela retribuiu o abraço. — Está tudo bem.

— Fui o maior tolo de todos. Será que haverá perdão para mim neste seu coraçõzinho precioso?

— Claro que o perdôo, papai. — Emily fitou Jane, demonstrando a confusão em que estava envolvida.

Jane ajoelhou-se na água e observou-os. Seu marido, sua filha. Dali por diante, sua família, sua vida. Nunca mais poderia esquecer aquele momento. A água gorgulhando pelas pedras. Os pássaros gorjeando nas árvores. O cavalo pastando na margem. O sol brilhando no céu.

Dois rostos idênticos a miraram. Os mesmos olhares e as mesmas sobrancelhas. Juntos, aproximaram-se de Jane, que abriu os braços para recebê-los.

— Que dia maravilhoso! — ela sussurrou.

## Capítulo VII

Os dias ensolarados e incomuns de outubro faziam parte do passado. Novembro trouxera o inverno com frio e chuva. Jane não se animava em descer e conversar com os convidados. Deixaria as conversas fúteis das mulheres sobre bordados e moda para os

momentos inevitáveis.

Enquanto os outros se divertiam, ela se ocupava em administrar as propriedades. Mesmo afastada de casa, na primeira visita oficial como lady Wessington junto com o marido, Jane não podia ficar sem trabalhar. Phillip caçoava dela, mas entendia. Sua esposa queria se sentir útil, e manter-se ocupada deixava-a feliz. As imensas propriedades de Phillip já começavam a se tornar produtivas sob a administração capaz e segura de Jane, o que aumentara consideravelmente a fortuna pessoal dele. Com o incremento da prosperidade, cresciam as responsabilidades e as tarefas, mas Jane não se importava.

Agora, eles se encontravam na propriedade de um duque, nas cercanias de Londres. O baile de noivado da filha de Sua Alteza fora planejado para tornar-se um evento magnífico. Por isso contava com a presença de centenas de nobres que representavam a nata da sociedade londrina, e Phillip fazia parte dos primeiros convidados. O pai dele e o duque tinham sido amigos de longa data.

Jane não se surpreendera quando Phillip tinha lhe mostrado o convite e evidenciado a vontade de comparecer. Sua vida sempre girara em função de eventos sociais e, depois de passar meses recluso em Rosewood, sem diversões, era compreensível que estivesse ansioso para freqüentar festas. Mas o que realmente espantara Jane havia sido o marido desejar a companhia dela e de Emily.

Jane concordara com relutância. Odiava deixar Rosewood e receava a volta ao mundo dos nobres endinheirados e aborrecidos que conhecera na capital na primavera, quando tinha se casado. Aceitara o convite mais por Emily, que precisava alargar os horizontes, e por Phillip, que havia se mostrado muito animado em viajar com a família.

Os dois primeiros dias na residência do duque passaram rapidamente. Emily fizera amizade com várias garotas e se divertia bastante. Phillip conversava com velhos amigos, e Jane se encantava com o caráter afável demonstrado por ele. O receio de ser esnobada pelos demais se manifestara infundado. Como esposa de um nobre conhecido e admirado, era tratada com deferência e respeito. Ela se sentia objeto de curiosidade. Todos desejam fazer amizade com a mulher que havia conseguido levar ao casamento um dos solteirões mais cobiçados de Londres.

Jane voltou as atenções para a pilha de documentos que trouxera de casa, onde não tivera tempo de examiná-los. Depois de ler a terceira carta, endireitou-se para aliviar a dor nas costas. Massageou-as e deu risada. Nisso ouviu a porta da suíte ser aberta.

Phillip observou Jane sentada à secretária diante da janela, analisando os papéis espalhados. Entardecia e a silhueta da esposa era iluminada pela lamparina. Os cabelos brilhavam e ela lhe parecia cada vez mais adorável. Preocupou-se ao vê-la esfregar as

costas.

Ele se aproximou por trás e beijou-lhe um dos ombros expostos.

— Por que está rindo sozinha, minha querida?

Jane entregou-lhe uma folha dobrada.

— Veja quem escreveu.

Phillip desdobrou o papel e franziu a testa.

— O que Gregory quer agora?

— Em meio a muitas frases sem nexo, deduzi que ele não consegue levar adiante o negócio de importação e que o estaleiro já se encontra com um contrato atrasado. Gregory pergunta se eu não gostaria de voltar a Portsmouth para ajudá-lo.

— É mesmo um sem-vergonha, não é? — Phillip leu o conteúdo da carta e atirou-a sobre a mesa. Ergueu Jane da cadeira, sentou-se e a colocou no colo. — Espero que o deixe servir-se do próprio veneno.

— Bem, eu pensava em deixá-lo cozinhar um pouco e depois fazer uma oferta para comprar o negócio.

— Podemos comprar alguns antigos armazéns em Londres, reformá-los e ali instalar a empresa.

— Era exatamente essa a minha idéia. — Cada vez mais os pensamentos de ambos se afinavam.

— Creio que poderemos adquirir o negócio a preço baixo e também fazer uma oferta pelo estaleiro.

— Esta é realmente uma ótima idéia, Phillip. Para começar, farei algumas contas.

Ele impediu-a de pegar a caneta.

— Agora não, minha querida condessa. Teremos de comparecer a uma festa. — Ele acariciou-lhe as costas. — Está com dor de novo?

— Um pouco.

Com a outra mão, ele avaliou o tamanho e o peso do busto. Como sempre, os mamilos se alvoroçaram por atenção. Phillip percebeu a ansiedade de Jane e beijou-lhe os lábios.

— Qual o seu veredicto, bondoso senhor?

— Eles estão maiores. — Phillip massageou-lhe os seios, abaixou o decote e apalpou

um dos mamilos expostos. — Definitivamente mais volumosos, e as auréolas escureceram.

Jane estremeceu.

— E também estão mais sensíveis.

— Verdade? É melhor verificar. — Ele provocou-os com a língua, sugou-os e deliciou-se ao ver Jane arquear as costas. — Tem razão, estão bem mais sensíveis.

— Acha mesmo que estou engordando? — Havia dias eles discutiam sobre o assunto.

— Eu já lhe disse que venho notando o fato há semanas.

— Mas não me sinto muito diferente.

O que não era uma verdade completa. Jane se cansava facilmente, tinha dores de cabeça e nas costas, e se sentia enjoada em relação a comida e odores. Além disso, não podia afastar o incontrolável sentimento de que um milagre havia acontecido.

— Quando voltarmos a Londres, mandarei chamar uma parteira e saberemos a verdade — disse Phillip.

— Tem certeza de que deseja saber?

— Claro que sim. E por que eu não haveria de querer?

Jane sacudiu a cabeça e olhou através da janela.

— Não sei. Falei por falar.

— Olhe para mim. — Ele virou-lhe o rosto com a ponta do dedo no queixo. — Acha que eu não desejaria um filho nosso?

Jane sorriu e encostou-se nele.

— Estou apenas apavorada com a idéia. É uma tolice, eu sei.

— Ouça, Jane. Não consigo encontrar nada mais maravilhoso do que a sua gravidez.

— E se tivermos uma filha?

— Espero que tenhamos uma porção de meninas com os seus olhos verdes e o temperamento ativo de Emily.

Jane beijou a face e depois os lábios de Phillip, enquanto passava a mão na parte da frente do calção. Encontrou o marido excitado.

— A minha esposa é mesmo uma jovem assanhada — Phillip caçoou. — O que está fazendo?

— Tenho certeza de que a ignorância não faz parte dos seus atributos.

— Minha querida. — Ele riu e segurou-lhe o rosto. — Eu morri e estou no paraíso.

Eu te amo.

A emoção veio do recôndito de sua alma. Diga isso a ela, seu idiota!

As palavras havia muito represadas não encontraram caminho para sair.

Nisso, tagarelices e risadas no corredor fizeram com que eles se endireitassem, apressados, e arrumassem tecidos, fechando aberturas. Emily entrou no quarto pela porta do aposento contíguo.

A garota notou os rostos afogueados de quem fora apanhado em falta.

— Estavam se beijando de novo?

— Sim, minha filha. Jane é tão linda que não me contive.

Emily se convencera de que eles eram muito românticos e essa também era a opinião de seus amigos. Phillip sempre segurava a mão de Jane, murmurava em seus ouvidos e sorria, conspirador. Todos comentavam a respeito.

— E está certo fazer isso no meio da tarde?

Phillip arregalou os olhos e tomou um gole de vinho do cálice de Jane para não rir. Ela nem acreditou que o marido estivesse corando e também sentiu o rosto em fogo.

— Claro que sim, querida, desde que se esteja com o marido — Jane respondeu, sem jeito, e mudou de assunto. — Passou uma tarde agradável?

— Esplêndida. E também aconteceu uma coisa maravilhosa.

— O que foi?

— Penélope Heathrow convidou oito das suas melhores amigas para um jantar privativo em seus aposentos e eu fui uma das convidadas.

— Meu Deus, que proposta excitante! — Phillip sorriu.

— Eu preciso ir bem-arrumada — Emily olhou para Jane, preocupada. — O que devo vestir?

Jane piscou para Phillip e estendeu a mão para a enteada.

— Que tal darmos uma espiada nas suas roupas?

As duas passaram uma hora e meia ataviando-se para o jantar. E antes de se dirigir ao salão, Jane e Phillip escoltaram Emily pelos corredores da mansão até a festa particular das meninas. Quando chegaram perto da escadaria, uma porta se abriu e Margaret

apareceu na entrada.

Seguiu-se um momento de silêncio constrangedor. Maravilhosa como sempre e vestida de veludo azul-claro, Margaret fitou o trio com malícia.

— Lorde Wessington. Lady Wessington — ela enfatizou o título de Jane de modo pejorativo. — Lady Emily, muito interessante vê-la fora de Rosewood.

A menina, receosa, escondeu-se atrás de Jane, que se irritou com o tom venenoso e o olhar da outra. Phillip apertou-lhe a mão e ela evitou retrucar.

— Lady Downs. — Jane fez um aceno leve de cabeça.

— Olá, Margaret — Phillip saudou-a com frieza. Refletia com frequência na paz que desfrutava por não a ver havia meses. — Queira desculpar-nos, estamos atrasados.

— Fiquem à vontade, não tenho intenção de prendê-los. — Margaret viu a maneira como Phillip segurava a cintura de Jane e concluiu que os falatórios procediam. Furiosa, observou-os se afastarem e escutou o que diziam.

— Perdoe-me, amor — ele falou com ternura. — Eu não imaginei que ela estivesse aqui.

— Não importa, Phillip.

— Sinto que a constrangi. A duquesa não deveria tê-la convidado. Falarei com ela mais tarde.

— Não faça isso, Phillip. O mal já foi feito, mas eu me recuso a permitir que ela estrague a nossa festa.

Margaret voltou ao quarto e pressionou um pano molhado no rosto quente. Depois da noite do casamento, Phillip a evitava sistematicamente. Mesmo assim, ela estava ansiosa para tê-lo de volta em sua vida. O conde havia sido o único homem que a entendera. Era exasperador saber que ele a rejeitara por causa de uma mulher do povo. Decidiu dar uma lição em Jane Wessington.

Algumas horas mais tarde, o baile prosseguia animado e o salão estava lotado de pares dançando em belos trajes. Jane sentiu-se zozza e agarrou o braço de Phillip.

— O que houve, querida?

— Estou me sentindo estranha.

— Um acesso de vertigem, não é?

Phillip sorriu, compreensivo, e afastou-se da pista de dança com Jane. Sentou-a numa cadeira e notou que ela mal escondia os bocejos.

— Vejo que está cansada, amor.

Jane relanceou um olhar ao redor. Os casais rodopiavam. A multidão tagarelava e ria. Homens jogavam cartas, faziam apostas ou se reuniam para fumar. Phillip estava em seu elemento e, por mais que ela desejasse a companhia do marido, odiava ter de privá-lo dos divertimentos. A tontura cedeu e Jane se levantou com cuidado.

— Não quero que se ausente da festa. Subirei sozinha.

— Nem em sonho eu a deixaria fazer isso.

— Não seja tolo. Fique no salão e aproveite.

Fazia muito tempo que ele não ia a festas, conversava com conhecidos, bebia e jogava com amigos.

— Tem certeza de que não ficará aborrecida?

— Tenho, mas com uma condição.

— Diga para ver se posso aceitar.

— Que prometa acordar-me quando vier para a cama — Jane cochichou em seu ouvido, na ponta dos pés.

— Prometo, lady Jane Wessington.

Phillip beijou-lhe a palma da mão e sorriu quando a esposa caminhou até a saída, virou-se, sorriu e piscou com malícia. O sorriso de Phillip foi de orelha a orelha e ela não se incomodou que a vissem enviar a mensagem oculta. Quando Jane sumiu no corredor, ele foi até as mesas de jogos.

— Olá, querido. — Margaret surgiu um minuto depois, sedutora como de costume.

— Eu poderia jurar que estava me evitando.

Phillip conhecia aquela expressão, mas ignorava quais seriam as artimanhas da mulher dessa vez.

— O que deseja, Margaret?

— Será tão difícil imaginar? — Com os dedos, ela fez pequenos círculos no peito de Phillip. — Estou feliz que tenha voltado. Tudo fica insuportável sem a sua presença.

Phillip afastou a mão dela de modo casual, porém Margaret segurou-lhe os dedos. Seria impossível desvencilhar-se sem chamar a atenção, e ele não pretendia provocar falatórios.

— Precisamos trocar algumas palavras em particular.

— Ótimo, Phillip. Daqui a meia hora nos meus aposentos, está bem?

— Estarei lá.

No horário aprazado, Phillip entrou na sala de estar de Margaret. O ambiente fora preparado para a sua visita. Na lareira, chamas crepitavam. Velas perfumadas espalhavam-se pela sala. Vinho já fora servido. Pela porta aberta do boudoir, ouvia-se o canto de Margaret, que trocava de roupa.

Phillip sentou-se no pequeno sofá diante do fogo. A localização permitia uma visão sensual de Margaret, que se despia. Como de hábito, ela demorava em se arrumar e Phillip teve tempo para pensar no que diria. Não queria falar pela porta aberta nem entrar no quarto. Por isso esperou que Margaret aparecesse.

Ela chegou à sala vestida com um *négligé* que nada escondia. Sem dúvida, uma visão gloriosa que representava as fantasias de qualquer homem, menos de Phillip, que se alegrava em ter-se livrado da amante.

Margaret interpretou de maneira errônea o olhar analítico dele e disse a si mesma que o trouxera de volta num estalar de dedos. E depois de dominá-lo, faria com que Jane escutasse os boatos.

— Precisamos conversar. — Phillip levantou-se.

— Mais tarde, querido. Por enquanto tenho coisas mais agradáveis em mente.

Margaret não lhe deu tempo de responder. Encostou-se em seu corpo, beijou-o e trouxe as mãos dele para seus seios. Phillip deu um pulo para trás, porém ela conseguiu agarrá-lo e esfregar-se nele.

— Mostre que sentiu a minha falta.

Margaret entendeu o que se passava em instantes. Phillip não evidenciava o menor sinal de excitação e ela hesitou, com a confiança abalada.

A beldade que tanto o entusiasmara não representava mais nada. Phillip gostaria de esclarecer a verdade, sem ser cruel demais.

— Sinto muito, Margaret, mas não posso mostrar nada. Não senti nem um pouco a nossa separação.

— Não acredito nisso. — Ela meneou o corpo, frustrada.

— Desista, Margaret. — Phillip tirou as mãos dela de seus quadris. — Vou voltar para o salão.

— Por que está dizendo isso? Jane já foi dormir. Poderemos passar algumas horas juntos.

— Mas não é o que pretendo fazer. — Ele segurou a mão de Margaret e fez com que



notasse o membro flácido. — Não tenho mais interesse em continuar o nosso relacionamento nem pretendo ser caçado o tempo inteiro.

Impossível! Margaret não se conformava. Nenhum homem resistia a ela.

— Phillip, deve estar brincando.

— Não estou. Vou descer para jogar e depois irei para a cama com minha esposa. — Phillip recuou, mas Margaret não desistia de encostar-se nele. Phillip teve de afastá-la à força. — Só vim aqui para esclarecer que tudo terminou entre nós e que não estou interessado em recomeçar nada. Também não quero que se aproxime de mim. Não desejo deixar Jane preocupada por causa das suas armadilhas e dos seus acessos.

Margaret estava furiosa e envergonhada por ter sido rejeitada por Phillip. Ele sempre fora da opinião, assim como ela, de que envolvimento emocional eram uma tolice.

— Se não o conhecesse, eu poderia jurar que milorde desenvolveu algum tipo de sentimento terno por Jane — Margaret falou com desprezo.

— Muito mais do que isso. Eu a amo. — Phillip sorriu. Durante todo tempo, fora incapaz de fazer aquela afirmativa para Jane, mas era delicioso ter conseguido falar. Assim que saísse dali, correria para o quarto e confessaria seu amor à esposa. — Eu a amo muito.

— Não pode estar falando sério, Phillip. — Ela riu, nervosa. — Olhe para mim! — Sem acreditar que estava sendo preterida por uma jovem esguia qualquer, abriu a frente do négligé e expôs o magnífico busto.

Phillip tentou cobri-la.

— Podemos conversar com um certo nível de dignidade?

Margaret percebeu o movimento na porta e agarrou Phillip num abraço violento.

Morris observou Phillip e a esposa se esmerarem em passos intrincados no meio da pista de dança lotada. Os músicos tocavam uma melodia popular que se estenderia por alguns minutos. Conhecia Phillip e sabia que o conde certamente continuaria a exibir outras coreografias depois daquela. Ele e Jane se divertiam e só tinham olhos um para o outro.

Morris entendeu que não haveria oportunidade melhor.

Ele circulara pelos salões e todos ficaram cientes de sua presença. Mas pretendia sair e voltar sem ser percebido.

Num minuto ele se encontrava próximo à saída do grande salão de baile e no seguinte subia silenciosamente a escada dos fundos que descobrira nas andanças do dia

anterior. Parou, abriu a porta e espiou. O corredor mal iluminado estava silencioso. Como suspeitara, ninguém à vista.

Sem o menor ruído, foi até o quarto que o interessava e mexeu no trinco que, destrancado, facilitou seu trabalho. Entrou com a testa gotejando suor. Arfante, encostou-se na porta e esperou para acostumar a vista ao escuro. Aos poucos percebeu a cama a pouca distância. A pessoa dormia profundamente e a coberta acompanhava o ritmo da respiração, subindo e descendo. A imagem deixou-o excitado na hora. Abriu a braguilha do calção, afastou o acolchoado e deitou-se.

Emily acordou assustada e arregalou os olhos, tentando respirar de encontro à mão que lhe cobria a boca.

— Se der um grito, eu a matarei, entendeu? — disse Morris, baixinho.

A garota continuou deitada, com medo e confusa a respeito do que estava acontecendo.

— Entendeu? — repetiu Morris. Ela anuiu como pôde.

— Ótimo. Obedeça e tentarei não machucá-la — Morris mentiu. Ele pretendia fazê-la sofrer o máximo possível e pôs a mão por baixo da camisola. — Tudo estará terminado muito antes do que imagina.

Jane entrou em seus aposentos. A criada deixara a cama arrumada e o fogo aceso. Uma vela tremeluzia no castiçal. Parou em frente ao espelho para tirar os grampos, mas desistiu. Estava muito cansada. Sentou-se na beira da cama e apenas desmanchou o penteado com os dedos. O travesseiro era convidativo demais e ela pensou em fechar um pouco os olhos antes de ir até o quarto de Emily. Mas assim que deitou a cabeça no travesseiro, adormeceu.

Um barulho a acordou. Indecisa, olhou ao redor do quarto para se localizar. Teria dormido alguns minutos ou durante horas? Alerta e tensa, ouviu apenas as batidas de seu coração. Mas quando tornou a fechar os olhos, escutou o chamado.

— Jane... — Pareceu o sussurro de um fantasma, e o som arrepiou-a inteira. Sentou-se e jogou as pernas para fora da cama. — Quem está aí?

Não houve resposta.

Sentiu-se uma tola e estremeceu no quarto frio. Pensou em deitar-se sob as cobertas, mas resolveu dar uma espiada em Emily primeiro. Pegou um xale e foi até a porta que ligava os dois aposentos. Segurando a vela, abriu a porta e ficou paralisada.

Emily não compreendeu de imediato o que estava acontecendo. Desperta de um

sono profundo, levou alguns segundos para avaliar que Frederick Morris encontrava-se no quarto com ela. Embora fosse uma menina inocente, desconfiou do que ele pretendia.

Lutar com todas as suas forças foi inútil. Morris era pesado e forte. Com um movimento rápido, ele rasgou a camisola favorita de Emily que lhe fora presenteada por Jane no dia de seu aniversário, na semana anterior. A bela peça jazia em farrapos na cama e a menina gemeu sob a palma da mão de Morris.

Ele a esbofeteou para que se calasse, mas também para machucar.

— Cale-se! Escutou? — Morris tornou a tapar-lhe a boca. — Se alguém a escutar, matarei Jane! Fique quieta!

O tapa trouxe lágrimas aos olhos de Emily. Morris afastou as pernas dela com o joelho e depois com a mão. E quando ele se abaixou, a menina teve a impressão de que Morris pretendia rasgá-la ao meio. Com força de vontade suprema, mordeu a mão que a amordaçava, e ele deu um pulo para trás.

— Jane... — Emily conseguiu dizer antes de Morris bater-lhe de novo.

Emily sabia que seu pai e Jane estavam no baile e não a escutariam, mas, assim mesmo, não conseguiu refrear a vontade de chamar a madrastra, a quem adorava.

Jane ficou parada por alguns instantes, antes de sua mente processar o que estava acontecendo. Imaginou se teria realmente acordado ou se estaria presa num pesadelo. Não era. A cama se movia e as pessoas lutavam. Aproximou-se, enlouquecida de raiva, largou a vela e deu um pulo em direção à cama.

— Largue-a! — ela gritou. O homem não pareceu notar sua presença e Jane agarrou-o pela gola do casaco. — Largue-a! — Ela tentou agredi-lo com a jarra de água, mas ele se desviou do golpe a tempo e virou o rosto para frente. — Morris!

— Mulher à-toa! — ele sussurrou com ódio. — Continua estragando tudo!

Morris atirou-se por cima de Jane, que não conseguiu esquivar-se. Ele a atirou no chão e deu-lhe um soco no rosto. Jane fez um esforço sobre-humano para não perder a consciência antes de salvar Emily.

— Fuja, Emily! — Esperava que a garota ainda estivesse atenta. — Fuja e grite!

Morris apertou o pescoço de Jane e impediu-a de continuar a gritar. Ela não conseguiu soltar os dedos dele, mas Emily pulou da cama e atingiu a cabeça e os ombros de Morris com um objeto pesado.

— Solte-a! — Emily bateu até ele perder o equilíbrio. Jane empurrou-o, ajoelhou-se e gritou a plenos pulmões: — Assassino!

Morris percebeu o perigo que corria, levantou-se e saiu correndo do quarto.

Jane e Emily continuaram ajoelhadas, escutando os passos que se afastavam. Segundos depois, uma pessoa se aproximou, vinda de outra direção. Ainda com as pernas bambas, Jane levantou-se, foi até a porta e espiou. Era um criado que vinha apressado. Ela olhou por sobre o ombro e viu Emily encolhida em um canto. Para evitar um escândalo de grandes proporções, alisou o vestido e saiu para o corredor.

— Está tudo bem, milady?

Jane fechou a porta, embora o quarto ainda estivesse às escuras. Inspirou fundo e procurou sorrir.

— Por favor, poderia pedir para alguém chamar meu marido?

— Certamente, milady.

Jane reconsiderou o pedido. Não faltariam boatos se aquele homem fosse procurar por Phillip.

— Mudei de idéia, senhor. Preciso falar com dois dos meus criados, Meg e John Graves. — Ela indicou a localização deles na ala dos serviçais.

O criado hesitou ao avaliar o desalinho de Jane, que lhe pareceu assustada e ferida. Mas como o assunto não lhe competia, resolveu deixar o caso aos cuidados dos criados dela.

— Voltarei com eles o mais depressa possível. Até lá, talvez seja melhor milady trancar a porta.

— Tem razão. É o que farei.

O criado se afastou rapidamente e Jane seguiu a sugestão dele, pensando em voltar para a suíte principal, que também estava destrancada. Fitou Emily, que ainda se encontrava atordoada, e pôs a mão no ombro da menina.

— Minha querida, pode me escutar? Finalmente, Emily ergueu o olhar.

— O que é?

— Vamos para o meu quarto. Acha que conseguirá andar?

— Creio que sim. — Antes de Jane ajudá-la, a garota olhou para cima com o rosto contraído. — Acho que vou vomitar.

Emily inclinou-se para o lado e esvaziou completamente o estômago no chão. Jane acariciou-lhe as costas dizendo palavras de conforto até o enjôo passar. Em seguida, ajudou-a a ficar em pé. Nua, a menina tremia e Jane agasalhou-a com o xale sobre os ombros.

No outro quarto, deitou-a na cama, cobriu-a com o acolchoado e foi até a porta.

— Não me deixe — Emily implorou, apavorada.

— Não vou sair. Estou trancando a porta. — Jane completou a tarefa, voltou e acendeu todas as velas e lamparinas. Tremendo, foi até a lareira e avivou o fogo. — Está se sentindo melhor?

— Não, não estou — Emily sussurrou.

Jane derramou água do jarro na bacia e com um pano lavou o rosto da menina. Depois lhe entregou um copo com água para tirar o gosto ruim da boca. Emily sentou-se para beber e Jane embalou-a de encontro ao peito.

— Tudo dará certo — consolou-a, sem ter certeza do que afirmava.

— Preciso tomar banho.

— Mandarei providenciar um.

— Quero ir embora, não posso ficar mais aqui. Não é seguro.

— Está certo. Vamos esperar por John e Meg, que chegarão em minutos. John explicará tudo para seu pai e iremos todos juntos. — A dificuldade em falar fez com que Jane apalpasse a garganta machucada. No rosto, um inchaço aumentava no local onde levara o soco. Com mão trêmula, esfregou a testa. Se Emily não tivesse pulado em cima de Morris, ele a teria estrangulado. — Obrigada por ter vindo em meu auxílio — sussurrou e beijou o alto da cabeça da garota.

As duas permaneceram abraçadas em silêncio, escutando o tique-taque do relógio. Depois de algum tempo que pareceu uma eternidade, ouviram passos no corredor atapetado e uma batida na porta. A imobilidade, que levou Emily a pensar que a madrastra adormecera, foi interrompida com um pulo de Jane.

— É Meg, minha querida. Fique aqui, vou abrir a porta. — Desvencilhou-se dos braços da menina, correu até a porta e fez o casal entrar.

Meg olhou para Jane e, em seguida, para Emily, encolhida na cama.

— O que houve? — Meg fitou o marido, preocupada.

— Morris atacou Emily na cama — Jane sussurrou. Graves segurou Meg, que sentiu as pernas bambas com a notícia.

— Canalha! Wessington o matará! — ele afirmou, com fúria.

— Espero que sim — Jane concordou com veemência.

— Onde está Morris agora?

— Não sei. Ele fugiu quando entrei no quarto de Emily. Meg encostou a mão na face de Jane.

— Está me parecendo que houve uma alteração. Ele a atingiu?

— Sim, mas estou bem, apenas um pouco atordoada.

— O que poderemos fazer?

— Quero tirar Emily daqui o mais depressa possível e com o mínimo de alarde. Vamos para Londres. É provável que a casa da cidade esteja pronta para a nossa chegada, mas, se não estiver, iremos para lá assim mesmo. Não podemos ficar aqui.

— Está certo — Graves anuiu. — Irei procurar Wessington.

— Mande aprontar a nossa carruagem. Sairemos assim que estivermos vestidas. O senhor mandará nossas coisas posteriormente. Depois de sair, verifique os quartos e não deixe vestígios do que aconteceu.

— Ele... — Meg não terminou a sentença e todos olharam a menina imóvel no leito.

— Não, Morris não chegou a consumir suas intenções nojentas, mas não desejo que Emily seja alvo de comentários maliciosos.

— Está certo, Jane — Graves concordou e saiu à procura de Phillip.

Meg cuidou das duas. Ajudou-as a se vestir e preparou-as para a viagem. Depois de algum tempo, John voltou sozinho.

— Não encontrei Wessington — ele se desculpou.

— Eu não quero mais ficar aqui — Emily lembrou-os.

— Eu também não, querida — Jane aquiesceu e fitou Graves de esguelha enquanto atava o laço do chapéu da menina. — Procurou nas salas de jogos?

— Sim.

Jane percebeu a troca de olhares entre Meg e Graves.

— O que houve?

— Nada.

— Por favor, digam-me.

— Jane... — Graves passou a mão na testa e suspirou. — É melhor deixar como está. Sairemos amanhã cedo.

— Sairemos agora!

Irritada e com as mãos na cintura, Jane deixava claro que não iria embora sem saber

o que acontecera. Graves estremeceu ao entender que ela não desistiria.

— Lorde Wessington foi visto pela última vez conversando com lady Margaret.

— E?

— Eles saíram.

Jane pensou que seu coração fosse parar de bater.

— Juntos?

— Aparentemente, sim.

— Há quanto tempo?

Graves fitou o relógio sobre o consolo da lareira mais para ganhar tempo de que para verificar as horas.

— Não muito.

Jane mordeu o lábio inferior, avaliando o significado da informação. Phillip teria saído com Margaret assim que ela deixara o salão de baile? Não acreditou que seu marido fosse capaz de cometer tamanha infâmia. De qualquer forma, teria de abandonar a residência do duque sem saber o que se passava. O acontecido com Emily tinha prioridade.

— Iremos sem ele. A carruagem está pronta?

— Sim e aguarda milady na entrada principal. Eu irei junto. Não permitirei que viagem desacompanhadas.

— Então vamos. — Jane abraçou Emily pelos ombros e foi até a porta. — Meg, por favor, permaneça aqui para arrumar tudo.

— Fique tranquila. Tenho certeza de que lorde Wessington voltará logo e eu o informarei do que aconteceu.

A dúvida a respeito da primeira afirmativa estava presente na voz de Meg, mas os três adultos fingiram acreditar na volta imediata de Phillip. Meg abraçou Emily e prometeu encontrá-la em Londres no dia seguinte.

— Tranque a porta — Graves recomendou à guisa de despedida.

Jane deu graças pelos corredores pouco iluminados e pelos entretenimentos que mantinham os convidados distraídos nos salões. Seu maior desejo era sair com Emily, entrar na carruagem e ir para Londres sem encontrar ninguém. Seria péssimo despertar atenções com uma fuga no meio da noite.

Eles foram até a escada e, na curva, Jane olhou para a porta dos aposentos de

Margaret. Phillip estaria ali dentro?

Por mais que se esforçasse, ela não conseguia deixar de fitar a porta que, naquela altura, pareceu-lhe monstruosa. Reparou que a tranca estava aberta e, frente a frente com o anteparo que a separava do interior, escutou uma risada feminina e um murmúrio de voz masculina.

Emily se deteve e fitou Jane com fisionomia desprovida de qualquer emoção.

— É papai.

Jane empalideceu e seu coração bateu em descompasso.

— Não se pode saber.

— É ele — a menina insistiu em voz baixa.

— Do que estão falando? — Graves mostrou-se preocupado.

— Este é o quarto de Margaret — Emily respondeu, pois Jane não estava em condições de articular nenhuma palavra coerente. — Papai está aí dentro com ela.

Os três olharam a porta como se pudessem enxergar através dela. O silêncio tornou-se insuportável e Jane sabia que era preciso tomar uma decisão. Abrir a porta e descobrir a verdade ou descer a escadaria. No primeiro caso, se Phillip se encontrasse lá dentro, Jane desconfiou que morreria. Talvez não naquele momento, mas aos poucos seu coração cessaria de bater. Depois de tudo o que Emily e ela haviam enfrentado durante a noite, não seria capaz de suportar aquele tipo de verdade.

Emily adiantou-se e empurrou a porta.

— Vejam, não está trancada — ela falou para os adultos. Lá dentro, estava Margaret em toda a sua glória, com o busto desnudo e o négligé que nada cobria. Phillip a segurava com força no que parecia ser um abraço apaixonado.

Jane sufocou um grito.

Emily sorriu, apática.

— Milorde! — Graves berrou enquanto Margaret se inclinava para o lado de Phillip com ares de recato e bom humor.

Phillip nada entendeu. Emily e Jane estavam vestidas para viajar. Graves as acompanhava, carregando uma maleta e uma pistola no cinto. O pânico atingiu-o. Empurrou Margaret para o lado e deu um passo à frente. Os três recuaram como se ele fosse um leproso.

— Jane, o que é isso? O que aconteceu?



— Eu lhe disse, Jane — Emily falou em tom monocórdio —, que ele não tinha mudado.

Uma voz miúda na mente de Jane aconselhou-a a reunir os fatos antes de tomar uma decisão. Mas um aviso trovejante dizia que o cenário diante dela correspondia a uma dura realidade. Assim que se vira sozinho, Phillip tinha corrido para os braços da amante. Em sua ingenuidade, Jane acreditara que o romance anterior do marido havia terminado. Tinha sido uma estupidez supor que o relacionamento de ambos nos últimos meses tivera algum significado na vida de Phillip.

Jane sacudiu a cabeça, com lágrimas nos olhos.

— Milorde nunca se incomodou conosco, não é mesmo? — ela perguntou com dificuldade por causa da garganta machucada.

Phillip estendeu a mão, pronto para se defender, mas Graves empurrou Jane e Emily porta afora antes de ele poder falar.

— O que se passa nessa sua cabeça indigna, lorde Phillip Wessington? — Graves perguntou com evidente repulsa.

O fiel criado conduziu Emily e Jane escada abaixo e para dentro da carruagem que os aguardava.

Frederick Morris acordou assustado com a mão que lhe apertava a garganta. No escuro, era muito difícil distinguir a figura que assomava ao lado da cama.

— Eu o deixei em paz durante esses meses — uma voz masculina e gélida declarou. — Queria ter certeza que tivesse esquecido o assunto e que estivesse dormindo tranquilamente na sua cama.

Morris agarrou o pulso do homem, mas não conseguiu aliviar a pressão.

— O que houve? Quem é o senhor? O que deseja? — As perguntas foram feitas com dificuldade.

— Não o desafiarei para um duelo. O senhor não merece uma morte honrada.

A pressão no pescoço foi aliviada quando o agressor se afastou por instantes e acendeu a vela na mesa-de-cabeceira. Mas antes de Morris pensar em fugir, o homem pressionou-o de volta no travesseiro, tornou a apertar-lhe a garganta e inclinou-se diante de seu olhar esgazeado.

— Oh, não!

— Sim, covarde pusilânime! Sou eu. Veja bem e diga o nome do homem que o

matará esta noite. Será o último som que emitirá nessa sua vida imunda.

— Wessington... — ele murmurou, implorando com os olhos e esperneando sem resultado.

Phillip encostou o cano da pistola no peito de Morris e fez um buraco em seu maldito coração.

Sem se importar em ser ou não visto, desceu a escada devagar. Um criado, que ouvira o tiro, surgiu das sombras, mas fugiu às pressas ao ver o olhar sombrio de Phillip, que saiu na garoa e perdeu-se na noite. Andou pelas ruas de Londres, desejando que alguém ameaçasse roubá-lo ou o provocasse. Assim poderia dar vazão ao desejo de lutar. Ninguém apareceu na sua frente e ele caminhou imerso em seu sofrimento até a madrugada. Exausto e sem mais nenhum pretexto para permanecer na rua, regressou à sua casa silenciosa e solitária.

Tomou banho, vestiu-se e foi à procura de Graves e Meg. Eles trabalhavam no final da rua, contratados por um conhecido. Jane escrevera uma excelente carta de recomendação para os dois antes de fugir com Emily. Phillip bateu com a aldrava na porta e entregou seu cartão. Um criado desconhecido olhou-o com insatisfação.

— Lorde Wessington — o mordomo falou depois de ler o que estava escrito no cartão de visita —, o dono da casa não se encontra acordado a esta hora.

— Não vim aqui para conversar com lorde Heathrow. Preciso falar com John e Meg Graves. Com certeza, eles já se levantaram. Por favor, mande chamá-los. — Phillip entrou, sem dar oportunidade para o homem recusar. — Esperarei na sala da frente.

— Pois não, milorde — o mordomo respondeu, sem muita convicção, receoso de estar cometendo um erro.

Minutos depois, o casal apareceu com o semblante familiar totalmente estranho e sem esconder uma grande hostilidade.

— O que deseja desta vez, lorde Wessington? — Graves perguntou, incapaz de disfarçar a irritação mesclada com repugnância.

— O que lhe parece, Graves? Tem notícia delas?

— Não. E nem lhe revelaria se tivesse. — Ele se virou para a saída, segurando o braço de Meg. — Por favor, deixe-nos em paz. Estamos satisfeitos aqui e não quero por em risco nosso emprego pelo fato de milorde vir nos aborrecer a toda hora.

Eles voltaram para o interior da casa e Phillip ficou sozinho com a amargura de seus pensamentos. Fitou o fogo durante algum tempo e imaginou seu mundo e o futuro

sem Jane e Emily. Como a vida poderia ser tão injusta? Perder as duas logo depois de havê-las encontrado com tanto sacrifício.

Como de costume naqueles últimos meses, as perguntas se atropelavam em sua mente com extraordinária velocidade. Onde elas se abrigavam? As duas estariam bem? Ele acabaria por descobrir o paradeiro da esposa e da filha? E se as encontrasse, elas o perdoariam?

Estariam vivas? Não, Phillip recusou-se a enveredar novamente por aquele caminho. Sentia a presença de Jane como se ela fizesse parte das batidas de seu coração.

Gemeu, frustrado. Saiu da sala e foi até a porta da frente. Na rua, se deteve, refletindo para onde ir. Com passos cansados de um homem velho, foi até a carruagem e não ouviu a porta ser aberta às suas costas.

— Lorde Wessington, espere.

Phillip virou-se ao ouvir a voz de Meg e a esperança reacendeu-se. Durante as visitas anteriores em que perguntava pela esposa e filha, a criada não dissera uma só palavra.

— O que houve, Meg?

— Eu queria apenas lhe dizer... que sinto muito pelos seus problemas. — Ela desceu os degraus. — Não suporto vê-lo dessa maneira. Eu gostaria de ajudá-lo.

— Diga-me onde Jane se encontra.

— Eu não sei, milorde, de verdade.

Meg era muito honesta para mentir e Phillip acreditou nela.

— Para onde Jane teria ido? Ela deve ter-lhe dito alguma coisa ou deixado uma pista.

— Sinto muito, mas não deu nenhuma indicação. Tenho pensado nisso com frequência, porém não encontro resposta. John e eu teríamos ido atrás delas se soubéssemos de alguma coisa. Eu gostaria muito de ajudá-lo, milorde.

— Prometa que me contará se tiver notícias.

Meg desconfiava que Graves a estrangularia se ela pensasse em dizer uma palavra a Phillip sobre Jane, mas não suportava ver a angústia do conde.

— Tem minha palavra, milorde. Se eu souber de alguma coisa, mandarei avisá-lo imediatamente.

— Obrigado, Meg.

Distraído, Phillip foi até a carruagem e ordenou ao cocheiro dirigir-se ao escritório de Thumberton.

Ao chegar lá, Phillip foi anunciado e imediatamente convidado a entrar. Thumberton inclinou-se sobre a mesa com a mão estendida.

— Alguma novidade, Phillip?

— Nem uma palavra. E o senhor?

Thumberton sacudiu a cabeça?

— E sobre a conta bancária?

— Sinto muito, Phillip. — O advogado negou mais uma vez com um gesto de cabeça.

Phillip havia depositado uma grande quantia de dinheiro na conta para o caso de Jane pedir ajuda a Thumberton. Este recebera autorização para entregar-lhe o que fosse necessário, mesmo se ela não quisesse revelar seu paradeiro.

— Phillip, os detetives particulares têm alguma novidade?

— Nenhuma. Mande novamente um homem para Portsmouth, embora duvide que Jane tenha ido para lá.

— Continue tentando, Phillip. Ela voltará.

Phillip parecia tão desesperado que Thumberton gostaria de dar a volta na escrivaninha e abraçá-lo. Não o fez, contido pela presença de seu funcionário.

Phillip levantou-se devagar, sentindo o peso de cada um de seus trinta e um anos.

— Até logo, Thumberton. Avise-me imediatamente se souber de algo.

— Eu prometo que o farei.

Phillip voltou para a rua e surpreendeu-se ao ver o brilho do sol da manhã e o dia prosseguindo como se nada houvesse de errado no mundo. Nada mais fora normal depois daquela noite fatídica de novembro. Jane e Emily haviam fugido antes de ele chegar a Londres e tinham levado apenas algumas roupas e pouco dinheiro, deixando uma pequena mensagem.

Phillip tirou do bolso o papel amassado e releu as palavras, embora já as tivesse decorado. Ele adorava ver a bonita letra de Jane.

*Meu querido Phillip,*

*É com grande pesar que o deixamos, mas Emily e eu conversamos sobre a situação e sentimos que não será possível permanecer. Nem em Londres nem em Rosewood. Nós não fazemos*

*parte de nenhum dos dois lugares. Ninguém se incomoda conosco e talvez seja melhor uma cuidar da outra nesta hora difícil.*

*Eu gostaria que tudo tivesse transcorrido de maneira bem diferente entre nós. Creio que te amei desde a primeira vez em que o vi, mas o meu amor não foi suficiente para nós dois. Meu coração foi despedaçado e receio que em breve vai parar de bater.*

*Espero que encontre o que tem procurado em sua vida. Uma pena que Emily e eu não tenhamos sido capazes de prover-lhe o necessário.*

*Com amor para sempre, Jane*

— Ah, Jane, por que está se escondendo de mim? — sussurrou Phillip, passando os dedos sobre as palavras, talvez com a esperança de elas lhe transmitirem alguma idéia do paradeiro da esposa e da filha.

Em sua casa, foi recebido com frieza pela criadagem. Ninguém sabia por que Jane e Emily haviam fugido, mas, pela reputação de Phillip, todos concluíram que ele cometera um grande pecado contra elas. Phillip não tinha se preocupado em corrigir aquela idéia. Não se incomodava com a opinião alheia, pois o perdão de Jane era só o que lhe interessava.

Foi para seu gabinete e examinou a correspondência. A primeira carta era de Richard, relatando as condições de Rosewood. Ele era um dos poucos que soubera do ocorrido, provavelmente informado por Graves, e, pelo tom seco das missivas, percebia-se que a chance de retomar a amizade fora perdida.

Phillip largou a carta de lado e observou as outras. Uma delas chamou-lhe a atenção pela caligrafia feminina. Era assinada por Elizabeth Carew. Não se recordava do nome, porém leu assim mesmo.

*Lorde Wessington,*

*Duvido que se lembre de mim, mas eu o conheci em Londres quando acompanhei Jane à cidade na primavera passada, na ocasião em que os dois ficaram noivos. Há pouco tempo seu mensageiro apareceu por aqui fazendo perguntas a respeito de Jane, e eu não pude deixar de pensar para onde ela possa ter ido. Jane possui um chalé herdado de sua mãe há muitos anos e...*

O coração de Phillip disparou, movido pela esperança. Não pôde evitar o otimismo. Era a primeira pista concreta que aparecia depois de meses.

Jane mexeu a sopa e experimentou um pouco na ponta da colher.

— Está boa — murmurou para si mesma e, como se concordasse, o bebê deu um pontapé dentro de sua barriga. — Também é da mesma opinião, não é, minha criança?

Com um leve sorriso, acariciou o local onde os pequeninos pés haviam empurrado com força e já procurando um caminho para se ver livre da proteção.

Durante aquele tempo de isolamento, Jane descobrira os dotes culinários e comprazia-se em preparar a comida com as próprias mãos. Chegava a refletir por que nunca havia tentado cozinhar. A sra. Higgins ensinara-lhe o básico antes de deixar o chalé para ficar com a irmã, que estava à beira da morte. Emily e Jane ficaram entregues à própria sorte. No entanto a partida da boa senhora fora providencial.

As duas nem tinham tempo para pensar se haviam tomado a atitude correta. Cozinham, limpavam, lavavam e esfregavam. As tarefas rotineiras as mantinham ocupadas e as deixavam exaustas.

Emily e Jane estavam mais felizes de que se poderia imaginar, dadas as circunstâncias. Tinham uma à outra e formavam uma família compacta de dois membros. Com o tempo, Emily haveria de se recuperar do trauma. O bebê de Jane que nasceria em algumas semanas encontraria um lar onde seria amado. Poderia não crescer em mansões cercado de luxo, mas teria certeza de ser adorado pela mãe e pela irmã.

Como de hábito, Jane experimentou um terrível sentimento de culpa ao recordar-se que Phillip não saberia da existência de outro filho ou outra filha, como desconfiava que seria. Mas ele certamente não se importaria com a segunda, da mesma forma como delegara a outros a criação de Emily.

As imagens se sucediam em sua mente e a atormentavam. A temporada londrina devia estar no auge e Jane imaginou uma infinidade de bailes, festas e mulheres em volta de Phillip. Margaret ainda seria sua amante? Jane fechava os olhos a fim de evitar as cenas dolorosas que a faziam sofrer.

Como ela pudera ser tão ingênua e tola? E por que ainda gostava de Phillip depois de tudo o que acontecera?

— Águas passadas — Jane se repreendeu. — Pare de se torturar.

O bebê deu um pontapé bem forte. Ela inspirou fundo, sentou-se na cadeira junto à pequena mesa e descansou a cabeça nas mãos. Não demorou muito e ouviu uma batida na porta. Era raro alguém visitá-las, ainda mais no final do dia. Tinham poucos vizinhos e a distância da aldeia era muito grande. Uma nova batida soou, mas Jane não teve coragem para se levantar.

— Emily, por favor, veja quem é.

Escutou os passos de Emily, a porta sendo aberta e as palavras de saudação da garota; sufocou um grito de surpresa.

— Olá, papai. — Emily fitou Phillip sem emoção. Ele parecia mais magro e mais velho.

— Olá, Emily. — Phillip engoliu o nó da garganta.

Sua filha mudara muito. Os olhos pareciam ainda maiores no rosto fino. Os cabelos tinham sido cortados e, de camisa preta e calça, parecia um garoto. Phillip estendeu a mão, mas ela recuou.

— Emily não gosta que ninguém a toque — Jane explicou ao se aproximar por trás.

— Perdão, Emily.

O ataque fora meses atrás. Emily poderia se recuperar no futuro? Phillip suspirou e fitou Jane.

Estava linda, apesar de triste e cansada. Nem pensou em tocá-la para não ser rejeitado e não encontrou as palavras tão bem ensaiadas.

Jane foi a primeira a quebrar a tensão do silêncio.

— O que veio fazer aqui, milorde?

— O que lhe parece, Jane?

— Não tenho idéia.

— Vim levá-la para casa.

— Jamais voltarei para lá. — Emily bufou e virou-se para Jane com olhar suplicante.  
— Ele não pode nos obrigar a ir, pode?

Jane não soube o que responder.

— Vá para dentro, querida. Eu e seu pai precisamos conversar um pouco.

A garota hesitou antes de obedecer. Phillip pôde ver o que o corpo de Emily escondera: Jane estava grávida e perto de dar à luz. Os seios grandes nem pareciam ser os dela. Phillip não cedeu à tentação do primeiro impulso que foi gritar e revoltar-se por ignorar os fatos. Ele pisava em terreno pantanoso. Teria sorte se Jane permitisse sua entrada. Inspirou fundo para acalmar-se.

— Pensou em contar-me algum dia?

— Não posso imaginar por que milorde haveria de preocupar-se em saber.

— Acha que eu não haveria de querer meu bebê?

Jane deu de ombros.

— Não sei, Phillip. Realmente não sei.

— Mas é meu filho...

— Creio que será uma menina.

— E o fato de ser uma menina justifica a sua atitude? — Phillip não conseguiu evitar o tom de voz acirrado.

— Milorde teve uma menina que não desejava. Não vejo motivo por que o encarregar da responsabilidade de outra.

— Eu a queria. Eu... — Sem conter a emoção, Phillip desviou o olhar e fitou a estrada até que as lágrimas indesejáveis recuassem e ele pudesse novamente encarar Jane com neutralidade.

— Preciso falar-lhe. Posso entrar?

O instinto maternal de Jane a traiu e arrebatou seu bom senso. Phillip pareceu-lhe muito solitário. Teve vontade de abraçá-lo e dizer palavras de conforto até que o olhar de perda e sofrimento desaparecesse.

— Não creio que seria uma boa idéia.

Naquele momento o céu decidiu cooperar com Phillip. As nuvens negras que haviam ameaçado chuva durante o dia todo começaram a se desmanchar em pingos grossos de água gelada.

— Vai me mandar de volta com este temporal?

— Creio que não. — Resignada, Jane recuou e Phillip entrou.

Ele observou a pequena sala simples e asseada. Os aromas provenientes da cozinha lembravam sentimentos familiares. Não havia fogo aceso e o ambiente era frio. Emily estava sentada a um canto.

— Emily, por que não pede a um dos criados para acender o fogo? — Phillip indagou.

— Não temos criados.

— Quem cuida de tudo? — Ele virou-se para Jane.

— Tenho uma mulher para fazer o serviço, mas ela precisou se ausentar por obrigações familiares. — Jane teve vontade de rir diante da expressão chocada do marido. — Não se trata de nenhuma extravagância, Phillip. Nunca vi ninguém morrer por cozinhar um pouco ou limpar uma casa.

Frustrado, ele passou a mão nos cabelos. Imaginou o quanto elas o odiavam para preferir viver daquela maneira a ter de suportá-lo.



— Está bem, acenderei o fogo. — Havia alguns gravetos, mas nenhuma acha para queimar. — Onde está a lenha?

— Acabou. — Emily deu de ombros.

— O que está dizendo?

— Que não temos lenha, só a que usamos na cozinha. Trazemos madeira da praia, mas como Jane está muito gorda, o serviço ficou pesado demais. Eu não sou muito boa em cortar os pedaços maiores e Jane não pode mais fazer isso. Teremos de esperar o bebê nascer para repor o estoque.

— Ah, terão de esperar... — Phillip segurou a mão fria de Jane que estava cheia de calos. — Nas suas condições estive cortando lenha, cozinhando, limpando e fazendo mais Deus sabe lá o quê. Por acaso tem algum juízo nessa sua cabeça?

Jane puxou a mão e odiou o fato de o calor de Phillip agradar-lhe. Era mesmo uma grande tola. Será que nunca aprenderia?

— Não há nada de errado comigo. Sou perfeitamente capaz de executar minha parte das tarefas.

— Será que não está me escutando? — A voz de Phillip dobrou de volume assim como sua raiva.

— Estou! Se deseja fogo, é o que terá!

Jane foi até a porta pronta para sair, mas Phillip segurou-a pela mão e fez com que o encarasse.

— Para mim chega! As duas voltarão comigo. Agora! Emily, suba e arrume as suas coisas.

— Eu não vou!

Jane cruzou as mãos sobre o ventre abaulado e preparou-se para uma luta.

— O senhor não pode forçar a sua entrada nesta casa e dar ordens para nós.

— Não posso? Pois então observe. — Phillip dirigiu-se à filha: — Este é meu último aviso. Vá arrumar suas coisas. Se recusar, iremos sem elas.

O olhar apavorado de Emily foi a perdição de Jane, que acabou por se acalmar.

— Eu jamais forçaria Emily a voltar para Londres. E mesmo se eu quisesse ir, não poderia viajar no meu estado.

Phillip observou as duas mulheres que significavam tudo para ele no mundo. O encontro não havia transcorrido como o previsto. Imaginara uma conversa calma e

razoável seguida por pedidos de desculpas e perdão. Não pretendia discutir. Amava-as tanto que seu coração por pouco não se rompia. Não suportava vê-las olhando para ele como se fosse um bicho de duas cabeças.

— Muito bem. Se não pode viajar, permaneceremos aqui até o bebê nascer. — As duas ficaram boquiabertas. — Estou sentindo um cheiro agradável vindo da cozinha. O que temos para jantar?

— Milorde não pode ficar aqui — Jane insistiu.

— Posso, sim. — Phillip lembrou-se da última refeição feita ao amanhecer e foi em direção à cozinha. — Vamos comer. Estou morto de fome.

Sem esperar para ver se era seguido, Phillip foi até a cozinha. O cômodo acolhedor estava quente e o aroma prometia uma comida deliciosa. No balcão havia uma panela e duas cumbucas. Phillip não tinha idéia de como servir os alimentos, pois essa era uma das poucas vezes que entrara em um ambiente destinado a criados. Pensou em pegar a vasilha maior e despejar um pouco do conteúdo nas menores.

— Não toque nisso! — Jane veio por trás e não escondeu a irritação. — A panela está quente. Eu mesma servirei. Sente-se antes que se queime.

Phillip obedeceu e ocupou uma das cadeiras. Observou Emily pôr a mesa e Jane terminar os preparativos do jantar. Com mãos ágeis e dedos delicados, ela cortou, separou, despejou e mexeu. Era uma visão encantadora e calmante. A refeição simples constava de ensopado, pão fresco e vegetais. O aspecto era atraente, e o cheiro, ainda melhor. O primeiro bocado revelou a excelência do sabor.

— Quer me dizer que é a única responsável pela execução do jantar? — Phillip admirou-se.

— Sou, por quê? — Jane esperou algum tipo de crítica.

— Pois eu gostaria de cumprimentá-la. Está excelente.

Ela hesitou, pensando ter ouvido mal.

— Obrigada.

Eles nada conversaram até Phillip terminar a primeira tigela e pedir mais. Jane serviu-o com cortesia; ele esvaziou de novo a tigela e tornou a repetir o ensopado. Comeu com vontade e sem pressa, como se não tivesse nenhuma outra preocupação no mundo. Jane e Emily, por sua vez, mal conseguiam engolir um pouco de caldo.

Jane sentia o olhar fixo de Phillip e procurava manter a atenção na tigela, porém a presença do marido a perturbava demais. A vontade de olhar para ele era incontrolável e

toda vez que ela arriscava uma espiada, via que Phillip continuava a observá-la como se esperasse uma palavra. Mas o que ele pretendia ouvir? A tensão aumentava. Jane mastigava sem parar o mesmo pedaço de carne do cozido que parecia aumentar de tamanho a cada instante e ela pensava que iria sufocar.

Quando Phillip tornou a falar e olhou para Emily, as duas se assustaram, embora ele tivesse pronunciado as palavras em voz baixa.

— Creio que gostariam de ficar a par de algumas notícias que eu soube antes de sair de Londres. — Phillip esperou por uma resposta, mas elas continuaram de cabeça baixa, mexendo o ensopado com a colher.

Finalmente Jane não suportou mais a ansiedade.

— Quais são as novidades? — ela perguntou, sem erguer o olhar.

— Frederick Morris está morto.

Jane levantou a cabeça e encarou-o. Emily continuou com a atenção em sua tigela, mas parou de revolver o guisado.

— O que aconteceu com ele? — Jane perguntou.

— Foi assassinado. Levou um tiro no coração no meio da noite, enquanto dormia.

— Fico feliz pelo que aconteceu — Emily sussurrou.

— E quem fez isso?

— Dizem que ele acabou cruzando com o homem errado na hora errada. — Phillip encarou Jane e procurou transmitir-lhe uma mensagem silenciosa. — Morris nunca mais prejudicará ninguém.

Jane fitou-o intensamente e entendeu de imediato que Phillip matara o agressor de sua filha. Em outra época, poderia ter ficado chocada, mas não naquela altura dos acontecimentos. Durante muitas noites havia permanecido acordada, lamentando não ter, ela mesma, apertado o gatilho. O que acontecera àquele ser desprezível era mais do que merecido e ainda mais justo que houvesse encontrado a morte pelas mãos de Phillip.

— Essa é a melhor notícia que ouvi em muito tempo. — Ao ver Emily ainda de cabeça baixa, disse bem baixinho: — Obrigada.

Phillip anuiu.

Emily se mexeu, pigarreou, mas não ergueu o olhar.

— Jane, estou muito cansada. Se importaria se eu não lavasse os pratos esta noite?

— Claro que não, querida. Por que não vai para a cama?

— Você virá logo?

— Sim, assim que eu arrumar tudo.

A menina concordou e levantou-se tremendo, embora procurasse aparentar calma.

— Diga boa-noite a seu pai, Emily — Jane pediu.

— Boa noite — Emily disse, sem o fitar.

Jane e Phillip ficaram em silêncio e escutaram a menina voltar para a sala e subir a escada. Os sons ecoaram pelo chalé e sobre suas cabeças enquanto Emily se preparava para dormir.

— Ela mudou muito — Phillip comentou. Jane deu de ombros.

— E para melhor. — Ela tirou os pratos da mesa e levou-os até o balcão, onde havia deixado água quente.

— Quer que a ajude?

— Não será preciso, obrigada. Arrumarei tudo em instantes.

De costas, Jane sentiu o olhar atento de Phillip, que vigiava seus menores movimentos. Novamente a tensão aumentou e ela teve vontade de gritar. Controlada, terminou de lavar os pratos e deixou-os para secar.

Virou-se para Phillip com o rosto sereno que não demonstrava a agitação interior que a abalava.

— Se quiser lavar-se, há um pouco de água quente naquela bacia. Apagarei o fogo e as lamparinas. — Jane deixou uma vela sobre a mesa. — Pode usá-la para subir.

— Onde fica o nosso quarto?

Ela quase engasgou diante da ousadia.

— Seu quarto fica à esquerda do alto da escada.

— Onde pretende dormir?

— Do outro lado, com Emily.

— Hoje não. Esta noite dormirá comigo, lady Wessington.

A fachada de calma que Jane tentava manter foi desfeita. Phillip estava muito enganado, ou talvez louco, se pensava poder voltar à sua vida como se nada houvesse acontecido e exigir os direitos de marido.

— Dormirei com Emily, como de costume. Ela tem medo do escuro e de ficar sozinha.

— Sinto muito, Jane, mas creio que não será capaz de mudar minha opinião.

— Canalha! — Ela mostrou-lhe o punho fechado. — Como ousa vir aqui e pensar que pode... pode...

Naquele instante o bebê resolveu dar mais um pontapé tão forte que Jane gemeu e curvou-se sobre si mesma.

— O que houve? — Phillip aproximou-se imediatamente. — Foi o bebê?

Jane apertou o estômago.

— Não... sim. Foi apenas um chute mais forte.

Ele segurou-lhe a mão e ajudou-a a sentar-se.

— Acalme-se, inspire fundo e procure relaxar. — Phillip a observou por alguns instantes até ela voltar a respirar normalmente. — Assim está melhor. — Ele acariciou-lhe o abdômen com a palma da mão e foi surpreendido por outro cutucão, dessa vez mais leve. Espantado, arregalou os olhos. — É o bebê quem faz isso?

— Sim.

Jane não desejava sentir aquele toque agradável e familiar. Porém Phillip parecia tão apavorado que foi impossível recusar-se a deixá-lo sentir os movimentos do filho. Segurou-lhe o pulso e levou a mão dele para o outro lado.

— Aqui também.

— Parece um pezinho. — Phillip se admirou.

— Creio que ele está cansado de ficar preso aí dentro e está pronto para sair.

Em resposta, o bebê desferiu mais um violento chute, e Phillip deu risada.

— Acho que ele será briguento.

Ficaram sentados em silêncio. O bebê acabou se acalmando e Phillip fitou a esposa como se desejasse ler seus pensamentos.

— Senti a sua falta, Jane. — Ele não se conteve e aproximou-se ainda mais.

Jane sentia-se hipnotizada pela presença e proximidade de Phillip. Pelo calor de sua mão e pela fragrância de sua pele. Mesmo depois do que acontecera, o carinho e o amor pelo marido não haviam arrefecido. Mas no instante imediatamente anterior ao beijo, ela virou a cabeça.

— Não, eu não posso.

— Pode, sim. — Phillip beijou-lhe a face e a testa. — Senti a sua falta — ele repetiu

— e sei que sentiu a minha.

— Não é verdade — Jane empurrou a cadeira para trás. — Milorde está enganado. Sua ausência não me afetou em nada. — Ela se levantou e foi até a porta da cozinha sem se virar. — Vou dormir... com Emily — acrescentou para o caso de Phillip pretender alguma coisa.

— Espere Emily adormecer e vá ao meu quarto. Ficarei esperando.

— Pois eu não irei. — Jane saiu da sala e subiu a escada devagar.

Emily parecia adormecida quando a madrastra deitou-se a seu lado. Seu rosto jovem tinha uma expressão bem mais madura. Jane gostaria de beijar-lhe a testa, mas não o fez. O toque poderia não ser bem-vindo. Acomodou-se o melhor que lhe permitiu o ventre crescido e fechou os olhos.

— Fiquei contente em saber que Morris está morto — a garota murmurou, sonolenta.

— Eu também, Emily.

— Agora tenho certeza de que tudo vai melhorar.

— Acredito nisso.

— Não precisarei mais ter medo.

— Ainda bem.

Emily bocejou e ficou em silêncio por algum tempo. Jane imaginou que a menina adormecera.

— Acha que papai o matou? — Emily surpreendeu Jane com a pergunta.

— Não sei.

— Espero que tenha sido ele.

Eu também, Jane disse para si mesma, sem ousar externar sua opinião.

— Papai poderá levar-nos para casa?

— Não se preocupe com isso agora. Procure descansar. Jane fitou o teto e escutou a respiração de Emily diminuir de intensidade. Não tinha idéia do que poderia acontecer. Phillip era seu marido e pai de Emily, o que lhe dava o direito de fazer com ambas o que achasse correto. Elas não poderiam rebelar-se contra suas ordens. Se Phillip exigisse a volta para casa e Jane se recusasse a ir, ele poderia levar o bebê e Emily e partir sem ela. Phillip pediria o divórcio, e ela nunca mais veria o filho ou a filha. Imagens horrendas passaram por sua mente e, devido ao seu delicado estado emocional, lágrimas vieram-lhe

aos olhos enquanto imaginava as piores possibilidades.

Jane apurou os ouvidos e escutou os sons. Phillip se lavou, subiu a escada, tirou a roupa e deitou-se. Na cama, ele certamente contava com a presunção de que sua vontade prevaleceria no final. Quanto mais pensava no orgulho com que Phillip encarava o mundo, mais ficava irritada e esquecida da tristeza que havia pouco a acometera.

Como ele ousara irromper na vida delas daquela maneira?

Afastou as cobertas, saiu da cama e caminhou no corredor na ponta dos pés, isto é, fez o melhor que pôde com o próprio peso tão aumentado.

O patife arrogante estava recostado nos travesseiros, despido até a cintura, folheando um livro que ela deixara na mesa-de-cabeceira. Ao ouvi-la entrar, largou o volume. Estendeu uma das mãos e afastou as cobertas com a outra.

Jane entrou em pânico por saber que o marido sempre dormia nu.

— Vamos deixar uma coisa bem clara, Phillip. Não passarei a noite ao seu lado.

Ele esforçou-se para demonstrar calma e descontração, mas seus nervos estavam à flor da pele. Havia sido uma tortura imaginar se Jane viria ou não.

— Engano seu, minha querida. Dormiremos juntos hoje e até o fim das nossas vidas. Nunca mais nos separaremos. — Phillip indicou o local na cama a seu lado. — Venha, ou vou acabar congelado com estas cobertas levantadas.

Ele esperava uma concordância tácita! Jane teve de engolir em seco duas vezes para conseguir falar.

— O senhor é um canalha rude e sem a menor sensibilidade que se porta de maneira abominável.

Phillip, demonstrando grande calma, recostou-se novamente nos travesseiros e cruzou as mãos atrás da cabeça.

— Vejo que está aborrecida. Por que não me fala a respeito disso, para depois conversarmos sobre coisas mais agradáveis?

— Falar a respeito disso? — Jane tinha vontade de gritar e bater os pés, mas não daria a Phillip o gosto de vê-la descontrolar-se. A atitude despreocupada dele irritava-a ainda mais. — Claro. E por que não? Milorde entrou aqui, queixou-se da vida que construímos para nós mesmas, ordenou que o alimentássemos e lhe déssemos abrigo, exigiu que voltássemos a Londres e mandou que eu viesse para a sua cama. Pois eu lhe digo que não farei isso!

— Como acha que eu deveria agir, Jane? Deixar as duas cuidarem de si mesmas?

Essa é boa! Fiquei louco de preocupação, imaginando o pior. Não pude acreditar que minha esposa tivesse cometido a loucura de fugir. E agora que a encontrei, não tenho a menor intenção de perdê-la de vista. Vocês virão para casa comigo, e a senhora, lady Wessington, voltará para a minha cama. E será melhor preparar-se para o inevitável. Preciso do seu auxílio para ajudar Emily a se recuperar do choque.

Jane nunca havia pensado na hipótese de Phillip procurá-las, ou, mesmo que o fizesse, que se empenharia a fundo na tarefa. Por isso não se detivera sobre o assunto. Ele insistia para que elas voltassem, mas que outra opção restava a seu marido a não ser pedir complacência?

Desanimada, procurou uma cadeira e sentou-se. Os meses de preocupação a respeito de Emily, da situação financeira, do bebê e de Phillip finalmente apresentavam a conta. Jane escondeu o rosto entre as mãos e chorou.

— O que pretende de mim, Phillip?

— Quero que durma ao meu lado.

Ele saiu da cama, ajoelhou-se diante de Jane e, segurando seus pulsos, afastou-lhe as mãos do rosto. A linda, audaciosa e tenaz combatente se rendia às lágrimas.

— Olhe para mim, Jane.

— Não. — Ela se envergonhava de ser vista naquele momento de fraqueza.

Phillip segurou-lhe o rosto entre as mãos. A tristeza a deixava ainda mais adorável.

— As lembranças do nosso amor são tão horríveis que a impedem até mesmo de suportar a idéia de partilhar a minha cama?

— Pelo contrário. Sempre pensei no nosso relacionamento como algo especial e maravilhoso. Mas também sei que isso nada significa para milorde. Seu instinto animal será tão forte que não consegue evitar nenhuma mulher? — Jane fez um aceno que circulou o quarto. — Está bem, não o critico. Por que não vai procurar outra? Tenho certeza de que encontrará várias moças na taverna da cidade. Qualquer uma delas ficará feliz em poder servir ao grande conde de Rosewood.

— Não quero garotas da taverna. Não quero nenhuma mulher exceto minha esposa.

— Pare com isso, Phillip. Está me matando.

— Juro que não houve outra mulher na minha cama desde que voltei a Rosewood no verão passado a não ser Jane, minha adorada esposa.

Ela gemeu e passou a mão no peito para aliviar a angústia de seu coração.



— Não minta para mim. As mentiras só pioram a nossa situação.

— Não estou mentindo, Jane.

— Está querendo me fazer acreditar que durante esses meses em que ficou sozinho em Londres, não... não... — Jane não encontrou a palavra certa.

— Não. Eu me tornei um verdadeiro celibatário.

Ela abriu a boca, chocada.

— E o que me diz de Margaret?

— Margaret nada significa para mim. Eu não me encontrava com ela muito antes da festa do duque e também não estive com ela depois.

— Como pode dizer tamanha falsidade? Phillip segurou as mãos da esposa.

— Jane, escute, por favor. Juro que fui aos aposentos de Margaret naquela noite sem nenhuma intenção de fazer amor, pelo menos de minha parte. Ela veio falar comigo no salão de baile e eu não quis dar motivos para comentários. Por isso sugeri uma conversa particular nos aposentos dela para fazê-la entender, de uma vez por todas, que tudo estava terminado entre nós.

— De fato, foi uma maneira engraçada de demonstrar isso.

— Quando cheguei lá, Margaret estava naqueles trajes e pronta para reatar o romance. Em nenhum momento, porém, essa idéia me passou pela cabeça.

— Mas eu o vi beijando Margaret. Vi os dois...

— Sei disso, mas a imagem não correspondia à realidade. Eu disse a Margaret que não queria continuar a vê-la, pois não desejava magoar minha esposa. Ela se recusou a acreditar que eu a rejeitava e jogou-se nos meus braços mais de uma vez. Foi uma cena deprimente e deu uma impressão diferente do que representava. Pensei muito nisso depois e calculei que Margaret talvez tenha visto você entrar, pois a porta não estava trancada. Eu a deixei encostada por não ter nenhuma outra intenção a não ser esclarecer os fatos. — Phillip segurou os ombros de Jane. — Eu juro que não foi nada do que pensou que estivesse acontecendo.

Ela não podia duvidar da sinceridade do marido.

— Não sei, Phillip. Estou muito confusa.

— Então me permita confessar o mesmo que disse a Margaret naquela noite e que a deixou transtornada. Eu te amo, Jane. Te amo muito. Eu pretendia sair dos aposentos dela e correr para o nosso quarto e finalmente revelar os meus sentimentos. Jane, não poderei continuar vivendo se não me perdoar. Por favor, diga que me perdoa!

Phillip abraçou-a pela cintura e encostou o rosto no ventre volumoso. — Por favor, não me torture mais, diga que me perdoa — repetiu, emocionado.

Jane não resistiu a palavras tão emocionantes e abraçou Phillip pelos ombros. Apertou-o como pôde de encontro a si, passou os dedos nos cabelos dele e nas costas. Muitas coisas ainda não estavam resolvidas e havia numerosas incertezas. Mas um fato era verdadeiro e inegável: Phillip a amava.

Ele jamais diria isso se não fosse verdade. Podia não ser o marido perfeito e ter muitos defeitos como todo ser humano, porém ele a amava.

Sabendo disso, havia apenas uma atitude a ser tomada. Jane suspirou, resignada.

— Phillip, tem que me prometer uma coisa.

— Tudo o que me pedir.

— Prometa que nunca mais se encontrará com Margaret.

— Eu juro.

— E que também não levará outra mulher para a sua cama. Descobri que não posso suportar essa idéia. Prometa.

— Isso é fácil. — Phillip recuou, encarou-a com firmeza e segurou-lhe as mãos. — De joelhos, juro que serei sempre um marido fiel e sincero. Tem a minha palavra.

— Eu o perdôo, Phillip.

— De verdade?

— Sim. Eu te amo. Nem sempre sei por que, mas não existe raciocínio lógico quando penso a seu respeito.

— Então eu me considero o homem mais feliz do mundo. Que tal agora vir para a cama?

Pelo brilho matreiro do olhar de Phillip, Jane entendeu que ele não pensava em dormir imediatamente.

— Como pode me desejar? Estou gorda e deformada.

— Jane, eu nunca a vi tão linda. — Phillip se levantou e, gloriosamente despido, estendeu a mão. — Vamos.

— E se Emily acordar?

— Eu chamarei você e permitirei que fique com ela.

— Está bem, mas vou precisar de ajuda. Algumas vezes nem mesmo posso subir na

cama por minha conta.

— Eu a ajudarei com o maior prazer.

Muito mais tarde, deitada de lado, Jane observava o marido. À luz do luar, ele parecia mais bonito, jovem e vulnerável. Acariciou-lhe os cabelos, o ombro e o peito. Ela o amava demais, mas se alguém lhe perguntasse os motivos, não saberia responder. Quem conhecia a lógica do coração?

Com certeza haveria muitos problemas para resolver, assuntos difíceis para discutir, acordos a serem feitos, mas Jane não queria se preocupar com isso no momento.

Ela desejava apenas aproveitar os instantes maravilhosos daquele retorno. No dia seguinte, tratariam de assuntos mais sérios.

Apoiou a mão no peito, de Phillip, sentiu as batidas de seu coração e imaginou que ele estivesse dormindo. Surpreendeu-se ao vê-lo segurar-lhe a mão.

— Prometa que nunca mais me deixará — o marido pediu com voz sonolenta.

— Nunca o deixarei. Ficarei sempre ao seu lado. Segurando a mão de Jane, Phillip voltou a dormir. Ela sorriu e adormeceu.

## Epílogo

Deitada na cama, Emily fitava o teto do chalé. Do outro lado do corredor, Mary, sua irmãzinha, deixava escapar sons ininteligíveis. Ainda estava escuro, mas pela janela era possível perceber os primeiros raios da aurora a leste. Mary tinha apenas cinco horas de vida.

As contrações de Jane haviam começado na manhã seguinte à chegada de Phillip e perduraram por dois dias, boa parte da noite e algumas horas do dia seguinte. Por causa da lua cheia, muitas mulheres entraram em trabalho de parto ao mesmo tempo e a parteira só tinha chegado no final.

Seu pai ficara apavorado, mas Emily havia conservado a calma, sabendo o que deveria fazer. A parteira a instruíra previamente e lhe fornecera o necessário para uma eventualidade. O bebê poderia se adiantar e nascer antes da ajuda chegar. Enquanto Phillip andava de um lado para outro torcendo as mãos, Emily tinha arrumado o quarto, auxiliado Jane a trocar de roupa e preparado o decocto de ervas.

Após algumas horas de impaciência, Phillip se acalmara.

**FIM**